

ANTONIO CARLOS MACHADO

**COLETÂNEA  
DE POETAS  
SUL-RIOGRANDENSES**



EDITORA MINERVA LTDA — RIO



Antônio Carlos Machado

**Coletânea de poetas Sul-  
Riograndenses**



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

2013



Antônio Carlos Machado

**Coletânea de poetas Sul-  
Riograndenses**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetoassofundo@gmail.com](mailto:projetoassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Biografias, Poesia, -Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1952. 392p.; 17x24cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**[Creative Commons Atribuição-Compartilhalqual 3,0 Nao Adaptada.](#)**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 03/06/2013

M149c Machado, Antônio Carlos

Coletâneas de poetas Sul-Riograndenses [recurso eletrônico] / Antônio Carlos Machado. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-97-4

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. 3. Literatura gaúcha.  
4. Poetas gaúchos. 5. Coletânea. I. Título.

CDU: 869.0(816.5)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

*CARLOS ALCEU MACHADO,*

*para que aprenda a amar e admirar sua terra natal na voz destes  
poetas...*

*Ao humilde rincão que me viu nascer, em Santiago do Boqueirão e  
onde espero, um dia, reencontrar a poesia da vida no aconchego  
simples da querência nunca esquecida...*

## Sumário (Ordem de páginas)

Sumário (Ordem de páginas).....	8
SUMARIO (Ordem alfabética).....	15
PALAVRAS NECESSÁRIAS .....	15
DELPHINA BENIGNA DA CUNHA.....	33
MANOEL DE ARAUJO PORTO ALEGRE .....	36
FRANCISCO DE SÁ BRITO .....	38
SEBASTIÃO XAVIER DO AMARAL SARMENTO MENNA.....	40
SERAFIM DE ALENCASTRE .....	43
ANTÔNIO PAULO DA FONTOURA.....	45
CALDRE E FIÃO (José Antônio do Valle).....	47
ZEFERINO VIEIRA RODRIGUES FILHO.....	50
JOÃO VESPÚCIO DE ABREU E SILVA.....	52
ANTÔNIO FERREIRA DAS NEVES.....	55
FREDERICO ERNESTO ESTRELLA DE VILLEROY.....	58
FELIX XAVIER DA CUNHA .....	62
BERNARDO TAVEIRA JUNIOR.....	65
IGNÁCIO DE VASCONCELLOS FERREIRA.....	69
GOMES DA COSTA (Francisco Antunes) .....	72
VASCO DE ARAUJO E SILVA.....	73
RITA BARÉM DE MELLO .....	75
PEDRO ANTÔNIO DE MIRANDA.....	81
JOÃO CAPISTRANO FILHO.....	83
JUVÊNCIO AUGUSTO DE MENEZES PAREDES.....	85
APPOLLINÁRIO PORTO ALEGRE .....	87
JOSÉ DE SÁ BRITO .....	92
CARLOS FERREIRA.....	94
MACEDO JUNIOR (Joaquim Cândido de).....	96
FRANCISCO DE PAULA PIRES .....	98
AFFONSO LUIZ MARQUES.....	100
HILÁRIO RIBEIRO.....	103
JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS.....	106



ACHYLLES PORTO ALEGRE .....	110
AMÁLIA FIGUEIRÔA .....	112
AURÉLIO VERÍSSIMO DE BITTENCOURT .....	115
APELLES PORTO ALEGRE.....	117
JOÃO DAMASCENO VIEIRA .....	119
GABRIEL PEREIRA.....	122
RAMIRO BARCELOS.....	124
JOÃO DA CUNHA LOBO BARRETO JUNIOR .....	128
FRANCISCO ANTUNES FERRAIRA DA LUZ .....	130
LOBO DA COSTA (Francisco) .....	132
AUGUSTO TOTTA.....	135
ERNESTO SILVA.....	138
CARLOS ALBERTO MILLER.....	141
TALLONI JUNIOR (João) .....	143
FONTOURA XAVIER (Antônio) .....	145
CARLOS BANDEIRA RENAULT .....	148
ARTHUR CANDAL.....	150
ASSIS BRASIL (Joaquim Francisco de) .....	153
JOSÉ THEODORO DE MIRANDA .....	155
MÚCIO TEIXEIRA .....	157
OSCAR PEDERNEIRAS.....	160
ARTHUR ROCHA.....	163
ALBERTO BORGES SOVERAL .....	166
ANNA AURORA DO AMARAL LISBOA.....	168
THIMÓTEO FARIA CORRÊA FILHO.....	170
REVOCATÁ DOS PASSOS FIGUEIRÔA DE MELLO.....	172
CÂNDIDA FORTES BRANDÃO .....	174
CÂNDIDA ISOLINA DE ABREU .....	176
ALEXANDRE FERNANDES.....	178
JULIETA DE MELLO MONTEIRO .....	181
EDUARDO ERNESTO DE ARAUJO .....	183
ENÉAS GALVÃO.....	186
JOÃO MOREIRA DA SILVA.....	188

PINTO DA ROCHA (Arthur).....	190
ALFREDO FERREIRA RODRIGUES .....	194
MÁRIO DE ARTAGÃO .....	196
RENATO DA CUNHA.....	198
JOÃO FANFA RIBAS.....	201
ANDRADINA DE OLIVEIRA.....	203
ZEFERINO BRASIL.....	205
ALBERTO CORREIA LEITE .....	208
ALBERTO RAMOS.....	211
ALFREDO LISBOA .....	214
ANDRADE NEVES NETTO .....	216
AURÉLIO JUNIOR.....	218
MANOEL FARIA CORREA.....	220
JOÃO BELEM .....	222
RAUL DE VILLEROY.....	224
MÁRIO TOTTA.....	225
SOUZA LOBO (José Carlos de).....	228
ALARICO RIBEIRO.....	231
ARNALDO DAMASCENO VIEIRA.....	233
REVOCATÁ HELOISA DE MELLO .....	236
JACYNTHO GODOY.....	238
VILLALOBOS JUNIOR (José).....	239
MIGUEL MELLO.....	240
MARCELO GAMA .....	241
FREDERICO CARLOS DE ANDRADE.....	245
AURÉLIO PORTO .....	247
PEDRO VELHO.....	249
RAPHAEL CLARK.....	252
ESTÁCIO PACHECO.....	254
PAULINO DE AZURENHA (José) .....	255
GERALDINO SILVEIRA.....	257
DOLIVAL MOURA.....	258
LEAL DE SOUZA (Antônio Eliezer) .....	259

MILTON DA CRUZ .....	262
JOÃO PEREIRA DA SILVA .....	263
ALCIDES MILLER.....	264
EVANDRO RIBEIRO.....	265
BARBOSA NETTO (João Rodrigues).....	267
FÉLIX CONTRERAS RODRIGUES.....	270
RAUL TOTTA.....	272
ARMANDO SILVEYRA .....	274
FERNANDO LUIZ OSÓRIO FILHO .....	275
ANNA CESAR .....	278
ALVARO MOREYRA .....	280
ALENCARINO PORTO ALEGRE .....	283
ALCIDES BRANDÃO .....	285
JOSÉ PICORELLI .....	286
JORGE SALIS GOULART .....	288
POVOAS JUNIOR (Alberto).....	290
LOLA DE OLIVEIRA .....	291
JORGE JOBIM .....	294
GARCIA MARGIOCCO (José) .....	297
PERY MELLO.....	299
BENTO FERNANDES (Manoel) .....	300
HOMERO PRATES.....	301
OCTÁVIO DORNELLES .....	304
ATTILA GUTERRES CASSES .....	306
ERNESTINO MAZZA.....	311
LUIZ CANARIM JUNIOR .....	313
ARMANDO FARIA CORREA .....	314
LINDILPHO COLLOR.....	315
JOINVILE BARCELLOS .....	317
ERICO DOS SANTOS .....	318
MANOEL DO CARMO .....	320
EDUARDO GUIMARAENS.....	324
AUGUSTO DE CARVALHO .....	326

JOÃO PINTO DA SILVA .....	328
FLODUARDO DE ARAUJO.....	330
COELHO DA COSTA (Januário).....	331
MANSUETO BERNARDI.....	334
LEONEL FAGUNDES.....	336
NESTOR GUIMARÃES.....	337
CARLOS CAVACO.....	339
FRANCISCO FURASTÉ.....	341
FELIPPE D’OLIVEIRA.....	342
JOÃO GONÇALVES VIANNA.....	344
VIVITA CARTIER.....	346
BARCELLOS FERREIRA (Quincio).....	348
NATERCIA DA CUNHA VELLOSO.....	350
GALBA DE PAIVA.....	352
GENTIL TRINDADE.....	354
FRANCISCO RICARDO.....	355
MARIETA COSTA.....	358
JOSÉ DE FIGUEIREDO PINTO.....	360
JOSÉ LEAL FILHO.....	363
PEDRO VERGARA.....	367
ANTUNES DE MATTOS (J.).....	369
APPARICIO TORELLY.....	371
AURELIANO DE FIGUEIREDO PINTO.....	372
ALCEU WAMOSY.....	375
FRANCISCO MACHADO VILLA.....	378
PAULO CORRÊA LOPES.....	379
OLMIRO DE AZEVEDO.....	381
ALAYDO GAUDIOSO.....	382
HONORIA DE BITTENCOURT.....	384
WALKYRIA NEVES GOULART.....	386
EDGAR FONTOURA.....	388
HILDO RANGEL.....	390
ANDRE CARRAZZONI.....	392

OLYNTHO SANMARTIN .....	396
ISOLINO LEAL .....	398
EUCLYDES LOBATO .....	400
CONCESSO CASSALES .....	402
PERY DE CASTRO.....	404
WALDEMAR DE VASCONCELLOS .....	406
RAUL BOPP .....	407
ATHALICIO PITHAN .....	411
ERNANI FORNARI.....	412
MÁRCIO DIAS.....	414
FERNANDO BORBA .....	416
ANTONIETA SALDANHA.....	418
SADY GARIBALDI.....	419
ANTÔNIO GOMES DE FREITAS.....	420
ALEXANDRE DA COSTA .....	422
ARACY DANTAS DE GUSMÃO .....	424
DARIO DE BITTENCOURT .....	427
PAULO DE GOUVEIA .....	429
REYNALDO MOURA .....	431
SERGIO DE GOUVEIA .....	433
DE PARANHOS ANTUNES (Deoclecio).....	435
ATHOS DAMASCENO FERREIRA.....	437
AUGUSTO MEYER .....	439
HELCIDA CLARK.....	442
THEODEMIRO TOSTES .....	445
MANOELITO DE ORNELLAS.....	448
VARGAS NETTO (Manoel).....	450
PEDRO R. WAYNE .....	453
ERNANI VANACOR.....	456
MÁRIO QUINTANA.....	458
RUY CIRNE LIMA .....	461
ARY MARTINS .....	463
NOGUEIRA LEIRIA (J. O.).....	465

TELMO VERGARA.....	468
DÁMASO ROCHA .....	471
OVÍDIO CHAVES .....	474
ALZIRA DE FREITAS TACQUES .....	476
GEVALDINO FERREIRA .....	478
STELLA BRUM .....	480
ELOAH OLIVEIRA PUGGINA.....	482
LILA RIPPOLL .....	484
ISIS FIGUEIRÔA COSTA.....	486
NOTA FINAL .....	489

## **SUMARIO (Ordem alfabética)**

SUMARIO (Ordem alfabética)	15
Sumário (Ordem de páginas)	8
ACHYLLES PORTO ALEGRE	110
AFFONSO LUIZ MARQUES	100
ALARICO RIBEIRO	231
ALAYDO GAUDIOSO	382
ALBERTO BORGES SOVERAL	166
ALBERTO CORREIA LEITE	208
ALBERTO RAMOS	211
ALCEU WAMOSY	375
ALCIDES BRANDÃO	285
ALCIDES MILLER	264
ALENCARINO PORTO ALEGRE	283
ALEXANDRE DA COSTA	422
ALEXANDRE FERNANDES	178
ALFREDO FERREIRA RODRIGUES	194
ALFREDO LISBOA	214
ALVARO MOREYRA	280
ALZIRA DE FREITAS TACQUES	476
AMÁLIA FIGUEIRÔA	112
ANDRADE NEVES NETTO	216
ANDRADINA DE OLIVEIRA	203
ANDRE CARRAZZONI	392
ANNA AURORA DO AMARAL LISBOA	168
ANNA CESAR	278
ANTONIETA SALDANHA	418
ANTÔNIO FERREIRA DAS NEVES	55
ANTÔNIO GOMES DE FREITAS	420

ANTÔNIO PAULO DA FONTOURA	45
ANTUNES DE MATTOS (J.)	369
APELLES PORTO ALEGRE	117
APPARICIO TORELLY	371
APPOLLINÁRIO PORTO ALEGRE	87
ARACY DANTAS DE GUSMÃO	424
ARMANDO FARIA CORREA	314
ARMANDO SILVEYRA	274
ARNALDO DAMASCENO VIEIRA	233
ARTHUR CANDAL	150
ARTHUR ROCHA	163
ARY MARTINS	463
ASSIS BRASIL (Joaquim Francisco de)	153
ATHALICIO PITHAN	411
ATHOS DAMASCENO FERREIRA	437
ATTILA GUTERRES CASSES	306
AUGUSTO DE CARVALHO	326
AUGUSTO MEYER	439
AUGUSTO TOTTA	135
AURELIANO DE FIGUEIREDO PINTO	372
AURÉLIO JUNIOR	218
AURÉLIO PORTO	247
AURÉLIO VERÍSSIMO DE BITTENCOURT	115
BARBOSA NETTO (João Rodrigues)	267
BARCELLOS FERREIRA (Quincio)	348
BENTO FERNANDES (Manoel)	300
BERNARDO TAVEIRA JUNIOR	65
CALDRE E FIÃO (José Antônio do Valle)	47
CÂNDIDA FORTES BRANDÃO	174
CÂNDIDA ISOLINA DE ABREU	176



CARLOS ALBERTO MILLER	141
CARLOS BANDEIRA RENAULT	148
CARLOS CAVACO	339
CARLOS FERREIRA	94
COELHO DA COSTA (Januário)	331
CONCESSO CASSALES	402
DÁMASO ROCHA	471
DARIO DE BITTENCOURT	427
DE PARANHOS ANTUNES (Deoclecio)	435
DELPHINA BENIGNA DA CUNHA	33
DOLIVAL MOURA	258
EDGAR FONTOURA	388
EDUARDO ERNESTO DE ARAUJO	183
EDUARDO GUIMARAENS	324
ELOAH OLIVEIRA PUGGINA	482
ENÉAS GALVÃO	186
ERICO DOS SANTOS	318
ERNANI FORNARI	412
ERNANI VANACOR	456
ERNESTINO MAZZA	311
ERNESTO SILVA	138
ESTÁCIO PACHECO	254
EUCLYDES LOBATO	400
EVANDRO RIBEIRO	265
FELIPPE D'OLIVEIRA	342
FÉLIX CONTRERAS RODRIGUES	270
FELIX XAVIER DA CUNHA	62
FERNANDO BORBA	416
FERNANDO LUIZ OSÓRIO FILHO	275
FLODUARDO DE ARAUJO	330

FONTOURA XAVIER (Antônio)	145
FRANCISCO ANTUNES FERRAIRA DA LUZ	130
FRANCISCO DE PAULA PIRES	98
FRANCISCO DE SÁ BRITO	38
FRANCISCO FURASTÉ	341
FRANCISCO MACHADO VILLA	378
FRANCISCO RICARDO	355
FREDERICO CARLOS DE ANDRADE	245
FREDERICO ERNESTO ESTRELLA DE VILLEROY	58
GABRIEL PEREIRA	122
GALBA DE PAIVA	352
GARCIA MARGIOCCO (José)	297
GENTIL TRINDADE	354
GERALDINO SILVEIRA	257
GEVALDINO FERREIRA	478
GOMES DA COSTA (Francisco Antunes)	72
HELICIDA CLARK	442
HILÁRIO RIBEIRO	103
HILDO RANGEL	390
HOMERO PRATES	301
HONORIA DE BITTENCOURT	384
IGNÁCIO DE VASCONCELLOS FERREIRA	69
ISIS FIGUEIRÔA COSTA	486
ISOLINO LEAL	398
JACYNTHO GODOY	238
JOÃO BELEM	222
JOÃO CAPISTRANO FILHO	83
JOÃO DA CUNHA LOBO BARRETO JUNIOR	128
JOÃO DAMASCENO VIEIRA	119
JOÃO FANFA RIBAS	201

JOÃO GONÇALVES VIANNA	344
JOÃO MOREIRA DA SILVA	188
JOÃO PEREIRA DA SILVA	263
JOÃO PINTO DA SILVA	328
JOÃO VESPÚCIO DE ABREU E SILVA	52
JOINVILE BARCELLOS	317
JORGE JOBIM	294
JORGE SALIS GOULART	288
JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS	106
JOSÉ DE FIGUEIREDO PINTO	360
JOSÉ DE SÁ BRITO	92
JOSÉ LEAL FILHO	363
JOSÉ PICORELLI	286
JOSÉ THEODORO DE MIRANDA	155
JULIETA DE MELLO MONTEIRO	181
JUVÊNCIO AUGUSTO DE MENEZES PAREDES	85
LEAL DE SOUZA (Antônio Eliezer)	259
LEONEL FAGUNDES	336
LILA RIPPOLL	484
LINDILPHO COLLOR	315
LOBO DA COSTA (Francisco)	132
LOLA DE OLIVEIRA	291
LUIZ CANARIM JUNIOR	313
MACEDO JUNIOR (Joaquim Cândido de)	96
MANOEL DE ARAUJO PORTO ALEGRE	36
MANOEL DO CARMO	320
MANOEL FARIA CORREA	220
MANOELITO DE ORNELLAS	448
MANSUETO BERNARDI	334
MARCELO GAMA	241

MÁRCIO DIAS	414
MARIETA COSTA	358
MÁRIO DE ARTAGÃO	196
MÁRIO QUINTANA	458
MÁRIO TOTTA	225
MIGUEL MELLO	240
MILTON DA CRUZ	262
MÚCIO TEIXEIRA	157
NATERCIA DA CUNHA VELLOSO	350
NESTOR GUIMARÃES	337
NOGUEIRA LEIRIA (J. O.)	465
NOTA FINAL	489
OCTÁVIO DORNELLES	304
OLMIRO DE AZEVEDO	381
OLYNTHO SANMARTIN	396
OSCAR PEDERNEIRAS	160
OVÍDIO CHAVES	474
PALAVRAS NECESSÁRIAS	22
PAULINO DE AZURENHA (José)	255
PAULO CORRÊA LOPES	379
PAULO DE GOUVEIA	429
PEDRO ANTÔNIO DE MIRANDA	81
PEDRO R. WAYNE	453
PEDRO VELHO	249
PEDRO VERGARA	367
PERY DE CASTRO	404
PERY MELLO	299
PINTO DA ROCHA (Arthur)	190
POVOAS JUNIOR (Alberto)	290
RAMIRO BARCELOS	124

RAPHAEL CLARK	252
RAUL BOPP	407
RAUL DE VILLEROY	224
RAUL TOTTA	272
RENATO DA CUNHA	198
REVOGATA DOS PASSOS FIGUEIRÔA DE MELLO	172
REVOGATA HELOISA DE MELLO	236
REYNALDO MOURA	431
RITA BARÉM DE MELLO	75
RUY CIRNE LIMA	461
SADY GARIBALDI	419
SEBASTIÃO XAVIER DO AMARAL SARMENTO MENNA	40
SERAFIM DE ALENCASTRE	43
SERGIO DE GOUVEIA	433
SOUZA LOBO (José Carlos de)	228
STELLA BRUM	480
TALLONI JUNIOR (João)	143
TELMO VERGARA	468
THEODEMIRO TOSTES	445
THIMÓTEO FARIA CORRÊA FILHO	170
VARGAS NETTO (Manoel)	450
VASCO DE ARAUJO E SILVA	73
VILLALOBOS JUNIOR (José)	239
VIVITA CARTIER	346
WALDEMAR DE VASCONCELLOS	406
WALKYRIA NEVES GOULART	386
ZEFERINO BRASIL	205
ZEFERINO VIEIRA RODRIGUES FILHO	50

## PALAVRAS NECESSÁRIAS

*Árdua tarefa, sob muitos aspectos, é a de organizar coletâneas literárias, mesmo sintéticas, especialmente quando a insuficiência da documentação escrita se junta à inabilidade do autor.*

*No caso particular da literatura riograndense, ainda tão mal conhecida em conjunto, quando não ignorada, mesmo, nas suas facetas mais importantes, as pesquisas originais demandam, sempre, não poucos esforços, dada a escassez das fontes de consulta, raras umas e de difícil acesso outras, deparando-se aos estudiosos, com frequência, óbices invencíveis no que se adstringe propriamente à bibliografia.*

*Tão confrangedora realidade tivemos ocasião de constatar quando procedemos à coleta de subsídios para a nossa “HISTÓRIA DA LITERATURA RIOGRANDENSE”, já virtualmente concluída e que daremos, em breve, à luz da publicidade.*

*O material documentário, inédito ou só parcialmente aproveitado, que logramos exumar dos arquivos, após pacientes investigações, conquanto relativamente diminuto, permitiu-nos verificar a riqueza e a amplitude das letras gaúchas, quer na presente centúria, quer no século XIX, sobretudo em algumas etapas marcantes do desenvolvimento intelectual do Estado, como, por exemplo, no fecundíssimo ciclo da “Sociedade Parthenon Literário”, fundada em Porto Alegre a 18 de junho de 1868 e que subsistiu galhadamente até 1893.*

*Essa opulência das letras do extremo-sul, que mostraremos na nossa “HISTÓRIA DA LITERATURA RIOGRANDENSE” e que, de certo modo, transparece neste, desprezioso apanhado, a grosso*

*traço, da poesia gaúcha através do tempo, ignora-a, de ordinário, o resto do país, mercê do desconhecimento mútuo que, infelizmente, ainda hoje se observa no Brasil, fazendo com que as diversas parcelas da comunidade nacional vivam centrifugamente, em ambientes semifechadas, sem possibilidades quase de inter-comunicação espiritual.*

*Segregados, quase sempre, no longínquo meio provinciano, distantes, portanto, do Rio de Janeiro que, até há pouco, era o único centro ativo de intelectualidade, em todo o país, a conferir glórias e reputações duradouras, não podiam, obviamente, os escritores riograndenses do século XIX e de boa parte do atual alimentar veleidades de consagração fora do ambiente nativo, contentando-se, por isso mesmo, na maioria dos casos, com os estímulos e aplausos locais. Até 1930, pelo menos, poucos foram os autores gaúchos que conseguiram renome nacional, anulando, desta ou daquela forma, a inevitável compressão geográfica, responsável, em última instância, pela demorada descentralização e segmentação do extremo sul!*

*Não é fácil ao observar vulgar compreender o maior ou menor insulamento em que viveram, até data recente, as letras gaúchas, de cuja existência normalmente, ainda hoje, pouca gente se preocupa fora dos limites regionais. Para entender o fenômeno é preciso ter em conta as condições específicas da formação riograndense, que se processou sob o influxo de poderosas forças isoladoras, ditadas umas pelas injunções naturais do meio, outras pelas circunstâncias do momento histórico. A civilização brasileira não se operou simultânea e uniformemente. Esta verdade já adquiriu foros de cidade, constituindo, hoje, questão definitivamente passada em julgado a heterogeneidade da formação nacional. Nítidas forças geográficas e históricas operaram a diversificação do Rio Grande do Sul na época em que ele, terra isolada e desassossegada, forjava a sua consciência no fluxo e refluxo das fronteiras atoadas de entrechoques armados e na mobilidade do pastoreio essencialmente dispersivo.*

*Teve o extremo sul do país uma evolução à parte e no seu secular encerro em si mesmo criou-se uma feição toda particular.*

*E o certo é que não geraram nenhum sentimento de secessão, as condições peculiares da formação gaúcha determinaram, em compensação, um forte e renitente sentimento de provincianismo e auto-suficiência, uma espécie de suscetibilidade regional, enfim, que frequentemente se extremaria, através dos tempos, em manifestações bairristas e narcisistas, geralmente mal compreendidas e interpretadas.*

*Abstraindo de todos os outros fatores, já não seria isso bastante para explicar o caráter no século XIX e no primeiro trintênio da atual centúria?*

*Uma das explicações mais plausíveis para os juízos errôneos e desarrazoados emitidos, no decorrer doas anos, sobre a literatura rio-grandense deve ser procurada, sem dúvida, no seu secular isolamento. A esse respeito, pode-se firmar necessariamente a convicção de que, vivendo de si mesmo e para si mesmo durante dilatado período, o Rio Grande do Sul não poderia, senão modernamente, permitir uma visão clara e exata das suas realidades mais íntimas e profundas. A verdade é que, até há pouco, a terra gaúcha aparecia, aos olhos dos exegetas distantes, como uma região rica de tradições guerreiras e exuberante de vitalidade étnica, mas pobre, franciscanamente pobre, de expressão e valores culturais...*

*A verdadeira capacidade mental do povo gaúcho teve talvez o seu primeiro defensor em Antônio Eleutherio de Camargo. Em 1869, escrevia ele na “A Reforma” de Porto Alegre: “Tomam-nos como um povo ainda a sair da vida inculta e tal é o conceito que de nós se faz que, não há muito, no nosso Parlamento, fomos qualificados de cossacos.” Depois de algumas considerações, às vezes irônicas, sobre a improcedência da assacadiha e o progresso cultural da Província, acrescentava o articulista do vibrante diário liberal que seria, sempre, um órgão de reconhecido prestígio,*



rivalizando com os mais autorizados jornais da Corte: “A Província do Rio Grande do Sul, infelizmente, tem sido tida e havida como a Criméia, como a praça d’armas do Império; e tanto é isto verídico que nunca nossos governos pensaram em felicitar-nos com instituição alguma harmônica à inteligência e ao coração riograndense. Deram-nos uma Escola Militar. Mas, nós riograndenses, não somos criaturas de Marte: somos antes de Minerva.”

Nesse mesmo ano, isto é, em 1869, Juvêncio Augusto de Menezes Paredes, no artigo “O movimento literário na Província”, publicado pela revista “Arcádia” de Rio Grande, assim se expressava concludentemente, depois de acentuar o sensível incremento que as atividades da pena então experimentavam na extremidade meridional do país: “A história do nosso passado, que não é grande em tempo, é grandiloqua em ações de verdadeiro mérito; temos uma história militar rival da de Sparta; tenhamos, pois, uma história literária, que confronte-se também com a da velha e sábia Athenas.”

A 24 de novembro de 1872, noticiando a fundação da “Sociedade Ensaios Literários”, era o “Álbum Semanal” de Porto Alegre que escrevia: “Firmava por tantos títulos a sua fama guerreira, a província aspira não colocar-se aquém de suas co-irmãs em relação às letras.” Vejamos agora como se exprimia em 1875 outra publicação – a revista da “Sociedade Ensaios Literários” – depois de sublinhar a intensa efervescência mental que, àquele tempo, se verificava no Rio Grande do Sul: “O Rio Grande do Sul, acompanhando o movimento que se opera por todo o Império, não tem ficado aquém das suas irmãs. Há muito que ele era considerado a Sparta do Brasil. Mas isso não basta. É preciso que ele seja também a Athenas.”

Coube a Appolinário Porto Alegre, mais tarde, repisar os conceitos expendidos pelo vigoroso editorialista da “A Reforma”. Nos começos deste século, era Alcides Maya quem refutava a designação de “Macedônia bárbara” dada ao Rio Grande do Sul por imaginoso

*confrade de barra-afora. Em 1924, pondo à calva as deficiências da “História Literária do Rio Grande do Sul” de João Pinto da Silva, era Roque Callage quem se arvorava em defensor caloroso das letras estaduais, tão ricas e significativas, na sua afoita opinião, como as de qualquer outra unidade federativa.*

*De lá para cá, não foram poucas as vezes em que partiram do extremo sul reações e protestos contra o arraigado vêsô de considerar a terra de Araújo Porto Alegre e José Ribeiro como produtora simplesmente de políticos e caudilhos brigões. De uns anos a esta parte, felizmente, nota-se um maior interesse pelos escritores e livros riograndenses, antigos e modernos, sendo digna de referência, aqui, a inclusão de vários nomes gaúchos na valiosa “História da Literatura Brasileira”, de Lúcia Miguel Pereira (Rio, 1950).*

*Aquela atilada inteligência que Antônio José Gonçalves Chaves surpreendeu, em 1823, entre os riograndenses, permitiu, antes mesmo da Revolução Farroupilha, a eclosão das atividades do espírito na extremidade meridional do Brasil.*

*A partir de 1827- data da introdução do primeiro prelo – foi rápida, entre nós, a expansão dos labores intelectuais, o que incontestavelmente, assume aspecto de alta relevância, tanto mais de ressaltar, quanto teve a imprensa gaúcha, desde os seus primórdios, uma noção clara das suas responsabilidades como instrumento de progresso e civilização.*

*Até mesmo nas gazetas mais antigas, o que se evidencia, logo à primeira vista e com iniludível nitidez, é o artigo doutrinário ou a crônica instrutiva, revelando a existência, na Província, de indivíduos lidos e até mesmo cultos, dotados, ademais, de aguda visão e real capacidade de discernimento e entendimento.*

*A bela floração literária que irrompeu em pleno decênio revolucionário abriu, digamos assim, a fase de transição entre o período puramente jornalístico das letras riograndenses e o período*

*propriamente beletrístico, período que se inicia na tumultuosa insuflação ideológica do memorável movimento, já sob o bafejo do Romantismo, para atingir um momento fastigioso na “Sociedade Parthenon Literário”, fonte genetriz de toda uma larga época de intensa efervescência cultural. Realizou o sodalício obra sob todos os prismas notável, até espantosa, que transcendeu o estalão vulgar, deixando sulcos profundíssimos na evolução espiritual e social do Rio Grande do Sul. Tinha razão, pois, Azevedo Junior, um dos principais componentes do egrégio cenáculo, quando escrevia em 1879, num assomo de entusiasmo, o seu poema “Parthenon Literário”:*

Eis o sublime combate  
da lutas do pensamento.  
Nas expansões do debate  
brilha a luz do entendimento  
D’um lado – o vulto da Glória  
sustem o livro da História  
fita o largo da amplidão.  
Do outro – a Fama, pujante,  
aponta Camões e Dante  
Petrarca e Napoleão!

E n’essa luta fremente  
passa uma ideia de luz  
– como no crânio do crente  
perpassa a lenda da Cruz.  
Quais os antigos ascetas  
esses modernos profetas  
têm uma crença, um só fim:  
descrever, em áureo traço,  
quem foi Shakespeare e Tasso  
Lamartine e Franklin!

.....

São eles que ao mundo, em pasmo,

vão desvendar o Porvir  
na febre do entusiasmo  
que desperta o progredir.  
É a mocidade inspirada  
que forma a grande cruzada  
do pujante Parthenon.  
São os romeiro da Glória  
que vão gravar sua história  
nas aras do Pathenon!

*Dos precursos, como Vicente Ferreira Gomes e Maria Josepha Barreto da Fontoura – através dos poetas e prosadores da Revolução (1835 – 1845), dos movimentos do “O Guahyba” (1856 – 1859) e da “Arcádia” (1864 – 1870) e do 1º Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1860 – 1873) – até a “Sociedade Parthenon Literário (1868 – 1893), a vida mental gaúcha processou-se regularmente, sem solução de continuidade, num ritmo crescente de animação e produtividade, ao qual não foi estranho nenhum dos grandes movimentos estéticos e filosóficos da época, do romantismo ao positivismo.*

*É de saber-se que de 1893 ao fim do século XIX dois novos movimentos de larga envergadura, surgidos em Porto Alegre, muito contribuíram para o enriquecimento das letras conterrâneas: o de revista “Macenas”, fundada em 1894 por Andrade Neves Netto,, Alfredo Lisboa, Randolpho Saint-Clair e Alarico Ribeiro e o do “Centro Literário”, instalado a 15 de fevereiro de 1897, por Alcides Maya, Appolinário Porto Alegre, Zeferino Brasil, Arthur Toscano, Achylles Porto Alegre, Mário Totta, Raul de Villeroy, Souza Lobo, Alberto Correia Leite, Pinto da Rocha, Juvenal Miller, Germano Hasslocher, Apelles Porto Alegre, Benjamim Flores e Olympio Duarte.*

*Neste século, foi também o extremo-sul teatro de intensas labutas literárias, que ensejaram o aparecimento de várias e brilhantes plêiades de plumitivos, sendo numerosa e de real merecimento a geração moderna.*

*Sem pretender traçar um retrospecto das atividades mentais ocorridas entre nós, de 1900 pra cá, cumpre-nos, entretanto, recordar alguns fatos bastante ilustrados.*

*A 1 de dezembro de 1901, Olyntho de Oliveira fundava a Academia Riograndense de Letras – a 3ª, em ordem cronológica, das academias estaduais – contando, desde logo, com o apoio de Appolinário Porto Alegre, Alcides Maya, Zeferino Brasil, Mário de Aragão, Andradr Neves Netto, Paulino de Azerenha, Alfredo Lisboa, Marcelo Gama, Benjamim Flores, Alcides Lima, Aurélio Junior, Ernesto Silva, João Maia, Mário Totta, Tito Villalobos, Caldas Junior, Alfredo Ferreira Rodrigues, Joaquim Alves Torres, Apelles Porto Alegre, José Romanguera Correa, Achylles Porto Alegre, José Carlos de Souza Lobo, Sebastião Leão e Lourenço da Fonseca.*

*O ano de 1906 não se encerraria sem a superveniência de um acontecimento literário digno de nota: o advento da famosa revista “Pantum”, lançada em Porto Alegre por Arnaldo Ferreira e Damião Moura, com o auxílio de João Neves da Fontoura e Getúlio Vargas, que nela colaboraria ativamente, sob o pseudônimo de “Adherbal”, continuando, assim, a sua excursão pelas letras tão bem começada nas colunas do “O Debate”, e que atingiria o ápice nas páginas da “Revista Acadêmica”.*

*A “Panthum” reuniu, em torno de si, um grupo numeroso e brilhante de inteligências inquietas, do porte de Jorge Jobim, José Picorelli, Jacyntho Godoy, Mauricio Cardoso, Manoel Duarte e João Neves.*

*A 11 de junho de 1910, surgia a Academia de Letras do Rio Grande do Sul – em franca oposição à Academia Riograndense – compondo-lhe o quadro de membros efetivos escritores de nomeada como Ezequiel Ubatuba, João Fanfa Ribas, Lindolpho Collor, João Pinto da Silva, Simões Lopes Netto, Fernando Luiz Osório Filho, Tito Torres, João Cezimbra Jacques e Luiz Mariano da Rocha.*

O vintênio que medeia entre os anos de 1900 e 1920, foi, no Rio Grande do Sul, particularmente rico de revistas literárias, entre as quais destacamos “A Semana Olustrada”, “O Rio Grande do Sul Ilustrado”, a “Kodak”, a “Vida Artística”, a “Vida Gaúcha”, a “Máscara”, a “Revista Moderna”, “O Pampa”, “A Pena”, a “Via Late”, “A Rua” e o “Mundo Artístico” de Porto Alegre; “A Semana”, “O Rio Grande do Sul” e “Tudo” de Rio Grande; “O Pensamento”, o “Almanaque de Pelotas”, a “Ilustração Pelotense” e “O Pervigil” de Pelotas.

Em 1921 fundava-se o Instituto Histórico e Geográfico do Estado, graças aos esforços de Florêncio de Abreu, Souza Docca, Alcides Cruz, Antão de Faria, Roque Callage, Leonardo Truda, Manoel Faria Corrêa, Arthur Candal, João Maia e outros.

Desse acontecimento aos dias presentes, renovou-se a literatura gaúcha em cada geração, confirmando, plenamente, o vaticínio otimista formulado em 1874 por Araújo Porto Alegre: “A nossa província há de ser nas letras e nas ciências o que é hoje nas armas.”

A fusão da Academia Riograndense de Letras com a Academia de Letras do Rio Grande do Sul verificou-se em 1944, no justo dia em que passava ao 76º aniversário da fundação da “Sociedade Parthenon Literário”, a cujas gloriosas tradições se achavam vinculadas ambas as instituições. Dessa fusão resultou a atual Academia Sul-Riograndense de Letras.

A presente coletânea, que se ressentida de inúmeras lacunas e omissões, mercê dos seus limites compressivos, constitui uma pequena, mas expressiva amostra do opulento Parnaso riograndense, tão ignorado pelos leitores e críticos patricios e, com raras exceções, sistematicamente excluído das antologias oficiais.

À nominata adiante exposta teríamos que acrescentar um número crescido de autores antigos e contemporâneos, não fosse o critério de síntese, adrede estabelecido, que presidiu à feitura deste

*volume – simples visão panorâmica, embora incompleta, do esplêndido patrimônio poético do Rio Grande do Sul.*

*Encontrará o leitor, nas páginas que vai ler, poetas de várias escolas e tendências em franca promiscuidade. Chegando à conclusão de que outro critério aberraria do caráter restritamente informativo da presente obra, entendemos de boa prudência dispô-los em ordem cronológica, excluindo, antecipadamente, qualquer outro tipo de classificação.*

*Se muitos dos verbetes biográficos – seja-nos lícita a escusa – acusam flagrantes deficiências, boa parte dos trabalhos reproduzidos não representa, igualmente, o melhor ou mais característico dos respectivos autores. Admitimos, mesmo, de boa fé que em relação a muitos dos trabalhos transcritos houve necessidade momentânea de sérias transigência. Quem quer que conheça um pouco a pobreza dos arquivos relativamente às letras riograndenses, vê logo que o exame das mesmas, em qualquer sentido, constitui, sempre, obra difícil, complexa e, às vezes, até inexecutável.*

*Ao elaborar o presente volume, deparou-se-nos o dilema: incluir apenas os autores de que nos fosse possível, de imediato, apresentar produções de incontestável merecimento ou abrir espaço também a muitos outros que, à mingua de documentação, só pudessem figurar aqui com estritos de valor secundário ou relativo.*

*Tratando-se, como realmente é o caso, de coletânea que visa primordialmente a fornecer elementos e subsídios para estudos posteriores mais completos e definitivos sobre a história da poesia gaúcha, achamos de bom aviltre e até aconselhável a inclusão de numerosos poetas, entre vivos e mortos, dos quais não tínhamos produções mais perfeitas, pela impossibilidade, no momento, de completarmos as necessárias perquirições. Aí está, por esse motivo, um grande número de autores que, embora tenham alcançado, entre nós, justo renome, aparecem com trabalhos de qualidade inferior – os únicos, entretanto, que nos foi possível obter dentro do prazo*

*disponível. É o que ocorre, por exemplo, em relação a Arthur Candal, Hilário Ribeiro, João Moreira da Silva, Apelles Portoo Alegre, Jose de Sá Brito, Augusto Totta, Vasco de Araújo e Silva, Juvênio Augusto de Menezes Paredes, Ernesto Silva e tantíssimos outros do mesmo quilate mental.*

*Uma afirmação é preciso que se faça neste ponto: os estudos sobre a literatura riograndense ainda não alcançaram o necessário desenvolvimento, permanecendo, sob muitos aspectos, em fase de incipiência. É claro que nos referimos apenas aos estudos bibliográficos propriamente ditos. Dos estudos de outra ordem não seria este o lugar mais indicado para falar.*

*Porto Alegre, inverno de 1951.*

ANTÔNIO CARLOS MACHADO

(Da Academia Sul-Riograndense de Letras).



## DELPHINA BENIGNA DA CUNHA

(1791 – 1857)

Nasceu em São José do Norte a 17 de junho de 1791 e faleceu na cidade de Rio Grande a 13 de abril de 1857. Cegou com a idade de vinte meses, em consequência da varíola. Talento precocíssimo, escreveu aos 12 anos apenas os seus versos de estréia, salientando-se depois como admirável repentista. Ao irromper a Revolução Farroupilha, refugiou-se no Rio de Janeiro onde viveu alguns anos, colaborando em diversos periódicos literários e frequentando, ao mesmo tempo, os saraus da alta sociedade. Incluída no “Parnaso Brasileiro” do Cônego Januário da Cunha Barbosa e na “Seleta Brasileira” de J. M. Pereira de Vasconcelos. Considerada, na época, superior à célebre poetisa Beatriz Brandão.

**Bibliografia:** “Poesias oferecidas às senhoras riograndenses” (Porto Alegre, 1834); “Poesias oferecidas às senhoras brasileiras, por sua patrícia, etc.” (Rio, 1838) e “Coleção de Poesias, dedicada à Imperatriz Viúva” (Rio, 1846). As “Poesias oferecidas às senhoras brasileiras” tiveram uma segunda edição no mesmo ano do seu lançamento, isto é, em 1838.

### SONETO

Quem te fala, Senhor, quem te saúda  
Não vê raiar de Febo a luz brilhante;  
Dá-lhe pio agasalho um breve instante,

Seu fado ímigo em brando fado muda:

A sustentar o peso assas lhe ajuda,  
De uma vida que à morte é semelhante,  
Não chega a ser aflita mendigante  
Quem um tal protetor roga lhe acuda.

É por ti que eu espero ser contente,  
E suponho, Senhor, que não me iludo,  
De tua alma a piedade está patente.

Que tenho em Pedro o grande, um forte escudo,  
Creio, folgo e afirmo afoutamente,  
Que és pai, és benfeitor, és Nume, és tudo.

#### SONETO

Vinte vezes a lua prateada  
Inteiro rosto seu mostrado havia,  
Quando terrível mal que já sofria,  
Me tornou para sempre desgraçada.

De ver o sol e o céu sendo privada,  
Cresceu a par de mim a mágua ímpia;  
Desde então a mortal melancolia  
Se viu em meu semblante debruçada.

Sensível coração deu-me a natura,  
E a fortuna, cruel sempre comigo,  
Me negou toda sorte de ventura.

Nem sequer um prazer breve consigo;  
Só para terminar minha amargura  
Me aguarda o triste, sepulcral jazigo.

SONETO

Em versos não cadentes, ó leitores,  
Vereis os males meus, vereis meus danos;  
Da primavera as galas e os verdes  
Não brilharam para os meus primeiros anos.

Mesmo na infância experimentei rigores  
De meus fados cruéis sempre humanos,  
Que só me destinaram dissabores,  
Mil males revolvendo em seus arcanos.

Sem auxílio da luz, que o sol envia,  
Versos dignos de vós tecer não posso,  
Desculpai minha ousada fantasia.

Com estes cantos meus, mortais, adoço  
A mágua que o meu estro só resfria,  
Se mérito lhes daí, é todo vosso!

## MANOEL DE ARAUJO PORTO ALEGRE

(1806 – 1890)

Nasceu em Rio Pardo a 29 de novembro de 1806 e faleceu em Lisboa, como cônsul geral do Brasil a 30 de dezembro de 1890. Além de beletrista de invulgar merecimento, foi, ainda, escultor, musicista, arquiteto, pintor e naturalista. Figura, com justiça, entre os iniciadores em nosso país, do movimento romântico na poesia, graças ao seu poema “A Voz da Natureza”, escrito em 1835. pertenceu, no Rio, ao Ginásio Brasileiro e ao instituto Histórico e Geográfico. Patrono da cadeira n. 1 da Academia Rio-Grandense de Letras ocupada por Olyntho Sanmartin.

**Bibliografia:** “A voz da Natureza”, poema (Rio, 1835); “A destruição das florestas”, brasileira em 3 cantos (Rio, 1846); “O Corcovado”, idem (Rio, 1847); “A estátua amazônica”, comédia arqueológica (Rio, 1851); “Brasileiras” (Viena, 1863); “Colombo”, poema em 2 volumes (Rio, 1866); “O sapateiro político”, comédia; “A Jornada de Guararapes”, drama; “O prestígio da lei”, opereta; “O Anel Mágico”, novela (Lisboa, 1867), etc.

### PÁTRIA

Tu és, ó Pátria querida,  
Um mimo da Providência.  
Tu és da Beleza a essência,  
Um vaso de almo esplendor.

És o Crespo das Nações,  
O orgulho de toda a terra:  
Tudo que é grande se encerra  
No teu seio creador!

Nos teus rios diamantinos,  
Nas tuas montanhas de ouro,  
Se ajunta o maior tesouro,  
Que o mundo pode invejar!

Nas tuas florestas virgens  
Tens mil esquadras, mil pontes,  
E nas entranhas dos montes  
Tudo prá um mundo comprar!

Combate, suplanta, esmaga,  
Num sec'lo de vandalismo.  
O vil, sedento egoísmo,  
Que no teu solo se alçou!

A pigmeus, ah! Não consintas  
Traçar teu futuro e glória,  
Que no templo da memória  
Mesquinha mão não entrou.

Ainda teu solo esmalta  
Da virtude a planta augusta:  
Com tal germe nada custa  
A nobre estrada voltar!

## FRANCISCO DE SÁ BRITO

(1808 – 1875)

Nasceu em Alegrete a 18 de julho de 1808 e faleceu a 14 de julho de 1875. Jornalista, poeta e “conteur”, além de advogado e magistrado. No “Continentista” de que foi o principal redator, defendeu ardorosamente os ideais farroupilhas. Foi deputado à Constituinte Riograndense de 1842; Um dos fundadores e dirigentes mais destacados da “Sociedade Parthenon Literário”, em cuja revista colaborou com certa assiduidade. Pertenceu, ainda, em diversas legislaturas, à Assembléia Provincial.

**Bibliografia:** “O Vinte de Setembro de 1835”, memória história, publicada postumamente; “A Vida”, poema; “A Cruz”, conto, etc.

### SONETO

(1869)

Eu adoro o viver onde a paixão  
Em horridos tumultos se revela,  
Amo o rouco gemer d’atroz procela  
E o batel sobraçando ao vagalhão.

Amo o mocho a piar no cemitério  
Quando banha-se a lua em mar celeste  
Ou quando o vendaval quebra o cipreste  
Querendo derrocar todo o hemisfério!

Amo mais a mulher qu'deixa o leito  
Onde fora feliz, outr'ora amada,  
Do desprezo sentindo amargo efeito.

E raivosa em ciúme, a mão armada,  
Embebendo o punhal no ingrato peito  
Solta após estrondosa gargalhada!

## SEBASTIÃO XAVIER DO AMARAL SARMENTO MENNA

(1809-1893)

Nasceu em Rio Pardo a 23 de novembro de 1809 e faleceu na mesma cidade a 13 de junho de 1893. Notabilizou-se por variada sólida cultura. Foi poeta notável, orador fluente, jornalista estrênuo, educador, advogado, abolicionista, militar destacado, pensador, poliglota, filósofo, tradutor exímio, homem público eminente. Pertenceu à Assembléia Constituinte da República Riograndense, na qual se firmou, desde logo, como uma das figuras mais brilhantes e operosas. Justamente o “príncipe dos poetas da Revolução”.

**Bibliografia:** “Obras completas”, coligidas, anotadas e precedidas de um estudo crítico por Dante de Laytano (Porto Alegre, 1933).

### SONETO

Cabelos onde amor s’esconde manso,  
E com eles brincando ocultamente,  
Dispara do arco ebúrneo a seta ardente,  
Que humanos peitos fere sem descanso:

Cabelos, cujo mimo m’esperanço  
De obter de tua mão, ditosamente:  
Cabelos de um escuro reluzente,  
Que de os ver admirar jamais me canso:



Cabelos, cuja cor tem meus cuidados:  
Cabelos com que um Deus prende, domina  
E abranda corações petrificados:

São os teus, venturosa Carolina,  
Copia das graças, dos louçãos agrados,  
Formosura sem par, mortal divina.



### GASPAR SILVEIRA MARTINS

Quem para um governo livre  
Soube o povo preparar?  
Gaspar!  
Quem de São Pedro do Sul  
Fez a província primeira?  
    Silveira!  
Quem é nela recebido  
Com aplausos e festins?  
    Martins!  
Por ter conduzido a Pátria  
Aos mais gloriosos fins  
Honra a Pátria ao seu herói  
Gaspar Silveira Martins!



### EM LOUVOR DE DEUS NOSSO SENHOR

Oh! Deus! Justo Deus! Quanto vos deve  
O insensível mortal, que me vos não pensa!  
Que vê surgir o sol com indiferença,  
E a louvar vosso nome não se atreve!

Homem que apenas fita o céu de leve,  
Não vê, da noite clara na presença,  
Que essa dos astros multidão imensa,  
O vosso nome no universo escreve!

Infinito poder, sabedoria  
Infinita, qual é vossa bondade,  
Tudo em vós divisamos, cada dia!

Glória a vós, que presais a liberdade!  
Que oposto sois à dura tirania;  
Porque é justa, Senhor, vossa vontade!

## SERAFIM DE ALENCASTRE

(1809 - ?)

Nasceu em 1809. Assentando praça em 1824, fez as campanhas do Prata, em 1825. Deflagrado o movimento farroupilha, aderiu imediatamente à causa revolucionária, tomando parte em vários combates e tendo sido promovido, em 1839, a tenente-coronel. Foi nomeado depois ministro da guerra dos republicanos, eleito a Assembléia Constituinte de Alegrete. Avô do escritor Álvaro de Alencastre. Grangeou, ao seu tempo, relativa popularidade como poeta épico e patriota. Foi quem escreveu a letra do hino dos farrapos, musicado pelo maestro J. J. de Mendanha. Com Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Menna e Antônio Paulo da Fontoura, constituiu o trio central dos chamados “poetas da Revolução”. As numerosas produções poéticas, muitas de sabor neo-clássico, que divulgou esparsamente, em jornais e periódicos da época, estão, desde há muito, reclamando coligenda e compaginação.

SEBASTIÃO XAVIER DO AMARAL SARMENTO MENNA

(*Excerto*)

Se as Musas, caro amigo, demandassem  
Asilo virtuoso entre os humanos,  
De certo que ansiosas e anelantes  
Teu peito buscariam.

Se Apolo ind'outra vez do céu baixasse  
Frustrando as iras do tonante Jove.  
Jamais volvera, se te conhecesse,  
Ao seu assento antigo.

Com vivo assombro serão sempre ouvidos  
Os nobres feitos da linhagem tua,  
Gravando Clio nos anais das eras  
Nomes tão respeitáveis,

Gênio fecundo, que o teu ser exala,  
Te dá glória maior, mais clara fama  
Que aquelas que derivam das vitórias  
D'heróis conquistadores.

.....

Invicto cidadão, que bem manejas  
De Marte a espada, de Minerva a pena,  
Rival te ostentas, sobranceiro e ovante,  
Da tirania horrenda.

As leis da honra que constante segues  
A prol da liberdade, heróico e fido,  
Te dão jus imortal e inauferível  
À gratidão da pátria.

## ANTÔNIO PAULO DA FONTOURA

(? – 1843)

Tornou-se mais conhecido como Paulinho da Fontoura. Poeta repentista, exímio glozador, os seus versos fizeram época. Foi suplente à Constituinte Riograndense de 1842 e vice-presidente da República de Piratini. Morreu assassinado em Alegrete a 3 de fevereiro de 1843. O ciúme – diz Alfredo Varela – armou o braço assassino. Os frutos opimos do seu fecundo estro ainda não foram recolhidos em volume, o que, é de lamentar-se.

### SEBASTIÃO XAVIER DO AMARAL SARMENTO MENNA

Inspira-me, ó Caliope sonora  
Versos dignos de assunto sublimado,  
P'ra ofertá-los a um jovem respeitado,  
Que à pátria ilustra e à virtude adora.

Exulta, ó Rio Pardo; vês agora  
No seio teu, esse Amaral honrado,  
Das musas e de Marte aluno amado,  
E em cujo peito a liberdade mora.

Eu te celebro, ó Amaral prudente,  
Da nobre pátria filho esclarecido,  
Humano, justo, liberal, valente.

Teu nome ao templo d'honra tenho erguido,

E onde quer que eu viver, constantemente,  
Terás nos versos meus louvor subido.

## CALDRE E FIÃO (José Antônio do Valle)

(1813 – 1876)

Nasceu em Porto Alegre a 22 de agosto de 1813 e faleceu em São Leopoldo a 20 de março de 1876. Foi um dos fundadores do “Parthenon”, em cuja revista inseriu copiosa produção em prosa e verso. Doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio, onde, em 1845, fundou “O Filantropo”. Colaborou na revista “Arcádia” de Rio Grande e no “Jornal do Comércio” de Porto Alegre. Redigiu, também, “O Conciliador” da capital riograndense. Coube-lhe ser o precursor por excelência do regionalismo literário entre nós. Patrono, na Academia Riograndense de Letras, da cadeira n. 9, fundada por Appolinário Porto Alegre.

**Bibliografia:** “Elementos de farmácia homeopática” (Rio, 1846); “Curso de poesia brasileira” (Rio, 1847); “A órfã ou a herdade em leilão”, vaudeville (Rio, 1847); “O Coronel Manuel dos Santos”, drama trágico (Rio, 1848); “A Divina Pastora”, novela riograndense (Rio, 1847); “O Corsário”, idem (Rio, 1848); “O jardim da noiva”, versos; “Imersia”, poemeto; “Ramalhete-poético” (Rio, 1849), etc.

### CANÇÃO DA FILHINHA

*À Maria Isabel de Caldre e Fião*

Eu sou pombinha mimosa,  
A juriti descuidosa

Que leda esvoaça aqui  
Sobre as florestas virentes  
Das terras de Itapuí.

Travessa corro nos prados,  
Sou da mãezinha os cuidados,  
Amores do rio pai;  
Minha vida nos seus braços  
Corre livre de embarços,  
Como o vento que ali vai.

A brisa que encrespa o lago,  
Dá-me à frente em meigo afago  
Pela sesta do verão;  
Nos ramos que o ipê alonga  
Vem dar-me a branca araponga  
Sua vibrante canção.

Vivo na “quinta” entre flores  
Onde vejo os seus primores  
O colibri ostentar;  
Da tarde ao canto do anjo  
Vou nas asas dum arcanjo  
Do “Amparo” à Virgem rezar.

Vou ao domingo à capela  
Onde canto a “Maria Stela”  
Que minha mãe me ensinou;  
Ao meu Deus elevo a mente,  
Ainda tenho inocente  
O coração que lhe dou.

De meu pai recito os versos,  
Acompanho nos seus terços  
A gente de Itapuí,  
Gozamos doce abastança,  
Brinca aqui “livre” a criança,  
É “livre” o trabalho aqui.



Eu sou pombinha mimosa,  
Do futuro descuidosa,  
Porque vivo só de amores;  
No colo da mãe querida  
Me corre feliz a vida,  
Vivo na “quinta” entre flores.

Eu sou pombinha mimosa,  
A juriti descuidosa,  
Que leda esvoaça aqui;  
O meu céu, a minha estrela,  
Tudo aqui resume bela  
A terra de Itapuí.



## ZEFERINO VIEIRA RODRIGUES FILHO

(1825 – 1896)

Nasceu em Porto Alegre a 24 de outubro de 1825 e faleceu na mesma cidade em 1896. colaborou no “O Guaybã”, na “Areádia”, no “Álbum Semanal”, na revista do “Parthenon”, de que foi sócio e na “A Época” de Porto Alegre.

**Bibliografia:** “Riachuelo”, poema histórico (Porto Alegre, 1868); “Os Byron e Lamartine” (Porto Alegre); “Maria Santíssima”, poema dedicado ao Bispo D. Cláudio Ponce de Leão (Porto Alegre, 1890); “As estações” (Porto Alegre, 1891); “Parisina”, versão; “Enciclopédia da Juventude”; “Ao General Osório”, ode (Porto Alegre, 1894); “Ulricheida”, poema satírico, etc.

### MOTE

*Feliz quem junto a ti, por ti suspira*

### GLOSA (em soneto)

Quem conseguira cativar teu peito  
Com atrativos, que a ventura gera,  
E de tua voz meiga quem pudera  
Protestos escutar de amor perfeito?

Com eles viveria satisfeito –

A sua sorte não seria austera –  
Dos teus encantos junto à primavera  
Sentindo dos prazeres doce efeito.

Teu lindo rosto, como a flor, viceja  
E teu olhar ofusca da safira –  
O vivo brilhantismo que dardeja.

Almos hinos tua presença inspira –  
A de um anjo é igual e faz que seja  
Feliz quem junto a ti, por ti suspira!

## JOÃO VESPÚCIO DE ABREU E SILVA

(1830 – 1861)

Nasceu em Porto Alegre em 1830 e faleceu na mesma cidade a 25 de outubro de 1861. Foi professor em vários educandários de Porto Alegre e Pelotas deputado provincial e membro fundador do primeiro Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1860). No Rio de Janeiro onde esteve algum tempo, em tratamento médico, foi redator do “Diário” e do “Correio da Tarde”. Foi um dos principais colaboradores da revista “O Guahyba” de Porto Alegre.

**Bibliografia:** “Poesias” (Porto Alegre, 1856).

### A BELA DA FONTE

Bela jovem que fugias  
Ao bulício da cidade  
Pra cismar livremente  
N’essa grata soledade;  
E n’um mar de pensamentos  
Entre enlevos da esperança  
Passavas doces momentos  
N’esse viver que não cansa!

Hoje porque já não buscas  
A tua mansão querida?  
Para ir cismar à tarde  
Sentir a brisa aquecida  
Pelo sol do ardente estio

A bela face beijar-te  
Contemplar o manso rio  
Vaidosa nele mirar-te?

É que o mundo enfim te pode  
Fascinar com seus encantos  
Falso véu que encobre males  
Sorrisos – que ocultam prantos  
Não será longa a ilusão  
E mais tarde convencida  
De quanto ele é triste e vão  
Volverás à antiga vida!

Eu então irei à tarde  
Ver-te risonha, contente,  
Junto aos salgueiros da fonte  
Junto ao rio que cadente  
Murmura, canta, suspira  
Entregar-te aos pensamentos  
De virgem na soledade.  
E n’hora em que o dia expira  
Caminhar com passos lentos  
Para a ruidosa cidade...



## SONETO

*(Dedicado ao menino pianista Arthur Napoleão que em 1857  
se exibiu em Porto Alegre)*

Gênio! Diva expressão do que mais nobre,  
Mais alto e belo encerra a humanidade!  
Gênio! Ignoto poder que à eternidade  
Rouba a luz fulgurosa, que o descobre.

Gênio! Águia devassando o que se encobre

Da Natura na altiva majestade.  
Gênio! Ligado ao céu pela verdade  
À terra pelo invólucro que o cobre!

Gênio! Pátria não tens, é teu o mundo;  
Não tens idade; ali vejo um infante  
Mostrar na frente teu sinal profundo.

Peregrino sublime avante, avante:  
Cumpre tua missão, penetra o fundo  
Dessa esfera sonora, onde és gigante!

## ANTÔNIO FERREIRA DAS NEVES

(? – 1873)

Nasceu em Porto Alegre e faleceu no ano de 1873 em São Paulo, quando iniciava, ali, o curso de Direito. Foi um dos principais fundadores do “Parthenon”, em cuja revista deixou abundante produção em prosa e verso. Colaborou, ainda, no “O Trovão”, juntamente com Aurélio Veríssimo de Bittencourt e Carlos Ferreira, no “O Artista” e na “Arcádia”. Na “Prensa” de São Paulo inseriu, igualmente, vários trabalhos literários. Nos círculos estudantis da metrópole bandeirante deixou tradição muito honrosa quer por sua contratação ao estudo, quer pelo seu robusto talento.

### RECITATIVO

*(Excerto)*

Mimosa virgem, teu melífluo canto  
Faz com que o pranto não me inunde a face  
Sua voz ouvindo tão sonora e calma

Canta, donzela! De cantar tu deixas  
Tristes endeixas de passado amor?  
Canta, meu anjo... teu cantar sublime  
Tudo ele exprime... quer prazer ou dor!

Canta, donzela! E no clarão da lua  
Que além flutua no sereno rio

Talvez me vejas, qual fantasma mudo,  
Triste e sisudo a vaguear sombrio!

Canta, donzela! Porque os gaturamos  
Presos aos ramos do salgueiro anoso  
E as meigas brisas, que as marés agitam,  
Todos imitam teu cantar mavioso!

Canta de noite, porque a noite é bela,  
Canta donzela, teu cantar de encanto.  
Canta, donzela, tua voz canora  
Faz, do que chora, se estancar o pranto!



#### LIBERTINO CONTRITO

*Avante le soir fini na journée? Apeine ou  
verte au jour, ma rose s'est fané.*

A. CHENIER

Perdão, Senhor! No lupanar, na orgia  
Nodoei-me qual garça as niveas asas  
    Banhando em lago impuro  
Perdão, se endeusei a prostituta  
Se da febre no ardor sorvi-lhe os beijos  
    Perdão, Senhor, meu Deus!

A mocidade é flor que é rociada  
Pelas gotas do amor vivificante  
    Mas ah! Senhor! Sabeis  
Que a águia altiva que no espaço adeja  
Além do espaço iria, se vedado  
    Ultrapassar não fosse.

Eu também como a ave do infinito



Errei na vida e no saciar amores  
    Toquei, Senhor, à meta.  
Amei a virgem como amor ingênuo  
Gozei a prostituta e sempre, sempre  
    De amor era sedento!

As vezes definhava, mas libando  
As áureas taças do licor fervente  
    De novo ardente pira  
Eu sentia atear no meu peito  
Então qual outro atleta sobre a arena de novo combatia!

Esgotei minha vida! Embalde agora  
Eu tento recobrar vigor ainda  
    É tarde... a tumba fria  
Amanhã cerrará mais um cadáver  
Bem poucos grãos de areia permanecem  
    Na frágil ampulheta!

Perdão, Senhor! Na chama da impureza  
Bem jovem inda requeimei a fronte  
    Crestaram-me as orgias  
Como os raios de luz do sol estivo  
Crestam as pet'las vicejantes, belas  
    Da pálida açucena!

Perdão, Senhor! Agora, agora eu sinto  
Um gelo intenso a me correr nas veias  
Quem sabe a fria morte  
Já do peito me apaga a luz da vida?

.....  
Perdão, Senhor, meu Deus!

## FREDERICO ERNESTO ESTRELLA DE VILLEROY

Professor, gramático, poeta, jornalista e orador. Lecionou em diversos colégios de Porto Alegre, inclusive na Escola Noturna Providencial. Foi um dos mais assíduos colaboradores do “O Guahyba” e da “Arcádia”. Colaborou, ainda, na revista do “Parthenon”, do qual foi figura proeminente e na revista da “Sociedade Ensaios Literários”, à qual, igualmente, pertenceu.

**Bibliografia:** “A missão da mulher”, opúsculo (Porto Alegre, 1877); “Seleta Nacional ou trechos escolhidos de diversos autores nacionais”, obra didática; “Compêndio de gramática portuguesa”, idem, etc.

### RECORDAÇÃO

Que saudades que eu tenho dos tempos,  
Desses tempos em que era feliz,  
Quando o homem não pensa, só sente  
E o que sente não sabe, não diz!

Que saudades que eu tenho dos brincos,  
Desses brincos, que outrora brinquei.  
Que saudades que eu tenho dos jogos,

Desses jogos, que outrora joguei!

Que saudades que eu tenho dos cantos,

Desses cantos que outrora eu cantava.

Que saudades que eu tenho da vida

Inocente que então eu passava!

Que saudades que tenho dos campos,

Onde outrora ditoso saltava,

Que saudades que eu tenho da brisa,

Dessa brisa, que então respirava!

Que saudade que eu tenho das flores,

Que tão lindas nos prados colhia!

Que saudades que eu tenho da linfa,

Que tão pura nos bosques bebia!

Que saudades que eu tenho dos quebros

Do sabiá seus amores cantando!

Que saudades que eu tenho da rola,

Seus ais tristes, tão só moldurado!

Que saudades que eu tenho da vaga,

Com que outrora inesperto eu brincava  
Que saudades tenho eu das conchinas  
Que n'areia, contente encontrava!

Que saudades tenho eu das carícias,  
Que extremoso meu pai me fazia  
Quando já de brincar fatigado  
A dormir nos seus braços eu ia!

Que saudades que eu tenho das rezas,  
Que a querida mamãe m'ensinava,  
Que saudades que eu tenho dos beijos,  
Que ela então carinhosa me dava!

.....

Oh! que tempo feliz, que era esse!  
Pra vida eu então me sorria.  
O futuro qual nuvem dourada,  
Em formoso horizonte luzia!

Mas veloz esse tempo correu,  
Mas depressa esse céu se nublou:

E pra sempre murcharam-me os risos,

E pra sempre meu cor se enlutou!

## FELIX XAVIER DA CUNHA

(1836 – 1865)

Nasceu em Porto Alegre a 16 de setembro de 1836 e faleceu na mesma cidade a 21 de fevereiro de 1865. Poeta, jornalista, orador, teatrólogo, ficcionista, homem de meditação e ação. Coursou em São Paulo a Faculdade de Direito, concluindo, salientemente, o curso jurídico. Brilhou em diversos setores de atividade, especialmente na advocacia, na literatura, no jornalismo, na política e na tribuna parlamentar. Colaborou, quando estudante, na “Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano”, na “Revista Literária”, na revista do Atheneu Paulista, no “Acayaba”, fundado por Quintino Bocayuva e na “A Propaganda”. Em Porto Alegre foi assíduo colaborador do “O Guahyba” da revista do “Parthenon” e do “Mercantil”. Patrono da cadeira n. 12 da Academia Riograndense de Letras. Patrono, também, da cadeira n. 3 da Academia Sul-Riograndense de Letras, cadeira ocupada, atualmente por Carlos de Souza Moraes. Incluído na obra: “Os mais belos sonetos brasileiros” de Edgar Rezende (Rio, 1946).

**Bibliografia:** “Victor”, drama em 5 atos, escrito para ser representado em Porto Alegre por João Caetano e publicado postumamente; “Poesias”, edição póstuma (Porto Alegre, 1874); “Sete de Setembro”, composição em 4 cantos e metrificação variada; “Uma noite de vigília”, romancete; “Athenas”, ensaio, etc.

POEMA

É tempo de dormir – cansou-me a orgia;  
Sinto a fronte em delírio, os membros lassos,  
E as pálpebras pesadas – vem mulher,  
Um beijo mais... e estende-me teus braços...

Durmamos, que o dormir semelha a morte  
E a lousa terreal sorri do pranto;  
Vivos – a dor castiga-nos o peito,  
Mortos – do nada envolve-nos o manto.

O sono é quase a morte – e o leito  
É um túmulo – a cruz uma mulher –  
O orvalho dos chorões – seu pranto falso –  
A prece – o som dos beijos que ela der.

Chorar – isso vale – nos licores  
Afoguemos a dor que ferve n'alma,  
No leito onde cairmos sem sentidos,  
O corpo lasso – aí teremos calma.

Se vos irrita o estrondo do banquete,  
O alarido da dança – o rir blasfemo,  
Fugi – deixai-me só com meu delírio  
Endeusar o prazer no brado extremo.



## SONETO

Nas veias já me corre o frio da morte,  
Meus olhos sem fulgor fecham-se à luz,  
Nas trevas de meu leito não transluz  
Meigo raio de amor que me conforte.

Além diviso a fúnebre coorte,  
Que ao cemitério o meu caixão conduz;

Ninguém pranteará n'essa erma cruz,  
Dos anos meus o prematuro corte.

E mais que o *nada* a ideia me atormenta,  
De que ela não virá no frio lagedo,  
Regar de prantos minha cruz sangrenta.

Morra embora comigo o meu segredo,  
Nunca ela saberá que dor violenta,  
De minha alma a prisão quebrou tão cedo.



## 7 DE SETEMBRO

Silêncio! ... não turbeis na paz da morte  
Os manes que o Brasil quase esquecia!  
É tarde! ... eis que espedaça a lousa fria  
De um vulto venerando o braço forte!

Surgiu! ... a majestade traz no porte.  
O astro da glória a frente lhe irradia...  
Oh ! grande Andrada, adivinhaste o dia  
Vem juntar aos da pátria o teu transporte!

Recua? Não se apressa a vir saudá-la,  
Cobre a frente brilhante de heroísmo?  
E soluça? ... o que tem? ... Ei-lo que fala:

“Oh ! pátria, que eu salvei do despotismo!  
Só vejo a corrupção que te avassala,  
Não te conheço! ...” E se afundou no abismo !



## BERNARDO TAVEIRA JUNIOR

(1836 – 1892)

Nasceu na cidade de Rio Grande a 5 de junho de 1836 e faleceu em Pelotas a 19 de setembro de 1892. Autodidata, foi um dos mais fecundos trabalhadores das letras gaúchas no século XIX. Notável poliglota. Cultivou quase todos os gêneros, destacando-se em todos os setores da inteligência em que excursionou. Colaborou na revista do “Parthenon”, de que fez parte, no “Progresso Literário” e na “A Ventarola” de Pelotas, bem como no “O Tempo” de Rio Grande. Patrono, na Academia Riograndense de Letras, da cadeira n. 14.

**Bibliografia:** “Americanas”, versos indianistas (1869); “O poder do gênio”, poemeto; “Célio”, romance; “Joaninha”, idem; “O engeitado”, idem; “Coração e Dever”, drama; “Celina”, idem; “A visão de Colombo”, cena dramática; “Provincianas”, poesias regionais (1886); “Cenas trágicas”, romance histórico; “Primus inter pares”, poemeto à memória de Alexandre Herculano; “Poesias alemãs”, traduções (Porto Alegre, 1875); “O Guarda-livros”, comédia, etc.

### O TROPEIRO

Que vida amargada não leva o tropeiro  
De dia ou de noite, no frio ou na calma  
Se o nauta nos mares perigosos arrosta  
Em terra o tropeiro não cede-lhe a palma.

De estância em estância, cansando cavalos,  
Cansando cavalos o tempo se escoo.  
Trabalha incansável, padece mil pratos,  
Pensando na tropa que pensa ser boa.

Rodeios, apartes, corridas tremendas  
Rodadas temíveis – são cousas vulgares  
Na marcha da tropa, se o gado dispara,  
É quando começam os tristes azares!

Se dá-se algum caso nas horas do dia,  
Nem sempre o persegue seu fado inconstante;  
Correndo, atacando com jeito e destreza,  
Sossega-se a tropa – que marcha arrogante.

Nas rondas, à noite, que triste espetáculo!  
Que transe, que angústias não sofre o tropeiro!  
Não dorme um instante, não para um momento,  
Se o tempo se muda, se o gado é matreiro!

Mas quando já tarde, rebrama a tormenta,  
Nas asas trazendo funesta ameaça.  
Ai! Vida escabrosa, cercada de espinhos!  
Ai! Pobre tropeiro, ai! Tormenta ai! Desgraça!

Agita-se o gado aos trovões, que ribombam,  
E, fero, revoltado mugindo, escarvando,  
De chofre dispara – sem rumo e sem norte,  
Aos bravos campeiros só trevas deixando!

Mil pragas, mil gritos retumbam nos ares,  
Galopam cavalos transpondo negroses.  
Cavalos se topam, se curvam tremendo  
Ao raio que estrala num pego de horrores!

No dia seguinte, passada a refrega,  
Sozinho no campo, quem vive? – O tropeiro  
Com frio, com fome, e'o – a roupa alagada –  
E o caálo só tendo por seu companheiro.

De novo começam trabalhos insanos  
Por ínvios caminhos, por campos alheios;  
Os dias se passam correndo a cavalo,  
De estância em estância, pedindo rodeios.



### O CANTO GAÚCHO

Quais sopram os ventos as crinas lambendo  
Do altivo, bizarro, brioso bagual –  
Como eles tão livre perpasso, vagueio!  
Aqui nestes campos não tenho receio  
Dos fracos tiranos que escutam tremendo  
Meu nome fatal!

De bolas e laço, de faca e pistola  
Fumando cigarro, coxilhas galgando,  
Da morte não fujo, não temo os perigos!  
Avanço, pelejo, derroto inimigos,  
Qual rijo pampeiro que passa e que assola,  
Vitórias cantando!

A Deus minha vida somente pertence,  
E à pátria votando meu braço terrível  
A frente não curvo a ninguém cá na terra!  
Quem saiba não vejo nas lides da guerra  
Sofrer como sofre, vencer como vence  
Gaúcho temível!

Que venham soldados, no gesto altaneiros,  
Dos livres na arena trazer-nos cadeias;  
Que venham conosco lutar mercenários;  
Saber hão de em breve, servis temerários,  
Que escravos não prendem valentes campeiros  
Com horridas peias!

Amores não tenho, nem deles careço,  
Que amores dos livres são falso inimigo...  
Abaixo da pátria formosa e querida,  
Só tenho amizade ao bagual nesta vida;  
Com ele me abraço, com ele padeço –  
    Não tenho outro amigo!

Fiel ao gaúcho, criado com ele,  
Lhe entende o cavalo o menor movimento;  
Não cede em coragem ao dono que o monta,  
Impávido avança, perigos afronta;  
Abismos não medem, si ao fundo os impele  
    Um fado cruento!

Regalos da vida, fagueiros prazeres,  
Jamais me sorriem na lida em que vivo;  
Meus velhos arreios me servem de cama  
No rancho, ou no campo lançados à grama;  
Ao pé de mim sempre se acham meus teres –  
    Ninguém mais altivo!

Se a morte um dia ceifar-lhe impiedosa  
Nos campos de Marte ao fervor da batalha,  
Do nobre gaúcho, de balas crivado,  
Buscai-lhe o cadáver que, morto ao seu lado,  
O amigo ver-lhe-eis d'arena horrosa  
    Na mesma mortalha!

Transpondo barrancos, arroios vencendo,  
Campanhas cruzando no forte bagual,  
Meu rumo nos astros impávido leio!  
Aqui nestes campos não tenho receio  
Dos fracos tiranos que escutam tremendo  
    Meu nome fatal!

## IGNÁCIO DE VASCONCELLOS FERREIRA

(1838 – 1888)

Nasceu em Viamão a 29 de fevereiro de 1838 e faleceu em Porto Alegre a 9 de novembro de 1888. Estudou direito em São Paulo, sem concluir, entretanto, o curso. Poeta, teatrólogo, contista, pedagogo, homem de imprensa, cronista, propagandista da República e da Abolição. Foi redator da “A Reforma” e do “Jornal do Comércio”, onde manteve, durante longos anos, apreciada secção de comentários ligeiros, intitulada “Respingos”. Colaborou ativamente no “O Guahyba”, na revista da “Sociedade Parthenon Literário”, de que foi membro destacado no “O Guarani”, na “Arcádia”, no “Echo do Sul” e no célebre periódico. “Murmúrios do Gahyba”. Fundou e dirigiu, ainda, “o Diógenes”. Usou do pseudônimo de “Ninguém”.

**Bibliografia:** “Um livro de rimas” (Porto Alegre, 1863); “Tretas e petas”, coleção de romances e contos (Porto Alegre, 1869); “A Independência”, drama em versos soltos (Porto Alegre, 1870); “Hino ao General Osório” (Porto Alegre, 1871); “Cantos e contos”, poesia e prosa; “Parnaso Brasileiro”, obra didática; “Seleta Nacional”, idem, em colaboração com Antônio de Azevedo Lima” (Porto Alegre, 1869), etc.

PORTO ALEGRE

(*Excerto*)

Hosana! Valente cidade guerreira,  
Que alerta vigias nas raias do Sul!  
Os campos mais verdes te servem d'esteira,  
Te serve de abóboda o céu mais azul.

.....  
Formosa cidade, na guerra se és forte,  
Quem há do que tu mais bela na paz?  
Se um dia respiras combates de morte,  
Faceira em mil outros sorrisos te apraz.

Em plácido rio (formosa paisagem!)  
Bordado d'ilhinhas te'estás a mirar;  
E o rio passando te rende homenagem  
E vai caudaloso lançar-se no mar.

Que lindos verdores, que deu-te a natura!  
Em floridos campos a vista se espraia!  
Estás colocada por sobre uma altura,  
Por fácil declive tu desces à praia.

De um lado te osculam as águas d'um rio  
Aonde se espelham mil astros sem véu;  
Ao longe te cercam d'aspecto sombrio  
Enormes montanhas, que escalam o céu.

★

AOS ANOS DA SRA. D

Viceja o lírio nos jardins da Vida,  
Depois, pendida, vai murchando a haste.

Quantos tormentos ao tombar não sente,  
Que ânsia pungente! Que terrível dor!

A rosa chama colibris aos centos,  
Beijos sedentos, que embriagam, dá.  
Mas morre à tarde, se s'expande à aurora,  
Murcha. Inodora, sobre a leiva está!

A violeta que no ermo medra,  
Junto a uma pedra, no sombrio val,  
Também sucumbe solitária e mesta  
Da quente sesta à exalação feral!

Tudo na vida é solitário e mudo,  
E ao fim de tudo a sepultura está.  
O tempo gasta sem deixar vestígios  
Ricos prestígios que a beleza dá!

Mas como o tempo das viçosas flores,  
Só pode as cores derribar no chão,  
O perfume que lhes sai do seio.  
Resiste ao anseio da fatal ação.

Assim da morte à sepulcral fereza  
Graças, beleza, tudo torna em pó.  
Só não destrói a formosura d'alma,  
E a olente palma da virtude... só...

## GOMES DA COSTA (Francisco Antunes)

(1838 – 1912)

Nasceu em Pelotas 8 de junho de 1838 e faleceu a 13 de julho de 1912. Possuía o título de “Barão do Arroio Grande”. Desde muito jovem, revelou decidido pendor pelas letras e já aos 17 anos de idade coligia em um álbum algumas das suas produções juvenis. Em Pelotas, com Torres Crohuet e Machado Filho, fundou a revista literária. “Araribá”, que apareceu em 1857 e teve brilhante existência.

### O CASAMENTO

É laço sacrossanto o casamento  
Que fortifica as leis da sociedade  
É ideia feliz de castidade  
Que d’amor purifica o pensamento

É termo muitas vezes d’um tormento  
Que de perto roubava a f’licidade  
Origem d’um futuro d’amizade  
D’um porvir de real contentamento

É constante viver d’uma ventura  
Que nos enche de gozo afortunado  
Que nos dá vida alegre, com doçura!

É mais: – é um prazer qu’incomparado  
Bem tranquilo nos leva à sepultura  
Tendo o nome nosso eternizado!



## VASCO DE ARAUJO E SILVA

(1840 – 1895)

Nasceu em Porto Alegre em 1840 e faleceu na mesma cidade a 29 de novembro de 1895. Era filho de Brigadeiro Gabriel de Araújo e irmão de Domingos de Araújo e Silva, também escritor. Poeta, dramaturgo, músico, jornalista, professor, crítico, filólogo, gramático, orador e político. Colaborou na “Arcádia”, no “Álbum do Domingo”, no “Mercantil”, no “O Mosquito”, no “O Imparcial”, no “Diário de Pelotas” e na revista do “Parthenon”, de que foi sócio fundador.

**Bibliografia:** “Compêndio de gramática prática”; “Geografia do Rio Grande do Sul para o ensino primário” (Porto Alegre, 1869); “Tratado de geometria prática”; “Noções de geografia geral”; “Biblioteca dos Meninos”, em colaboração com Hilário Ribeiro (Porto Alegre, 1874); “Noções de agricultura para uso das escolas de instrução primária”; “D. Delphina Benigna pular”, preleção (Porto Alegre, 1874), etc.

### A CIÊNCIA

Chegou enfim o sec'lo em que vivemos,  
Firmando a majestade do talento;  
Desfeita a treva, o povo, ao som dos hinos,  
Espedaçou os grillhões do pensamento!

No céu mundos imensos contemplando,  
Na terra contemplando altos portentos,  
O gênio caminhou e, nos seus passos,

Surgiram descobertas – mil inventos!

Eu te saúdo, ó luz que resplandeces,  
Dos povos dirigindo a consciência.  
Tu és quem no universo tudo pode  
Eu te saúdo, pois, ó sol da ciência!



## O MEU PENSAMENTO

(1877)

Não vês que meu peito se agita inquieto?  
Não sabes, morena, que sofro um tormento?  
Não pensas, meu anjo?, duvidas que sejas  
A causa constante do meu pensamento?

Duvidas, morena? Tu julgas que eu possa  
Mentir-te, ocultar-te o amor que acelento?  
Escuta... És tu sempre esse anjo querido,  
Que guardo zeloso no meu pensamento!

De noite, dormindo, se acordo assustado,  
E a ideia d'um sonho me tira o alento,  
Eu sofro deveras nessa hora a tristeza  
Que traz quase sempre o meu pensamento!

Se ouço um ruído que vem despertar-me,  
Só acho silêncio... somente do vento  
Eu sinto que treme a vidraça d'alcova  
E volto enganado por meu pensamento!

Depois... não calculas... eu tenho receios,  
Que ideias sinistras que vem-me ao momento.  
Só nutro a esperança na imagem criada  
Com tanta pureza no meu pensamento!

## RITA BARÉM DE MELLO

(1840 – 1868)

Nasceu em Porto Alegre em 30 de abril de 1840 e faleceu na cidade de Rio Grande a 27 de fevereiro de 1868. Usava comumente o pseudônimo de “Juriti”. Colaborou na revista “O Guahyba” de Porto Alegre e no jornal “O Artista” de Rio Grande.

**Bibliografia:** “Lira dos Quinze Anos”, versos (Porto Alegre, 1855) e “Sorrisos e prantos”, idem.

VEM !

*(Excerto)*

Vem ! que t’importa que maldiga o mundo  
O amor profundo que nos liga ? Vem !  
Vem que nos vales de cheirosas flores  
Nossos amores viçarão também...

Vem ! de joelho no tapiz de nardo  
Hade-te o bardo suspirar idílios.  
Cantar-te a face rorejada em pranto  
O orvalho santo do frouxol dos cílios!

Pensa na sombra da floresta virgem  
Nesta vertigem... neste amor ali!  
Aves felizes no sendal dos ramos  
Seremos: vamos, que o serei por ti!

Vamos unidos como a luz ao astro  
O amor de Castro na solidão lembrá-lo  
Nas longas plumas que a palmeira agita  
A alma palpita de Virginia e Paulo!



### POEMA

Vês a linfa cristalina  
Quanta vaga vai frizar?  
Vês de raios quanta fita?  
Cai nas ondas do luar?

Pela aurora na roseira  
Quantas gotas vão molhar?  
Quantas folhas pelo outono  
Pode o vento dissecar?



### BOGARI

Bogari, me foste dado  
Por quem me vota afeição  
A ti, pois, ó flor singela  
Eu oferto esta canção:  
Vem, penhor d'alta amizade  
De um bem nobre coração  
Desta lira ouvir acentos  
Que tristes, sentidos são!

Tens alva cor: – castidade –

Eu leio nesse alvejar;  
Nessas folhas – a esperança –  
Vai-se à pureza enlaçar,  
No peito, teu grato aroma  
Vem doçuras infiltrar;  
Tens um languor indolente  
Nesse teu frágil curvar.

Quando essa cor deslumbrante  
Florinha, empalidecer,  
Nestas chamas que no peito  
Sinto ativas me ferver,  
Hei-de dar-te novo alento  
Retardar esse momento  
De eterno desfalecer.

Há um jardim em minh'alma  
Mas só tem flores de dor,  
Tenho saudades – martírios –  
Sem um só perfeito amor:  
Dá-lhe em vez dagra tristeza  
Suavidade e doçor,  
Que vou agora guardar-te  
Nesse jardim, doce flor.

E quando o tempo essas folhas  
Te lançar enfim no chão,  
Uma a uma hei-de guardá-las  
Junto a este coração,  
Hei-de gravar esse nome  
Na minha imaginação,  
No álbum de minha vida  
Teus perfumes ficarão!

Serena, meiga florinha,  
Meu bogari tão gentil,  
Não poderás menear-te  
Nunca mais em mês de Abril,  
Quanto o sol é puro e brando,

Quando o céu traça d'anil,  
Ou lá quando a primavera  
Mostra a face juvenil.

Mas embora não os gozes  
Não hás-de nunca murchar;  
Tenho vida neste peito  
Para a vida inda te dar;  
Se não tens a aurora em nuvens  
Radiante a despontar,  
Tens a manhã desta vida  
Que se vota a só te amar.  
Tens uma alma a quem és caro.

Tens um altar de afeições,  
Uma lira que te pede  
Suaves inspirações.  
Oh ! não desprezes meus cantos.  
Minhas humildes canções,  
Que contigo não receio  
De dura sorte os baldões.

Mas como terás saudades  
Saudades do teu jardim!  
Saudades dessa flirinha  
Como tu, alva – o jasmim,  
Esquece-a e os lindos prados  
Onde brilhavas assim  
Deves também esquecer-los  
E viver só pra mim!

★

### HINO AOS INTRÉPIDOS “VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA”

Voluntários, a hora suprema  
Do castigo tremendo é chegada!

Que o selvagem do Prata enfim trema  
Ante os louros da vossa cruzada!

Que se prostre submisso, humilhado.  
Esse louco qu'insultou a c'rôa!  
A Nação ver o símbolo ultrajado,  
Nunca a honra de um povo perdoa!

Não se diga que um só covarde  
Nobres filhos do Império da Cruz!  
Que a vingança – espantosa – não tarde  
À que as bárbaras hordas tem jus!

Contai bem os irmãos mutilados  
Ao cutelo traidor, homicida...  
Quantos bravos nos foram roubados  
Quantas vezes a Pátria ofendida?

Quando o sol do progresso derrama  
Deslumbrante clarão sobre o mundo  
Inda existe um país que s'infama  
Tendo aos crimes aferro profundo!

De seus filhos leais, invencíveis,  
O Brasil pronto auxílio reclama.  
Fora um crime ficar impassíveis  
Quando a Pátria em socorro vos chama!

As estrelas do nobre cruzeiro  
Ser-vos-ão no caminho faróis  
Descendentes de um povo guerreiro  
Eia! Avante, futuros heróis!

Paissandu que vos sirva d'exemplo  
Esse feito de heróico civismo  
Há de a glória guardá-la em seu templo  
Como o prêmio de um grande heroísmo!

Ide! A palma na luta é dos bravos

A vitória conduz vossos passos.  
O vil Lopes vos cobre d'agravos  
Glória eterna vos abre seus braços!



## PEDRO ANTÔNIO DE MIRANDA

(1843 – 1900)

Nasceu em Porto Alegre em 1843 e faleceu em Pelotas a 24 de fevereiro de 1900. colaborou ativamente no “O Guahyba”, no “Álbum Semanal”, na revista do “Parthenon”, de que foi membro destacado, no “Mercantil”, na revista da “Sociedade Ensaios Literários” de Porto Alegre, a que também pertenceu, no “Jornal do Comércio” e no “Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul”. Improvisava com muita graça e facilidade, tendo cultivado, com rara felicidade, o verso satírico e humorístico.

**Bibliografia:** “Sinopse gramatical” (Porto Alegre, 1892); “General Osório”, poemeto; “Epistolas campinas”, versos regionalistas, etc.

### O GUAIBA

De prata as ondas, de esmeralda o brilho,  
Perfuma o dorso nas manhãs de Abril;  
Se mostra produção ser do Brasil,  
Mais da Província ostenta ser o filho.

Oh! Quanto de te ver me maravilho  
Sob este pátrio céu róseo e de anil,  
De tuas águas que têm doçuras mil  
Ao náutico viajor encanta o trilho.

Tu és da inspiração fonte caudal  
Embalando o baixel da mocidade  
Para guiá-lo à sólido estendal.

Que a viração imprima em teu cristal  
Seu melindroso beijo, e a tempestade  
Ruja – mas passe sem fazer-te mal.



### A NOVA MUSA

Eu gosto de te ver assim – toda enfeitada,  
Envolta em caracóis de nevoa d'escomilha,  
A mão alva e pequena em peles enluvada,  
O rosto por de traz das sombras da mantilha!

E si passam por ti esses punhados grandes  
De cínicos Romeus, aparvalhados, nédios,  
Que trazem no nariz o pince-nez dos dandis  
– Porque a vista sofrera ao uso dos remédios,

Enquanto os Reis e o clero – o manto e a batina –  
Sentem rugir no peito a cólera felina  
Ao retumbante som da homérica epopéia,

Eu rio-me de os ver assim, embatucados,  
De mãos dentro do bolso, estúpidos, calados,  
À luz do novo Sol, à luz da Nova Ideia!

## JOÃO CAPISTRANO FILHO

Viveu apenas 25 anos, morrendo tuberculoso. Foi professor público em Porto Alegre e Cachoeira. Poeta nato, deu sobejas provas do seu bem acentuado talento em dezenas de poemas divulgados pelo “O Guahyba” e outros periódicos gaúchos da época. Era filho do Dr. João Capistrano de Miranda e Castro, homem de cultura e político militante, que foi deputado provincial, presidente do Rio Grande do Sul e da “Sociedade Parthenon Literário”.

### POEMA

Eis-me isolado tão cedo,  
Como o espesso arvoredo  
Que o frio vento secou!  
Donzela, porque partiste,  
Porque deste amor fugiste?  
Teu peito nunca me amou!

Perguntei à aura das selvas  
Às meigas flores das relvas  
Pedi notícia de ti.  
E meu peito entre amargores  
Ouviu da brisa e das flores  
Tristes dizeres: “não vi!”

Perguntei ao eco dos montes,  
Ao murmúrio das fontes,  
E ao negro bosque também;  
E em lânguido gemido  
A repetir-se “não vem !”

Perguntei à noite bela  
Do céu à mais linda estrela  
De joelhos perguntei.

A noite não respondeu,  
A linda estrela do céu  
Disse chorando: “não sei!”

Perguntei ao torpe mundo  
E um silêncio profundo  
À minha voz respondeu...  
Não te encontrando nos vivos,  
Minh'alma em ais aflitivos,  
Ao cemitério correu!

Mil tum'los ela seguiu,  
E nos epitáfios que viu  
Teu nome não soletrou...  
Ah! Minha esp'rança morreu,  
Qual flor que se desprendeu  
E a correnteza levou!

E hoje vago chorando  
Os lugares visitando  
Onde contigo me achei.  
Solitário... triste e mudo,  
E já descrido de tudo,  
Como inda vivo nem sei!

## JUVÊNIO AUGUSTO DE MENEZES PAREDES

(1843-1882)

Nasceu em Pelotas a 6 de setembro de 1843 e faleceu em São Gabriel em 1882. Colaborou na revista do “Pathenon”, a que pertenceu, na “Arcádia”, no “O Mosquito”, no “Jornal do Comércio”, na “Revista Gabrielense”, no “O Tempo”, de Rio Grande e na revista “Inúbia”, da mesma cidade. Foi sócio também da “Associação Literária Gabrielense”. Notabilizou-se sobretudo como poeta, jornalista, teatrólogo, professor e orador. Patrono da cadeira n. 23 da Academia Riograndense de Letras, cadeira instituída por João Maia.

**Bibliografia:** “Parietárias”, versos (1863); “Coroas de martírios”, drama; “Frutos do vício”, idem; “Entre parentes”, comédia em 1 ato (São Gabriel, 1877); “Dois anjos”, romance; “Padre Luiz M. Gonçalves de Brito”, biografia; “David Canabarro”, idem; “Jovita”, drama, em colaboração com Appolinário Porto Alegre, etc.

### AO MEU ANJO DA GUARDA

(*Excerto*)

Anjo de Deus, que no berço  
A minha guarda tiveste  
Tu que primeiro acolheste  
Do meu nascer os vagidos  
Tu que acalmaste os gemidos  
Da mãe que me deu a luz,

Anjo de Deus, que és meu guia,  
Do viver na senda ímpia  
Meus frouxos passos conduz!

Quando meus lábios sorrirem  
Paire neles teu sorriso  
E da luz do Paraíso  
Forma a luz dos meus olhares  
Que da vida nos azares  
Sinta ou sempre o amparo teu  
E na quadra dos enganos  
Me perlustre os poucos anos  
O saber que Deus te deu!

Quando moço, alucinado,  
Das paixões, na dura lida,  
For o céu da minha vida  
Com quimeras se nublando  
Meu bom anjo, por teu mando  
Sucede às trevas a luz.  
Quando eu blasfeme em delírios  
Vem tu lembrar-me os martírios  
Do Homem morto na cruz...

.....

E das tentações do inferno  
Desviando os passos meus  
Leva-me às lutas da sorte  
E do berço até a morte  
Sê meu guia, anjo de Deus!

## APPOLLINÁRIO PORTO ALEGRE

(1844-1904)

Nasceu na cidade de Rio Grande a 29 de agosto de 1844 e faleceu em Porto Alegre a 23 de março de 1904. Usava frequentemente o pseudônimo de “Iriêma”. Com inteira justiça, é considerado a primeira figura intelectual do Rio Grande do Sul no século XIX. Deve-se-lhe, em grande parte, a fundação da famosa “Sociedade Parthenon Literário” (1868-1893), que tanto renome deixou na história das letras gaúchas. A sua poliforma atividade mental abrangeu virtualmente todos os domínios da palavra, adquirindo em alguns deles, extraordinário brilho. Foi pedagogo, jornalista, poeta, crítico, historiador, romancista, “conteur” sociológico, folclorista, filósofo, lingüista, antropólogo, teatrólogo, cronista, biógrafo e pensador. Fundou na Academia Riograndense de Letras a cadeira n. 9, sob o patrocínio de Caldre e Fião, Patrono, na Academia Sul-Riograndense de Letras, da cadeira n. 6, de que é atual ocupante Mário Bernd.

**Bibliografia:** “Os Palmares”, romance histórico (1869); “Bromélias”, versos (Porto Alegre, 1874); “O vaqueano”, romance (Porto Alegre, 1872); “Paisagens”, contos (Porto Alegre, 1875); “Sensitiva”, drama em 3 atos (Porto Alegre, 1873); “Túmulos”, versos (Porto Alegre, 1881); “O crioulo do Pastoreiro”, romance (1875); “Feitiço duns beijus”, idem; “A Tapera”, idem; “Morfologia arioguaranítica”; “Cancioneiro da Revolução de 1835”; “Origens guaranotupicas”; “Flores da Morte”, versos; “Populário Sul-Riograndense”, etc.

## SONETO

Com o nascer da vida começam as dores,  
E de entorno dos anos se aglomeram cardos!  
E bem raro se torna o perfumar de nardos  
Vivificantes bálsamos de belas flores.

De torturas constantes ferinos dardos  
No coração se cravam e nos dão palores;  
Porém... Quem mais padece? Quem mais perde as dores,  
Neste mundo de lágrimas que os tristes bardos?

Poeta, deixa a barca nos parciais correr  
Deixa... naufrague embora! O que nos vale a vida  
Sem um sorriso de amor, sem amor colher?

Nada... Arrastá-la sempre em ascética lida!  
Ó antes nunca vira o arrebol nascer!  
E mil vezes a morte que a descansar convida!



## O UMBU

*"Spare that tree!"*

G. MORRIS

– Suspende, bárbaro! Suspende o braço,  
Não cortes dum só golpe de machado  
A tradição, a glória, a lenda altiva,  
O tronco até dos tempos respeitado.

---

Assim ao capataz um moço brada,



De indignação a voz entrecortada.

---

Ó para longe o gume iconoclasta!  
Pra longe de mim! Nem quero vê-lo...  
Sinto a alma contristada retrair-se  
Sinto ainda banhada a fronte em gelo...

---

E o olhar humectado de ternura  
Dos mais tênues raminhos se pendura.

---

Herança de meus pais, árvore santa,  
Relíquia de meu lar, de meus amores,  
Sagrado monumento, a cuja sombra  
Veio o herói gozar de teus frescores.  
Não tremeu-te ante a mão que o ferro vibra  
Do seio até a derradeira fibra!

---

Que negra ingratidão se ao chão tombasses  
Que soluços, que pranto à dor não deras?  
Raízes, galhos, ramos e folheto  
Fariam coro em maldições sinceras!  
Tu dirias, rolando a copa em terra:  
“Virtude antiga, um filho te desterra.

---

“E amei-os tanto, amei-os no passado,  
“Converso deles a lembrança viva,  
“Das graves confidências, da lhaneza,  
“Flor que hoje a mocidade não cultiva.

---

“Como o tempo mudou?! Mudou-se tudo!  
“A Rio Grande fiel eu só não mudo!

---

“Vi no pai a altivez dum homem livre,  
“E ele o era o valente guerrilheiro!  
“Ao vê-lo, minhas folhas palpitavam:  
“No busto refletia um povo inteiro.

---

“Um dia, a sós, ele e outro aqui vieram  
“Ocultei-os e guardo o que disseram.

---

“Quanta glória! Pois o outro resumia  
“O culto delirante das campanhas,  
“O chefe da facção, a cujo aceno  
“Moviam-se planuras e montanhas.

---

“Ó talvez que a seu nome, tu me salves!  
“Seu nome, o mundo o diz: Bento Gonçalves.

---

“Por teu pai, pelo herói, por teus amores,  
“Que os vi nascer, crescer à minha sombra,  
“Como nascem as plantas que protejo  
“Dos ardores estivos, nesta alfombra,

---

“Poupa-me, é cedo ainda, ao tredo verme!

“Não vês, ingrato, sou um ente inerte?”

---

– Não, tu não morrerás, enquanto o juro,  
A virtude viçar, que a ti me liga:  
Enquanto defender a liberdade,  
Viverás, de meus pais, ó nobre amiga.

---

Se eu cair, então seca, a vida espasma,  
Da honra extinta serás o meu fantasma.

## JOSÉ DE SÁ BRITO

(1844-1890)

Nasceu em Porto Alegre a 18 de novembro de 1844 e faleceu em Montenegro a 10 de outubro de 1890. Participou da Guerra do Paraguai, como voluntário. Colaborou na revista do “Parthenon” na revista da “Sociedade Ensaios Literários” e na “A Reforma” de Porto Alegre, onde em 1875 fundou a “Sociedade Literária Plymnia”. Distinguiu-se especialmente como poeta, teatrólogo, ficcionista e homem de imprensa.

**Bibliografia:** “Maura, a descrida”, novela (Porto Alegre, 1872); “Romance de um louco”, romance; “Filei-o”, comédia em 1 ato; “Matheus”, comédia em 3 atos; “A Grupiara”, drama brasileiro em 1 prólogo e 4 atos (Porto Alegre, 1876); “O crime de Mario Serpa”, romance; “Parecer sobre a tese: “Quem revela mais abnegação no cumprimento de sua missão, o padre ou o soldado?” (1876), etc.

AMÁLIA FIGUEIRA

Feliz a doce ventura  
D’esse cantar de ternura  
Na languidez do cismar!  
– Que trovas meigas, singelas,  
Tão eloquentes e belas  
Que tu sabes murmurar!

.....

São teus versos tão cadentes,  
Como pérolas fulgentes  
A soar sobre cristal  
Como tinir cristalino  
Como a voz doce do sino  
N'um repique festival!

Canta! Canta, poetisa,  
Que teu ser se diviniza  
Nos murmúrios da canção!

Solta aos ecos os eflúvios  
As torrentes, os dilúvios  
Das flores do coração!

Canta! Que a vida se passa  
Como ligeira fumaça  
Assoprada pela aragem!  
Feliz a barca fagueira  
Que deixa no mar esteira  
De sua breve passagem...

## CARLOS FERREIRA

(1844-1913)

Nasceu em Porto Alegre a 23 de outubro de 1844 e faleceu no Rio de Janeiro a 12 de dezembro de 1913. Colaborou, inicialmente, no “Jornal do Comércio” de Porto Alegre. Quando D. Pedro II passou pela capital rio-grandense, chamou-lhe a atenção a inteligência do jovem vate e, assim, propoz-se a mandá-lo estudar na Corte, às suas expensas. Seguiu Carlos Ferreira para a metrópole do Império, mas, pouco depois, solidarizando-se com a ideia republicana, dispensou o auxílio oficial e passou a ganhar a vida no jornalismo. Viveu muitos anos em Campinas, onde fundou e dirigiu a “Gazeta de Campinas”. Foi também assíduo colaborador do “O Trovão”, da revista do “Parthenon”, do mensário “Murmúrios do Guahyba”, do “Diário de Pelotas” e do “O Tempo” de Rio Grande. Patrocinou a cadeira n. 8 da Academia Riograndense de Letras. Patrono, na Academia Sul-Riograndense de Letras, da cadeira n. 7, criada por João Henrique.

**Bibliografia:** “Cânticos juvenis”, versos (Porto Alegre, 1864); “Rosas loucas”, idem; “Alcyibes”, idem; “Redivivas”, idem; “Plumas ao vento”, idem; “Histórias cambiantes”, ficção, “Feituras e feições”, prosa; “O marido da doida”, teatro; “Pecados da juventude”, idem; “A calúnia”, idem, etc.

## PERDOAR

É tão bom perdoar! Sentir a vida  
Andar em mar de júbilo constante.  
Ter uma ideia boa a cada instante  
Toda de azul e luzes revestida.

Deixar nas trevas densas esquecida  
A dolorosa ofensa lancinante.  
E procurar no amor ronificante  
A recompensa, em bênçãos envolvida.

Ah! É tão bom ser bom! Sentir vibrando  
N'alma o eco do amor que a crença afaga,  
Tudo esquecendo e tudo abençoando...

Sorrir à ingratidão por simples paga.  
Perdoar... perdoá-la, mesmo quando  
Fino punhal nos crava em viva chaga!

## MACEDO JUNIOR (Joaquim Cândido de)

(1845-1860)

Nasceu em Rio Grande a 10 de março de 1845 e faleceu no Rio de Janeiro a 2 de fevereiro de 1860. Frequentou a academia Militar do Rio, transferindo-se depois para a Escola Central. Colaborou, assiduamente, na “Revista Popular” e na “Revista da Sociedade Filomática”, privando da intimidade de Casimiro de Abreu, que lhe dedicou vários poemas. Deixou grande número inédito, recolhidos e guardados, segundo apuramos, pelo pintor e desenhista Antonio Candido de Menezes, seu irmão. Patrono, na Academia Riograndense de Letras, da cadeira n. 22, fundada por Alcides Lima.

**Bibliografia:** “Açucenas”, versos, publicados postumamente.

MORREU

(*Fragmento*)

Um céu escuro te escondia ao mundo,  
E te orvalhava as faces com o seu pranto,  
Entre a dor do silêncio, em que vivias,  
Balbuciavas da agonia um canto.

Era trova de angústia e de saudade  
De um sonho d’ouro, que criaste um dia.  
Era a lágrima quente da tua alma,  
E lá fui-te beijar no meu ardor!



O orvalho do meu pranto te deu vida,  
E tua alma sorriu à luz do sol,  
Não choravas à sombra da descrença,  
Sorrias da esperança ao arrebol!

.....

Achaste em teu caminho muitas rosas,  
Luz e mais muitos campos, muitos céus,  
E eu te vendo correr às tontas-louca!  
Murmurava: – “Ele morre, assim, meu Deus!”

## FRANCISCO DE PAULA PIRES

(1846-?)

Nasceu em 1846 em Pelotas, onde colaborou no “O Democrata”, no “Correio Mercantil”, na “Tribuna Literária”, na “Arena Literária” e no “O Radical”, de que também foi co-proprietário. Residiu algum tempo em Rio Grande e Bagé, onde redigiu diversos órgãos locais. Foi, durante muitos anos, bibliotecário da Biblioteca Pelotense, a que prestou relevantes serviços.

**Bibliografia:** “Quadros horripilantes”, cenas naturalistas (Pelotas, 1883); “Rimas” (Pelotas, 1888); “O Rio Grande do Sul”, ensaio (Rio Grande, 1892); “De moço a velho”, versos (Pelotas, 1906), etc.

### AO CARNAVAL DE 1888

Sejas bem vindo, grande charlatão,  
Pouco menor que outros que aqui vejo;  
Dá-me um abraço, lança fora o pejo,  
Si és muçulmano diz-te bom cristão!

Lava o focinho, infeliz lambão,  
Manda lavar-se todo o teu cortejo  
Dá na Folia um estalado beijo  
Dá no Trabalho grande cachação.

Manda a virtude que se ponha ao fresco,

A honestidade que delire e morra  
Entre carícias de um viver fradesco.

E como o mundo é todo borra,  
Deixa que em ânsias de um viver burlesco  
Toda a existência do teu ser se escorra!

## AFFONSO LUIZ MARQUES

(1847-1872)

Nasceu em Porto Alegre a 19 de setembro de 1847 e faleceu na mesma cidade a 10 de agosto de 1872. Fez seu curso de humanidades, com raro brilhantismo, no Liceu D. Affonso tendo, ainda, estudado retóricas e filosofia com o famoso padre-mestre João de Santa Bárbara. Foi professor da Escola Normal e de outros educandários portoalegrenses. Foi um dos fundadores do “Parthenon”, onde se distinguiu especialmente como poeta delicado e orador de arroubada eloquência, admiradismo por Feliz da Cunha. Patrono, na Academia Riograndense de Letras, da cadeira n. 1, fundada por Appelles Porto Alegre.

### AMOR E SEGREDO

Que luta! Amar-te em silêncio  
Sentir febril em delírio  
Do coração no martírio  
Os ardores da paixão.  
Ver-te cândida, sorrindo  
Da mocidade nas flores  
Respirar os teus candores  
E amar-te na solidão!

Sentir meigos teus olhares  
Vibrando n'alma langores  
Da pureza nos fulgores

Incedendo o coração.  
Em doce enlevo mirar-te  
Ouvir-te insontes as falas  
No perfume que trescalas  
E amar-te na solidão!

E da insânia nos del;irios  
Verter da saudade o pranto  
Sonhar o teu amor santo  
No silêncio da amplidão.  
E do porvir nos arcanos  
Erguer à luz da esperança  
Um mundo só de bonança  
E amar-te na solidão!

Amanhã, gélida a fronte,  
Das lutas na desventura,  
Quem sabe na sepultura  
Não sonharei mais em vão,  
Tive fadário afonso  
De sentir no peito a crença  
Ingente, febril, imensa.  
E amar-te na solidão!

Mas hoje que o seio pulsa  
E a mocidade palpita  
Como a lava que crepita  
Na cratera do vulcão.  
Não posso, não, esquecer-te  
Hei de na sombra adorar-te  
E amar-te na solidão!

Se nunca ouviste dos lábios  
Nenhuma frase de amor  
Ah! Perdoa... ao sonhador  
Talvez dissesses que não.  
Tive medo de falar-te  
É tão triste o desengano.  
Prefiro lutar insano

E amar-te na solidão...



DEVANEIO

*(Excerto)*

Ao correr da noite, quando a alma cisma,  
E vai tristonha remontar-se a Deus,  
Não sentes pura, divinal, imagem  
Passar serena pelos sonhos teus?

Um novo mundo não assoma ingente  
Belo, sublime – a primavera em flores –  
E a casta imagem não te estende os braços  
Não diz-te: amemos em febril langores?

Bem como o eco de suave acorde  
De harpa eolea a melodia infinda  
Amuleto santo – do passado os sonhos –  
Não vem a frente te beijar ainda?

Depois imersa n'um cismar profundo  
Agra saudade não te agita o Ser?  
E a crença – incerta como o círio aos ventos –  
Não sentes n'alma vacilar, morrer?

## HILÁRIO RIBEIRO

(1847-1886)

Nasceu em Porto Alegre a 1 de janeiro de 1847 e faleceu no Rio de Janeiro a 1 de outubro de 1886. Colaborou na revista do “Parthenon”, a que pertenceu salientemente, no “O Mosquito”, no “Álbum do Domingo”, no “Diário do Rio Grande” e na “A Escola”. Além de emérito educacionista e escritor exímio, foi pintor e desenhista. Patrono, na Academia Riograndense de Letras, da cadeira n. 25, criada por Mário Totta.

**Bibliografia:** “Risos e lágrimas”, drama (1870); “Lucinda”, idem (Porto Alegre, 1875); “Lições do Lar”, obra didática em 4 volumes (Pelotas, 1880); “Gramática portuguesa”; “Geografia do Rio Grande do Sul”, com mapas a cromo; “Dr. Antônio Gonçalves Dias”, estudo biográfico, etc.

### DESALENTO

(*Excerto*)

Ai! Celeste visão, porque na estrada  
Minh'alma te encontrou e me sorriste?  
Passaste bela e meiga, eu – pobre louco,  
Tremendo te fitei pálido e triste.

Deus sabe o que senti! Teu lábio rubro  
Tresscalava o perfume dos amores.

E teu olhar dividido desmaiando  
Acordava talvez entre langores.

E sonhei-te depois... Por longas noites  
Só tua imagem pairou na fronte ardente!  
Nem mais desejos tinha do que ver-te,  
Adorar-te e viver de ti somente...

Libando amargo fel, mudo, sombrio  
Ao mar, ao céu, teu nome perguntava;  
Cansei de caminhar, tímido, errante,  
Esquecido de mim – em ti cismava!



QUANDO?

(1869)

*Moi, Vesperance amie est bien loin de mon coeur.  
Tout se couvre à mes yeux d'un voile de languener.  
Des jours amers, des nuits plus amères encore.*

A. CHENIER

O sol doirando da montanha o ápice;  
O mar, a veiga n'amplidão desmaia;  
E mansas ondas num dorido murmuro  
Vão lentamente se quebrar na praia...

---

Hora bendita! No arvoredado, lânguida,  
A meiga rola solitária geme;  
E triste, à beira da lagoa, pálido  
O lírio ao sopro dos favonios treme!



---

Hora bendita! No meu peito túmido  
Doce tristeza se derrama agora;  
E de saudades dessa imagem cândida  
Minh'alma geme, desespera, chora.

---

Vem oh! Meu anjo, vem ouvir o cântico,  
Que suspiroso o sabiá desprende.  
Vem dar alento à minha fronte pálida...  
Que na longa insônia desfalece, pende!

---

Em vão chamei por ela... A tarde langue  
Expirando levou além meu canto!  
Oh! Volta, anjo ideal, que me sorriste  
Sem ti a vida é triste e tardas tanto!

---

Talvez meu nome esqueceste,  
Distraída adormeceste  
Sob um docel de mais flores, –  
Mais flores? ... louca! Meus cantos  
Tinham perfumes mais santos,  
Eram poemas de amores!

Meu Deus! Enquanto lá sonhas,  
Minhas noites são tristonhas,  
Meus dias passam sem luz;  
Partiste, virgem, partiste,  
E mudo carrego triste  
Do sofrer a negra cruz!

## JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS

(1848-1892)

Nasceu em Porto Alegre a 20 de fevereiro de 1848 e faleceu em Caxias, quando em viagem, a 1º de junho de 1892. Poeta, romancista, dramaturgo, jornalista, crítico e orador. Usava o pseudônimo de “Daymã”. Integrou um dos batalhões de voluntários riograndenses na Guerra do Paraguai. Colaborou no “O Guahyba”, no “Álbum Semanal”, na “Atualidade”, no “Guarani”, no “Riograndense” de Eudoro Berlink, no periódico, “Murmúrios do Guahyba”, no “Estado do Sul” e na revista Riograndense de Letras, da cadeira n. 18, fundada por Benjamim Flores.

**Bibliografia:** “Y-Juca Pirama”, drama indianista, baseado no poemeto de Gonçalves Dias: “O anjo da fortaleza”, poema em 12 cantos; “Flores de maio”, versos; “Serões de um tropejo”, romance regional riograndense; “Tenente-General Victorio José Carneiro Monteiro, Barão de São Borja” bibliografia; “Cel. André Alves Leite de Oliveira Bello”, idem; “A doida”, novela gauchesca; “Frei Cristóvão de Mendonça”, drama histórico em 4 atos; “A bodega da Mafalda”, romance de costumes portoalegrenses, inédito, etc.

### MORRER

Morrer! Sentença horrenda e inevitável  
Que aterras c’o mistério impenetrável  
Ao fraco como ao forte

Fantasma que ameaça, anjo medonho,  
Ou voz, ou sopro, ou som, desmaio, ou sonho  
Todos temem-te, ó Morte!

Quando tu passas no teu potro escuro  
Solta a crina, mascando o freio duro,  
Como o gênio do mal,  
Galgando o espaço em busca do infinito  
Vejo o mundo a gemer mudo e contrito  
Beijando-te o punhal!

Então eu ergo um grito angustioso  
Que reboando em eco pavoroso  
Desfaz-se n'amplidão  
Suspende – brado ainda – ó potestade  
O véu do luto, c'o pranto d'orfandade  
Não ensopes o chão!

Deixa a virgem gozar as primaveras  
O mancebo correr após quimeras  
De glória alucinado!  
De um consórcio feliz não rompas laços  
Nem arranques à mãe dos ternos braços  
O filho idolatrado!!

Queres pasto, condor? Contorce o rumo  
Ei-lo aqui, cerra as asas, cai a prumo  
Que canso d'esperar-te!  
Não tardes, vem, eu quero arcar contigo  
Vencedor, estender-te a mão de amigo  
Vencido abençoar-te!

Oh! Porque deixas tu ao desgraçado  
Do infortúnio no poste duro, atado,  
Como um ente maldito  
Viver morrendo à dor lenta e atroz  
E ao feliz vais ferir, bárbaro algoz,  
C'o a sanha do precito?

Poupa-os ao golpe do punhal eterno  
Anjo celeste ou fúria má do inferno  
    Eu ousou te afrontar  
Vibra o gládio na frente que levanto  
Abate-a de uma vez – não deixa pranto  
    Na terra em que tombar!



### TUPÃ

Tupã já volte à terra a luz dos olhos...  
Cresce do bosque a sombra no ocidente...  
E o orvalho da manhã roreja os prados  
Onde serpeia a trepida corrente.

Selvagem trovador, saudando a aurora  
O bosque acorda ao som de seus cantares,  
E do universo o cântico de graças  
Entoa a brisa na lira dos palmares.

E eu acordo também, salto da rede  
Tendo o riso no lábio, e a esperança n'alma,  
E busco no clarão que dos céus marca  
Da liberdade a luz, conforto e calma.

Qual a flecha sutil traspassa o fruto,  
Eu, tão veloz, perpasso entre a ramagem  
Do trançado do sertão, galgo os outeiros,  
Cruzo a verde colina e a extensa voragem

Formo do adunco peito breve igara  
E rasgo a meio o límpido cristal  
Do caudaloso rio, e corro, e sempre,  
Quer piso flores, relva ou bravo urzal.

Embalde! ... O íris não é da liberdade

Esse brilhante prisma que seduz;  
É, sim, o lampejar de flama efêmera  
E não de redenção sagrada luz!

Nem é também da morte o gládio aceso  
Que na voz do trovão fulmina os bravos...  
E eu quisera os irmãos contar por crânios,  
Do que os ver gemendo – vis e escravos.

Quisera vê-los todos, como hei visto,  
Com honra, as gerações que já não são,  
Mas que livres caíram qual nasceram,  
Qual nasce e morre o cedro no sertão.

Mas fecha a noite... O céu se torna negro.  
Depois... Inflama-se o oriente à luz da aurora.  
– É um dia que nasce, e outro que morre.  
Ali – há riso, há festa... Aqui – se chora!

Nem o dia que passou, levou consigo  
Essa dor tão cruel que me pungia  
E nem esse que desponta, traz-me a esperança  
De ser mais do que ontem – melhor dia.

E qual folha a folha as árvores despem,  
No peito as ilusões que alimento,  
Uma por uma vão mirrando todas  
Ao soprar da descrença... ao desalento!

E assim passa outra vez a grande treva  
Sem vir o manitó falar-me ao sonho...  
Esse dia que ressurge é noite e treva  
– Índia o urutau se carpe em pio medonho.

Oh! Não despertes, guerreiro, antes da aurora,  
Em que deve o mago sol da liberdade  
Brilhar na vasta taba americana,  
Sem ver da escravidão a potestade!

## ACHYLLES PORTO ALEGRE

**(1848-1926)**

Nasceu na cidade de Rio Grande a 29 de março de 1848 e faleceu em Porto Alegre a 21 de março de 1926. Irmão de Appolinário e Apelles Porto Alegre. Cultivou, com êxito, a poesia, o conto, a história, a crônica, a biografia e a crítica literária. Foi, ainda, educador e jornalista. Foi um dos fundadores do “Parthenon”, em cuja revista inseriu inúmeras produções de sua lavra. Foi diretor do “Jornal do Comércio” e professor da Escola Normal. Pertenceu, ainda, à Academia Riograndense de Letras, onde fundou a cadeira n. 4, sob o patrocínio de Antunes Ferreira da Luz. Patrono, na atual Academia Sul-Riograndense de Letras, da cadeira n. 10, ocupada por Álvaro Porto Alegre, seu sobrinho.

**Bibliografia:** “Iluminuras”, versos (Porto Alegre, 1884); “Esculturas”, idem (Porto Alegre, 1889); “Flores de gelo”, idem; “Vultos e fatos do Rio Grande do Sul” (Porto Alegre, 1919); “Através do Passado” (Porto Alegre, 1920); “Flores entre ruínas” (Porto Alegre, 1920); “Paisagens mortas” (Porto Alegre, 1922); “Serões de inverno” (Porto Alegre, 1923); “Homens ilustres do Rio Grande do Sul”, “História Popular de Porto Alegre”, “Palavras ao vento”, “Contos e perfis”, etc.

NO DESERTO

O sol desponta em flocos de neblina

Como a cabeça de um sultão gigante  
Entre a larga rodilha do turbante  
De transparência lúcida, opalina.

Há no deserto o encanto que fascina  
Anima a natureza a cada instante  
O traço luminoso e faiscante  
D'uma cintilação de luz divina.

Sai do colmo de mísera choupana  
O fumo em negra ondulação que empana  
O doce e claro azul do firmamento.

Ditosos os que vivem no deserto!  
O coração conservam sempre aberto  
Às puras vibrações do sentimento...



## ESTÁTUA

Era um tipo ideal de formosura  
Desde o pezinho à trança dos cabelos.  
Tinha os traços corretos dos modelos  
Dos modelos antigos da escultura.

Que prazer contemplar sua figura,  
O rosto peregrino! Que desvelos  
Deus não teve rasgando os seios belos,  
Os seios de uma lúcida brancura?

Tinha a raça elegante da nobreza  
O senhorial andar de uma princesa  
A pisar um tapete aveludado.

E no entretanto nunca amou na vida  
Nunca afagou uma ilusão querida:  
– Era apenas um corpo cinzelado!

## AMÁLIA FIGUEIRÔA

(1848-1878)

Nasceu em Porto Alegre a 31 de agosto de 1848 e faleceu na mesma cidade a 24 de setembro de 1878. Residiu algum tempo no Rio de Janeiro, onde publicou diversas poesias em jornais e revistas, especialmente no semanário “A Luz”. Colaborou no “Jornal do Comércio” de Porto Alegre, no periódico “Progresso Literário” de Pelotas e no “Almanaque das Senhoras” de Lisboa, onde deixou numerosas composições em oitava rima. Falava e escrevia corretamente o idioma de Racine, tendo traduzido várias páginas de autores franceses.

**Bibliografia:** “Crepúsculos”, versos, com prefácio de Appollinário Porto Alegre (Porto Alegre, 1873).

### DESESPERANÇA

Quando o sol vai descambando  
– Doirando os vales e o mar,  
Quando o orvalho vai tombando  
Sobre as folhas a vibrar  
Quando vai já se apagando  
A paisagem do lugar  
Eu pergunto suspirando:  
“Pois sou eu só a chorar?”

Quanto o canto do campeiro



Vai dizendo sempre-amor!  
Quando o altivo pinheiro  
Da tempestade ao fragor  
Se debruça no ribeiro  
Qual a tenra débil flor  
Eu pergunto ao mundo inteiro:  
“Pois só eu vivo de cor?”

Quando a estrela vespertina  
Vai brilhar no céu de anil  
E após a peregrina  
Morrem as outras, à mil,  
Quando a flor da tangerina  
Desabrocha no alcantil  
Pergunto à luz matutina:  
“Morreu meu sonho infantil?”

Quando no verde coqueiro  
O pirilampo brilhou  
E nos fogos do tropeiro  
O riso franco ecoou  
Quando a flor do pecegueiro  
Ao vento sul desfolhou  
Eu perguntei ao pampeiro:  
“A minha luz se apagou?”

Foi então que amargo pranto  
Desligou no rosto meu  
E velou-me como um manto  
O olhar fito no céu!  
E depois em doce canto  
Que a desgraça entristeceu  
Ouvi, tranzida de espanto:  
“Tua esperança morreu!”

★

## REALIDADE

Não me venha falar nesses sonhos  
Que a procela ao passar derribou...  
Os ciprestes nas sombras se alteiam!  
O simum a miragem levou!  
A desdita enublou-me a existência  
Que o destino maldito selou!

Tanto hino e meu peito soluça!  
Tanta flor e minha alma morreu!  
Tanta luz e a esperança fagueira  
Para sempre esta angústia varreu!  
Ai! Não lembres os lírios de outrora  
Que coroam os anjos no céu!

É já tarde! Só brotam saudades  
Nas cavernas do meu coração...  
As auroras de luz são fanadas!  
Só me alveja a marmórea prisão...  
Como o goivo tombado nas campas,  
Lá também se debruça a ilusão!

Não! Não podem teus loucos delírios  
Reerguer-me da frente este véu!  
Pra sempre mirrou-se a esperança  
Às lufadas do tredo escarcéu!  
Não! Não venhas na voz fermentida  
Recordar-me o passado... morreu!

A desdita enublou-me a existência  
Que o maldito destino selou...  
Os ciprestes nas sombras se alteiam...  
A miragem do céu se apagou!  
Não me venhas falar desses sonhos  
Que a procela ao passar derribou!

## AURÉLIO VERÍSSIMO DE BITTENCOURT

(1849-1919)

Nasceu em Jaguarão a 1 de outubro de 1849 e faleceu em Porto Alegre a 23 de agosto de 1919. Terminados os estudos primários, dedicou-se, na cidade natal, à arte tipográfica. Transferindo-se para Porto Alegre em 1864, começou a trabalhar, como caixista, no “Mercantil”, já de propriedade então dos irmãos Feliz e Francisco Xavier da Cunha, que descobriram, logo, no jovem operário gráfico uma formosa inteligência. Do “Mercantil”, que redigiu durante alguns anos, passou para o “Jornal do Comércio”, na dupla qualidade de revisor e noticiarista. Em 1874, tornou-se co-proprietário do último. Colaborou, ainda, na “A Reforma”, no “Álbum do Domingo”, no “O Trovão”, no “Álbum Semanal”, na “Areádia”, no “Progresso”, que fundou em 1881 e na revista da “Sociedade Parthenon Literário”, de que foi um dos fundadores. Foi chefe da secretaria do governo riograndense durante cerca de 30 anos.

**Bibliografia:** “Um casamento por amor”, romance; “Resumo histórico sobre a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre”; “José Martins de Lima”, biografia; “Discurso de 8 de setembro de 1867, a favor da abolição”; “A instrução obrigatória”, preleção (1874), etc.

### A IMPRENSA E A MÚSICA

Das fimbrias do oriente, em gazas evolvida,  
Um dia alecantou-se a Deusa alabastrina! ...  
Na frente lhe esplendia – aurora diamantina –  
A luz que o mundo alaga – o sol da Nova Vida!

Imóvel... da amplidão no éter soerguida  
Ela fita o Universo! ... A plaga bizantina...  
Dos romanos o mundo... A terra colombina...  
Desdobravam-se a seus pés, na sempiterna lida!

Em nítida vinheta, em tipos luminosos,  
O esforço, o gênio, a arte e os fastos gloriosos  
Num livro imprime a Deusa – ela que tudo sabe!

Mas de repente para... e, trêmula, escutando  
Uma harmonia vaga, uns sons que vêm chegando,  
Cerra o livro... No livro, a Música não cabe!

## APELLES PORTO ALEGRE

(1850-1917)

Nasceu na cidade de Rio Grande a 24 de outubro de 1850 e faleceu em Porto Alegre a 06 de julho de 1917. Irmão de Appolinário e de Achylles Porto Alegre. Usava o pseudônimo de “Tancredo”. Dedicou-se ao magistério e ao jornalismo. Foi redator da “A Reforma” de Porto Alegre, onde fundou em 1880, “A Imprensa”, primeiro diário republicano que circulou no Rio Grande do Sul. Pertenceu destacadamente ao “Parthenon”, em cuja revista deixou farta produção literária em prosa e verso. Criou, na Academia Riograndense de Letras a cadeira n. 1, escolhendo para seu patrono Affonso Marques.

**Bibliografia:** “O centenário de Camões” (Porto Alegre, 1880); “Discurso nos funerais do Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba”; “Silveira Martins”; “Georgina”, romance; “O ensino livre”, preleção, etc.

POEMA

(1976)

Quando teu lábio trêmulo, convulso,  
Murmura frases de um sentido vago  
E minh’alma, cansada borboleta,  
Busca-te o seio, à mingua de um afago,

Sinto então pela mente incendiada,  
Um turbilhão de lúcidas quimeras,  
E no grato rever das fantasias,  
Vejo-te – ó luz das minhas primaveras!

Depois, nas dobras de um luar mais brando,  
Se escuto ao longe as lânguidas volatas...  
– Suspiros de um Romeu que desfalece,  
Na guitarra febril das serenatas,

Vejo-te ainda – ó filha das insônias,  
Nos lábios soletrando uma harmonia...  
– O canto das Ofélias vaporosas  
Que me deslumbra a doida fantasia.

.....

E tu, branca falena dos afetos,  
Porque dos lábios teus já não desatas  
A balada febril das noites brandas,  
O amoroso cantar das *Traviatas*?

## JOÃO DAMASCENO VIEIRA

(1850-1910)

Nasceu em Porto Alegre a 6 de maio de 1850 e faleceu na Bahia a 6 de março de 1910. Colaborou na revista do “Parthenon”, de que foi figura primacial, no “Álbum do Domingo”, na revista “Murmúrios do Guahyba”, na “Arcádia”, no “O Mosquito”, no “Progresso Literário” de Pelotas, no “Jornal do Comércio”, na revista da “Sociedade Ensaios Literários” e no “Lusitano” de Rio Grande. Usava frequentemente o pseudônimo de “Luciano de Aguiar”. Patrono de cadeira n. 17 na Academia Riograndense de Letras.

**Bibliografia:** “Ensaios tímidos”, versos (Porto Alegre, 1873); “Auroras do Sul”, idem; “Musa Moderna”, idem (Porto Alegre, 1885); “Escrínios”, idem (Porto Alegre, 1892); “Poemetos e quadros”, idem (Porto Alegre, 1895); “Epínio ao General Osório”, idem; “À Castro Alves”, idem; “Noites de verão”, contos; “A crítica na literatura”, ensaio; “Os gaúchos”, comédia; “Arnaldo”, drama; “A voz de Tiradentes”, cena dramática; “Através do Rio da Prata”, impressões e notas de viagem; “Anália”, drama; “Memórias históricas brasileiras”; “Esboço literário”, ensaios críticos, etc.

### PAIXÃO IDEAL

Qu'importa que o dever, que o preconceito  
Zeloso me proíba de adorar-te?  
Qu'importa que se eleve em toda parte

Barreira a que não posso estar sujeito?

Não devo os meus extremos consagrar-te,  
Eu! Que a toda beleza rendo preito?  
E que a teus pés, com íntimo respeito,  
Presto culto à virtude, à glória, à arte?

És minha! – exclama o grande estatuário,  
Buonarrotti, o sublime visionário,  
Febricitante e triste como um monge.

E Vitória Colonna, bela e grave,  
Qual uma aparição branca e suave  
Circundada de luz, passava ao longe...

#### A LENDA DO JUDEU ERRANTE

Prostrado pela cruz de peso extraordinário,  
O justo percorria a rua da Amargura,  
Sentindo, longe ainda, o cimo do Calvário  
– O desejado termo à trágica tortura.

Parou junto ao portal de ríspido operário  
E quis sentar-se aí a arfante criatura;  
Mas Ashavero, a rir do mártir missionário,  
Não teve compaixão daquela desventura.

Impele-o brutalmente e brada-lhe: “Caminha!  
Caminha!”. Cristo ouvindo a rude voz mesquinha,  
Voltou sereno o rosto e disse esta verdade:

“Caminharás também, sem pátria, sem abrigo,  
Sem ter em toda a terra uma afeição de amigo!  
Caminharás, judeu, por toda a eternidade.”.





## A VELHA IDEIA

Eu ia caminhando a passos lentos  
Sobre a arenosa costa do oceano,  
Ouvindo o murmurar profundo, insano  
Das ondas em frenéticos lamentos.

E vi, na brava luta dos elementos,  
As brancas flores do agitado arcano  
– as espumas – com gesto soberano  
Querer vencer da vaga os movimentos.

Mas, belas como a luz, as orgulhosas  
Morriam sobre a praia... Ó velha ideia,  
Debalde impões-te às massas vigorosas!

És como espuma inútil que se alteia  
Sobre o dorso das vagas revoltosas:  
– não deixas traço na deserta areia!

## GABRIEL PEREIRA

(1851-?)

Nasceu em São Gabriel a 6 de julho de 1851. Distinguindo-se desde logo, como poeta de feição regionalista, colaborou em diversos órgãos da imprensa de poemas sobre temas locais, entre os quais a “Canção do gaúcho” datada de 1883 e que alcançou na época grande voga.

**Bibliografia:** “Sertanejas”, versos (Curitiba, 1881).

### CANÇÃO DO GAÚCHO

(*Excerto*)

Sou monarca nestas plagas.  
E livre como o pampeiro.  
A campanha é meu palácio.  
O valor meu escudeiro!

Não me seduzem os tronos,  
Nem das grandezas o brilho.  
Eu tenho também um trono  
De baixo do meu lombilho!

Pernoito pelas coxilhas,  
Sozinho, mas sem receios.  
Meu cobertor é meu poncho,  
Minha cama os meus arreios!

De laço e bolas nos tentos,  
No lombo do meu ginete,  
Não há quem não me respeite  
Nesses campos de Alegrete!

Conheço estes pagos todos,  
Como a estância onde nasci,  
Do Uruguai ao Atlântico,  
Do Paraná ao Chui!

## RAMIRO BARCELOS

(1851-1916)

Nasceu em cachoeira a 23 de outubro de 1851 e faleceu em Porto Alegre a 20 de janeiro de 1916. Colaborou na “Gazeta de Porto Alegre”, na “A Federação”, de que foi redator-chefe e no “Anuário do Rio Grande do Sul”. Foi médico notável, político de destaque e publicista de projeção.

**Bibliografia:** “A revolução de 1835 no Rio Grande do Sul”, trabalho histórico, incompleto; “A Bacia carbonífera do Rio Grande do Sul e os meios de aproveitá-la”; “A Bandeira de 35”, poemeto”; “Os caracteres do litoral rio-grandense”; “A costa do Rio Grande – uma nova teoria”; “Antônio Chimango”, poema gauchesco, com pseudônimo de “Amaro Juvenal”, etc.

### PRIMEIRA RONDA

*(Excerto do poemeto “Antonio Chimango”)*

I  
Antes da entrada do sol  
Estava a tropa encerrada,  
A porteira bem atada  
Com cuidado e segurança;  
Não vinha lá muito mansa  
E era recém-apartada.

II

A cavalhada em reponte  
Na costa de um alambrado,  
Deixou-se apenas pegado,  
Pr'a não se ficar de a pé  
Um redomão pangaré  
Que vinha um tanto aplastado.

III

Antes que ficasse escuro  
As camas foi-se arranjado  
C'os arreios e tratando  
De ver lenha pr'a o fogão,  
Que um bom fogo é o galardão  
De um pobre que anda tropeando

IV

Carneou-se ali o município  
Era um tourito brasino  
Gordacho e de pelo fino,  
Que repontava o matambre;  
Fez-se um bandão de fiambre,  
Ninguém foi nisso mofino.

V

Comeu-se carne à la farta,  
Depois veio o chimarrão  
Correndo de mão em mão;  
Té que a água se acabasse  
E a tropa se acomodasse  
Se foi fazendo serão

VI

Um piá já bem taludo,  
No ponto de assentar praça

Disse assim, meio por graça  
“Isto é ronda relambóia,  
Quem quer contar uma história,  
Quem quer contar um história  
Por um trago de cachaça?”.

VII

Pois vá passando a botija  
Pr'a que se lhe sinta o cheiro;  
Ainda está muito terneiro  
Pr'a bater aspa com outro;  
No meio de tanto potro  
Há de encontrar um parceiro.

VIII

E puxando o barbicacho,  
Pondo o chapéu para a nuca,  
Como quem sente a mutuca,  
Levantou-se o tio Lautério,  
Mulato velho mui sério,  
Cria de dona Maruca.

IX

Foi logo direito aos troços,  
Trouxe de lá o instormento,  
Ficou pensando um momento,  
E, se aprumando direito,  
O Lautério abriu o peito  
E assim cantou ao relento:

X

Para les contar a vida  
Saco da mala o bandonio,  
A vida de um tal Antônio  
Chimango - por sobrenome,

Magro como lobishome,  
Mesquinho como o demônio

XI

Nos cerros de Caçapava  
Foi que viu a Luz do dia,  
A hora d" Ave Maria,  
De um tarde meio suja;  
Logo cantou a coruja  
Em honra a quem nascia.

XII

Veio ao mundo tão flaquito,  
Tão esmirrado e choquinho  
Que, ao finado seu padrinho  
Disse espantada a comadre:  
"Vigem do Céu, Santo Padre"  
Isto é gente ou passarinho!"

## JOÃO DA CUNHA LOBO BARRETO JUNIOR

(1853-1876)

Filho de João da Cunha Lobo Barreto, também poeta, jornalista e intelectual de renome. Usava o pseudônimo de “Candido Silvio”. Nasceu em Porto Alegre em 1853 e faleceu na mesma cidade a 1 de dezembro de 1876. Colaborou ativamente nas revistas do “Parthenon” e da “Sociedade Ensaios Literários”, entidades a que emprestou o brilho da sua cultivada e formosa inteligência.

**Bibliografia:** “Estrelas e Diamantes”, drama; “O Sr. Queiroz”, comédia; “efeitos da aguardente”, ato cômico; “Uma página da vida de dois estudantes”, romance, de colaboração com João Damasceno Vieira, “Páginas sombrias”, propaganda republicana, etc.

### O MENESTREL

O menestrel era cego  
Das trevas nunca saiu  
Uma vez a luz do dia  
Nem ao menos lhe surgiu.  
Mas dentro d’aquele abismo  
nas sombras d cataclismo  
tateava a destra mão  
e aos sons que d’harpa vibrava  
ora sorria ou chorava  
aos mandos da multidão!

Os passantes se agrupavam em torno do menestrel.  
A frente sempre sombria



Sempre roto o seu burel!  
Mas o braço delirante tangia febricitante  
Tremia de inspiração  
era divina harmonia  
ora chorava ou sorria  
ao mando da multidão!

É na rua o seu proscênio  
na calçada está de pé,  
quem passa por junto à turba  
pergunta o ator quem é.  
E cresce e cresce de lento  
aquele mar turbulento  
ao sopro da comoção.  
Um crânio ali s'incendeia  
mas s'inflama e mais se ateia  
Aos brados da multidão”

Música vária, divina,  
é melodia do céu.  
Não vê o mundo quem toca  
Ante si tem sempre um véu.  
- É água de Deus alada  
Pelas alturas pairada  
Na terra não pousou, não.  
Canta – e na voz tem um hino  
Chora – e seu pranto é divino  
É o eco da multidão!

Dai-lhe a esmola azinhavrada  
Ricos e pobres também!  
Quem não compra sons divinos  
Pelo preço de um vintém!  
Ali traz ele a sacola  
Ricos e pobres – a esmola  
Tende ao menos – compaixão.  
Eis um gênio na desgraça  
O menestrel que ora passa  
No meio da multidão.

## FRANCISCO ANTUNES FERRAIRA DA LUZ

(1853 – 1896)

Nasceu em Porto Alegre a 9 de setembro de 1853 e faleceu no Rio de Janeiro em 1896. Poeta, jornalista, médico provento, prosador. Foi ativo colaborador da “atualidade” de Porto Alegre e da revista da “Sociedade Parthenon Literário”. Na capital do país colaborou, ainda, em vários jornais e periódicos literários. Patrono, na Academia Riograndense de Letras, da cadeira nº 4, fundada por Achyles Porto Alegre.

**Bibliografia:** “Harmonias efêmeras, versos (Rio, 1876); Ecos de Rig-Veda”, inéditos, etc.

### FLOR OCULTA

*(Fragmento)*

Tal vive na redoma a linda rosa  
Redoma cristalina  
que fez do jardineiro a mão cuidosa.

Em vão a loura abelha peregrina  
Descobre claro asilo  
Em que ela esconde a fronte purpurina.

Em vão tateia o vidro e tenta abrí-lo,  
Em vão já se desvela

Por beijar-lhe o nítido pistilo.

- Assim tu vives, flor, tu flor tão bela!  
Ocultas a vida tua,  
Não vês quem diz-te amor, quem por ti vela!

Em vão, Deusa, meu ser vaga e flutua  
Em roda do teu templo,  
À luz do sol meridiano, à luz da lua.

Em vão te busco tanto e te contemplo,  
Tu és a linda rosa,  
Eu sou daquela abelha o vivo exemplo!

## LOBO DA COSTA (Francisco)

(1853-1888)

Nasceu em Pelotas a 12 de julho de 1853 e faleceu na mesma cidade a 17 de julho de 1888. Poeta romântico por excelência, boêmio inveterado, consumiu a existência em deambulações e orgias. Colaborou na revista do “Parthenon”, na “Gazeta Pedritense” de Dom Pedrito, na “Trinuna Popular” de Jaguarão, no “O Tempo” e no “O Bisturi” de Rio Grande, do “O Mosquito” de Porto Alegre, no “O Cabrion” e no “Progresso Literário” de Pelotas, onde também fundou os periódicos “O Trovador” e “A Lanterna”. Patrono na Academia Riograndense de Letras da cadeira n. 29, instituída por Zeferino Brasil. Patrono, também, na Academia Sul-Riograndense de Letras, da cadeira n. 12.

**Bibliografia:** “Lucubrações”, versos; “Rosas pálidas”, idem; “Mariposas”, idem; “Auras do Sul”, idem; “Flores do campo”, idem; “Espinhos d’Alma”, romace; “O filho das ondas”; “O maçom e o jesuíta”, idem; “Assunção ou a morte do tirano Lopez em Aquidaban”, drama histórico; “O Brasil e Portugal”, cena dramática, etc.

### VISÃO

Lá, nas plagas do Sul, onde dormente  
O sol rasga a esmeralda das campinas,  
E se afogam do mar entre as cortinas  
As nevoas do poente...

Lá, perdurada em rede de cambraia,  
Dormita à sombra dos ipês fronduosos,  
A virgem camponesa, que desmaia  
Em sonhos amorosos!

O céu é todo azul! E as nuvens passam,  
Doidas filhas do hálito dos pampas,  
E vão, como fantasmas que se abraçam  
Rezar por sobre as campas.

E quando a casuarina que estremece  
Canta ao ouvido da bela um sonho vário  
A trança desenrola e então parece  
As dobras de um sudário.

A cismadora forma o olhar e... anseia!  
Crava-o no firmamento e um beijo insano  
Pula na boca rubra, qual na areia  
A espuma do oceano...

Na palidez da face corre infinda  
Uma lágrima fria que resvala.  
É que ela sonha no passado ainda,  
E sonha, mas não fala!

Aves dos bosques, desatai o canto!  
Luar do meu amor – doce atrativo –  
De minha noiva, vai, enxuga o pranto  
E diz-lhe que ainda vivo...



#### A ÚLTIMA CONFISSÃO DE EUGENIA CÂMARA

O padre era um tipo venerando  
Mais pálido que o mármore de Carrara

Ela a seus pés – de uma beleza rara –  
Tinha os olhos no chão, o seio arfando.

Deserto estava o templo, porém quando  
A voz do sacerdote se escutara  
Abriu-se a porta de secreta ara  
E um arcanjo de luz passou chorando.

– Crê em Deus, minha filha? – Eu o idolatro.  
– De que se acusa? Que pecado há feito?  
– Meu padre, perdoai-me, tenho quatro!

– Credo em cruz! Brada o velho, a mão no peito  
– Amo a glória, o prazer, amo o teatro  
E Castro Alves morreu por meu respeito!

## AUGUSTO TOTTA

Poeta, jornalista, professor, cronista e orador. Foi diretor da Escola Noturna Provincial e membro destacado do “Parthenon”, em cuja revista divulgou um grande número de trabalhos em prosa e verso. Foi, ainda, assíduo colaborador do “Álbum do Domingo” e da revista da “Sociedade Ensaios Literários”. Salientou-se, ao seu tempo, como uma das principais figuras da maçonaria no Rio Grande do Sul, tendo sido venerável, por muitos anos, da “Loja Luz e Progresso”.

**Bibliografia:** “O Pampeiro”, poemeto regional; “Geografia postal da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul” (Porto Alegre, 1881); “À atriz Emilia Adelaide”, folheto; “Publicações postais” (Pelotas, 1889), etc.

### A ATRIZ EMILIA ADELAIDE

*(Excerto)*

Que cousa haverá mais bela  
Do que ver um'alma nobre  
Embora seja a de pobre  
Expandir-se em oblação?  
Quando a move o doce impulso  
Que não seja fingimento  
Mas sincero sentimento  
Que se chama gratidão?

E quando um povo se ergue

Contente, batendo palmas  
A quem infiltra nas almas  
Segredos que vêm dos céus:  
Eu fico preso à alegria,  
Vendo tamanha nobreza  
Do mérito a realeza  
Predestinada por Deus!

Eu vejo de gala o palco,  
Todo juncado de flores!  
Numa aureola d'espendores  
Vós, senhora a destacar  
E também a mocidade  
Em oblação fervorosa  
Entusiasta, ruidosa,  
O vosso gênio sagrar!

★

À MINHA TERRA

(1873)

Ei-la, sultana altiva dominando  
As raias cá do sul  
Só tem por leito o esmeraldino campo  
Por teto o céu azul!

Os feitos da minha terra  
Na história já são bem grandes  
O vento que aqui campeia  
Vem da altura dos Andes!

Da laranjeira nos campos  
Solta o coleiro e trinado  
Em doces carnes arrula  
A juriti no cercado.



Na hora das ardentias  
Deitado na verde alfombra  
Do auricomando umbuzeiro  
Dorme o gaúcho na sombra!

Ei-la, sultana altiva dominando  
    As raias cá do sul!  
Só tem por leito o esmeraldino campo  
    Por teto o céu azul!

## ERNESTO SILVA

(1855-1909)

Nasceu na povoação de Belém Novo a 16 de janeiro de 1855 e faleceu em São Leopoldo a 12 de janeiro de 1909. Fundou , em Porto Alegre os periódicos literários “O Colibri”, “O Telefone” e “O Atleta”. Fez parte do “Parthenon”, em cuja revista colaborou assiduamente. Em São Leopoldo, fundou e dirigiu a revista “Lilia”. Usava, com frequência, o pseudônimo de “Nestor”. Instituiu a Academia Riograndense de Letras a cadeira n. 20, sob o patrocínio de Leopoldo Chaves.

**Bibliografia:** “Lampejos efêmeros”, versos (Porto Alegre, 1886); “O Padrasto”, drama; “Gênio do mal”, idem; “Amor e Política”, idem; “Primos e primas”, comédia, de parceria com João Moreira da Silva.

### ESCUA

Escuta, Eulina, vem cismar comigo  
A tarde é linda nos vergeis do sul.  
Não vês? ... suspira o gaturamo alegre  
No prado brinca a borboleta azul.

Escuta, Eulina, vem cismar comigo  
Reclina a fronte no meu peito... assim...  
Ali – floresce o jasmineiro, a rosa,  
Aqui – dormita o meu amor sem fim.

Escuta, Eulina, vem cismar comigo

Lá surge a lua com gentil palor.  
Beijando as nuvens no cendal de prata  
Cintila a estrela com sorrir de amor.

Escuta, Eulina, vem cismar comigo  
A vaga ondula nos parcéis do mar  
A brisa corre na solidão do bosque  
Levando as folhas no veloz passar.

Escuta, Eulina, vem cismar comigo  
Minh'alma chora a tua ausência aqui;  
Ai! Não demores que esta vida é breve  
E a minha espra'ança se resume em ti!

Escuta, Eulina, vem cismar comigo,  
Desponta a aurora no infinito azul  
A minha sombra te beijando o rosto  
Corramos juntos os vergeis do sul!



## DELÍRIO

Esperar, quando o peito em louco anseio,  
Geme triste e suspira o coração! ...  
Esperar, como eu posso neste enleio,  
Que me perde na minha solidão?

Eu oh! Vivo, mulher, por teu afago,  
Só desejo no mundo o teu sorrir.  
Não m'importa o encanto doce e mago  
Que desperta a lembrança do porvir.

Se pugente soluço em meu retiro  
Alta noite, sozinho, a meditar...  
Tem amargo cruel o meu suspiro  
Sinto n'alma a tristeza s'espalhar!

Quando sonho, não temo a desventura,  
Ledo engano sufoca o padecer,  
Mas desperto-me foge essa ventura  
Mais cruento se torna o meu sofrer!

Si amo a vida, não sei, o meu tormento  
Simboliza o mais puro e santo amor...  
Tenha embora cruel padecimento  
Não maldigo da vida o negro horror!

.....

Perdoai, Senhor Deus, o meu delírio,  
Tenho crença e também devo esperar  
Dissipai de minh'alma esse martírio,  
A ventura eu anelo aqui gozar.

## CARLOS ALBERTO MILLER

(1855-1924)

Nasceu na cidade de Rio Grande a 12 de dezembro de 1855 e faleceu a 7 de maio de 1924. Foi professor público e administrador da Mesa de Rendas de Rio Grande. Colaborou assiduamente no “Jornal do Comércio” e na “Revista dos Estudantes de Engenharia” de Porto Alegre, no “Riograndense”, de Rio Grande, fundado em 1900 e no “Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul”. Patrono, na Academia Sul-Riograndense de Letras, da cadeira n. 13, criada por seu filho Alcides Miller.

**Bibliografia:** “Casuarinas”, versos (1880); “Sonetos e legendas”, livro inédito; “Tiradentes perante a História”, estudo; “Poesia Popular”, trabalho póstumo, com introdução e notas de Walter Spalding, etc.

### A NOITE

Saudoso e lento o sol tomba no espaço,  
Lento e saudoso o astro-rei declina,  
Como um sultão que desce o trono a passo,  
E a passo do harém cerra a cortina.

E a terra envolta no sedoso traço  
Da luz da lua pálida, divina,  
Recebe agora o amoroso abraço,  
Qual a sultana que ao sultidão se inclina.

E a noite surge no cair das sombras,  
Umedecendo as túmidas alfombras,  
Os verdes ramos, as virentes flores...

E a noite desde em harmonia vaga,  
Que é luz, que é sombra e é treva quando apaga  
Da nossa vida as incruentas dores



### CRUEL SAUDADE

Em velho tronco abandonado um dia,  
Cresceu formosa e rubra parasita!  
Eis que passa um viandante e, calmo, fita  
No aparente contraste – uma harmonia.

Seguindo sempre o seu olhar volvia,  
Revedo a estranha cena e, então, medita:  
Nem só da seiva vive a parasita,  
Mas do orvalho da noite úmida e fria!

Assim também meu coração maguado,  
Cria e sustenta em seu jardim nevado  
A flor singela e pulcra da amizade.

E a alma invade-me em tristeza vaga,  
Sentindo nesta dor que o peito alaga  
O gosto amargo de cruel saudade.

## TALLONI JUNIOR (João)

(1856-1880)

Nasceu em Porto Alegre a 11 de setembro de 1856 e faleceu em Lisboa no ano de 1880. Usava o pseudônimo de “Ab-del-kader”. Pertenceu destacadamente ao “Parhenon”, tendo sido assíduo colaborador do “O Fígaro”, periódico ilustrado de Porto Alegre, fundado em 1878.

### DESAFÔGO

O mundo que pressente o rir sarcástico  
Que brinca nos meus lábios sem cessar  
Não sabe quão intensa, forte, lúgubre,  
É a dor que meu peito faz arfar!

E julga que eu não sei o que são lágrimas  
Pois rio-me de todos, te de mim!  
Com o rir zombador de Mefistófeles  
Em frente do mais casto serafim!

Contudo, por as minhas faces pálidas  
Rola o pranto causado pela dor  
Quando estou encerrado no tugúrio  
Tendo por confidente o Criador.

Então, cai-me do rosto a espessa máscara  
Que me fava aparências de feliz.

– aquele que julgavam ser um cético  
Acurva ante o Senhor sua cerviz.

Pedindo ao Homem Deus, mártir do Golgota,  
Que foi pelos judeus pregado à Cruz  
Lhe dissipe dos olhos o crepúsculo  
Mandando inspiração, calor e luz...

.....

Odeio-vos de morte, vis hipócritas,  
Que vos rojais de face pelo chão.  
Fingis acreditar em Deus Altíssimo  
Mas tendes Satanás no coração!



## FONTOURA XAVIER (Antônio)

(1856-1922)

Nasceu em Porto Alegre a 7 de junho de 1856 e faleceu em Lisboa, como embaixador do Brasil a 1 de abril de 1922. Frequentou a antiga Escola Central do Rio e a Faculdade de Direito de São Paulo, sem concluir, entretanto, os respectivos estudos. Dedicando-se ao jornalismo, na capital do país, escreveu assiduamente nas colunas do “Repórter”, da “Gazeta de Notícias”, do “Bezouro” e da “Revista Ilustrada”. Com Arthur Azevedo e Anibal Falcão, fundou, em 1881, a “Gazetinha”. Em 1885 abraçou a carreira consular, passando, mais tarde, para o serviço diplomático. Foi assíduo colaborador, juntamente com Valentim Magalhães, da famosa revista “A Semana”, do Rio. Patrono, na Academia Riograndense de Letras, da cadeira n. 22. Na Academia Sul-Riograndense de Letras patrocina a cadeira n. 14, criada por Othelo Rosa.

**Bibliografia:** “O Régio Saltimbanco”, poema realista em alexandrinos, com uma carta-prefácio de Lopes Trovão (Rio, 1877); “Opalas”, coletânea de poemas de aspecto poliforme, prefaciada por Aníbal Falcão (Rio, 1884); “A águia americana”; “Cartas a Baby Mee”; “As cataratas de Niagara”; “A Vênus de Washington”; “O spleen de Baudelaire”; “El-Dorado de Poe”, etc.

## ESTUDO ANATÔMICO

Entrei no anfiteatro da ciência,  
Conduzido por mera fantasia,  
E aprouve-me estudar anatomia,  
Por dar um novo pasto à inteligência.

Discorria com toda a sapiência,  
Um lente, numa mesa em que jazia  
Um imóvel matéria muda e fria  
A que outrora animava humana essência.

Fora uma meretriz. Seu rosto belo,  
Pude, tímido, olhá-lo com respeito  
Por entre negras ondas de cabelo.

A um aceno do lente, contrafeito,  
Rasguei-a com a ponta do escalpelo  
E não vi coração dentro do peito!



## A GRANDE VIAGEM

Ei-nos em alto mar, a todo o pano!  
Mas onde vamos nós e quem nos leva?  
Que escuridão é esta desta treva  
Que turva as ondas deste negro oceano?

E mais e mais aumenta-se a jornada!  
E diante de nós, nem uma vela;  
E por cima de nós, nem uma estrela  
Nos alumia o Maelstron do nada!

E todos perguntamos: – donde viemos?  
Os corações mergulham como sondas,  
A marinhagem fita o céu e treme!

E vamos, vamos! Nada mais sabemos;  
Senão só o que nos guia, nestas ondas,  
A morte – o capitão que vai ao leme!

## CARLOS BANDEIRA RENAULT

(1856-?)

Nasceu em 1856 na cidade de Bagé e faleceu em Pelotas, onde foi co-proprietário do “O Radical”. Colaborou assiduamente na “A Ventarola” de Pelotas, no “O Corymbo”, de Rio Grande e no “Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul”. Classificou-se em primeiro lugar num certame poético promovido no Rio de Janeiro, sagrando-o vencedor os votos entusiásticos de Machado de Assis, Valentim Magalhães e Affonso Celso Junior. Alguns dos seus melhores sonetos e poemas acham-se na coletânea “Charitas”, organizada por Francisco de Paula Pires, em benefício de Lobo da Costa (Pelotas, 1887).

### MÁGUAS

Ei-la! Fanou-se com o lírio inulto,  
Seguiu da crença alcatifada esteira...  
Da virgem meiga, divinal, fagueira.  
O corpo airoso jaz aqui sepulto!

Veio da morte o pavoroso insulto  
Roubar-lhe a vida na gentil carreira.  
Levou o lírio do regato à beira,  
Fez uma santa num altar oculto.

Hoje que resta de seu corpo lindo?

Daquele harpejo sonoro, infindo,  
Que deu seu lábio se evolava imenso?

– A vã saudade que minh'alma sente,  
Quando das campas vem passando rente,  
E quando nela maguado penso...



## VENTURAS

Nas horas silentes  
Da noite já alta,  
Minh'alma se exalta  
Com sonhos trementes.

Que rimas fulgentes.  
A vida me salta;  
Um canto não falta  
Nem liras dolentes.

Quem dera esta vida  
Num sonho formoso  
Constante passar.

Que dita querida,  
Que esplêndido gozo:  
– Viver e sonhar!

## ARTHUR CANDAL

(1857-1924)

Nasceu em Porto Alegre a 30 de outubro de 1857 e faleceu na mesma cidade a 21 de outubro de 1924. Professor, poeta, jornalista, prosador sóbrio e elegante. Dirigiu, durante 17 anos, a Escola Mauá de Porto Alegre, onde também lecionou no Colégio Riograndense de Appelles Porto Alegre, no Ginásio São Pedro e no Seminário Episcopal. Gramático de reconhecida competência, inseriu na “Gazeta do Comércio” longa série de artigos sobre a partícula “se”. Colaborou, ainda, na “Atualidade”, de que foi também secretário, na “A República”, ao lado de Álvaro Batista, no “Álbum do Domingo”, no “O Riograndense”, na “Aurora Literária”; na revista da “Sociedade Ensaios Literários” e na revista da “Sociedade Pathenon Literário”, entidades de que fez parte, destacadamente. Pertenceu, outrossim, ao Ginásio Brasileiro e ao 2º Instituto Histórico e Geográfico do Estado, fundado em 1921.”

**Bibliografia:** “Origens da língua portuguesa” (Porto Alegre, 1893); “Traduções de Goethe”; “Musa ligeira”, versos inéditos, etc.

## TUAS FACES

(1877)

Frescas rosas, essas faces  
Têm da aurora a rubra cor;  
Quanta seiva as alimenta!  
Quanta vida, e quanto amor!

A planta definha e morre,  
Si o sol lhe nega o calor,  
E tuas faces, querida,  
São o sol do meu amor...

A mariposa se agita  
Ao ver o brilho da luz;  
O teu rosado mimoso  
Assim a um beijo seduz!

.....

Embora a morte me espere  
Na chama do teu amor,  
O fogo das faces tuas  
Quero sorver em torpor!

★

## INSPIRAÇÃO DE UM LUAR

Quando o sol se esconder e a branca lua  
Doce luz espargir na várzea plana  
E a brisa resvalar por entre a relva  
Aflando no cercado de verde cana

A hora em que o silêncio é mudo e fala  
Em que se eleva a alma em mago encanto

Indo a mundos de amor e de quimera  
Em busca do ideal fagueiro e santo

Deixa a janela e a pálida lucina  
Nosso amor elucide aos frouxos raios  
Seja tálamo a relva e a brisa livre  
A fronte te refresque um teus desmaios...

.....

Quando acordares d'esse amor dormente  
Um beijo mais agrupe os lábios teus  
Em suave arrulo irei buscá-lo enxágüe  
Aninhando-o nos quentes lábios meus!

Então, à luz que te paleje o lindo rosto,  
Verás caída da laranjeira a flor.  
Mas o meu seio a guardará constante  
Como relíquia de teu casto amor!



## **ASSIS BRASIL (Joaquim Francisco de)**

**(1857-1938)**

Nasceu em São Gabriel a 29 de julho de 1857 e faleceu em sua Granja de Pedras Altas a 24 de dezembro de 1938. Fez os seus primeiros estudos em São Gabriel, Pelotas e Porto Alegre. Em 1876, a fim de estudar Direito, seguiu para São Paulo, onde não tardou a fundar, com um grupo de colegas, o “Clube Republicano Acadêmico” e o jornal “A Evolução”. Bacharelou-se em 1882. Colaborou no “Precursor”, na “A Ideia” (1882), na “Revista Gabrielense”, na revista “Norte-Sul” e na revista da “Sociedade Parthenon Literário”, que o contou entre os seus sócios. Foi uma figura extraordinária de escritor, diplomata, parlamentar, sociólogo, orador, jornalista, político e estadista.

**Bibliografia:** “Homens microscópicos”, drama (São Gabriel, 1876); “Chispas”, versos (1877); “A república federativa” (Rio, 1881); “História da República Riograndense” (São Paulo, 1882); “Democracia representativa” (Lisboa, 1895); “Do governo presidencial na República Brasileira” (Lisboa, 1896); “Brasil escreve-se com S” (Porto Alegre, 1908), etc.

## A IGREJA

Já foste grande e boa, olímpica e sagrada;  
Domavas do tirano a fúria sobranceira;  
E era a ti que corria a ovelha amedrontada  
Para fugir do lobo à garra carniceira.

Porém, feita de pedra, imóvel, emperrada,  
Não pudeste seguir dos tempos a carreira;  
Soprou de “Oitenta e Nove” a ríspida rajada  
E o vulto mergulhou-te em nuvens de poeira.

Já te não busca a alma entristecida,  
Nem o peito que sangra em vórtice cruento,  
De mortas ilusões na febre que trucida;

Gelou-se-te no seio o coração poento,  
E em vão ergues ao céu a torre enegrecida  
Onde pia, sinistro, o mocho sonolento...

## JOSÉ THEODORO DE MIRANDA

(1858-1879)

Nasceu em Porto Alegre no ano de 1858 e faleceu, na mesma cidade, a 21 de janeiro de 1879. Jornalista, poeta, cronista e prosador. Redigiu o “Mercantil” de Porto Alegre, a convite de Francisco Xavier da Cunha e dirigiu o “Jornal do Comércio” de Alegrete, em 1876. Foi membro influente da “Sociedade Parthenon Literário”, em cuja revista fez estampar numerosos trabalhos em prosa e verso. Foi, também, assíduo colaborador da revista da “Sociedade Ensaios Literários”, do “Progresso Literário” de Pelotas, do “O Colibri”, do “Álbum do Domingo”, do “Álbum Semanal” e do “Jornal do Comércio” de Porto Alegre. Usava, frequentemente, o pseudônimo de “Dorotheo”.

**Bibliografia:** “Elegia à memória de João da Cunha Lobo Barreto”, etc.

### NO POUSO

*(Fragmentos)*

Ama-me, Célia: – meu amor é puro  
Como teu seio arfando num suspiro  
Dentro em minh'alma tenho um trono excelso  
Erguido a ti – na paz do meu retiro!

Meu sonho? ... – é morrer ébrio de teus beijos,

Ofertando-te a vida, o sangue e tudo!  
Morrer entre teus braços – o desejo  
Que junto a ti me tem, pálido e mudo!

Às vezes, o gemido de uma angústia  
Em convulsões febris do peito exalo,  
– Se distante de ti, de ti bem longe  
Das cordas ao tanger, prestes me calo!

Qual arbusto nascido num deserto,  
Sem orvalho, do tempo a tudo exposto,  
Longe de ti me finirei saudosos,  
– No peito a chaga de cruel desgosto!

## MÚCIO TEIXEIRA

(1858-1926)

Nasceu em Porto Alegre a 13 de setembro de 1858 e faleceu no Rio de Janeiro a 8 de agosto de 1926. Polígrafo notável, cultivou com brilho e proficiência, todos os gêneros literários, tendo deixado, dessa maneira, copiosa bagagem bibliográfica. Pertenceu salientemente ao “Parthenon”, de cuja revista foi colaborador efetivo. Colaborou, ainda, na revista da “Sociedade Ensaios Literários”, no “Jornal do Comércio”, no “Álbum Literário”, no “O Fígaro”, no “O Guarani”, no “O Mosquito”, no “O Colibri” e na “Folha Nova”, todos de Porto Alegre. Deixou, também várias produções no “O Diabrete” de Rio Grande e na “A Evolução” do Rio. Patrocinou na Academia Riograndense de Letras a cadeira n. 31, ocupada por Aurélio Porto. Patrono, na Academia Sul-Riograndense de Letras, da poltrona n. 15, onde se assenta atualmente Carlos de Azevedo Legóri.

**Bibliografia:** “Vozes trêmulas”, versos de estréia (Porto Alegre, 1873); “Violetas”, versos (Porto Alegre, 1876); “Sombras e clarões”, versos (Porto Alegre, 1878); “Cérebro e coração”, poema em 12 cantos (Rio, 1880); “O tribuno-rei”, poema herói-cômico (1881); “Os Minuanos”, poema selvagem (Pelotas, 1882); “A Revolução do Rio Grande do Sul. Suas causas e seus efeitos” (Porto Alegre, 1894); “Vida e obras de Castro Alves” (Bahia, 1896); “Poetas do Brasil” (Porto Alegre, 1896); “O monarca dos pampas”, romances regional; “O filho do banqueiro”, drama; “Os Gaúchos”, em 2 volumes (Rio, 1921), etc.

## AO ALVINHO

### *Meu neto e afilhado*

Entras nesta existência, quando pouco  
Me falta por sair de tanto engano,  
Depois de, dia a dia, ano por ano,  
Ter eu andado às cegas, como um louco.

De cantar e gemer sinto-me rouco,  
Sempre agitado num delírio insano,  
Por ver que, neste fervido oceano,  
Por mais que a gente dê, nunca tem troco.

Faz o bem, como entendas ou puderes,  
Resignado suporta a dura sorte,  
E o prêmio da virtude nunca esperes.

Sê meigo e justo, independente e forte;  
Crê muito em DEUS e pouco nas mulheres...  
E ama esta vida, sem temer a morte!



## O SONHO DOS SONHOS

Quanto mais lanço as vistas ao passado,  
Mais sinto ter passado, distraído,  
Por tanto bem, tão mal correspondido,  
Por tanto mal, tão bem recompensado!

Em vão relanço o meu olhar cansado  
Pelo sombrio espaço percorrido:  
Andei tanto, em tão pouco; e, assim perdido,  
Vejo tudo o que vi, sem ter olhado...

Assim prossigo sempre pr'a diante,  
Vendo o que mais procuro vir distante,  
Sem ter nada de tudo que já tive.

Quanto mais lanço as vistas ao passado  
Mais julgo a vida um sonho mal sonhado,  
De quem nem soube que a sonhar se vive!

## OSCAR PEDERNEIRAS

(1859-1890)

Nasceu em Porto Alegre a 12 de junho de 1859 e faleceu no Rio de Janeiro a 26 de agosto de 189-. Bacharelou-se em 1882 pela Faculdade de Direito de São Paulo, integrando uma brilhante turma, da qual fazia parte Raymundo Correa. Na Capital da República, onde se dedicou à advocacia e ao jornalismo, exercendo, por algum tempo, o cargo de promotor público, colaborou ativamente na “Vida Fluminense”, no “Diário de Notícias”, na “Folha Nova” e no “Jornal do Comércio”. Neste último, criou uma seção de crônicas rimadas, com o título de “Variações de flautim”.

**Bibliografia:** “Historiofobia”, sátira em versos humorísticos (Rio, 1880); “A Corte de ceroulas”, costumes da época (Rio, 1883); “Cargas sem consignaçoão”, biografias irônicas e rimadas de artistas dramáticos (Rio, 1890); “O bendengó”, revista; “O Sarrilho”, idem; “O boulevard da imprensa”, idem; “O Zé Caipora”, idem; “Sons e Tons”, coleção de poesias eróticas; “A sineta de Cordovil”, comédia; “Da noite para o dia”, sonho cômico-lírico em 2 atos e “O Lucas”, cena cômica, representada, com invulgar sucesso, pelo ator no Teatro Recreio Dramático do Rio a 6 de fevereiro de 1888 (Rio, 1888).

### O LUCAS

(*Excerto*)

Sou Lucas da Encruzilhada  
Pai e mãe vivos estão;



Tenho irmã e tenho irmão,  
E mais a Joana, criada  
Que cuida do meu “Primez”  
– Luzido gato maltes!

---

Bernardo Lopes de Sá  
É papá.  
Marta, velha mas louçã,  
É mamã.  
Magra e míope, minha mana  
Juliana...  
Bilontra mor é o João  
Meu irmão...  
Luquinhas, criado seu  
Sou eu.  
Joana, esperta e prendada,  
A creada  
Que faz festas ao “Primez”  
Maltez!

Dizem todos que esta é a nata  
Das famílias; que não há  
Do Amazonas ao Prata  
E do Rio Grande ao Pará,  
Outra igual. Duvidam? Bem –  
Eis os membros que ela tem:

A mamã às vezes dá  
No papá,  
Que também de barbatana  
Dá na mana,  
Que se vinga no João,  
Pobre irmão!  
Que, por força hei-de dizê-lo,  
Vai-me ao pelo!  
Eu, no gato, que me estima  
Dou pancada,

Quando não desando em cima  
Da criada!

---

Impagáveis, meus penates!  
Cada qual faz o que quer!  
Nem uma casa de Orates,  
Como a nossa pode haver!  
Iguais gênios, não dão liga.  
Diversos... é certa a briga!

## ARTHUR ROCHA

(1859-1888)

Nasceu na cidade de Rio Grande a 1 de janeiro de 1859 e ali faleceu a 26 de junho de 1888. era filho do popular ator dramático José Rodrigues da Rocha. Poeta, dramaturgo, comediógrafo, jornalista, orador, ator teatral amador, cançonetista, prosador e “causeur” de invejáveis predicados, entusiasticamente louvado, certa vez por Arthur Azevedo. Usou dos pseudônimos de “K Zeca” e “E. de Mendonça”. Colaborou na revista do “Parthenon”, de que fez parte, na “A Reforma”, no “Álbum do Domingo”, no “O Mosquito”, na revista da “Sociedade Ensaios Literários”, na “Lente” de Araújo Guerra, no “Jornal do Comércio” e no “Correio da Tarde”, todos de Porto Alegre, onde também fundou, em 1877, a “Folha da Tarde”. Em Rio Grande foi redator do “O Artista” e do “ECHO Lusitano”. Patrono na Academia Riograndense de Letras, da cadeira n. 7, fundada por Joaquim Alves Torres.

**Bibliografia:** “O Filho Bastardo”, drama em 3 atos (Porto Alegre, 1876); “Por causa de uma camélia”, comédia em 1 ato (Porto Alegre, 1876); “O anjo do sacrifício”, drama em 3 atos; “Lutar e vencer”, drama em 5 atos (1877); “O esquecido”, comédia em 1 ato; “José”, drama em 1 prólogo e 3 atos (1878); “Um casamento em concurso”, drama; “Os filhos da viúva”, idem; “Não faça aos outos...”, vaudeville; “Deus e a Natureza”, drama (1882); “O filho da escrava”, peça abolicionista (1883), etc.

SILVEIRA MARTINS  
(1879)

Batalhador ilustre do progresso,  
Pregoeiro sublime da verdade,  
Atleta vigoroso da justiça,  
Perfeita encarnação da liberdade!...  
Permite que o artista humilde e fraco,  
Num grito varonil de peito novo,  
Orgulhoso de ti, de ti contente,  
Misture a sua voz à voz do povo!

Grande cidadão, ilustre filho  
Deste esplendido céu da minha terra,  
Deste berço de heróis, ninho de águias,  
Que tudo quanto é nobre e santo encerra...  
Eu venho te saudar, venho dizer-te,  
Cheio de orgulho e cheio de verdade:  
Salve! Ó lutador das grandes causas,  
Grande batalhador da liberdade!

Tudo mereces deste povo altivo,  
Que em ti confia como em Deus o crente,  
E sabes quanto eleva e honra um homem  
Ser amado de um povo ardentemente  
Por ele tentas tudo e tudo subistes,  
E depois, ao deixar de ser ministro,  
Foi no braço do povo que caíste!

Não só é grande nesta nobre terra  
O heroísmo, o valor, a valentia,  
Não é somente ao fogo dos combates  
Que o sol da glória altivo se irradia;  
Tu que não foste à guerra e que não sabes  
Como em campo o guerreiro a espada brande,  
És do país inteiro orgulho e glória,  
E o mais dileto filho do Rio Grande!

Salve! Cidadão que tanto sabes

Elevar esta terra em que nasceste,  
Em cuja áurea histórica do passado  
Da liberdade o santo amor bebeste...  
Tu, cuja palavra autorizada  
Arrasta as turbas e os governos vence,  
Tu, que antes de ser um brasileiro,  
Tens orgulho de ser um riograndense!

## ALBERTO BORGES SOVERAL

(1860-?)

Nasceu em Pelotas em 1869 e faleceu no Rio de Janeiro em data ignorada. Colaborou na “A Idéia”, no “Cabrion” e na “Arena Literária” de Pelotas. Foi também assíduo colaborador do “O Diabrete” de Rio Grande.

**Bibliografia:** “Pedaços d’alma”, versos (Pelotas, 1881) e “Vibrações”, idem (Bagé, 1886).

VEM! ... NÃO DEMORES

Qual nauta errante na extensão dos mares  
Pranteia os lares que habitou outrora,  
Assim perdido num batel de dores,  
Eu choro amores, que não fruo agora.

E como ele – sobre ondas bravas,  
Que são escravas d’espumoso mar,  
Vago sem crenças – no baixal errante  
Sem um instante de prazer gozar.

E assim perdido sobre um mar d’escolhos,  
Sinto meus olhos derramarem prantos,  
E as vozes tristes que meu peito solta  
Perdem-se em volta – não desfiro cantos.

Almejo um porto onde abordar contente,

Um peito quente em que amor consiga,  
Busco quem pode me secar os prantos,  
E encher meus cantos – d’esperança amiga.

E tu? Sem pena do cantor errante,  
Vendo-o distante do almejado porto  
Não vens depressa – na fatal descrença  
Trazer-lhe a crença, lhe dar conforto?

Pensas acaso que o amor é sonho,  
Mero, tristonho – que não tem prazer.  
Não penses – anjo das mansões terrestres  
– Que me pusestes – num fatal descrer!

Vem! ... não demores... oh! Vem dar conforto  
Mostrar-me o porto de bonança cheio  
Oh! Diz-se devo, meu batel perdido,  
Guiar rendido – à teu virgíneo seio!

## ANNA AURORA DO AMARAL LISBOA

(1860-1951)

Nasceu a 24 de setembro de 1860 em Rio Pardo, onde também faleceu a 21 de março de 1951. Poetisa, professora, teatróloga, jornalista, propagandista da Abolição e da República. Colaborou no “O Corymbo”, no “Boêmio”, órgão da Escola Militar de Rio Pardo (1899), no “Gaspar Martins” de Santa Maria, na “A Reforma”, no “Jornal do Comércio”, no “O Exemplo” de Porto Alegre e no “Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul”. Irmã de Zulmira Lisboa, também jornalista e escritora. Em Rio Pardo, fundou o acreditado “Colégio Amaral Lisboa” e a “Sociedade Feminina Sempre Viva”. Usava o pseudônimo de “Aura Lys”.

**Bibliografia:** “A minha defesa” (1895); “A calúnia”, drama; “A culpa dos pais”, idem; “As vítimas do jogo”, idem; “Pela Pátria!”, idem; “Quem tudo quer...”, idem; “Preito à liberdade”, poemeto; “Alma infantil”, versos para declamação infantil, etc.

### INSTRUÇÃO E PROGRESSO

Não pode em terreno inculto  
Viçar a planta mimosa:  
Não pode elevar seu vulto  
Rasteja, oculta e medrosa.

Estranha força extermina  
Seus rebentos verdejantes,



Que a seiva só lhes propina  
Vida de breves instantes.

Abrolhos, plantas nocivas,  
Com seu veneno fatal,  
Mantém-lhe as ramas cativas,  
Roubam-lhe o suco vital.

O processo, roble altivo,  
Cuja frondel nos seduz,  
Mão medra sem ter cultivado;  
Precisa de ar e de luz.

Governantes, a vos cabe  
O terreno preparar,  
Nas condições em que sabe  
Tão bela planta vingar.

Desbravai-lhe em torno espaços  
Onde ela estenda a raiz,  
E seus vigorosos braços  
Cobrirão o país.

Tornai fácil e seguro  
O progresso da nação,  
Cuidando do seu futuro  
Na popular instrução.

É do povo a treva densa  
A planta brava e daninha  
Q'ao progresso a força imensa  
Entrava, tolhe, amesquinha.

## THIMÓTEO FARIA CORRÊA FILHO

(1861-1899)

Nasceu em São Gabriel em 1861 e faleceu em Florianópolis a 5 de abril de 1899. Militar distinto, poeta apreciado, jornalista e prosador de inegáveis qualidades. Foi assíduo colaborador da “Revista Gabrielense” e do “Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul”. Colaborou, ainda, na “A Ideia” e na “Revista Literária” de Porto Alegre, onde foi um dos fundadores da “Sociedade Literária e Científica Culto às Letras”. Na Academia Riograndense de Letras patrocinou a cadeira n. 39. Patrono, na Academia Sul-Riograndense de Letras, da cadeira n. 17, fundada por seu filho Manoel Faria Corrêa.

**Bibliografia:** “Discurso na 11ª sessão aniversária do Parthenon, em nome da “Sociedade Literária Gabrielense” (Porto Alegre, 1879), etc.

### UMBRA ET LUX

Neste sem termo aspérrimo deserto,  
Depois de tanta vida já vivida,  
Eu pensei que não mais, sombra querida,  
Sombra amorosa, viesses-me tão perto;

Que o corpo teu – pasto de vermes – certo  
A rosa cor perdera apetedida,  
E nunca mais e nunca mais na vida  
O olhar mais pousasse no teu vulto incerto.

Outra, mais bela do que foste, agora,  
Enche de amor a taça que esgotamos,  
Muda-me as noites em constante aurora

Não te conheço, oh! Tabida caveira!  
Nunca nos vimos, nunca nos amamos,  
Triste despojo da afeição primeira!

## REVOCATA DOS PASSOS FIGUEIRÔA DE MELLO

Poetisa e prosadora. Irmã de Amália Figueirôa e mãe das poetisas Revocata Heloisa de Mello e Julieta de Mello Monteiro. Usava, ordinariamente, o pseudônimo de “Americana”. Colaborou em jornais e revistas da capital e do interior do Rio Grande do Sul e tinha a publicar, quando faleceu, vários livros de poemas. Foi uma das vozes mais puras do romantismo riograndense na fase imediatamente anterior ao “Parthenon”.

### CREPÚSCULO

Era uma tarde tão fria!  
Descera às vagas o sol.  
Tingia os véus do poente  
Áureo purpúreo arrebol.

Nas franças das pitangueiras  
Saudosos trenós soltava  
A meiga rola inocente  
Que num galho se embalava.

Maravilha, a flor da noite,  
Seu cálice tênue pendia,  
Suas pétalas perfumosas,  
Branças e róseas abria.

E vinha a onda travessa  
Esquiva à praia beijar.  
Vinham cícios da brisa  
A meus ouvidos falar.

E vinha a terna harmonia  
Do canto de um pescador,  
Num eco doce, plangente,  
Falar de passado amor.

A hora, o silêncio, a vaga,  
O canto do pescador,  
Os trenós da rola, a brisa,  
O aroma do bosque, a flor,

Tudo falava à minha alma  
Daquela folha tão cara  
Do livro da minha vida  
Que a mão do fado rasgara.

Recordações e saudades  
Das tardes que já passei,  
Da minha quadra de rosas,  
De quanto sonho idee!

Mas, ó crepúsculo da tarde  
Coou-me as veias teu gelo!  
Tu declinas e eu também  
Já trago da morte o selo!

## CÂNDIDA FORTES BRANDÃO

(1862-1922)

Nasceu em Cachoeira a 23 de abril de 1862 e faleceu na mesma cidade a 7 de novembro de 1922. Professora, poetisa, ficcionista, prosadora, jornalista. Colaborou no “O Comércio” de Cachoeira, a partir de 1902 no “O Corymbo” de Rio Grande, na “A Grinalda” de Livramento, no “Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul” e no “Escrínio”, bem como no “Jornal do Comércio”, na “A Pátria” e na “A Tribuna” de Porto Alegre. Quando Olavo Bilac passou por Cachoeira em 1916, homenageou-o com belíssimo soneto, declamando, no Coliseu Cachoeirense, por Natércia da Cunha Velloso. Usava dos pseudônimos de “Marina” e “Canofilor”.

**Bibliografia:** “Revérberos”, versos; “Contos às minhas irmãs”, ficção; “Fantasia”, coleção de contos e poesias (Porto Alegre, 1897); “La Nature”, cena bucólica em versos; “Aniversário da Pátria”, alegoria cívica em versos (Cachoeira, 1912); “Cartas a Lúcia”, esparsas na imprensa, etc.

### ESPADA E ARADO

Ameaçadora passa a lâmina fulgente,  
Que no gume cortante o extermínio fulgente,  
Evoca o espadanar do rubro sangue quente  
E o luto a soluçar em funerária cruz.

Santifica-lhe, entanto, o sinistro mister  
Essa defesa audaz que impávida produz  
E que no céu da Pátria uma nuvem sequer  
Não consente a empanar-lhe a puríssima luz!

Ei-lo, o provido arado, à faina redentora,  
Rompendo o seio à terra onde a seiva dormente  
Acorda-se a nutrir o germe da fartura.

E qual é do futuro a força amparadora?  
– Aquela, a conquistar o direito à semente,  
– Ou este, garantindo o alento da bravura?

“LA NATURE”

*(Fragmento)*

Oh! Que doçura, nesta verde alfombra,  
Que sereno delíquio me adormenta  
Os laços membros! Ó amiga sombra!  
Refrigera-me a fronte suarenta!

E, quem sabe! Será nesta quietude  
Tão santamente ideal, que mora Deus;  
Não de outras plagas pela longitude  
Onde cruzei de balde os vôos meus!

Dizem que paira n’algum ponto, imerso  
Nas profundezas que vão ter ao nada,  
O supremo arquiteto do universo...  
Réu da amplidão de esferas constelada!

Existe: eis a verdade! Onde, porém?  
Foi jamais visto por algum mortal?  
Onde o seu recatado asilo tem?  
De onde irradia o fluido seu vital?

## CÂNDIDA ISOLINA DE ABREU

(1862-?)

Nasceu em Pelotas em 1862 e faleceu na mesma cidade. Colaborou ativamente na “Tribuna Literária”, no “Progresso Literário” e na “Arena Literária” de Pelotas; nas revistas “Tudo” e “O Corymbo” de Rio Grande; no “Correio do Sul” de Livramento (1884); no “Ecrínio” e no “Almanaque-Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul”. Fez parte do “Parthenon”. Muitos dos seus poemas e recitativos foram recolhidos à antologia “Serpentinas”, editada em 1884 pela Livraria Americana de Pelotas.

### À MEMÓRIA DO INFELIZ POETA LOBO DA COSTA

Dos poetas, eis o destino:  
Cantar, carpir e sofrer.  
E do mundo ao abandono  
Desventurado morrer!

Eu vi-te pálido e crente,  
Bendizer esse fanal,  
Que em vez de palmas e louros  
Deu-te um catre de hospital!

E na hora extrema – por leito  
Tivesse o úmido chão;  
Por teto o céu carregado,  
Por prece a voz do trovão!



Nem sequer um ser piedoso  
Te acolheu o último alento!  
Teu corpo gélido, inerte,  
Foi encontrado ao relento!

Oh! Meu Deus! Por que ao poeta  
Mandas tanta desventura?  
A dor embala-lhe o berço  
E cava-lhe a sepultura!

## ALEXANDRE FERNANDES

(1863-1907)

Nasceu na cidade de Rio Grande a 24 de julho de 1863 e faleceu na capital bahiana a 30 de março de 1907. Distinguiu-se especialmente como poeta e teatrólogo. Na cidade natal, em que transcorreram a sua infância e adolescência, aprendeu as primeiras letras, revelando-se muito criança ainda poeta de suave lirismo. Colaborou em diversos periódicos gaúchos, bem como em revistas e jornais do Rio de Janeiro e da terra de Ruy Barbosa, sobretudo no “Jornal de Notícias” e no “Diário da Bahia” de São Salvador, onde redigiu, ainda, como Carlos Ayres, o mensário literário “Nova Época”. Na Capital Federal integrou o corpo redatorial da “Cidade do Rio”, a convite de José do Patrocínio e foi assíduo colaborador do “Diário de Notícias”.

**Bibliografia:** “Rosas”, versos (1883); “As violetas”, idem; “Magnólias”, idem; “Ondulações”, idem; “Coralinas”, idem; “Baunilhas”, idem; “Pergaminhos”, idem; “Lírios”, idem; “Epopéia do gênio”, idem; “Quebrou o banco”, comédia; “Cem contos”, idem; “Segunda-feira do Bonfim”, idem; “A visita do Presidente”, revista; “Vida alheia”, idem; “Chinelos na Bahia”, idem; “Os apuros de Santo Amaro”, idem; “Amargosa às avessas”, idem; “A tragédia do Aquidaban”, idem; “Adélia Carré”, drama; “Tabelião Girardi”, idem; “Cristo e Madalena”, idem; “O gondoleiro de Veneza”, idem; “Descoberta do Brasil”, idem; “Frei Anselmo”, idem; “Areias do Prado”, comédia, de parceria com Sílio Boccarena Junior; “Literatos em penca”, idem, etc.

À MINHA FILHA

Ouve, quero que escutes o meu desejo,  
Que saibas minha última vontade,  
Pois, quando junto a ti mais eu me vejo,  
Mais penso que me espera a eternidade.

Quando eu morrer, é justo que tu chores  
Teu pai, que te amou tanto na existência,  
Mas, por Deus! Filha amada, não deploras  
Com teu pranto de dor a minha ausência.

Abafa os teus gemidos e a lembrança  
Do quanto eu padeci guarda contigo.  
E alenta na tua alma a doce esperança  
De que um dia verás teu pobre amigo.

Oh! Deixa que eu repouse sossegado  
Sem esta dor cruel que hoje me humilha,  
E sobre o meu cadáver regelado  
Nem uma flor consintas, minha filha!

.....

Somente do meu leito à cabeceira  
Deixa do Cristo a imagem compassiva,  
A cruz – a minha santa companheira,  
Braços abertos, firme, rediviva!

E, a seus pés, tu que foste o meu carinho  
E és tu que a minh'alma fortalece,  
Então, reza por mim, mas tão baixinho  
Que só Deus possa ouvir a tua prece!



## CORAÇÃO DE MULHER

Vira o rosto se eu passo; no entretanto  
Seu olhar a seguir meu vulto fica.  
Que me estima, de certo não indica,  
Porque parece que me odeia tanto!

Se um dia não me vê, ligeiro espanto,  
Quando me avista o seu olhar explica;  
E, nessa alternativa, mortifica  
Minha alma, escravizada a seu encanto.

Às vezes eu também, rapidamente,  
Volto meu rosto, finjo, indiferente,  
Nem pensar que ela vive neste mundo.

Mas vejo, de revés, que ela me segue  
Que o seu olhar ansioso me persegue...  
Coração de mulher, como és profundo!

## JULIETA DE MELLO MONTEIRO

(1863-?)

Nasceu em Porto Alegre a 21 de outubro de 1863 e faleceu na cidade de Rio Grande. Usava o pseudônimo de “Pensorosa”. Colaborou no “O Corymbo”, que fundou com Revocata. Heloisa de Mello, no “Progresso Literário”, na “Tribuna Literária” e na “Ilustração Pelotense” de Pelotas, bem como no “Escrínio” e no “Echo do Povo” de Porto Alegre. Na cidade de Rio Grande, fundou ainda a revista “A Violeta”.

**Bibliografia:** “Prelúdios”, versos com prefácio de Augusto Emilio Zaluar (Rio Grande, 1881); “Oscilantes”, idem (Rio Grande, 1892); “Berilos”, idem (Rio Grande, 1911); “Tabernáculo”, idem; “Noivado no céu”, drama; “Terra safara”, volume de poesias póstumo, com prefácio de Revocata Heloisa de Mello (Rio Grande, 1924/28), etc.

### UMA ÁRVORE

De pé fitando o céu altiva e sobranceira  
Em meio ao descampado ela se ostenta ufana,  
Tendo os pés sobre a verde, aveludada esteira,  
Ereta sempre a vi, formosa e soberana.

Ninguém a conheceu na quadra alvissareira  
Da infância, em que o prazer parece que dimana  
Da criança, da flor, da planta feiticeira,  
Do volátil cantor, da onda que espadana.

Saúda alegre o sol mal lhe descobre o encanto  
E abre os braços febris aos temporais que enlaçam  
Seu tronco secular, da natureza espanto!

Por sobre a copa sua as estações esvoaçam  
E o Tempo que a embalou nas dobras do seu manto  
Oculta o seu natal às gerações que passam.

## **EDUARDO ERNESTO DE ARAUJO**

**(1863-1901)**

Nasceu na cidade de Rio Grande a 8 de maio de 1863 e faleceu na mesma cidade a 2 de janeiro de 1901. Bacharelou-se em 1884 pela Faculdade de Direito de Coimbra, onde foi condiscípulo de Luiz Osório e Pinto da Rocha. Um dos mais delicados líricos riograndenses do século XIX, a sua produção literária, disseminada por numerosos órgãos da imprensa portuguesa e brasileira, está a exigir urgente compilação e estudo mais detido. Patrono na Academia Riograndense de Letras da cadeira n. 18, fundada por João C. de Freitas.

### **POEMA**

Apagando-se o disco resplendente,  
Sobre as ondas do mar o sol desmaia,  
Uma e uma rolando docemente  
Vêm as ondas bater de encontro à praia.

Como o sol desmaiando sobre as águas,  
Como as ondas rolando pelo chão,  
Mergulha o nosso amor num mar de magoas  
E as magoas vêm bater no coração.

II

O vento está carpindo amargamente

Queixas talvez de algum astro proscrito.  
De algum astro perdido no infinito,  
Destinado a chorar eternamente.

Na carreira veloz de fugitivo  
Que procura recôndita paragem,  
Num soluçar pungente e convulsivo,  
Arranca as folhas verdes da ramagem.

Como o vento cruel despe o arvoredo,  
Oh! Desalento, de arrancar não cansas  
Ilusões que arraigamos em segredo,  
Folhas verdes das nossas esperanças!

III

De um templo derrocado nas ruínas  
Brotam flores da face contristada:  
Lírios brancos de alvura imaculada  
Entre as cores modestas das boninas,

E na ruína do esplendor de outr’ora  
É cada flor agreste que brotou  
A perfumada lágrima que chora  
Lembranças da grandeza que passou.

Se as nossas esperanças já murcharam,  
Brotam n’alma saudades do passado,  
Como as flores agrestes que brotaram  
Nas ruínas do templo derrocado!

SONETO

Eu perguntei o que era amor à rosa  
“É como nós: corola aveludada,  
De um cor atraente, coluptuosa,  
Porém toda de espinhos secundada”.



Os malmequeres brancos consultei  
Sobre si sim ou não era amado.  
Uma por uma as folhas arranquei  
E dum malmequer branco desfolhado,

A derradeira respondeu-me: – “Não”.  
Banhrou-se-me de pranto o coração...  
Se é fraqueza chorar os meus amores,

Lágrimas verte o monte, que é granito,  
E o céu, o próprio céu, que é infinito,  
Chora também no cálice das flores!

## ENÉAS GALVÃO

(1863-1917)

Nasceu em São José do Norte a 20 de março de 1863 e faleceu em Teresópolis em 1917. Bacharelou-se em 1885 pela Faculdade de Direito de São Paulo, onde foi companheiro de estudos de Assis Brasil, Alcides Lima, Germano Hassolocher e Homero Batista. Durante o curso, foi redator do periódico “Çá-ira” juntamente com Alberto Torres e Raul Pmpeia, tendo redigido, ainda, “A República”, “O Meridiano”, “O Ganganelli” e a “Tribuna Acadêmica”. Colaborou também no “Correio do Sul” de Livramento. Foi Ministro do Supremo Tribunal Federal e pertenceu destacadamente ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

**Bibliografia:** “Miragens”, versos precedidos de uma carta de Machado de Assis (Rio, 1885); “Elogio de Victor Hugo”, discurso; “Juizes e Tribunais no período colonial. Os tribunais criados por D. João VI em 1808”; “Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” (1914); “Organização judiciária. Estudo de legislação comparada” (Rio, 1890); “Dualidade de Justiça no Distrito Federal” (Rio, 1907), etc.

DEPOIS DE MORTO

(1880)

Quando da morte a mão emagrecida

Pousar-me sobre a fronte enregelada;  
Quando, por fim, inerte e já sem vida,  
Dormir em cova escura, abandonada;

E aí, na torva solidão do nada,  
Rasgar-me o verme a face apodrecida,  
Então hás de chorar, ó minha amada,  
Hás de chorar de dor e, compungida,

Sentirás o remorso agonizante  
Pungir-te o seio, a garra, a todo instante,  
A todo instante envenenar-te a vida!

Até que um dia, ó branca flor mimosa,  
Na minha sepultura vá, chorosa,  
“Gemer tu’alma triste e arrependida”!

## JOÃO MOREIRA DA SILVA

(1864-1942)

Nasceu em Porto Alegre a 8 de outubro de 1864 e faleceu na mesma cidade a 11 de julho de 1942. Colaborou na revista do “Parthenon”, a que pertenceu no “O Caixeiro”, no “O Colibri”, no “Petit-Journal” e na “Gazeta do Povo”, todos de Porto Alegre. Usava o pseudônimo de “Areimor”. Notabilizou-se principalmente como escritor satírico e humorístico. Pai de Álvaro Moreyra.

**Bibliografia:** “Alinhavos”, prosa; “Coisas a rir”, “Prosa alegre”; “Humorismos inocentes”; “A banhos”; “Em mar de rosas”; “Prosas do bom tempo”, volume-inédito; “À procura da musa”, comédia em 1 ato, etc.

### LEMBRANÇA

A tarde ia entre soluços  
Morrendo, toda queixosa,  
Quando senti o perfume  
Daquela malva mimosa!

Apertava o débil galho  
Uma fita cor de rosa.  
Ai! Meu Deus, como era linda,  
Aquela malva mimosa!

.....

Quando passar eu te vejo  
Nos meus sonhos, bela, airosa,  
Eu beijo – todo tremente –  
Aquele malva mimosa!

Quando tu pendes a fronte  
No peito, mas langorosa,  
Fito teu rosto, enlevado,  
Naquela malva mimosa!

Quando geme a natureza  
E fenece a pobre rosa  
Dá-me alívio à tua ausência  
Aquele malva mimosa!

Ai! Nunca será na terra  
Nossa ventura dolosa  
Pois nossas almas uniu  
Aquele malva mimosa!

## PINTO DA ROCHA (Arthur)

(1864-1930)

Nasceu na cidade de Rio Grande a 26 de dezembro de 1864 e faleceu no Rio de Janeiro a 18 de julho de 1930. Formou-se em direito em Coimbra, onde foi contemporâneo de Eduardo de Araújo. Colaborou no “Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul”, no “Almanaque Brasileiro”, na “Revista do Sul”, no “O Pampa”, na “Ocidente”, na “Semana Ilustrada” e na “Panthum” de Porto Alegre, bem como na “A Nação” de Uruguaiana, durante a direção de Batista Luzardo, em 1923. Foi ainda redator-chefe da “A Federação” e diretor da “Gazeta do Comércio” também da capital gaúcha. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Patrocinou, na Academia Riograndense de Letras, a cadeira n. 35, ocupada por Abadie Faria Rosa. Patrono, na Academia Sul-Riograndense de Letras, da cadeira n. 16, de que é atual detentor Propício da Silveira Machado.

**Bibliografia:** “Réplica e tréplica ao Dr. Conrado Muller de Campos” (1902); “Eduardo de Araújo”, estudo biográfico (1903); “Talitha”, poema dramático (Porto Alegre, 1907); “Visão de Colombo”, idem (Porto Alegre, 1908); “Ode às Árvores”, poemeto; “A Estátua”, drama; “A Padeira de Aljubarrota”, idem; “A Farça”, idem; “Ave-Maria”, idem; “Entre dois berços”, idem; “O Dilema”, idem; “Vanissa”, idem; “O júri e sua evolução”, ensaio; “A política brasileira no Prata até a guerra contra Rosas”, história; “O Tratado de condomínio” (Porto Alegre, 1910); “Direito Civil” (Rio, 1928); “O Barão do Rio Branco”, elogio histórico; “A Alfândega de Porto Alegre”; “História Diplomática do Brasil”, etc.

TALITHA

*(Excerto)*

CENA 1

JOAQUINA E RUY

*Joaquina:*

Louvado seja Deus! Como está belo e forte!

*Ruy:*

É verdade, Joaquina, o clima aqui da terra  
Encheu-me novamente o coração de alento.  
Posso dizer que entrei neste bondoso lar  
Vigiado, sem dó, pelos olhos da morte,  
E agora, a luz do Sol, os perfumes da serra,  
As águas desta fonte, o sadio alimento,  
O seu cuidado santo, amigo e tutelar,  
Fizeram-me robusto.

*Joaquina:*

E Deus não lhe fez nada?

*Ruy:*

Foi ele quem salvou a minha mocidade,  
Porque a divina mão que fez os céus e os montes,  
Que deu flores à terra e deu frescura às fontes,  
Que faz vibrar a luz e a voz da passarada,  
Que impede a nuvem branca em plena imensidade,  
Um dia vos criou as almas caridosas,

Que viveu nesta casa, humildes e serenas,  
Felizes como o Bem, suaves como as rosas,  
Mais simples do que o trigo, a neve e as açucenas!

*Joaquina:*

Então, menino, crê também que Deus existe?

*Ruy:*

De certo, minha amiga.

*Joaquina:*

E não é um hereje,  
Dessa raça maldita e negra que desmente  
As obras do Senhor?

*Ruy:*

É tão alegre a crença e não crer é tão triste  
Que mesmo sem querer o coração da gente  
Acredita num Deus que todo mundo rege,  
Num Pai que assim te deu alma simples e pura!  
Faz tanto bem, Joaquina, acreditar em Deus  
E adormecer à noite abrindo a consciência  
Aos beijos do luar, sorrir de madrugada  
À frescura que vem do azul etéreo e vasto,  
Que o nosso olhar ascende às amplidões dos céus,  
Sem esforço nenhum, como a espiral da essência  
Que se evolva da flor, se a abelha delicada  
Lhe poisa na corola o vôo leve e casto!

★

PENELOPE

Tu tens a forma esguia das palmeiras,



Com olhos negros como a noite escura  
E na curva da tímida cintura  
A linha oval das vespas forasteiras!

Parece de marfim, como a das freiras,  
A epiderme da face branca e pura;  
É como a roca d’Omfale a negrura  
Das aneladas tranças feiticeiras.

São bilros de abalastro, imaculados,  
Esses dedos nervosos e afilados  
Correndo sobre a renda que teceste.

E eu cogito, Penélope gentil,  
Naquele amor tão casto e tão febril  
Que tu mesma inspiraste e desfizeste!

## ALFREDO FERREIRA RODRIGUES

(1865-?)

Nasceu na cidade de Rio Grande a 5 de setembro de 1865 e faleceu na mesma cidade. Fundou “A Pena” de Pelotas em 1884 e na mesma cidade redigiu “O Nacional”. Colaborou também no “Diário de Rio Grande”, no “Riograndense” e no “O Bisturi” da cidade de Rio Grande. Durante 29 anos fez circular o seu precioso “Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul”. Foi membro efetivo da Academia Riograndense de Letras ocupando a cadeira n. 14, patrocinada por Bernardo Taveira Junior.

**Bibliografia:** “Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul”; “Bento Manuel Ribeiro e o seu papel na Revolução”; “A pacificação do Rio Grande”; “David Canabarro e a surpresa de Porongos”; “Coração de pai”, volume de versos, inédito, etc.

### NA HORA DA PARTIDA

Horas de amor e horas de ventura,  
Porque hoje tão rápida fugiz-me?  
Não há doce ilusão em que me abisme  
Que dure quanto a minha mente augura!

Tenho-a a meu lado, ouvindo-lhe tão pura  
A voz, que a medo o seu afeto diz-me.  
E, embora um paraíso eterno eu cisme,  
Esse instante de gozo não perdura!

Ouço-lhe a fala, e seu olhar bendito  
Fita-se em mim, suavíssimo e trístico,  
Me embalando em um êxtase infinito.

Mas, ai! Toda essa luz, esse risonho  
Encanto esvai-se, passageiro mito,  
Como a visão fantástica de um sonho...

## MÁRIO DE ARTAGÃO

(1866-1937)

O seu verdadeiro nome era Antônio da Costa Correa Leite. Nasceu na cidade de Rio Grande a 16 de dezembro de 1866 e faleceu em Portugal, em 1937. Começou sua educação literária na Alemanha. Cultivou de preferência, a poesia e a literatura dramática, dedicando-se, ainda, ao jornalismo e ao magistério. Foi redator-chefe do “Rio Grande do Sul” que circulou na cidade de Rio Grande no último decênio do século XIX e fundou, na mesma cidade, o jornal monarquista “Atualidade”, que apareceu em 1892. Colaborou com assiduidade no “Almanaque Popular Brasileiro”, no “Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul” e no “Escrínio”. Em Rio Grande, dirigiu, ainda, o Ginásio Riograndense. Ocupou a cadeira n. 2 da antiga Academia Riograndense de Letras.

**Bibliografia:** “As infernais”, versos (Rio Grande, 1888); “Psaltério”, idem; “Música sacra”, idem; “Janina”, drama; “Feras à Solta”, idem; “O grande exilado”, idem e “A Taça”, idem.

### CANTILENA

Talvez não ande errado  
Se te disser, filhinho, que é custoso  
Achar quem tenha nos braços embalado  
Um filho mais formoso!  
Orgulho tolo pode ser que seja,

Fazendo assim que muita gente ria...  
Mas eu te juro que em qualquer igreja  
Quando meus olhos nos altares ponho,  
Nem é mais belo e mesmo mais risonho  
O pequenino filho de Maria!



### PASTORAL AO PIANO

Para evocar na pastoral radiosa  
O sonho mais azul do teu passado,  
Deixas correr, benditas, no teclado,  
As tuas mãos de mística amorosa...

Na meia-luz da sala cor de rosa,  
Tudo é perfume. E eu mesmo alucinado,  
Aspiro o feno tônico e sagrado  
Dessa tranquila página saudosa.

Tudo é perfume. E bíblicas, noivando,  
Aligeras, inquietas, sem repouso,  
Como se andassem lírios esfolhado,

As tuas lindas mãos sutis e francas,  
Lembram no vôo trêmulo e nervoso,  
Um par febril de borboletas brancas!

## RENATO DA CUNHA

(1869-1901)

Nasceu em Porto Alegre a 15 de abril de 1869 e faleceu na mesma cidade a 2 de maio de 1901. Foi um dos grandes poetas gaúchos no século XIX. Foi também um dos mais discutidos do seu tempo. Colaborou no “Jornal do Comércio”, na “A Batalha” e em outros jornais de Porto Alegre, onde também fundou “O Reclame”, em 1895. Patrono da cadeira n. 36 na Academia Riograndense de Letras.

**Bibliografia:** “A Nodoa”, panfleto abolicionista; “Pérolas e Diamantes”, versos; “Vesúvios”, idem; “Chispas”, idem; “Rutilações”, idem; “El-Rei Milhão”, idem; “Maldições e crenças”, prosa e poesia (Porto Alegre, 1888); “Método de leitura” (Rio, 1892), etc.

### CAPRICHOS

As guelas do canhão berram furiosamente  
Arrojando no espaço o vômito-metralha;  
Voam as legiões ao forte da batalha...  
Uiva de raiva e dor o turbilhão demente...

Jorra o sangue no chão. O fumo, lentamente,  
Da boca dos canhões fantástico se espalha  
Tecendo no infinito a fúnebre mortalha...  
Desaparece o sol nas bandas do Poente.

Irmãos contra irmãos batem-se peito a peito

Baqueando, depois, no derradeiro leito  
Não sabem porque, na mesma dor ligados...

E no entanto, porque? ... por um capricho tolo  
De El-rei Milhão que ri do cimo do Pactolo  
Vendo rolar no chão milhões de desgraçados!...



## SINOS

Na voz plangente dos sinos  
Das antigas catedrais,  
Eu leio no céu dos tempos  
Mil soluços funerais;

Vejo a miséria, a opulência,  
O escárneo, o desprezo, a dor,  
E muito peito sangrando  
Nas agonias do amor...

A cada dobre que soa,  
Rasgando os seios do ar,  
Uma ilusão cor de rosa  
Sinto do peito rolar;

E os sineiros macilentos  
Deixam romper a baldões,  
Gemidos e gargalhadas  
No bronze das maldições!

Quanta capela de virgem,  
Quanta criança a sorrir,  
Neste instante não se esfolha,  
Não vai à tumba cair!...

Enquanto os sinos plangentes

Graves, sombrios, fatais,  
Desferem canções terríveis  
Dos cimos das catedrais...

Sineiros – dobrai os sinos...  
Sinos – dobrai n'amplidão...  
Que eu sinto o peito rasgado  
Aos dobres do coração!

Deixai gemer nos espaços  
O vosso estranho sobrar;  
Hoje enterraram-me a alma  
Na cova do meu penar!...



## SONETO

A noite era profunda. A neve borrifava  
Com pontas de punhais as pedras das calçadas.  
Nos paramos do céu a lua deslizava  
Formosa auribordando as nuvens descoradas.

O vento minuano, um vento penetrante,  
Fazia tremular os lampeões sombrios;  
Deitados pelo solo em bando agonizante  
Uivavam tristemente uns doze cães vadios.

As linhas cortezas, envoltas em arminhos,  
Nos fofos dos *coupés*, como rolas nos ninhos,  
Saíam dos bordeis cansadas das vigílias.

E nas mesas do jogo os velhos crapulosos  
Davam ao *bacarat*, febreiros, sequiosos,  
Os últimos ceitis roubados às famílias.



## JOÃO FANFA RIBAS

(1869)

Nasceu em Porto Alegre a 1 de abril de 1869. Poeta, jornalista, prosador. Adolescentes ainda, fundou “O Pensamento” com Plínio Casado. Em 1888 entrou para a redação do “Jornal do Comércio”, sendo mais tarde secretário da “Gazeta do Comércio”, a convite de Pinto da Rocha. Colaborou no “O Coymbo”, no “O Atleta”, na “Aurora da Serra” de Cruz Alta, no “Correio do Povo”, na “Notícia”, no “O Combatente” de Santa Maria, no “Almanaque de Pelotas”, na “Gazetinha” e no “Taquariense” de Taquari. Em Bagé, fundou o “Correio do Sul”, que dirigiu de 1914 a 1936. No Rio de Janeiro, foi colaborador do “O Radical”.

**Bibliografia:** “Faíscas”, versos (Porto Alegre, 1893); “O Trono Vermelho” (Porto Alegre, 1911); “Ara do Bem”, poemeto; “Sinhá Rosa”, poema riograndense (Bagé, 1914); “O Revolucionário”, etc.

### O DRAGÃO DE MONJUICH

*(A propósito do fuzilamento de Ferrer).*

Nódoa, nódoa tamanha  
Jamais julguei poder mostrar o Sol um dia  
Na vossa frente augusta, onde o Amor sorria,  
Meu nobre rei de Espanha!

Dizem povos amigos,  
Senhor, que vosso trono, outrora refulgente,  
Agora se afundou na lama repelente  
Dos Cesares antigos.

O rei é sempre rei!  
Que seja em plena paz, aberto o coração  
Ao amor, à piedade, à indulgência, ao perdão,  
Quer em luta com a grei,

Mas um rei verdadeiro,  
Nunca desce ao covil para, ao lobo sanhudo,  
Disputar a braveza e se mostrar em tudo  
Um monstro carniceiro!

Fora melhor, Senhor,  
Quebrar o vosso trono e o vosso cetro d'ouro:  
Fazer do vosso orgulho uma coroa de louro  
E cair com valor!

À canalha, à canalha  
Dá-se o labéu de vil, quando ela avança e freme  
E acomete, e assassina, e se defende e geme,  
E no chão se amortalha!

No entanto, el-rei de Espanha  
Poude premeditar esse crime sinistro  
E nem sequer tremeu o rabido Ministro  
Que o acompanhou na sanha!

Se isso não é vileza,  
Se não é cobardia... el-rei é uma alma boa,  
E a plebe é o excremento, é uma matéria à-toa  
Que vai na correnteza!

Deixem el-rei em paz,  
Esse doce Jesus, essa pomba sem fel,  
Esse anjo todo amor, cordeiro de Israel  
No colo de Kaiphaz...

## ANDRADINA DE OLIVEIRA

(1870-1935)

Nasceu na cidade de Porto Alegre a 12 de junho de 1870 e faleceu na capital de São Paulo a 19 de junho de 1935. Iniciou os seus estudos no acreditado Colégio Luciana de Abreu. Mais tarde fez, com raro brilhantismo, o curso da Escola Normal da capital gaúcha. Dedicou-se ao magistério público somente nove anos, lecionando depois nas cidades de Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e Santa Maria, em cursos particulares. Início a sua vida literária muito jovem, escrevendo em vários jornais e revistas. Militou na imprensa durante vários anos. Fundou um jornal literário feminino – “O Escrínio” – que mais tarde foi transformado em revista ilustrada. Foi uma das maiores feministas brasileiras de sua época.

**Bibliografia:** “Preludado”, contos (livro de estréia); “A mulher rio-grandense”, biografias de escritoras gaúchas falecidas; “Cruz de Pérolas”, contos; “Contos de Natal”, idem; “O Perdão”, romance; “Pensamentos”; “Divórcio?”, livro de tese; “A mulher através dos tempos”, conferência; “Folhas mortas”, versos, etc.

À MARGEM DO GUAIBA

*Addio del Passato*

Por trás do cerro, a lua, no levante,  
Vem derramando a doce claridade.

A brisa à flor oscula com saudade.  
Rola na praia a onda soluçante.

Do rio, sobre a planura palpitante  
Que espelha a formosíssima cidade,  
Um batel, com sutil serenidade,  
Deslisa qual gaivota doujante.

O lindo quadro eu vejo enternecida...  
Do viver de ilusões, então, descrida,  
Minha alma toda em dores se desata...

E do batel que passa, lento e lento,  
Escuto, como *accordi* ao meu tormento,  
O som da *Ária final da Traviata!*...

## ZEFERINO BRASIL

(1870-1942)

Nasceu em Taquari a 24 de abril de 1870 e faleceu em Porto Alegre em outubro de 1942. Poeta romântico dos maiores que o Rio Grande do Sul já produziu, justamente considerado o “príncipe dos poetas gaúchos”. Colaborou nos mais importantes jornais e periódicos literários de Porto Alegre, entre os quais “O Pampa”, a “Ilustração Riograndense”, o “Correio do Povo”, a “Semana Ilustrada”, a “Revista Acadêmica”, o “Brasil Novo”, “A Federação”, a “Kodak”, etc. Ocupou, na Academia Riograndense de Letras a cadeira n. 29, sob o patrocínio de Lobo da Costa. Patrono, na Academia Sul-Riograndense de Letras, da cadeira n. 24. Incluído na “Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana” de Manoel Bandeira (Rio, 1938).

**Bibliografia:** “Alegros e surdinas”, versos (Porto Alegre, 1890); “Traços cor de rosa”, idem (Porto Alegre, 1892); “Vovó Musa”, idem (Porto Alegre, 1903); “Comédia da vida” (1914); “Teias de luar”, versos (Porto Alegre, 1924); “Alma gaúcha”, idem (Porto Alegre, 1935); “Éter”, teatro; “Juca, o letrado”, ensaio de psicologia mórbida; “O meio”, romance; “Visão de Ópio”, versos; “Na torre de marfim”, idem, etc.

## O REGATO

Ermo retiro. Rápido, impetuoso,  
Um regato despenha-se na mata.  
Desce. Alarga-se. Estende-se. Desata  
As rugidoras águas, espumoso.

Aqui sereno lago... Além, cascata.  
Agora, manso. Logo fragoroso.  
Ora retrata o céu e sol radioso,  
Ora, a floresta e os pinheirais retrata.

Rola. Impreca. Escanchôa. Espuma, estoura.  
Leva não sei que fúria rugidora.  
Não sei que estranho soluçar de máguas!

E, alvoroçando os ecos infinitos,  
Ouço, enlevado, os formidáveis gritos  
Do choro amargo das sentidas águas...



## A ESPERANÇA

Esperança, formosa tecedeira  
De sonhos na vigília, és a alegria  
Dos que, morrendo de melancolia,  
Se lembram que a tristeza é passageira.

No horror da noite, quando morre o dia,  
Abris com mãos de fada uma clareira,  
E és a vida sentada à cabeceira  
Do moribundo que no céu confia.

És o farol que aclara o sorvedouro  
Aos que, cativos da ambição adunca,  
Andam buscando o velocino de ouro.

Mas ah! Não passarás de vã quimera,  
Porque o Bem, que se espera, não vem nunca!  
E sempre vem o Mal, que não se espera!



### A FÉ

A Fé que vive n'alma e que a ilumina,  
O homem mais fraco anima e fortalece,  
Dá a muitos mais coragem uma prece  
Que uma rija couraça diamantina.

Flor terrena e real, mas flor divina,  
Nas almas sãs floresce e refloresce,  
E não mais se desfolha e não perece  
Nem mesmo à mão profana, que a assassina.

A Fé, a essência humana diviniza,  
Fula hiena transforma em mansa corça  
E o espírito sutil materializa.

... Homem, que para a vida desabrochas,  
Tem Fé! – A Fé é o lume, a Fé é a força  
Que aos mortos ressuscita e move as rochas.

## ALBERTO CORREIA LEITE

(1871-1898)

Nasceu na cidade de Rio Grande a 4 de setembro de 1871 e faleceu em Porto Alegre a 2 de fevereiro de 1898. Usava o pseudônimo de “Quasimodo”. Foi ativo colaborador da “A Reforma” e do “Correio do Povo” de Porto Alegre. Patrono, na Academia Riograndense de Letras, da cadeira n. 2, fundada por seu irmão Mário de Artagão. Patrono, também, na Academia Sul-Riograndense de Letras, da cadeira n. 35, ocupada presentemente por Fortunato Pimentel.

**Bibliografia:** “Sarças”, versos.

### FLOR DE NEVE

Branca e chorosa, como outrora eu via-a  
No triste instante da separação,  
Branca e chorosa vejo-a noite e dia,  
No santuário do meu coração.

Ela amorosamente me envolvia  
No seu sorriso cheio de paixão,  
Doce, tão doce que eu também sorria,  
Quase chorando de consternação.

Depois... tremeu a sua mão na minha...  
E ela, a suave, e ela, a mais querida,



Abandonou-me como uma andorinha.

Mas nos meus olhos arrasados de água  
Eternamente refletida trago-a  
Branca e chorosa como na partida...



### VOZ DOLENTE

Mente-me o coração; mente meu lábio  
Ao desferir a nota do prazer,  
Pois o que sinto e penso apenas sabe-o  
O Ser Supremo que me deu o ser.

Ah! Foi bem cedo que o letal ressabio  
Do pessimismo vim a conhecer,  
Pois hoje um homem só se torna sábio  
Na tenebrosa escola do sofrer...

Ave impelida pela tempestade,  
Vai minh'alma gemendo de saudade  
Por este mundo frio e desolado;

E vai com ela a multidão fremente  
Dos desenganos tristes do passado  
Dos desesperos mudos do presente...



### FEMINA

Da mesma argila a natureza fê-las  
Dando-lhes tudo, exceto um coração;

Ou sejam elas meigas como estrelas,  
Ou perigosas como a tentação.

umas são lírios; outras malmequeres;  
De gelo as loiras, falsas as morenas...  
Mas todas elas chamam-se mulheres,  
Vindas ao mundo para as nossas penas!

Elas só têm uma paixão – a moda,  
E a vida passam suspirando, algumas,  
Por um vestido de elegante roda,  
Por um chapéu de escandalosas plumas!

E a gente, vendo-as todas, delicadas,  
Como bonecas de esmaltada louça  
Fica a pensar si nesses lindos Nadas  
Acaso existe um coração de moça!

## ALBERTO RAMOS

(1871 - ?)

Nasceu em Pelotas a 14 de novembro de 1871. Aos 13 anos partiu para a Suíça, onde fez os primeiros estudos. Voltando ao Brasil, bacharelou-se em Direito. No Rio de Janeiro foi redator do “Jornal do Comércio”. Redigiu, também, “A Platéia e “A Vida de Hoje” de São Paulo.

**Bibliografia:** “Versos proibidos” (Rio, 1898); “Odes e outros poemas”, (Rio, 1909); “Elegias e epigramas” (Rio, 1919); “Canto do centenário” (Rio, 1920); “Último canto do fauno”; “Ode a Santos Dumont”; “Livro dos epigramas”, etc.

### OS ADEUSES DE D. QUIXOTE

A Deus remeto, que me espera e chama,  
Est’alma nua, mísera, mendiga,  
Se escárneo e insulto é o prêmio de quem ama,  
Penar não foi em vão, nem foi fátiga.

Tu, só tu, puro amor, vós, linda dama,  
Dulcinéa castíssima inimiga,  
Este peito abraçais, que a glória inflama,  
E este ferro que absolve e que castiga.

Mas Deus, que humilha a carne transitória,  
Não consente na terra passageira

A indivíduo mortal celeste glória.

E em vez de monstros pôs nos meus caminhos  
Que abatesse com a lança justiceira  
Arrieiros, manadas e moinhos...

## O CANTO DO CENTENÁRIO

*(Excerto)*

Rio Grande do Sul! Eu sou teu filho!  
(Pelotas foi meu berço. Não lhe frustrre  
invejoso rival o humilde lustre!)  
Não poudes a ingratidão, não poudes o exílio,  
Arrancar-me do peito, onde palpita,  
A saudade do ninho hospitaleiro;  
Este peito é gaúcho e brasileiro.

Pátria riograndense! Sê bendita!  
Bendita no teu coração enorme  
E invencível de mãe e de leoa,  
Na tua vigilância que não dorme;  
Na faina industriosa e diligente  
De cidades e vilas, e na gente  
Generosa e leal, honrada e boa;  
Nos trabalhos do campo sossegado  
E na força pacífica do gado.

Revivei, dias plácido da infância!  
Companheiros da minha tenra idade,  
Recebei o meu beijo de amizade!

Onde quer que entre as névoas, à distância,  
Suba o fio de fumo de uma choça,  
(ladram cães: aparece à porta a linda  
roceira; o rancho todo se alvoroça,  
fumega o chimarrão de boa-vinda);  
Ou que em noite de marcha e de pampeiro

Brilhe na treva luz de uma posada,  
Íntima, cordial, convidativa,  
Terra Gaúcha! Tiro o meu sombreiro,  
Agito o pala e grito: Viva! Viva!

## ALFREDO LISBOA

(1873-?)

Nasceu em Porto Alegre a 27 de novembro de 1873. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1896. Foi procurador seccional da República e promotor público em Porto Alegre. Usava frequentemente o pseudônimo de “Jaques Rola”. Colaborou no “Jornal do Comércio”, no “Correio do Povo”, na “A Notícia”, no “Mecenas”, no “O Buril” e no “Norte-Sul” de Porto Alegre. Foi também redator do “Petit-Journal”. Ocupou na antiga Academia Riograndense de Letras a cadeira n. 13, sob o patrocínio de Fernando Ferreira Gomes.

**Bibliografia:** “Hostiário”, livro de versos inéditos.

### MÍSTICO

Quando a conduziram como uma criança  
Caixãozinho branco como um nenúfar,  
Mãos cruzadas sobre a placidez do peito,  
Nesse eterno sono longo e satisfeito  
De que a gente nunca mais há de acordar.

Quando a conduziram, no seu leve, estreito,  
Leve, de tão leve que era o seu caixão,  
Lá para esse campo santo, onde se lança  
Uma pá de terra sobre uma esperança,  
Uma loisa fria sobre um coração;

Diz-se que chorava a natureza toda  
Pela nevoa espessa da manhã de abril,  
Só de vê-la assim, como se fosse à boda,  
Flores de laranja, vestidinho à moda,  
Justo no seu corpo quase que infantil.

Como magoada queixa interrompida,  
Soluçava um sino pelo espaço-dlon!  
Como voz humana, como voz dorida,  
Que sangrasse fundo como uma ferida,  
Que dissesse a mágoa por aquele som...

Vinham, cabisbaixos, moços e pastores,  
Velhos e crianças, inspirando dó,  
Com braçadas grandes – rosas multicores,  
Goivos e saudades e outras tantas flores,  
Para que ela, morta, não ficasse só...

E, pelo caminho triste e pedregoso,  
Lá se foi levada nesse funeral  
Para a eterna vida, para o eterno gozo,  
Essa em quem o mundo teve o mais formoso  
Rosto de donzela, meigo e angelical...

Lá no céu, de certo, serafins e santos  
Não lhe elevam como nós um mausoléu,  
Mas virão as virgens a beijar-lhe as plantas  
Para que ela sonhe coisas sacrossantas  
No regaço manso do Senhor do Céu!

## ANDRADE NEVES NETTO

(1873-1918)

Nasceu em Rio Pardo a 11 de fevereiro de 1873 e morreu assassinado em Santa Maria no ano de 1918. Bacharelou-se em 1894 pela Faculdade de Direito de São Paulo. Usava os pseudônimos de “Tia Rosa”, “Cangiquinha”, “César Franco”, “Uhland” e outros. Redigiu o “Jornal do Comércio”, em que criou uma secção de versos humorísticos e a “Gazetinha” de Porto Alegre, onde também colaborou no “Correio do Povo” e na “Kodak”. Em Santa Maria colaborou no “Correio da Serra” e dirigiu “O Estado”. Ocupou, na antiga Academia Riograndense de Letras, a cadeira n. 10, patrocinada por Ernesto Alves.

**Bibliografia:** “Violas gaúchas”, versos (Santa Maria, 1906); “Dr. Fernando Abott”, discurso; “Sonetos de Antero”, etc.

### A ANTERO DE QUENTAL

Agitado por ódios violentos,  
E de supremas cóleras batido,  
Enche o homem de gritos e lamentos  
O vasto mar e o céu indefinido.

As fúrias dos seus agros pensamentos  
Cortam o imenso espaço num rugido  
E durante o fragor dos elementos  
Por nova dor que vem, novo gemido.



O desgraçado aos deuses imprecava  
E a sua voz tal como entre rochedos  
Entre as brancas estrelas ecoava.

E os grandes deuses, velhos e cansados.  
Na impassibilidade dos penedos,  
Permaneceram tristes e calados...

## AURÉLIO JUNIOR

(1874-1910)

Nasceu em Porto Alegre a 28 de fevereiro de 1874 e faleceu na mesma cidade a 30 de junho de 1910. Filho de Aurélio Veríssimo de Bittencourt e progenitor do escritor Dario de Bittencourt. Usava o pseudônimo de “Delmar de Castro”. Bacharelou-se em 1896 pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi promotor público em São Leopoldo e professor do Ginásio Rio Grande do Sul de Porto Alegre. Fundou “O Exemplo” de Porto Alegre, onde colaborou também no “Jornal do Comércio”, na “Gazeta do Foro” e no “Petit-Journal”. Pertenceu à Academia Riograndense de Letras, em que ocupou a cadeira n. 12, patrocinada por Felix da Cunha.

### TRANSES

A que se foi, há tempos, de partida  
Dentro de um roxo coche funerário,  
Como si fosse pérola em guarida  
Nesse esquisito e tétrico sacrário,

Levou nas dobras do seu vestuário  
Todo o teu ser e toda a tua vida,  
Alva albatroz de um ninho solitário  
Que ao teu desvelo ainda não vês perdida.

– É com afeto de fiel esposo  
Que entre estrelas a vês, mudo e saudoso,

Na côncava amplidão indefinida:

– Alma evolada apenas para o triste  
Coração passional que mal resiste  
Ao grande e acerbo mal de a ter perdida!

## MANOEL FARIA CORREA

(1874)

Nasceu em São Gabriel a 5 de novembro de 1874. Colaborou na “Ilustração Riograndense”, na revista “O Pampa”, na “Revista da Escola Preparatória e Técnica de Rio Pardo”, na “A Notícia” e em outros órgãos da imprensa gaúcha. Pertence à Academia Sul-Riograndense de Letras, onde ocupa a cadeira n. 17, sob o patrocínio de Thimóteo Faria Correa Filho.

**Bibliografia:** “Halos”, versos líricos; “Pátria”, cena dramática em versos; “Às armas”; idem; “Rumo aos pagos”, poesias regionalistas”; “Alma em flor”, versos inéditos, etc.

### NATUREZA

Perto domina a Serra, as broncas penedias  
Dando aos beijos do Sol enamorado, ardente!  
E ar puro e luz são Vinho e Pão de Eucaristias  
No Tempo milenário, erguido eternamente.

Da estrela da manhã às sombras do Poente  
Ouvem-se orquestrações, murmúrios, melodias!  
São abelhas na flor, endeixas na vertente;  
São pássaros no azul; são águas fugidias.

Do vale neneroso ascende à encosta aclave  
Suavíssimo perfume! E a flor que sobrevive

Guarda no gineceu os embriões do fruto.

.....

Oh! Madre universal! Oh! Minha Mãe agreste:  
Pela taça de fel que néctar tu me deste!  
Quando eu tombar, te pague a Terra meu tributo!

## JOÃO BELEM

(1874-1935)

Advogado, jornalista, poeta, teatrólogo, historiador. Nasceu em Porto Alegre a 4 de março de 1874 e faleceu em Santa Maria a 24 de junho de 1935. Colaborou na “A Farpa”, na “Ilustração Pelotense” e na “A Imprensa” de Porto Alegre. Em Santa Maria, foi colaborador do “Diário do Interior” e da “A Razão”, redator-chefe do “14 de Julho” e diretor do “O Viajante” Patrono, na Academia Sul-Riograndense de Letras, da poltrona n. 28, fundada por Ary Martins.

**Bibliografia:** “Aerólitos”, versos (Porto Alegre, 1891); “Musa ferina”, versos satíricos (Santa Maria, 1918); “Páginas perdidas”, versos, com prefácio de Andrade Neves Neto (Santa Maria, 1916); “História de Santa Maria” (Porto Alegre, 1933); “Filhos de Momo”, revista; “O peixeão”, idem; com música de Álvaro Reis; “Corações gaúchos”, idem; “O gatuno do amor”, burleta; “A professorinha”, revista; “Que águia!”, comédia; “Regeneração por amor”, drama, etc.

### ENFERMA

Bem sei que sofres muito, ó doce amada,  
E como eu soffro ao ver que sofres tanto!  
Minha tortura é dupla, mas entanto  
Eu bendigo esta dor por ti causada!

Pudesse a minha dor centuplicada  
Ser para a tua bálsamo santo,

Ninguém veria nos meus olhos pranto  
Mas a ventura de te ver curada!

É que amo a vida mais que a minha  
Desde o dia feliz em que me inflamo  
Na luz de teu olhar, doce Rainha.

Vivo da tua vida, em ti concentro  
A minha aspiração. Viva, eu te amo.  
Morta, eu te sigo pela morte a dentro!

## RAUL DE VILLEROY

(1874-?)

Advogado, jornalista, poeta, ficcionista. Nasceu em 1874 em Porto Alegre, onde também veio a falecer. Na capital riograndense, foi redator do “Mercantil” e do “Jornal do Comércio”. Colaborou, ainda, na “A Razão” do São Leopoldo em 1914.

**Bibliografia:** “Flores rubras”, versos (Porto Alegre, 1897) e “Noivos”, romance naturalista, em colaboração com Mário Santos.

### SONETO

Noute... O castelo triste e silencioso  
Entre as feudais ameias e seteiras,  
Lembra ainda as façanhas derradeiras  
De um exilado *Lord* desditoso...

N'aléia de jasmims e amendoeiras  
Assoma um par gentil e misterioso...  
*Ele* – a sorrir alegre e venturoso,  
*Ela* – a chorar as lágrimas primeiras...

E a castelã e o pagem predileto,  
Imploram, mudamente, de um afeto  
Tudo que temem e tudo que desejam...

E enquanto a lua no infinito rola,  
Um soluço de amor febril se evola  
E duas bocas trêmulas se beijam...



## MÁRIO TOTTA

(1874-?)

Nasceu em Porto Alegre a 5 de janeiro de 1874 e faleceu na mesma cidade. Filho de Augusto Totta e irmão de Raul Totta. Iniciou a sua carreira literária no “Jornal do Comércio”, juntamente com Souza Lobo, Randolpho Saint-Clair e Andrade Neves Netto. Ali foi buscá-lo Caldas Junior para auxiliá-lo na fundação do “Correio do Povo”, em 1895. Mais tarde, matriculou-se na Faculdade de Medicina, doutorando-se após um curso brilhante. Pertenceu à Academia Riograndense de Letras, onde fundou a cadeira n. 25, sob o patrocínio de Hilário Ribeiro... Colaborou, ainda, no “Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul”, na “Revista dos Estudantes de Engenharia de Porto Alegre” (1897), na “Revista do Sul”, na “Higia”, no “Brasil Novo” e no “O Buri” de Porto Alegre. No “Correio do Povo” manteve a secção poética “Diário de dois líricos”, em colaboração com Souza Lobo.

**Bibliografia:** “São Francisco e os pobres”, conferência (Porto Alegre, 1927); “Meu canteiro de saudades”, versos elegíacos (Porto Alegre, 1937); “O médico em casa” (Porto Alegre, 1938); “Medicina em pílulas” (Porto Alegre, 1939); “Breviário da saúde”, “Elogio do sacrifício”, conferência; “Pedras”, idem; “As horas”, idem; “Preceitos de higiene”; “Estriquinina”, romance, de parceria com Souza Lobo e Paulino de Azurenha, etc.

## PEDRA

Pedra trabalhada ou bruta, és tu a história eterna  
Das coisas do universo, a alma do que não morre.  
Foste os deuses de outrora e és Deus ainda na torre,  
O mistério da esfinge e a primeira caverna.

Rocha escarpada e agreste, em tuas veias corre  
A água que vem à flor, no cálice da cisterna;  
És o rudo alicerce e a abóboda superna,  
A pia batismal e a cruz que nos socorre;

A coluna que ao céu a força humana alteia,  
A jóia que cintila e o humilde grão de areia,  
Da montanha e do mar o rígido suporte.

E engastada em diadema, ou na rua batida,  
Pedra! Tu és na estátua a vitória da Vida  
E cobrindo uma cova o mistério da Morte!



## ELOGIO DO SACRIFÍCIO

A beleza da vida emergiu grandiosa  
Do sangue que regou na terra o sacrifício;  
Desde a espada flamínea brilhar vitoriosa,  
Ao coração que exulta amarrado ao cilício.

Argonautas abrindo a vela radiosa,  
Missionários erguendo as mãos no santo ofício  
E os que tiveram fé, na hora do suplício,  
Desde Rama e de Budha à Mater Dolorosa,

E os que abriram no mar da conquista uma esteira  
E o que caiu varado ao lado da bandeira,  
E o que a vida carrega e o que as almas conduz;

E a mãe que cria o filho e por ele padece,  
E o que sofre a tortura e a exalça numa prece  
E Aquele que morreu pregado numa cruz!

## SOUZA LOBO (José Carlos de)

(1875-1935)

Nasceu em Porto Alegre a 11 de outubro de 1875 e faleceu na mesma cidade a 18 de outubro de 1935. Foi poeta, jornalista e romancista, além de advogado provector. Filho do professor e escritor José Theodoro de Souza Lobo. Dirigiu o “Correio Mercantil” de Pelotas e foi redator do “Correio do Povo” de Porto Alegre até sua morte. Usava o pseudônimo de “João Crisóstomo”. Colaborou, ainda, no “Jornal do Comércio” e no “O Dia”, da capital riograndense. Ocupou, na Academia Riograndense de Letras, a cadeira n. 5, sob o patrocínio de Araújo Porto Alegre. Patrono, na Academia Sul-Riograndense de Letras, da cadeira n. 29.

**Bibliografia:** “Meu coração”, versos; “Estriquinina”, romance em colaboração com Mário Totta e Paulino de Azurenha; “Descassílabos de amor”, inéditos, etc.

### VENDO MINHA MÃE CORAR

Nós somos sete irmãos. Infelizmente,  
É teu, Mamãe, o nosso escuro fado.  
Que caso singular te ver contente!  
O que tens padecido e soluçado!

Basta um de nós andar meio doente,  
Ou dos teus olhos meigos afastado,  
Fica teu coração como um poente

De outono, envolto em sombra e amargurado.

Mãe, a chorar por nós, lembras-me agora  
Aquela imagem tão bonita e triste  
Em que vêm os cristãos Nossa Senhora,

Sete espadas trazendo atravessadas  
Ao coração. Nossa Senhora existe:  
És Tu! E somos nós as sete espadas!

### SONETO

Quanta tristeza no meu novo estado!  
Que desesperos, que recordações!  
Ainda estava cheio de ilusões,  
Como um adolescente enamorado.

Que ditoso casal de corações,  
Cheinhos um do outro e lado a lado  
Batendo, cada qual mais enlevado,  
E cada qual mais limpo d'afflições!

Moça e bonita! Infame crueldade  
Da Morte – desfazer, num só minuto,  
Tão bem amada e linda mocidade!

Dizem que tudo isso hei de esquecer...  
Pois saibam todos que me vêm de luto  
Que sempre assim de luto hão de me ver.



### SONETO

O bem que eu lhe queria! Era de ver  
Os doces mimos que lhe dispensava.

Minh'alma fora sempre sua escrava  
E andava contentíssima de o ser.

Os seus desejos eu advinhava,  
E a coitada, não tendo o que dizer,  
Sorria apenas para agradecer.  
Como aquele sorriso me bastava!

O bem que lhe queria. Mais ninguém  
(E Ela de todos fora tão querida)  
Sabia, como eu, lhe querer bem.

Dor que me punges por perdê-la, Dor  
Que me envenenas para sempre a vida,  
Estás na proporção d'aquele amor.

## ALARICO RIBEIRO

(1876-1905)

Nasceu em Cachoeirinha a 7 de outubro de 1876 e faleceu em Porto Alegre a 2 de outubro de 1905. Foi redator do “15 de Novembro” de Cachoeira, onde colaborou também na revista “A Ideia”, fundada em 1888. Na capital riograndense colaborou no “Jornal do Comércio”, onde criou a seção literária “Tábua Rasa” no “Correio do Povo”, na “Folha da Tarde”, na “Gazeta da Tarde” e no “Jornal do Estado”, de que também foi diretor.

**Bibliografia:** “O trono e os vencidos”, panfleto republicano em versos (Porto Alegre, 1889); “Glossário policial” (Porto Alegre, 1889); “Caos”, versos (Porto Alegre, 1896); “Oásis”, idem (Porto Alegre, 1897), etc.

### LOBO DA COSTA

Foste um gênio, poeta! O teu talento  
Ergueu-se às fulvas páginas da História,  
Onde – belo e condor do pensamento –  
Dormes sonhando com a tua glória!

Foste um gênio, poeta! Da poesia  
Inflamava-te o crânio o fogo etéreo!  
Águia – voavas no céu o azul sidéreo!

Vibrando da harpa tua harmoniosa

Dulcisona canção de amor saudosa,  
Passaste, ó alvo cisne, à Eternidade!

Te desfizeste, ó nuvem já sem norte,  
Tombando no chão gélido da morte...  
“Como um astro que cai da imensidade!”.



## NÓS

Em meio o deserto árido da vida,  
Este mesmo caminho que pisamos,  
Um dia, em face um do outro, nós achamos  
Eu, sombra errante e tu, alma descrida!

Logo, um ao outro, extáticos, falamos:  
– Tu me fizeste a narração sentida  
Das tuas dores e eu contei-te a lida  
Das minhas lutas. E ambos nos amamos.

Imenso amor que além irá da morte  
E quando um de nós for, vencido à sorte,  
Dormir o sono sob a verde alfombra

O que ficar há-de sentir bem junto  
De sim a gélida alma do defunto  
Acompanhando-o como a própria sombra...



## ARNALDO DAMASCENO VIEIRA

(1876-1949)

Nasceu em Porto Alegre a 22 de abril de 1876 e faleceu no Rio de Janeiro em 1949. Filho de João Damasceno Vieira. Colaborou na “Ilustração Pelotense”, no “Álbum” da Escola Militar de Porto Alegre, que cursou e na “Luz” da mesma escola. No Rio de Janeiro fundou a revista “Brasiléia” e colaborou no “O Mundo Literário”.

**Bibliografia:** “Constelações”, versos (Rio, 1902); “Baladas e poemas”, idem; “Poemas do sonho e da ironia” (Rio, 1919); “Lenda da princesa loura”, idem (São Paulo, 1925); “Ainda se morre de amor”, ato dramático; “Imortalidade” (Rio, 1936); “Espelho de três faces”, poesias inéditas, etc.

### SERENIDADE

Jamais o saberás! Guardo comigo  
Este recôndito, íntimo segredo.  
E de minha firmeza me bendigo.  
Guardo-o atento e solícito, com medo  
De que uma só palavra, um simples gesto,  
Nos lance às cegas a esse amor funesto  
A que a aflição se há de juntar bem cedo.

A ti, por certo, estranha se figura  
Esta quase afrontosa indiferença  
Perante teus encantos, em presença

De teu sorriso, de tua formosura;  
Ante os vivos enleios da alegria,  
Transbordante de graça e de frescura,  
Que de teu ser vibrátil irradia.

Ah! Pudesse eu dizer-te o que sufoco  
Em meu seio! O fervor com que deponho  
A teus pés, meu sentir! Quanto te evoco  
Entre as caligens de um viver trístico.  
Mas para que turbar de escuras máguas  
As cristalinas e serenas águas  
Em que singra o veleiro de teu sonho?

Não! Tu não sabes do sabor amargo  
Que em si contém o beijo dado à furto.  
O amor, querida, em seu divino surto  
Com a águia real, quer o céu claro e largo.  
Só se alça belo em plena luz! Na sombra  
Revoltado desperta do letargo  
E é como um leão cujo bramir assombra!

Que tremendo infortúnio nos ferira  
Se um dia nossos peitos ofegantes,  
A arder nas chamas da abrazada pira,  
Se fundisse no anseio dos amantes.  
Quantas noites na angústia desveladas,  
Que de lágrimas quentes derramadas  
Pelo gozo de rápidos instantes?

Não! Mas acaso nosso ardente culto  
Encontrará conforto na Esperança,  
Nas promessas de um Bem que não se alcança,  
E eternamente há de viver sepulto?  
Como transpor o abismo insuperável  
Que entre nós, sob flores, jaz oculto?  
– Fora em vão combater contra o Imutável!

E assim nos há de transcorrer a vida  
Tolhidos por absurdo preconceito.

– Tu por vários desejos compelida.  
– Eu recalcando-os no íntimo do peito!  
Que importa? Há um certo gozo torturado  
Nesse desejo sempre renovado  
E, por desdita, nunca satisfeito...

## REVOCATA HELOISA DE MELLO

Nasceu na cidade de Rio Grande, onde fundou “O Corymbo” com a sua irmã Julieta de Mello Monteiro. Colaborou na revista do “Parthenon”, no “O Gaúcho” de Bagé, no “Escrínio”, no “O Contemporâneo” e na “A Pátria” de Porto Alegre, na “Revista Popular”, na “A Ventarola”, no “Progresso Literário” e no “Diário de Pelotas”, bem como na “A Cidade” de Rio Grande e no “Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul”. Usou, em várias ocasiões, do pseudônimo de “Sybilla”.

**Bibliografia:** “Folhas errantes”, versos, com prefácio de Múcio Teixeira (Porto Alegre, 1882); “Coração de mãe” e “Mário”, dramas, em colaboração com Julieta de Mello Monteiro, etc.

### O APÓSTOLO DA LIBERDADE

*(Gaspar Martins)*

Quando Ele aparecia, audaz, febricitante,  
A desprender o verbo em lavas de vulcão,  
Era a força viril, formosa, radiante,  
Era o poder ingente, a fibra de Sansão!

Prendendo as multidões mostrava à Mocidade,  
Os moldes da Justiça, as vozes da Razão;  
Desdobrava o pendão, em larga inspiração!

Em meio às legiões dos filhos denodados  
Desta terra de heróis, de feitos, de guerreiros,

Impávido seguiu, mostrando aos comandados

Que a santa Liberdade em terra dos pampeiros  
Há de fulgir, brilhar, trazendo entrelaçados  
Do Direito os troféus, em rosas e loureiros!

## JACYNTHO GODOY

Médico e homem de letras. Formou-se em 1911 pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, sendo o orador da turma. Colaborou no “O Debate” na “Panthum”, no “Petit-Journal” e na “Justiça” de Porto Alegre. Dirigiu, também, “O Estado” de Santa Maria e “O Brasil” de Caxias.

**Bibliografia:** “Fingindo pedra”; revista, em colaboração com Maurício Cardosol “Psicopatologia forense”, ensaio, etc.

### MATER DOLOROSA

Vejo-a sempre de luto. Atroz pesar  
De certo traz no coração doido,  
Pois não se cansa nunca de chorar  
E tem sempre o semblante compungido!

“É por causa de um filho” – ouço contar –  
“Um povo mau, um povo endurecido  
Matou-o”. Ela hoje é Santa e no altar  
Seu rosto inda parece mais dorido.

Nossa Senhora a chamam. Tem saudade  
Nas faces e nos olhos um sofrer  
Resignado, um brilho de bondade.

Ao vê-la, penso em minha mãe e insisto  
Na ideia de morrer. Quando eu morrer  
Ela há de parecer a Mãe de Cristo!

## VILLALOBOS JUNIOR (José)

Dedicado poeta riograndense dos fins do século XIX. Foi redator da “A Reforma” e do “Correio do Povo” de Porto Alegre. Dirigiu, ainda, “O Pensamento” de Pelotas, com Coelho Cavalcanti e colaborou ativamente no “Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul”. Patrono, na Academia Riograndense de Letras, da cadeira n. 19, criada por seu irmão Tito Villalobos.

### NAVIO FANTASMA

Dizem do mar as lendas vaporosas,  
Que quando a tempestade assustadora  
A marinhagem trêmula apacora,  
Enraivecendo as ondas marulhoras;

E como um bando de aves tenebrosas,  
Fero, a grasnar pela amplidão sonora,  
Voam espavoridas mar à fora  
As terríveis rajadas furiosas,

Um navio fantástico, maldito,  
Sem leme, sem farol, sem marinheiros,  
Aparece, qual tétrica visão...

Assim no peito meu, mar infinito  
De dores, vaga à-toa, sem roteiros,  
Um navio fantasma: – o coração.

## MIGUEL MELLO

(1877-?)

Nasceu em Porto Alegre no ano de 1877 e faleceu no Rio de Janeiro, onde foi redator e colaborador de inúmeros jornais e periódicos literários entre os quais a “Gazeta de Notícias” e o “ABC”. Distinguiu-se especialmente como jornalista combativo e poeta de delicada inspiração.

**Bibliografia:** “Visão da estrada”, versos; “Eça de Queiroz”, ensaio de crítica e “Confiteor” (Rio, 1909).

ONDE?

Não sei que aspiração indefinida  
Para mundos ideais que desconheço  
Me obriga sempre a olhar com despreço  
Todas as cousas de que é feita a vida!

Filha do tédio, uma ânsia mal sentida  
Me impele o coração neste arremesso  
Para graças eternas que apeteço  
E cuja essência ma é desconhecida,

Cansada de lutar, minha alma aspira  
Ao gozo de uma paz onde, despindo  
Das mundanas paixões e vã mentira,

Se possa amar deveras sem receio,  
Se satisfaça enfim o anelo infindo  
De que nos vive o coração tão cheio!



## MARCELO GAMA

(1878-1915)

Nasceu em Mostardas, município de São José do Norte, a 3 de março de 1878 e faleceu no Rio de Janeiro, vítima de um desastre de bonde, a 7 de março de 1915. O seu verdadeiro nome era Possidônio Cezimbra Machado. Colaborou na “Ilustração Pelotense”, no “Correio do Povo” e no “O Diário” de Porto Alegre, fundado em 1911 por Carlos Penafiel. Em 1899, com Romualdo Prati, lançou o quinzenário ilustrado “Letras e Artes”. Foi, ainda, diretor da revista “A Lua”, que apareceu em 1904 na capital gaúcha. No “Correio do Povo”, com o pseudônimo de “Marcelus”, manteve interessante secção de crônicas literárias e críticas, intitulada “Desordenadas”. Patrono, na Academia Riograndense de Letras, da cadeira n. 30, ocupada por De Paranhos Antunes.

**Bibliografia:** “Via Sacra”, poemas e sonetos (Porto Alegre, 1902); “Noite de insônia”, poema (Porto Alegre, 1907); “O Violoncelo do Diabo”, idem; “Avatar”, drama em versos alexandrinos, de fundo socialista; “Via Sacra e outros poemas”, edição póstuma (Rio, 1944), etc.

BONITA E FRIA

Bela, mas fria. Fria, mas bonita.  
Misto de graça e de melancolia.  
Cedo gelou aspérrima invernia

O coração que no seu peito habita.

Por que bonita, sendo assim tão fria?  
Por que fria, sendo assim tão bonita?  
De algum pólo talvez, flor esquisita,  
Exilada, a morrer de nostalgia.

Foge do amor, religião que evita,  
Desconhecendo a sua liturgia,  
E baixa os olhos, quando alguém os fita.

Bela que a indiferença desafia!  
Mas, de que serve ser assim tão bonita,  
Sendo bonita, mas assim tão fria?

#### ÚLTIMA PÁGINA

Médico a registrar, dia por dia,  
Melhoras e pioras de um cliente,  
Assim do meu espírito doente  
Tenho exarado a interminável agonia

Li hoje tudo o que já escrito havia,  
Comparando o passado ao meu presente.  
Uma cruz... dores... tédios... Como a gente,  
Olhando os próprios males, se injuria!

Bem podiam dar vida a uma roseira  
Os prantos que chorei a vida inteira  
E de que estão as páginas manchadas!

Fecho o livro... É pior; maior a mágoa,  
Pois me vêm por os olhos cheios d'água  
As saudades das lágrimas choradas!...



## CATAVENTO

Vim sarar tédios, longe da cidade,  
A convite e conselho de um amigo,  
Neste sombrio casarão antigo  
Onde tudo tem ares de saudade.

– “Vem para o campo que a paisagem há de  
Curar-te”. Mas, curar-me não consigo:  
Ontem o riso esteve bem comigo;  
Hoje me sinto cheio de ansiedade.

Sou assim, como as asas do moinho  
Que, lá distante, à beira do caminho,  
Por entre casas velhas aparece:

Gira ao norte... ora ao sul... depressa... lento...  
Parece doido aquele catavento!...  
Mas como ele comigo se parece!



## COMO ESTUDAR?

Toda a gente me diz: “Marcelo, estuda!”  
Mas como hei de estudar, pensando em ti?  
Há duas horas que este livro abri  
E espero em vão que o raciocínio acuda:

Velhas doutrinas de Confúcio, Buda...  
Página 36... nada entendi.  
Volto a reler aquilo que já li:  
De ti meu pensamento não se muda.

“Marcelo, estuda!” E leio, e leio, e leio,  
Mas, para que? Se a tudo fico alheio,

Como se lesse alguma língua estranha:

Deixo o livro, sem ter nada entendido.

E que sei eu de tudo que foi lido?!

– Que és a mulher mais linda que o sol banha!

## FREDERICO CARLOS DE ANDRADE

(1878-1940)

Nasceu na cidade de Rio Grande a 29 de dezembro de 1878 e faleceu na mesma cidade em abril de 1940. Foi ativo colaborador da “Ilustração Pelotense”. Na cidade de Rio Grande, colaborou na revista “Tudo”, de que foi também diretor, no “Diário do Rio Grande”, no “O Tempo” e no “Echo do Sul”. Neste manteve a secção “Non nova, sed nove”, sob o pseudônimo de “Vinicius”.

**Bibliografia:** “Os pombos”, drama (Rio Grande, 1904); “A denúncia do luar”, idem (1909); “Sangue”, idem (1911); “A máscara, conferência (Rio Grande, 1914); “Está na hora”, burleta; “Aguaceuro”, episódio dramático; “Portugal”, conferência (1918), etc.

### O ESPÚRIO

Deixa que falem. Que te importa a grita  
Que se levanta em torno do teu crime,  
Se o bem cuidar um filho é tão sublime,  
Se ao pé do teu, seu coração palpita?

Não penses, não, que Deus a tal desdita  
Se mostre fero. A lágrima redime.  
Agarra-te ao pequeno e desoprime  
O peito. A dor desterra, ó alma aflita!

Deixa que te censure o mundo vário.

Cuida que, se ao monturo, agora, o fruto  
Da paixão tu lançasses, ao contrário,

Te exaltaria o mundo? Engano! À dor  
Prestaste já, – és mãe! – o teu tributo.  
De Deus tens o perdão nesse outro amor!

## AURÉLIO PORTO

(1879-?)

Nasceu em Cachoeira a 25 de janeiro de 1879 e faleceu no Rio de Janeiro, onde era redator dos “Anais do Itamarati”. Foi uma das mais completas e vigorosas personalidades de intelectual que já teve o Rio Grande do Sul. Pertenceu à Academia Riograndense de Letras, onde ocupou a cadeira n. 31, sob o patrocínio de Múcio Teixeira.

**Bibliografia:** “O milagre”, versos (1908); “Epopéia dos Farrapos”, idem; “O último farrapo”, idem; “Farrapiada”, idem (Porto Alegre, 1934); “Pátria”, peça dramática; “Professor Arthur Candal”, biografia; “Município de Cachoeira”, estudo monográfico; “A conquista das Missões”, história; “O tesouro do Arroio do Conde”, romance histórico; “História das Missões Orientais do Uruguai”; “O trabalho alemão no Rio Grande do Sul”, etc.

### A CAMPANHA

Vasto, verde estendal da campanha nativa,  
Oficina ancestral das bravuras da raça,  
Onde, ao grito revel do gaúcho que passa,  
Tremula desdobrada uma flâmula altiva.

Meiga terra de amor, de esperança e de graça,  
Dilatada extensão que as energias aviva,  
Predestinado à luta a gente primitiva

Que um campo de batalha a seus destinos traça.

Meio ambiente fatal de que flui e dimana  
O impetuoso caudal das forças que plasmaram  
O forte coração da gente pampeana;

E onde se constitui, de distância em distância,  
O clan das gerações da gente pampeana;  
Nos desertos do pampa, os esteios da Estância...



## PEDRO VELHO

(1879-1919)

Nasceu em Cachoeira a 29 de junho de 1879 e faleceu em Porto Alegre a 6 de setembro de 1919. Colaborou em diversos jornais e periódicos portoalegrenses, entre os quais “O Diário”, “A Rua”, “O Pampa”, a “Via Látea” e a “Revista do Sul”. Na Academia Riograndense de Letras deu denominação à cátedra n. 36, ocupada por Ary Martins. Patrono, na Academia Sul-Riograndense de Letras, da cadeira n. 32, ocupada por Augusto de Carvalho.

**Bibliografia:** “Ocasos”, versos (Porto Alegre, 1906).

### ENFERMO

Enfermo. Fim de Julho, – o irmão de Agosto:  
Esse Agosto é terrível: dá má sorte.  
Bem lá diz o ditado: – traz desgosto...  
A mim, permita Deus que traga a morte.

Julho agoniza. Chora. (A chuva é forte).  
Advinho o desmaio do meu rosto algum que se conforte  
Pousado, longos dias, num recosto...

Tento ler. A leitura faz-me tédio.  
O tic-tac do relógio, alerta,  
Avisa-me das horas do remédio...

Às prescrições do médico me oponho...

Durmo, por fim... E, pela porta aberta,  
Entras, me beijas e te vais, em sonho...



### PECADOR

Tu, que, por esquecido de teus males,  
Julgas o mundo deles esquecido,  
Hás de ser, por montanhas e por vales,  
Pela trompa da fama perseguido.

Sem nome e pátria, andes no mar, perdido;  
Cubras as faces; outra língua fales;  
Embora! Hás de ser sempre conhecido.  
Pecaste. Nada resta. Nada vales.

Como riscar do alheio pensamento  
O que riscaste da imaginação?  
Como mostrar o arrependimento? ...

Caiu-te a alma límpida no lodo?  
Deita também na lama o coração,  
No lodaçal mergulha o corpo todo!...



### ARIDEZ

A tua alma é um terreno imenso e abandonado  
Onde, inculta, viceja uma erva venenosa  
Que não deixa nascer o cálice da rosa  
Nem deixa ter sabor o fruto desejado.

Nos dias bons de sol, não se escuta um trinado  
Naqueles ervaçais; e em noite tenebrosa  
Silva, ali no seu antro, a serpente viscosa  
O seu silvo estridente é triste e compassado.

E Deus, que faz no estrume um lírio florescer,  
Que dá musgo ao rochedo, e traz a terra cheia,  
– a ser homem assim, porque te deu o ser?

Deus, que é todo piedade, e que é todo conforto,  
Porque te fez humano em vez de grão de areia,  
Porque não te desfez no sangue de um aborto?



## PRIMAVERA

Dá gosto agora andar pelos caminhos!  
Que encanto ver-se, agora os roseirais?  
Já gorgeliam nos ramos, passarinhos,  
E cobrem-se de flor os laranjais!

Nas forquilhas das árvores, os ninhos  
Semelham, mães, os berços que embalais.  
Ó doce primavera! Os teus carinhos  
São bens como os carinhos maternos!

Entre os vultos copados do arvoredo,  
Além da cerca, um muro que aparece  
É como si vivesse num segredo

E sempre o verde pela várzea e pelo  
Monte, que, além, subindo nos parece  
O dorso de um monótono camelo...

## RAPHAEL CLARK

(1880-1926)

Nasceu a 22 de janeiro de 1880 em Porto Alegre, onde também faleceu a 3 de março de 1926. Poeta, jornalista, orador, prosista e advogado. Com Armando Cunha, fundou “A Luta”. Em 1911 lançou o “Calendário” (Indicador Comercial), tendo mais tarde lançado, ainda, os jornais “Cidade Nova” e “O Xiru”. Em companhia de Abrilino Lança, Almiro Couto e Silva, Euclides Gomes, Carlos Cavaco e outros fundou, em Porto Alegre, numerosas entidades literárias e culturais.

**Bibliografia:** “Rimas do Quartel”, versos; “Águas passadas...”, idem e “Saudades”, idem, este último publicado em conjunto com “Tulipas” de José Julio de Souza Gaia, obra prefaciada por Sabino Magalhães.

### DUPLA INCERTEZA

Mal-me-quer... tu dirás; mas nem sei se te quero,  
Insinuante visão, que outrora amei na vida,  
E que foste por mim no mundo a preferida  
Mal-me-quer... mal-me-quer! Entanto te venero.

Bem-me-quer... pensarás, talvez, mulher fingida  
Mas, se escuto teu nome às vezes desespero...  
E assim quero viver distante, rude e austero.  
Sem nunca mais te ver – embora a alma abatida.

Mal-me-quer... bem-me-quer... E tua vida encerro  
Hoje, neste amargoso e tétrico dilema,  
Fazendo-te sofrer num círculo de ferro,

E eu também, como tu, prossigo neste enleio  
Pois não sei se te voto adoração extrema,  
Nem mesmo sei dizer, Mulher, se inda te odeio!

## ESTÁCIO PACHECO

(1880-?)

Nasceu em Rio Pardo a 5 de março de 1880. Colaborou em diversos órgãos da imprensa portoalegrense, entre os quais o “Jornal do Comércio”, “A Farpa” e a “Revista do Município”.

**Bibliografia:** “Canto Patriótico”, poema dedicado à memória de Julio de Castilhos; “Ressurreição dos heróis”, versos; “Post-Mortem”, poesias inéditas.

### A PRIMAVERA DE MINHA VIDA

Ontem ao por do sol uma açucena  
Em mimoso botão desabrochava  
Ao cálido soprar de brisa amena  
Que pelo jardim florido ciciava.

Mas, hoje, vi-a lânguida e serena.  
Não mais vivendo à brisa que passava,  
Morrendo à luz da lua, à noite plena,  
Que a mimosa corola lhe orvalhava.

Assim, como a açucena, a primavera  
De minha existência durou momentos.  
Teve a dolorosa rapidez dos ventos.

Morrendo entre as crenças mais amenas,  
Ao luar do Amor, numa noite apenas,  
Pós um dia de sol da vã quimera!

## PAULINO DE AZURENHA (José)

(?-1909)

Nasceu em Porto Alegre, onde faleceu a 5 de julho de 1909. Usava pseudônimo de “Leo Pardo”. Foi redator do “Jornal do Comércio” e do “Correio do Povo” de Porto Alegre, onde também colaborou na “A Idéia”, Pertenceu à Academia Riograndense de Letras, como titular da cadeira n. 11, patrocinada por Eudoro Berlink.

**Bibliografia:** “Seminário de Leo Pardo”, livro de crônicas póstumo, com prefácio de Zeferino Brasil (Porto Alegre, 1926).

### ESTIVAL

Hora meridiana. O sol, ao alto, como  
Uma panoplia de ouro resplandesce.  
E a curva colossal do azul parece  
A magnífica aboboda de um domo.

De branda aragem nem um leve assomo  
Pelo ar, vibrante, claro e ardente – desce  
Corre o fluido da luz que doira a messe,  
Fecunda os ninhos e amadura o pomo...

Hora meridiana. A fruta estala, o gomo  
Vê-se como um rubi; como uma prece  
Ouve-se um chilrear, num cinamomo...

Arquejante, uma corça, que aparece,  
Pára, olha e berra... O sol, ao alto, como  
Uma panoplia de ouro resplandece...



### A FLOREIRA

... E de Nápoles foi que a tua bela  
Doce e franzina criação terrena  
Que um tanto de puríssima açucena  
Tem no talhe de tímida gazela,

Partiu e veio – abrindo a branca vela  
De uma gôndola aligera e serena,  
Não sobre o fino azul de água tirrena  
Mas na espuma de um mar que se encapela!

Partiu e veio – ao mando teu, passiva,  
Meiga e triste, esfolhando as róseas flores,  
Das faces e da boca rubra e viva...

Mas, quando veio a mim, somente dores  
Tendo no seio, deu-me, compassiva,  
A lágrima – o melhor dos seus amores!



## GERALDINO SILVEIRA

Nasceu em Encruzilhada. Colaborou no “Jornal do Comércio” e na revista “Kodak” de Porto Alegre. No “Jornal do Comércio” de 1-1-1891, João Damasceno Vieira escrevia: “Geraldino Silveira está destinado a ocupar lugar distinto entre os literários riograndenses”.

**Bibliografia:** “Sonatas”, versos (Porto Alegre, 1881) e “Meus versos” divididos em “Páginas soltas”, “Vozes íntimas” e “Cristalizações” (Montevidéu, 1890).

### OS VELHOS

Ser velho não é ser triste, ao contrário  
Há na velhice poemas de ternura;  
Um ansioso aspirar de visionário  
Que embala a vida pela estrada escura.

Nesse injusto infortúnio, que tortura,  
A paz do sonho e o tempo sem horário,  
Um doce enlevo que a ilusão procura  
Desvenda em cada peito um relicário.

O riso esquivo sobre o lábio avança,  
Para esboçar o afago que revela  
Todo o encanto visual de uma esperança.

E a vida espreita, em gesto reprimido,  
O suplício que Tântalo afivela  
No coração do velho presumido...

## DOLIVAL MOURA

Poeta e teatrólogo dos mais brilhantes do Rio Grande do Sul. Em 1902 fundou “A Notícia” de Porto Alegre, tendo como colaboradores imediatos Carlos Cavaco, César de Castro, João Fanfa Ribas, Lauro de Oliveira, Leonardo Truda e Manoel Faria Corrêa. Colaborou ativamente no “Jornal do Comércio” da capital gaúcha, onde criou a secção “Trocadilhos” em versos. Colaborou, ainda, na “A Flexa” e na revista “Não pode” de Porto Alegre e na “A Encrenca” de Rio Grande.

**Bibliografia:** “Vibrações rudes”, versos; “Musgos”, idem; “No olho da rua”, revista; “O jaburu”, idem; “Não pode!”, idem; “Orgia de sangue”, idem; “O medo”, idem, etc.

### CARTAS

Hoje, revendo tristemente aquelas  
Cartas gentis, que m’escreveste outrora,  
Tenho o consolo de chorar com elas  
Esta desdita que nos punge agora...

Leio-as saudoso, todo instante e hora,  
Por terem frases dulçorosas, belas,  
Onde fulgura a luminosa aurora  
Do nosso amor, iluminando as telas

Dos meigos dias de ventura, cheios  
Em que tremias de banais receios  
Quando falava a suspirar contigo.

De ti agora separado e longe,  
Leio tuas cartas, qual sombrio monge,  
Relendo as folhas de Evangelho antigo...

## LEAL DE SOUZA (Antônio Eliezer)

(1880-1948)

Nasceu em Livramento a 24 de setembro de 1880 e faleceu no Rio de Janeiro a 1 de novembro de 1948. Começou a escrever muito moço, possuindo-se ainda um poema que escreveu aos 11 anos de idade. Frequentou a Escola Militar de Porto Alegre, participando, no posto de Alferes, da Campanha de Canudos. Transferiu-se em 1899 para a Escola Militar de Rio Pardo, onde foi redator do “Boêmio” com Armando Faria Correa. Sentindo-se, entretanto, sem inclinação para a vida de quartel, desligou-se do Exército, dedicando-se, desde então, ao jornalismo, como redator da “A Federação” de Porto Alegre. Estudou, depois, direito no Rio de Janeiro, sem formar-se, porém. Na Capital do país, fez a sua estréia como poeta, apresentado por Olavo Bilac, nas páginas da “A Notícia”. No Rio de Janeiro foi, ainda, diretor da “A careta” e secretário da “A Noite”, do “Diário de Notícias” e da “A Nota”.

**Bibliografia:** “Álbum de Alzira”, versos (Porto Alegre, 1899); “O Bosque Sagrado”, idem (Porto Alegre, 1917); “A mulher na poesia brasileira”; conferência (Rio, 1918); “Romaria da Saudade”, prosa (1919); “Canções Revolucionárias” (1923); “No mundo dos espíritos”, obra doutrinária (Rio, 1924); “Transposição de umbrais”, idem; “A magia, o espiritismo e as 7 linhas de Umbanda” (Rio, 1933); “Catinga de mulata”, romance; “A rosa encarnada”, idem; “Getúlio Vargas”, biografia (Rio, 1939), etc.

## CONFIDÊNCIA

Si a tua mão a minha mão comprime  
Alvíssima e febril, convulsamente,  
Eu sinto que meu peito, de repente,  
Treme nos estos de paixão sublime.

O coração, que o teu desprezo oprime,  
Manda beijar-te, em culto reverente,  
A fimbria do vestido transparente  
Mesmo cobarde cometendo um crime.

As minhas vozes flácidas se normam  
Em explosões de loucos sentimentos  
De teu corpo sereno aos movimentos.

Em meus olhos em taças se transformam  
Para beber os mórbidos falernos  
De teus olhos tristíssimos e ternos!



## PÁGINA EM BRANCO

Revive na amargura da saudade  
O tempo em que vibrei meu alaúde,  
– dando evidência à tua juventude,  
– pondo lauréis na tua mocidade.

Perdoa-me esse culto e essa ansiedade,  
Tu, que tens a beleza e és a virtude.  
Eu fui, com o meu afeto humilde e rude,  
Uma sombra na tua claridade...

Na grandeza da dor que me consome,  
Imploro e brado: – aos olhos teus, ó fria,  
Nunca, por culpa minha, o pranto assome.

E esta página em branco, em que devia,  
No ementário do amor, fulgir teu nome,  
É uma página em branco: – está vazia...

## MILTON DA CRUZ

(1880-1929)

Nasceu em Cachoeira a 27 de fevereiro de 1880 e faleceu em Bagé a 21 de dezembro de 1929. Estudou direito em São Paulo, formando-se em 1906. Colaborou no “Petit-Journal” de Porto Alegre, na “Ilustração Pelotense” e no “Escrínio”. Em São Paulo fundou e dirigiu a revista “Lótus”.

**Bibliografia:** “Hinário”, versos (Rio Grande, 1913); “O Brasil e os Estados”, idem (1914); “Gaúchos”, idem (1918), etc.

### O CHURRASCO

A carne da novilha é saborosa,  
Provoca amplo apetite à gauchada.  
À sombra daquela árvore agachada,  
Numa tarde bordada d’ouro e rosa.

Há descantes nas redes da ramada,  
Louvando os feitos bons em verso ou prosa,  
Dos heróis desta raça tão formosa,  
Repetidos na voz da “peonada”.

Saem facas e facões assas prateados,  
Trabalhados e ricos na feitura,  
Por um cinzel de gostos requintados...

Vêm bainhas d’estilo bem faceto  
D’acabado lavor e cercadura  
Enquanto arde o churrasco num espeto...

## JOÃO PEREIRA DA SILVA

(1881-?)

Nasceu em Livramento a 17 de agosto de 1881. Poeta, jornalista e prosador, Em 1898 fez a sua estréia nas letras, escrevendo no “O Orvalho” das irmãs Mathilde e Alayde Ulrich. De 1901 a 1902 residiu em Alegrete e Quaraí, fundando nesta última cidade “O Lírio”, periódico crítico e literário. Em 1903 embarcou para o Rio de Janeiro, onde redigiu o “Correio da Manhã” e o “Jornal do Comércio”. Em 1917, transferiu-se para a cidade de Miranda, no Estado de Mato Grosso, redigindo lá “O Mirandense”. Só regressou à terra natal em 1921. Usava o pseudônimo de “Pugirá”.

### SÚPLICA

Nos ventuosos tempos do passado,  
Quando a vida sorriu-me alegremente,  
No tempo quando amei e fui amado,  
Ela deu-me o retrato, de presente.

Depois... eu fui por ela desprezado  
E fiquei, Deus sabe, mui descrente,  
Mas, nunca, o seu retrato, tão mimado,  
Eu pude contemplar indiferente.

Por isso, guardei esta lembrança,  
Enquanto me animar o sol da vida,  
Como culto do amor sem esperança;

E queira Deus que algum amigo possa  
Jogar esta relíquia tão querida  
Bem junto do peito, na extrema fossa.

## ALCIDES MILLER

(1881)

Nasceu na cidade de Rio Grande a 22 de julho de 1881. Colaborou no “Echo do Sul”, na “A Cidade”, no “O Corymbo”, no “Riograndense” e no “O Gaúcho” de Rio Grande. Pertence à Academia Sul-Riograndense de Letras, onde ocupa a cadeira n. 13, sob o patrocínio de Carlos Alberto Miller.

**Bibliografia:** “Em surdina”, versos (1904); “Sons e tons”, idem (1908); “Poetas farroupilhas” (Porto Alegre, 1946), etc.

### ALMAS

Contam que existem almas, não duvido,  
Em cousas, seres que o universo encerra,  
Quer sejam flor ou pássaro que aterra  
A solidão de estranho som dorido.

No vento – o mesmo som repercutido,  
A mesma voz que vibra sobre a terra,  
É com um ai, um lúgubre gemido  
A fremer, soluçar pelo ar em que erra.

E dizem que há, e pois assim o creio,  
De humanos – coração de lodo cheio,  
Onde de amor uma ilusão não medra,

Não medra um sentimento delicado!  
E há de ficar, assim: frio, gelado,  
Como se fora um coração de pedra!



## EVANDRO RIBEIRO

(1882)

Engenheiro, jornalista, poeta, teatrólogo, professor. Nasceu em Caçapava a 22 de abril de 1882. Colaborou ativamente no “O Sul Rural”, no “Correio do Povo” e no “Diário de Notícias” de Porto Alegre, bem como no “Diário do Interior” de Santa Maria, onde, em 1924, publicou o seu popularíssimo poemeto “O Gaúcho”. Foi eleito em 1942 para a Academia Riograndense de Letras, onde ocupou a cadeira patrocinada por Alceu Wamosy.

**Bibliografia:** “Perge!”, poemeto; “Flores murchas”, versos; “Siá Maruca e Seu Doutor”, cena gaúcha em versos; “Reminiscências”, versos, reeditados em 1926; “Alceu Wamosy”, estudo bio-bibliográfico, na “Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul” (N. 9); “Aritmética”, “Álgebra”, “Geometria” e “Trigonometria”, trabalhos didáticos, em fascículos, etc.

### PANTEÍSTA

Como é grato ouvir em manhãs formosas,  
Do concerto das aves sins amenos,  
Da patativa e sábias os trenós,  
E as sonatas sublimes, melodiosas!

Cantam n'alma essas vozes harmoniosas,  
Catavinas de amor, de risos plenos.  
Cruzam ágeis nas matas os silenos.

A beijar as orquídeas primorosas.

A natureza nos desperta rindo.  
Há magias de luz, – o céu é lindo,  
Quando acordamos de manhã, bem cedo.

Sentimos n'alma um inefável gozo,  
Contemplando esse quadro majestoso  
Do panteísmo, num arroubo ledô.



A MINHA CASA

À *minha Esposa*

A minha casa, o meu solar amigo,  
Cheio de encantos, de belezas mil,  
É meu refúgio, encantador abrigo  
Dos desenganos deste mundo vil.

Quando da vida no labor prossigo  
Com força austera, com vigor viril,  
Sozinho, às vezes, com furor, maldigo  
A sorte iníqua que me segue hostil.

Depois, mais calmo, refletindo, então,  
Somente vejo que bem longe vão  
Da realidade os pensamentos meus.

Somos felizes eu e tu, Querida  
De ti cuidando toda a minha vida,  
E tu rodeada dos filhinhos teus.

## BARBOSA NETTO (João Rodrigues)

(1884-1918)

Nasceu em Jaguarão a 9 de novembro de 1884 e faleceu na mesma cidade a 8 de janeiro de 1918. Distinguiu-se como poeta lecontista de alcandorada inspiração. Foi também causídico de renome e jornalista vibrante. Redigiu “A Situação” de Jaguarão e colaborou no “Petit-Journal” e na “A Semana Ilustrada” de Porto Alegre. Patrono na Academia Riograndense de Letras, da cadeira n. 9, quando do reerguimento da mesma, em 1934.

**Bibliografia:** “Colunas”, versos (Jaguarão, 1907) e “Molduras e visões”, livro de poesias póstumo, reunindo o volume inédito “Poemas meridionais” e numerosos trabalhos esparsos, com um estudo-prefácio de João Pinto da Silva (Porto Alegre, 1919).

### BRUXA DO PAMPA

Dentro da noite má sai de medonha furna  
Formidável e muda, intrépida e guerreira,  
E parte, em seu corcel de Amazona noturna,  
A devastar o Pampa a horrenda Feiticeira.

E lá aonde a savana as crenças encafurna,  
Com gênios infernais batalha a noite inteira,  
E volta com o arrebol, assombrando a soturna  
Planura toda envolta em ondas de poeira.

O potro que cavala, escachada nas ancas,  
De narinas para o ar, rudes, resfolegando,  
Atravessa do luar as catadupras brancas;

Galopa em Fúria – reza a fábula gaúcha –  
Como esporeado por um gênio formidando,  
Ao sentir em seu dorso a cavaleira bruxa.



### SONETO

Como se fora o touro enorme de Agrigento,  
Espantado a rolar escarpas de granito,  
Passa o tempo por mim, à arcada do infinito,  
E eu me levo a escutar os séculos, atento!

Chega-me ao ouvido a voz de enfurecido vento,  
Onde ruge, febril, o mísero maldito,  
Que da entranha do tempo, em doloroso grito,  
Pede socorro a um Deus oculto e sonolento.

E tonto fico a ouvir outras, estranhas vozes,  
Das velhas gerações que as épocas encerram,  
E que passam gritando ao látigo de algozes!

Às vezes ensurdeço e a grita vai passando,  
Para surgir, de novo, em vultos que me aterram!  
Eternamente assim prostrados e gritando...



### SONETO

Penhasco de Neptuno, alcantilado e torvo,  
No amplo espaço aberto e grimpa escura apruma,  
Em baixo do abismo brame, ergue dorsos de espuma  
E em garganta de treva estronda, sorvo a sorvo.

Sobre ele paira e adeja a asa negra de um corvo,  
Presaga a cintilar num cabeço de bruma.  
Assim reza a lenda; as almas, uma a uma,  
Descem do abismo atroz do abrupto e pétreo estorvo!

No píncaro fatal Loreley canta e agoira;  
E à rajada que o céu de brusco azula e listra,  
Fantástica, desgrenha a coma ardente e loira.

Pelo rio, a vogar, desce um batel sereno.  
E célere, ao gemer de uma canção sinistra,  
Vai entrando no abismo o pescador do Reno!

## FÉLIX CONTRERAS RODRIGUES

(1884)

Nasceu em Bagé a 14 de janeiro de 1884 e reside na mesma cidade, onde advoga. Foi fundador e o primeiro diretor do “Correio do Sul” de Bagé, onde fundou, também, a “Tribuna Liberal”.

**Bibliografia:** “Gauchadas e gauchismos”, versos regionais, com o pseudônimo de “Piá do Sul” (Tours, 1921); “Velhos rumos políticos” (Tours, 1921); “Ementário ortográfico-etimológico” (Porto Alegre, 1930); “A Questão Social” (Rio, 1928); “Farrapo – Memória de um cavalo”, romance; “Os amores do Capitão Paulo Centeno”, idem; “Gaúchos”, drama em 3 atos, etc.

### O PAMPEIRO

A nuvem sobe cheia de negror,  
Esconde o sol e deixa em sombra a terra.  
O vento chega, zune, ulula... horro!  
Pávido à própria fibra o ser se aferra.

Vem varrendo a coxilha, a várzea, a serra,  
Traz árvores pelo ar, tetos, fragor  
De carga, de tropel, de trom de guerra,  
Os homens se recolhem de temor.

Os caules desgrenhados como mastros  
Vergam sob o chicote das rajadas

E a natureza roja-se de rastros.

Prostram-se as chucras rezes e as manadas  
A vida se porsterna em desalentos,  
Quando passa o rei bárbaro dos ventos!



### QUERO-QUERO

Sentinela avançada em descoberta  
Pela campinha o quero-quero está,  
Teso o topete, em posição de alerta,  
Puas em riste, a catadura má.

Não senta em arvora, seu posto é lá  
No chão e no ar que o seu clarim desperta  
Pronto a investir contra quem vem ou vá  
Com certos puaços, de asa aberta.

Em vôos de picada, audaz e fero,  
Aos gritos chega, bate o bico-quero!  
Roçando seus encontros de condor.

O primitivo dono do Rio Grande  
Quer ser quem nestes pagos inda mande  
Não se entregou ainda ao invasor!

## RAUL TOTTA

(1885)

Nasceu em Porto Alegre a 1 de março de 1885. Delicado poeta lírico, irmão de Mário Totta, jornalista, prosador, médico. Colaborou assiduamente na “Higia” e na “Vida e Arte” de Porto Alegre. Pertence à Academia Sul-Riograndense de Letras, onde é o atual ocupante da cadeira n. 12, patrocinada por Lobo da Costa.

### EXALTAÇÃO

Às vezes no meu ser vibra, insepulta,  
Da minha raça a imagem no passado  
E como um cavaleiro desterrado  
Apago esta visão que em mim se oculta.

Ouçõ estranho tropel por terra inculca  
Num rumor de combate encarniçado;  
E investidas de ímpeto indomado  
Pela amplidão que se distende e avulta.

Lanças partidas, retinir de espadas,  
Desbaratar de fortes e trincheras,  
Alarido e furor de cavalgadas!

Toda a história do pampa, heróica e ardente,  
Pondo em meus nervos sensações guerreiras  
E o orgulho marcial da minha gente!





## MAIO

Maio resplende. Maio o mês dos suaves  
Ocasos roxos e tanger de sinos,  
Mês sonoro dos cânticos, dos hinos  
E vozes de órgãos místicas e graves.

Quadra floral de garganteios de aves  
E o cheiro álcacre dos incensos finos;  
Mês em que fulge, em halos cristalinos,  
O ouro do sol pelo vitral das naves.

Semelha uma paisagem simbolista  
A ogiva deste céu que, em vindo maio,  
Se adelgaça de liz e de ametista.

E como um Grão-Mogol de áureos delubros,  
Morre o clarão do poente, num desmaio,  
Sobre um coxim de crisântemos rubros.

## ARMANDO SILVEYRA

Poeta e jornalista. Foi redator do “Jornal do Comércio” de Porto Alegre onde também redigiu o “Echo do Povo” (1914). Colaborou assiduamente, ainda, nas revistas “Rebeldaria” e “Escrínio”. Usa, às vezes, do pseudônimo de “Armando Duplessis”.

**Bibliografia:** “Poesias” (Porto Alegre, 1912); “Alvorada”, versos; “Velha Porto Alegre”, reminiscências (Porto Alegre, 1940), etc.

### ESTRADA DA VIDA

Vão-se os dias e os meses galopando,  
Vêm outros dias e outros meses vêm;  
E, como eles, os seres vão também  
Pela vida fugaz, lestos, passando.

Cada qual sua cruz carregando  
Vão todos a cantar e, ou mal ou bem,  
Levam-na; a rir alguns, outros, porém,  
Os pezares da vida vão cantando.

Há risos bons, alegres, folgazões,  
E prantos há febris, lamentações,  
Vai o feliz a par do deserdado.

Mas eu, que a tirba-multa vou seguindo,  
Não sei si vá chorando, si vá rindo,  
Não sei si sou feliz, si desgraçado...

## FERNANDO LUIZ OSÓRIO FILHO

(1886)

Nasceu em Pelotas a 3 de novembro de 1886. Filho de Fernando Luiz Osório. Um dos mais autênticos valores da literatura riograndense. Poeta, ensaísta, historiógrafo, conferencista, crítico, orador, ficcionista e sociológico, tem a assegurar-lhe o justo renome vasta e valiosa bagagem literária.

**Bibliografia:** “Pela verdade histórica” (1914); “História do General Osório”, em colaboração com Joaquim Luiz Osório (1914); “O espírito das armas brasileiras” (Pelotas, 1918); “A cidade de Pelotas” (Pelotas, 1922); “Livros e flores”, estudos críticos (Pelotas, 1925); “Sociogênese da Pampa Brasileira”, ensaio sociológico (1927); “Legenda dos Dragões”, poema; “Escritos e orações”; “Fogo morto”, romance histórico riograndense (1930); “Mulheres Farroupilhas” (Porto Alegre, 1935); “Figura e obra de Mauá”; “Pátria nova”; “A graça e o lirismo heróico dos Farrapos”, etc.

### LEGENDA DOS DRAGÕES

(*Excerto*)

Figura bronzeada do Dragão  
Dos términos do Sul, na amplitude natal.  
A viride extensão  
Dos pagos imortais...  
O soldador-pastor, o poeta da ação,

Heróico e sonhador  
Dos primeiros braços  
Do Rio Grande...  
Lírico e nobre, o sangue azul  
E o fardamento de ouro sobre azul  
O campeador  
Do Regimento de eleição  
Que se formou da flor  
Da mocidade... forte  
No orgulho sadio da coorte  
Nesta manha da humanidade  
Como chamou Garibaldi,  
À mocidade desta natureza,  
Unindo a sua sorte  
Ao Rio Grande feliz  
Na primavera da evolução,  
Unha e garra do País  
Nas difíceis ocasiões!  
Invictos Dragões do Rio Grande,  
Grande rio de amor,  
Terra moça... de sol... E pátria do tufão!  
Terra aberta do Sul...  
Onde o Dragão parece  
O leão do Dante, o “lion che posa”  
Vigilante de aspecto  
Tão diferente do “gaúcho malo”  
Das comarcas do Prata,  
Enrecto... a cavalo,  
Em cavalos monarcas...  
Ovantes patriarcas,  
No viso das coxilhas,  
Cenário das guerrilhas, dos pastoreios e trigais...  
Invictos Dragões!  
Na distância dos tempos coloniais,  
Anteparo de rudes invasões,  
Nessas jornadas,  
Pelos pampas sem fim,  
Atropeladas de lutas...  
Batendo a terra larga

Com o espanhol à ilharga  
A aguentar o repecho castelhano  
Que o bandeirante não conheceu!  
Primeira força regular que apareceu  
Já segura de si e certa do seu meio  
Força de integração  
Força que veio  
Com a geração continentina...  
Já não era o açoriano e não era o lagunense,  
Nem o índio e o espanhol e o bandeirante  
E era tudo isso. O despontar do gênio riograndense  
Nesse instante  
Era a alma continentina do gaúcho  
Um fenômeno novo,  
O alvorecer de um Povo  
Formando-se a si próprio  
E formando o Rio Grande,  
Das cinzas dos fogões  
Dos bivaques creoulos dos Dragões  
Em cujo peito de aço  
Ao aço limpo dos arados  
Luzindo pelo tempo e pelo espaço  
Madrugou o instinto nacional  
O pensamento criador da imagem ideal  
Do Rio Grande...

## ANNA CESAR

(?-1942)

Nasceu na estância de Santa Rita, município de São João de Camaquã. Faleceu em 1942 no Rio de Janeiro, onde foi colaboradora do “Correio da Manhã”, do “O Globo”, da “A Noite” e da “A Pátria”. Fundou e presidiu durante quatro anos a “Legião da Mulher Brasileira”, de finalidades cívicas e educativas. Foi ainda vice-presidente da Escola Dramática Brasileira. Conquistou o primeiro lugar no plebiscito organizado pela “A Pátria” – “Qual a primeira mulher que deve ingressar na Constituinte?” – recebendo o prêmio instituído por aquele jornal.

**Bibliografia:** “Fragmentos” (Rio, 1931); “Folhas soltas”; “Rosas desfolhadas”; “Cromos”; “Farroupilha”, etc.

### FLOR DA PÁTRIA

Pompéia pavilhão da minha terra  
Galhardo, sobre a haste a tremular...  
Contempla o Céu, o descampado, a serra.  
Estende a vista à vastidão do mar...  
A sete de Setembro...  
O teu valor relembro!  
Pompéia flor da pátria abençoada,  
Serve de palium ao povo brasileiro,  
Que vibra de entusiasmo a pátria amada!  
Remirando-te ao alto alvissareiro.

Dos maiores triunfos já sonhados  
Sobes garboso ao toque da alvorada.  
E desces, mais formoso, à desmaiada  
Laiva do entardecer, na constelada  
Concha azul celeste  
Que de arrebóis se veste.  
A sete de Setembro eu te saúdo  
Ó portentoso símbolo de um povo  
Destinado a crescer, brilhar em tudo  
Mostrando em feitos seus, um novo mundo!

## ALVARO MOREYRA

(1888)

Nasceu em Porto Alegre a 23 de novembro de 1888. Filho do escritor João Moreira da Silva. Colaborou no “Petit-Journal”, na “Revista Acadêmica” e na “Kodak” de Porto Alegre. Foi colaborador também da “Ilustração Pelotense”. No Rio de Janeiro, colaborou no “O Radical” e dirigiu a “Ilustração Brasileira”, a “Para todos”, o “Fon-Fon” e “O Malho”.

**Bibliografia:** “Degenerada”, alexandrinos (Porto Alegre, 1909); “Vesperal”, poema; “A lenda das rosas”, versos; “Legenda da Luz e da Vida”, idem; “Casa desmoronada”, idem; “Um sorriso para tudo”; “O outro lado da vida”; “Cidade-Mulher”; “Cocaina”; “A boneca vestida de Arlequim”; “Arco da Velha”, teatro; “Adão, Eva e outros membros da família”, idem, etc.

### PRECE

Quero de ti a promessa:  
Quando vier o último sono  
Hás de pousar-me a cabeça  
Em folhas mortas do outono.

Para que eu sonhe (tão lindo  
o sonho dos sonhos vãos!)  
Que vou sereno, dormindo  
No amparo das tuas mãos!





### CANÇÃO DOLENTE

Salgueiros trêmulos, belos!  
Meus camaradas tão bons!  
Vós sois como violoncelos  
Onde o vento acorda sons...

Melodia dos destinos!  
Voz do tempo! Voz plangente!  
Ah! Na saudade dos sinos  
Canta a saudade gente...

Corujas de vida obscura!  
A vossa sorte me diz  
Que a verdadeira ventura  
É não tentar ser feliz...



### PARA A NOITE

Ó noite! A minha vida em ti descansa,  
Longo evangelho do que não existe,  
Mais triste que a memória, ó noite triste,  
Triste noite, mais triste que a esperança...

“Dorme... dorme...”. Também lá longe ouviste  
Aquela voz de bem aventurança,  
Aquela eterna voz que ainda remansa  
O mal das tuas horas, noite triste.

Depois o mundo... o amor... filosofias...  
Senti na treva a dor que tu sofrias,  
Dor de abandono, pobre dor silente.

Junto de ti fiquei. Fiquei sorrindo  
Para o céu, noite triste, o céu tão lindo  
Humoristicamente, docemente...

## ALENCARINO PORTO ALEGRE

(1888-1908)

Nasceu a 7 de novembro de 1888 em Porto Alegre, onde também faleceu a 5 de setembro de 1908. Dedicou-se, desde o verdor dos anos, à literatura e à vida de imprensa, tendo freqüentado, com regularidade, as colunas dos principais jornais riograndenses do seu tempo. Usou o pseudônimo de “Asino de Alencar”.

**Bibliografia:** “Avenças”, versos (Porto Alegre, 1908) e “Nuvens”, idem, obra póstuma (Porto Alegre, 1910).

### BEM MELHOR SERIA

Musa, bem te pareces com esta vida.  
A mim tens dado dias de doçura  
Bons momentos ungidos de doçura  
Ária de amor em si bemol tangida.

Gozo eterno que sempre me perdura,  
Vibração de cristal repercutida,  
Dentro d’alma, que exulta comovida,  
Ora de alegria e ora de tristura.

Minha vida assemelha-se com a musa,  
Às vezes é feliz até ao fundo  
E carregada às vezes e confusa...

Ó vida humana, bem melhor seria

Se eu passasse cantando pelo mundo  
Sem te ver pelos olhos da poesia!



### PASSOU-SE O TEMPO

Passou-se o tempo da ilusão, passou-se  
Como a estrela cadente pelo espaço...  
Todo o esplendor daquele tempo foi-se...  
Borboletas brincando no terraço...

Mulher que amei, rememorando passo  
Toda a esperança que o olhar teu me trouxe.  
Que doçura sentia em teu abraço,  
E que delícia em teu beijar tão doce!

Em cada abraço que de ti sentia  
Uma nova ilusão em mim vivia,  
E teus beijos me enchiam de conforto...

Passou-se o tempo, e as ilusões passaram,  
Mas as saudades dentro em mim ficaram,  
Velando um coração num peito morto!

## ALCIDES BRANDÃO

(1888-1907)

Nasceu no Rio Grande do Sul em 1888 e faleceu a 6 de outubro de 1907. Poeta e jornalista. Colaborou no “O Corymbo” e na “A Férula” de Rio Grande, bem como na “A Farpa” e no “Correio do Povo” de Porto Alegre, onde dirigiu, ainda, a “Arcádia”, revista dos estudantes da Escola de Engenharia. Incluído na “Pequena edição dos sonetos brasileiros” de Laudelino Freire (Rio, 1914).

### NO AZUL

Aquela estrela – o nosso idílio – aquela  
Estreta meiga, esplendorosa e pura,  
Não mostra a mesma luz serena e bela,  
Chora e suspira na celeste altura...

Ponho os meus olhos, tristemente, nela  
E interrogo qual seja a desventura,  
Que martiriza o coração daquela  
Estrela meiga, esplendorosa e pura!

Talvez seja porque, quando eu partia  
A minha Amada prometido havia,  
Como eu também – fitá-la com ternura.

Certo esqueceu-se do que disse outrora,  
Por isso a estrela, assim, suspira e chora  
Chora e suspira na celeste altura!

## JOSÉ PICORELLI

(1889)

Nasceu em Pelotas a 12 de maio de 1889. Poeta simbolista. Usou o pseudônimo de “Rastignac”. Colaborou no “Jornal do Comércio”, na “Kodak” e no “Jornal da Manhã” de Porto Alegre, onde também dirigiu “O Patriota”, fundado em 1904. Na capital riograndense, fundou, ainda, em colaboração com Vivaldo Coaracy a revista “Pandemonium” (1908) e o periódico literário “O Ramalhete”, este de parceria com Jorge Jobim (1904). Colaborou, igualmente, na “Revista Acadêmica” e na “A Pena” de Porto Alegre. No Rio de Janeiro, foi secretário da “Última Hora”.

**Bibliografia:** “Jasmins ao vento”, versos (Porto Alegre, 1905) e “Hino de púrpura”, idem (Porto Alegre, 1917).

### POEMA

É a hora cruel da Ave-Maria... E em pranto  
Quase, te escrevo de um jardim de rosas,  
De rosas velhas, sob um céu lilás...  
Não te admires, pois, se dolorosas  
Saem estas linhas, se murchou o encanto  
De minhas frases – que só tu lerás...

Quero-te sempre e como outrora,  
Ó toda pura, ó minha noiva ainda,  
Por quem, enamorado, enlouqueci...  
Das ilusões da terra és a mais linda,  
E é por ti só que minha vida chora,

Meu coração se bate, é só por ti...

O que eu sofri! De tua ausência enfermo,  
Penso em tua frase cruel e sem conforto:  
“O próprio amor com o tempo a gente esquece!”  
Pobre de mim – se o teu amor é morto...  
Pobre de mim – que morrerei num ermo,  
Onde só tua lembrança aumenta e cresce...

Longe, na curva verde da alameda,  
Cruzam perfis... Rosas humanas... E uma  
Que vem muda – e vem pálida – e tranquila  
É a fada do jardim... Todo o ar perfuma...  
Como que põe carícias de uma seda  
Nas tormentas que trago na pupila...

Recordo ainda o teu sorriso e sinto  
O seu clarão sobre minh'alma toda,  
Sobre os caminhos onde vou com a dor,  
Com o mesmo amor que antes de nossa boda  
Me enlouqueceu, que não ficou extinto,  
Porque era, eterno, o meu primeiro amor...

É a hora cruel da Ave-Maria... E tudo  
Tudo o que vejo neste fim de poente  
Vem o teu claro vulto me lembrar.  
E da recordação forçado e doente  
Cismando em teus dois olhos de veludo,  
Sinto um desejo ardente de chorar...

## JORGE SALIS GOULART

(1889-1934)

Advogado, jornalista, poeta, sociólogo, jurista, professor, ficcionista. Nasceu em Bagé a 4 de setembro de 1889 e faleceu em Pelotas a 20 de setembro de 1934. Dirigiu o “Diário Popular” e o “Diário Liberal” de Pelotas, bem como a “Ilustração Pelotense”. Colaborou também na “Kodak” de Porto Alegre. Patrono, na Academia Riograndense de Letras, da cadeira n. 27, ocupada por Fernando Luiz Osório Filho.

**Bibliografia:** “Chuva de rosas”, versos; “Auroras e Poentes”, idem; “Colheitas de ouro”, poema rural, precedido de uma carta de João Grave (Pelotas, 1924); “Estudos de literatura”; “A Vertigem”, romance; “A formação do Rio Grande do Sul”; “História da minha terra”; “Alma viva do Rio Grande”; “O sentido da evolução”, etc.

### A AGONIA DAS ROSAS

Um palor de violetas, como um véu,  
A face macerava do infinito.  
Goivos e cinza... pérolas no céu...  
Morria em tudo um abafado grito.

Oscilando no espaço, a cruz, ao léo,  
O vulto erguia de Jesus, contrito,  
Sobre a maldade pérfida do incréu  
Caía o seu perdão – rocio bendito.



Rosas morriam na montanha, brancas,  
Almas de neve, místicas e francas,  
Na piedosa brancura da oração.

O sangue de Jesus cai-lhe no seio,  
E as rosas tomam logo um novo enleio,  
Com o sangue do mistério e do perdão.

## POVOAS JUNIOR (Alberto)

Poeta, jornalista e prosador. Um dos primeiros repórteres riograndenses, juntamente com Daniel Job. Iniciou-se no “Jornal do Comércio” de Porto Alegre, onde deixou farta messe de versos e trabalhos em prosa. Foi, depois, redator da “A Opinião Pública” e do “Diário Popular” de Pelotas, do “Correio do Povo”, da “Gazeta do Comércio” e da “Última Hora” da capital gaúcha. Posteriormente, colaborou no “Cororó” de Santa Maria. Deixou inédito, ao que apuramos, um livro de sonetos.

**Bibliografia:** “Reminiscência e atualidades”, conferência (Pelotas, 1909).

### SONETO

Caia tarde. Pálido e desceite,  
Duvidando, pensava, e alucinado  
Nas torturas fatais de meu presente  
Nos sonhos que sonhei de meu passado.

Minh'alma triste, cismadora e ardente  
Interrogava o espaço imaculado...  
Lá onde reina a paz eternamente,  
Onde reside um ideal sonhado!

Não vi morrer do sol o lume vivo,  
Nem surgir o luar meditativo,  
Rasgando docemente o branco véu...

Só despertei de minha cisma quando  
Vi teu encantador olhar brilhando  
Como vésper na tela azul do céu!

## LOLA DE OLIVEIRA

(1889)

Nasceu em Porto Alegre a 14 de outubro de 1889. Filha da escritora Andradina de Oliveira. Colaborou em vários jornais de Porto Alegre, Rio e São Paulo. Foi secretária do “Escrínio”.

**Bibliografia:** “Ametistas”, versos; “Esmeraldas”, idem; “Rubis”, idem; “Gente de fora”, contos; “Ontem e hoje”, idem; “Passadismo e modernismo”, estudo; “No cafezal” prosa e verso; “As férias de Alice”; “Minhas viagens ao norte do Brasil”; “Saudades do Pampa”, versos regionais, etc.

### O UMBÚ

Ergue-se altivo o umbu no pampa verdejante,  
Levanta, sobranceiro, a ramaria escura.  
A raiz colossal dessa árvore gigante  
Espalha-se na terra, onde a seiva procura.

Vem o pampeiro audaz, rugidor, dominante,  
Como um lesto corcel corta a imensa planura;  
E atira-se ao umbu, numa luta possante,  
Nele encontra o valor, a firmeza, a bravura!

Resignado, e estóico, e forte, e guerreiro  
Afrontando da vida o sopro do pampeiro  
Assim é o coração de todo o riograndense!

Ele é firme e tenaz; à força não se humilha;  
Resiste, como o umbu, que no alto da coxilha  
Desprotegido e só, o furacão não vence!



### RITÔRNO

Depois de tanto tempo já passado,  
Tu ressurges de novo em meu caminho...  
E vejo o meu presente tapizado  
Pelas flores de luz do teu carinho...

E volvemos os olhos ao Passado,  
Sentindo da saudade o agudo espinho...  
Quanto castelo outrora idealizado  
Que o destino desfez num torvelinho...

Eis-no de novo, agora, frente à frente,  
Esboçando um sorriso indiferente  
Para encobrir a grande comoção...

Nada disseste... Foi teu lábio mudo.  
Nada te disse... pois diria tudo  
Si pudesse falar o coração!



### O PAMPA

E lá, no extremo sul, que se estende a campina,  
Requeimada de sol nos dias de verão;  
E envolta no lençol da geada cristalina  
Nas manhãs hibernais de forte cerração.

Desabrocha a planura em trevos e bonina  
Na álaçre primavera, a mágica estação.  
E, no outono sorri a alfombra esmeraldina,  
Ao doce perpassar da leve viração.

Faça frio ou calor, passa, a todo momento,  
No fogoço corcel, o pala branco ao vento,  
O gaúcho feliz, alegrando as coxilhas.

Pampa da minha terra, onde sopra o pampeiro!  
Foste e sempre serás o orgulho brasileiro!  
Guardas o coração dos bravos farroupilhas.

## JORGE JOBIM

(1889-1935)

Nasceu em São Gabriel em 1889 e faleceu no Rio de Janeiro a 19 de julho de 1935. Colaborou em diversos órgãos da imprensa portoalegrense, sobretudo no “Petit-Journal”, na “Revista Acadêmica”, na “Máscara”, na “Panthum” e na “Kodak”. Na capital gaúcha, em 1904 e de parceria com José Picorelli, fundou o periódico literário “O Ramalhete” e dirigiu a revista “Brasil Novo”, fundada em 1925. Foi colaborador também da “Ilustração Pelotense”.

**Bibliografia:** “Poesias”; “Machado de Assis – páginas escolhidas”, em colaboração com Alberto de Oliveira; “Abrolhos d’alma”, versos inéditos, etc.

### UMBÚS

Umbus que demorais nos meus campos nativos,  
Atalaias senis das planiras escampas,  
Vós vos me afigurais assim tão pensativos,  
Gênios a meditar nos silêncios dos pampas.

Gênio da minha terra, ó gênio sedentários  
Ermos, quando o sol cai, quando não sopra solitários  
Na soberba sem par do seu isolamento.

Só a só com a saudade, através da distância,  
Como que inda vos vejo, altaneiros e ufanos,

Pelas tardes do sul, nessa formosa estância,  
Onde passei feliz os meus primeiros anos.

Quanta vez escutei entre ingênuos descantes,  
Do gaúcho crenteiro as histórias tremendas,  
Cujo entrecho sinistro e cenas lancinantes  
Tecia sobre nós o espírito das lendas.

À brisa balouçando a alta copa frondosa,  
Junto aos podres frechais de casas desvigadas,  
Sois como a alma do lar que ali ficou, saudosa,  
Tristemente velando as taperas ermadas!

Quanto ao sul ainda estava aos guaranis sujeito,  
E o seu solo ubertoso as tribos palmilhavam,  
Morto um deles acaso, em derradeiro preto,  
Um solitário umbu no túmulo plantavam.

E este, aprumado ao pé da argilosa igaçaba,  
Onde o guerreiro jaz no eterno nosso absorto,  
Ao vento a ramalhar, como um pagé da taba,  
Resmoneava orações pelo selvagem morto.

Por isso é que gemeis noturnas cantilenas,  
Umbus de altivo porte e de troncos gigantes,  
Junto a cujo sopé tantas virgens morenas  
Foram, tristes, chorar os esbeltos amantes.

Sinto dentro de mim se desfolharem rosas,  
Quando, do por do sol às derradeiras brazas,  
Pontilhais o horizonte, em horas silenciosas,  
Com a nostalgia ideal das vozes e das asas...

Umbus que demorais nos meus campos nativos,  
Atalaias senis das planuras escampas,  
Possa eu ainda vos ver, ermos e pensativos,  
Pelas tardes do Sul, ó meu irmão dos pampas!



## A VITÓRIA DO AMOR

Disse a Razão ao frio orgulho esquivo:  
– Tira da espada, veste esta couraça,  
E, ao resguardo do escudo, despedaça  
O Amor, que traz o coração cativo...

Ei-lo de volta! No seu lábio esvoaça  
O riso da vitória, ardente e vivo.  
Traz do recontro a escura adarga em crivo  
A escura adarga que, animoso, abraça!

Prestes, descavalgando o atro ginete,  
Aos pés da que o enviou, a temperada  
Arma bigúmea e o brônzeo capacete,

Roja. Mas a Razão, entristecida,  
Sabendo morto o Amor, a dura espada  
Contra si mesma volta e cai ferida...



## GARCIA MARGIOCCO (José)

(1889-1923)

Nasceu em Livramento a 26 de março de 1889 e faleceu na cidade e São José dos Campos, Estado de São Paulo, a 1 de outubro de 1923. Foi assíduo colaborador de diversos jornais e periódicos riograndenses, tendo colaborado, ainda, na “A Gazeta”, no “O Mundo Literário” e na “A Careta” do Rio de Janeiro. Foi um dos maiores poetas parnasianos do Rio Grande do Sul. infelizmente, a sua poética, fragmentária e dispersa, ainda não foi coligida.

### TRÊS FASES

Quando outrora eu chegava um descanso implorando  
À casa onde nasci par ao amor da poesia  
A minha Santa Mãe, à porta me abraçando,  
Chorava de alegria.

Depois, quando de novo o futuro buscando,  
Eu partia a vagar pelo mar da incerteza,  
A minha Santa Mãe, à porta me beijando,  
Chorava de tristeza.

Hoje, porém, que vou para muito distante,  
Dentro de mim levando a dor em grande alarme,  
Braços abertos vejo uma cruz negrejante  
Procurando abraçar-me!...



## ARTISTA

Embora a Musa à tentação resista,  
Em mim força maior domina o engenho,  
E a rima aprumo em vosso nome, Artista.

Vede, porém, que, lira rota, venho  
Ante a beleza ideal que mais venero,  
Gastar, nessa intenção, grandioso empenho.

Vossa bondade para a Musa espero,  
Pois quem, sendo emotivo, os males canta,  
Nunca deixa de, em verso, ser sincero.

Música... Versos d'alma que a alma encanta,  
Vós bem sabeis com que deslumbramento  
Ela, do lodo, ao próprio mau levanta.

Não sei dizer qual música prefiro,  
Mas sei, porque isso sinto ao meu contento,  
Que em vos ouvindo, ao piano, triste, aspiro  
O perfume imortal do sentimento.

## PERY MELLO

(1889-1913)

Nasceu em Cruz Alta a 4 de abril de 1889 e suicidou-se no Rio de Janeiro a 25 de abril de 1913. Poeta parnasiano e prosador atípo. Na cidade natal, dirigiu “O Papagaio”, fundado em 1902 e foi redator-chefe do “Eco do Sul”. Em Porto Alegre, onde iniciou a sua carreira militar, colaborou na “Cruzada”. Foi, ainda, colaborador efetivo da “Ilustração Pelotense”, a convite de Coelho da Costa.

**Bibliografia:** “Estudo crítico de ‘Frutos do meu pomar’ de César de Castro”; “O livro póstumo de Pery Mello” (Rio, 1914); “Exaltação do silêncio”, etc.

### ÓDIO

Tu, que cevas a intriga e que açulas a luta,  
Ódio – vesga feição da sinistra loucura –  
És o grito eterno, que a espécie inteira escuta,  
Cuja origem, na idade, estonteada, procura.

Alma do instinto humano e da humana tortura,  
Quando o espírito sonha e o alvo sonho perscruta,  
Surges – como de Poe – na mudez impoluta  
Do claustro subjetivo em que o ideal se enclausura.

Trazes sempre a protervia em teu bico de abutre,  
Cego, como um punhal que de sangue se nutre,  
Derramas o extermínio entre as searas do mundo.

E, assim, semeando a morte e desparzindo escombros,  
Gangrenas a piedade em teu bojo profundo  
E passeias, desvairado, a aflição sobre os ombros...

## BENTO FERNANDES (Manoel)

(1889)

Bacharel em direito, poeta, jornalista. Nasceu em Porto Alegre a 28 de novembro de 1889. Foi colaborador efetivo da “A Rua” e da “Kodak”. Pertenceu à Academia Riograndense de Letras, onde ocupou a cadeira n. 27, sob o patrocínio de Annibal Theóphilo. Na Academia Sul-Riograndense de Letras é o atual detentor da poltrona de igual número e patrono.

**Bibliografia:** “Bruhaha”, sonetos (Porto Alegre, 1935).

### QUANDO A INVERNA CHORA

Lá fora, anda o inverno a gemer; quando envia  
Uma queixa de mágua, o coração recolhe-a...  
Parece que há em nós uma estranha harpa eólia  
Onde o vento descanta a dor desta invernãa...

Mal desabroche ao peito uma sã alegria,  
Etérea virginal como uma magnólia,  
Vem invisível mão, um gume afiado colhe-a  
E a nossa alma é assim uma sala sombria.

Dormem as ilusões nos coxins de veludo,  
Só há rosas no chão; o tédio é espectro mudo  
E a vida passa, então, sem glória e sem beleza.

– Engano, um poeta diz, vivo em país de encanto;  
Sempre em meu coração há sonho, porque canto...  
Porque posso cantar minha própria tristeza.

## HOMERO PRATES

(1890)

Poeta, jornalista, advogado, jurista, magistrado. Nasceu em São Gabriel a 1 de agosto de 1890. Colaborou na “Revista Acadêmica”, na “A Federação” e em outros órgãos da imprensa gaúcha. Integrou, no Rio Grande do Sul, a chamada “geração neo-simbolista”, com Felipe d’Oliveira, Eduardo Guimaraens, Álvaro Moreyra, José Picorelli, Hermínio de Freitas, João Sant’Anna e outros. Ocupou, na Academia Riograndense e Letras, a cadeira n. 20, sob o patrocínio de Felipe d’Oliveira.

**Bibliografia:** “As horas coroadas de rosas e de espinhos”, versos (Rio, 1912); “Torre encantada”, idem (São Paulo, 1917); “No jardim dos ídolos e das rosas”, idem (Rio, 1920); “Orfeu”, idem; “A Morte de Ariel”; idem; “Ao sol dos pagos”, versos regionalistas (Rio, 1937);

“Antônio Chimango e sua continuação”, com o pseudônimo de “Juvenal, o Moço”; “Paraísos interiores”, versos (Rio, 1919); “Código da Justiça Militar” (Rio, 1939), etc.

### TERRA NATAL

Fim de tarde no Pampa... A beira dos lagoões  
Os João-Grandes estão estáticos, olhando  
No céu que há dentro d’água o sol, que vai golfando  
Numa sangueira de ouro os últimos clarões...

E toda e extinta chama heróica dos galpões  
Avoengos arde alem, no Céu, que se incendiando  
Lembra um fogão imenso onde se vão grupando  
Como heróis em repouso as nossas tradições...

Rosas dos céus natais, desfolhando-se esparsas  
Na macia amplidão desolada do Azul,  
Voam aqui e ali colhereiros e garças.

E ave que busca o ninho além, quando escurece,  
Sobre sangas, peraus, rincões, nos céus desce.



## SONETO

Vive, mendigo ou rei, o tempo escasso e lindo  
Que te é dado viver, como si em cada instante,  
– Pobre e efêmera sombra, humilde espectro errante –  
Já estivesses morrendo, estivesses partindo...

Sem que o saibas sentir, tu te estás despedindo  
Da existência fugaz, mas divina, ó passante!  
Exalta-lhe a beleza e a luz breve e inconstante  
Que aos teus olhos dá brilho enchendo o espaço infindo.

Qual si já ouviras soar tua hora derradeira,  
Louva-lhes as mãos em prece a rápida alegria  
E num supremo abraço abraça a Terra inteira.

Com a benção e o perdão do último olhar, que a Vida  
Não é mais que uma morte, uma lenta agonia,  
Um longo e belo e triste adeus de despedida!



## MUSA ÍNTIMA

Olhos voltados para o azul profundo  
Dos claros céus sem nuvens da Beleza,  
Posso dizer-te agora, com surpresa,  
Que a ventura e o amor são deste mundo!

Fonte que turva, um só momento, ao fundo  
Volve de novo à imaculada pureza,  
Nos vai passando a vida sem tristeza  
Que dure mais que o espaço de um minuto!

Se, por vezes, nos enche os olhos de água  
Uma dor sem motivo, de repente,  
É uma grande alegria ainda essa mágia:

Porque é a própria Ventura, ora distante,  
Das horas já vividas juntamente  
Que nos volta em saudade a cada instante!

## OCTÁVIO DORNELLES

(?-1905)

Grande poeta boêmio dos fins do século XIX e começos do atual. Foi companheiro de perambulâncias noturnas de Pedro Velho, Zeferino Brasil e Marcelo Gama. Em 1901 fundou, em Porto Alegre, a revista semanal “A Esquina”. Faleceu, como indigente, em 1905, na Santa Casa da capital riograndense.

### MÍSTICA

Estás de mim defronte, e a luz te envolve  
Do Sol, que, longe, muito longe esplende;  
E, errante e esquivo, o nosso olhar se volve  
Ao sol, que chamas no horizonte acende.

Um silêncio de culto a voz nos prende,  
Paira uma benção que nos absolve,  
Na luz que, vaga, a tarde lenta estende,  
Nos incêndios das nuvens que revolve.

Tomam teus olhos posições de prece.  
Tens a feição das mártires, parada,  
De encontro à luz, que, pálida, esmorece.

Ficas, até que o sol desapareça,  
Do clarão do poente aureolada,  
Tendo um nimbo de fogo na cabeça!





## NOITE ERMA

Quando a teu lado estou, si te contemplo,  
E me fitas também, meiga e risonha,  
Em derredor de nós flutua e sonha  
Um silêncio puríssimo de templo.

– Amor de eterno aspecto, doce exemplo,  
E que faz com que ao bem se predisponha  
A alma daquele que acaso o olhar ponha  
No nosso mudo par, si te contemplo.

... Há cismas e silêncios comovidos...  
Concepções de idílicas venturas  
Vagas tristezas do findar do dia...

Olhas longos pelo azul perdido...  
E parece que, atenta, das alturas  
A alma do espaço nos escuta e espia.

## ATTILA GUTERRES CASSES

(1890-1944)

Nasceu em Alegrete a 27 de julho de 1890 e faleceu no Rio de Janeiro em 1944. Uma das figuras mais representativas do Parnaso gaúcho, cujo patrimônio enriqueceu com páginas de invulgar beleza. Pertenceu à Academia Riograndense de Letras, onde ocupou a cadeira n. 9, sob o patrocínio de Barbosa Netto.

**Bibliografia:** “Stradivarius”, versos (Rio, 1944); “Filigranas”, poesias inéditas; “Rimas de antanho”, idem.

### VIOLA CAMPEIRA

Irmã da gaita crioula,  
Tu tens queixumes de rola  
Quando impeça a entardecer!  
Tu és, Viola Campeira,  
A saudade da fronteira,  
Chorando no meu viver!

Bordoneando uma milonga,  
És o grito da araponga,  
E o gemido do urutau.  
És soluço! És esperança!  
Lamento de pomba mansa  
Aninhada no girau...

Mas és também, nas porfiadas,

Lembrança de clarinadas,  
Pontilhando uma peleia!  
Pois tens na voz, que perpassa,  
Toda a bravura da raça  
Que vive numa epopéia!

Petulante, evocativa,  
És a formação do meu pago.  
– Charruas e Açorianos,  
Bandeirantes e Minuanos,  
Espanhol e Índio vago!

Por isso, guardas no bojo,  
Por isso, trazes de rojo,  
No teu sonido de lenda,  
Toda a emoção desses povos,  
Mesclada nos sangues novos,  
Tecendo a nossa legenda!

Porque essa gente aguerrida,  
– Que em lutas passava a vida  
E que aguentava repucho –  
Ao ver a morte vizinha  
Filtrou o melhor que tinha  
Para formas o Gaúcho!

Tens, na fremência das cordas,  
O mesmo brio dessas hordas  
Que se topavam seguido.  
– Ferro branco! Peito a peito!  
Cada pechada de jeito  
Deixava um cuera estendido!

Bento Gonçalves! Farrapos!  
Heróis cobertos de trapos,  
Remendados nas vitórias!  
– Noite alta! Nos borralhos,  
Cada lança de três galhos  
Era um símbolo de glórias!

Tudo evocas, num conforto.  
E o gaúcho, que foi morto,  
Terá sempre quem o vingue!  
Há tropéis no teu descanto:  
– Potreadas de Borges Canto!  
Califórnicas do Moringue!

Com o inimigo distante  
Tu, Viola, num instante,  
Surgidas da carretilha.  
E, espantando os quero-queros,  
Cantavas os entreveros,  
Que tingiram a coxilha!

Mais tarde, tudo em repouso,  
Tu ias fazer teu pouso  
Entre chinocas bonitas!  
E os ranchos, nas horas mortas,  
Sorriam, na luz das portas,  
Ao fragor das Chimarritas!

E, depois, no desafio,  
A rima correndo a fio  
Sestrosa como um bagual!  
E quantas vezes pressaga  
A mão, empunhando a adaga,  
Cortava o verso final!

Antigas lidas campeiras  
Vens evocando, folheiras,  
Nesse cantar de cigarra!  
– Rodeios, tropas, galpões  
E nas rudes marcações  
Os pialos de cucharra!

A doma, o mate, o churrasco,  
Tudo revive, sem chasco,  
Nas tuas notas rasgadas!

Tu és, Viola, em essência,  
A voz da minha querência,  
Que chora pelas quebradas!

És o Rio Grande altaneiro,  
Que fez do vento Pampeiro  
Seu desejo de amplidão!  
– Seu sonho de liberdade  
Que mora e vive, em verdade,  
Nas coxilhas do rincão...

#### NA HORA FINAL

Como um cristal que, aos poucos, se biparte  
Ou como flor que a aragem despetála,  
Eu desejo morrer, de manso, a olhar-te,  
Na quietude e penumbra de uma sala.

Meia-luz... O silêncio morno e tardo,  
A evocar as estrofes mais bizarras!  
Incensórios florais, de lírio ou nardo...  
Cravos rubros, morrentes, pelas jarras...

A teus pés, palpitante e genuflexo,  
Beijar-te a mão esgalga, e, sem refolhos,  
Ver extinguir o último reflexo  
De meu olhar, no espelho dos teus olhos!...

Murmurar, em surdina, a frase languê  
Que, há muito, o peito fere e quebranta,  
E cair, sem um ai, de lábio exanguê  
E um soluço represo na garganta!...

Expirar... descobrir novo horizonte,  
Levando, da existência que fenece,  
a carícia dos dedos teus na fronte  
e, na alma, o perfume da tua prece.



TAPERA

Tapera!... Saudade baita  
Do verde olhar da coxilha!  
Recuerdo amargo de gaita  
Na última seguidilha!...  
Tapera! Saudade baita!  
Tapera! ... Mágua que existe  
E na memória se estampa.  
– Tu lembrás, na tarde triste,  
Uma lágrima do pampa!  
Tapera! Mágua que existe!

## ERNESTINO MAZZA

(1877-1905)

Nasceu em Porto Alegre a 25 de agosto de 1877 e faleceu a 29 de maio de 1905, ao atracar em Vitória o navio em que viajava. Foi contemporâneo de Getúlio Vargas e Armando Faria Correa na Escola Militar de Rio Pardo, onde colaborou no “Boêmio”. Foi, também assíduo colaborador da “A Farpa” e do “Correio do Povo” de Porto Alegre.

**Bibliografia:** “Jaspes”, versos (Porto Alegre, 1899).

### APOTEÓSE

*À Armando Faria Correa.*

Loura, de branco, desprendida a coma,  
Que se desnastra pelo níveo ombro,  
Surge a Princesa, triunfal assombro  
De formosura, que sorrindo assoma.

Para saudá-la, em franco desassombro,  
A multidão arrebatada toma  
O entusiasmo dos festins de Roma  
E lhe oferece o seu pujante ensombro.

Desde do carro a lúrida Princesa  
Erguendo a saia, que ela própria cose,  
Pelos seus dedos levemente presa,

E, todos pasmos, de alegria imersos,  
Abrem as alas numa apoteose  
À excelsa soberana dos teus versos.



### PARA OS SINOS

Casou-me sempre um mal extraordinário  
Esse dobre de sinos a finados,  
Meus nervos têm horror ao campanário,  
Que enche o espaço de sons dilacerados.

Sineiros que ganhais o pão diário  
Para carpir no bronze alheios fados  
Dos que vão para um mundo incerto e vário  
Vos sois, mais do que todos, desgraçados.

Não tem razão de ser essa tristeza  
Dos sinos a dobrar quando morremos.  
Anda invertida, em tudo, a Natureza.

Velhos bronzes, no templo, redivivos  
Vos deriveis dobrar quando nascemos.  
Sinos, quando eu morrer, tocai festivos!



## LUIZ CANARIM JUNIOR

Poeta, jornalista e teatrólogo. Foi diretor da “A Democracia”, jornal fundado em 1887 na cidade de Rio Grande onde também colaborou no periódico “O Bisturi”. Era cego de nascença, tendo falecido com cerca de 60 anos de idade.

**Bibliografia:** “O hóspede”, drama em 5 atos (Rio Grande, 1889) e “Aurora Boreal”, poemeto comemorativo à lei de 13 de maio de 1888 (Rio Grande, 1889).

### ANJO OU MULHER

Corria a primavera, a viração passava  
De manso a bafejar as flores do jardim,  
Dum pedaço do céu a lua se soltava  
Mandando à terra a luz em raios de marfim.

Orquestra celestial um hino executava,  
Tão doce que eu ouvia a duvidar de mim.  
Sobre o colo de Euterpe eu cria que sonhava  
Mas vi romper-se o céu e voar um serafim.

Eu vi a vibração, na tímida passagem,  
Bafejava-lhe o todo e a silencial imagem  
Os olhos divinais volvia pr’a qualquer.

Eregi-lhe um altar e consagrei-lhe um hino.  
De crenças, sem amor, pois cria-o só divino,  
Mas quando fui beijar senti que era mulher.

## ARMANDO FARIA CORREA

(?-1906)

Nasceu em São Gabriel. Faleceu em 1906. Foi aluno da Escola Militar de Rio Pardo, onde colaborou no “Boêmio”, tendo publicado, nessa época, um grande número de sonetos e poemas. Também em Rio Pardo fundou o “Domingueiro” com Aristóteles Cunha e Leal de Souza.

**Bibliografia:** “Primevos”, versos.

### ANGÚSTIA

Intenso inverno! Que de maus bocados  
Nessa estação tristonha passa a gente  
Sentindo os músculos embaraçados  
E os dias se passarem tristemente...

O frio aumenta! Em blocos congelados,  
À chuva vem caindo lentamente,  
A desdobrar por sobre os descampados  
Vasto lençol de neve alvinitente!

Mas um dia afinal o inverno passa  
E a primavera, festival, desponta  
Fazendo em tudo renascer a graça,

E, mesmo ainda na estação das flores,  
Vive em meu peito, emurchecida e tonta,  
A flor simbólica dos meus amores...

## LINDILPHO COLLOR

(1890-1924)

Nasceu em São Leopoldo a 4 de fevereiro de 1890 e faleceu no Rio de Janeiro a 21 de setembro de 1942. Foi redator chefe de “O País” da Capital Federal e diretor d’ “A Federação” de Porto Alegre, onde também redigiu outros órgãos da imprensa local. Colaborou ainda em inúmeras revistas gaúchas, onde deixou farta e valiosa produção em prosa e verso. Pertenceu à Academia de Letras do Rio Grande do Sul, fundada em 1910. Patrono, na Academia Sul-Riograndense de Letras, da cadeira, n. 36.

**Bibliografia:** “Poema dos matizes” (Porto Alegre, 1909); “Caminho de flores”, versos; “Elogios e símbolos”, idem; “Bosque Heleno”, estudo; “A Reação Republicana” (Porto Alegre, 1921); “Brasil-Uruguai” (Rio, 1925); “No centenário de Solano Lopez”; “Europa 1939”; “Sinais dos tempos”; “O convênio de Montevidéu”; “O Brasil e a Liga das Nações”, etc.

### SINE CORDE

Cedo fui esperá-la... Ansiosamente  
Meu coração submisso palpitava.  
E este ligeiro palpitava dolente  
De amor um hino vivido encerrava.

Chega e passa. Mas nem ligeiramente  
Baixa a mim a pupila ardente e flava.

Ah! Que tristura gélida e pungente  
Sinto n'alma que há pouco inda cantava!

Volta, enfim, sempre altiva. E eu humilhado  
Nela concentro o meu olhar magoado  
Extático, fitando-a contrafeito...

Olha-me de relance... Mas tão frio  
É seu olhar que mesmo eu desconfio  
Que um coração não vibra no seu peito!



#### DO CORVO

Nos teus olhos eu leio o Livro dos negros  
Andam nele, fulgindo, as tentações loquazes  
Que fazem de almas não humílimos sequazes  
Da caterva do Mal que se cobre de flores.

Leio-o, folha por folha Eu sinto que tu trazes  
Contigo a imensa escada espiritual das Dores,  
Onde, calma, fizeste, extreme de temores  
A tua alma subir, em busca de falazes

E vãs aspirações. Desenganos colheste.  
E agora o teu olhar, em recompensa deste  
Desespero se faz de vícios o ministro.

E ainda, negro traidor, cauteloso, espreitando  
A vítima escolhida, assim como, revoando,  
Cuida a presa a fugir negro Corvo sinistro.

## JOINVILE BARCELLOS

Poeta, prosador, jornalista, advogado, natural de Pelotas. Colaborou ativamente na “Ilustração Pelotense” e em outros periódicos literários do Rio Grande do Sul, como “O Propagandista” de Xisto Pereira (1917). Foi, ainda, assíduo colaborador da “A Cigarra”, ao tempo de Gelásio Pimenta. Justamente considerado um dos mais perfeitos e primorosos sonetistas gaúchos.

**Bibliografia:** “Vagas e ventos”, versos.

### O FAROL

Sobre um penhasco em pleno isolamento,  
A tua esguia construção se apruma,  
Atira-te aos teus pés o mar, violento,  
Arrebentando em turbilhões de espuma!

Rasgando os verdes vagalhões, ao vento,  
E exurgindo, fantásticas, da bruma,  
Lá, onde se une o mar ao firmamento,  
Vês apontando as naus, uma por uma...

O olhar em chama no horizonte espraia,  
Ruge o nordeste e o temporal avança.  
Salve! Ó do porto intrépida atalaia!

Mil vezes salve! Que aí dentro vela,  
Que a tua luz é um raio de esperança  
Na escuridão das noites de proceda!

## ERICO DOS SANTOS

Nome de grande prestígio no primeiro decênio do século XX, quando sua pena fulgiu em Porto Alegre, ao lado da de Alcides Maya, Zeferino Brasil, Fanfa Ribas, Mário Totta, Souza Lobo, Paulino de Azureña e outros poetas de destaque.

**Bibliografia:** “Alvas”, versos; com prefácio de João Fanfa Ribas (Rio Grande, 1905).

### NO BANHO

Nua, de pé, mostrando o carminado  
De sua pele que a volúpia doura,  
Em frente ao banho morno e perfumado  
Dulce desnasta a cabeleira loura...

E assim nua, e assim bela, – o quarto enchendo  
Da fulva luz que em seus cabelos canta,  
De pé, braços cruzados, parecendo  
A antiga Vênus impoluta e santa, –

Ela vacila... Fora o sol dardeja,  
– prados, campinas, tudo luz loreja...  
Faz um calor enorme que extenua.

Dulce sonha... e de súbito acordando,  
Vendo-se assim completamente nua,  
Rubra de pejo vai pela água entrando...



CREDO

Chamam-se hereje e dizem que eu não creio  
No entanto adoro e curvo-me à insolente  
Carne que ruge e pede num anseio  
P'ra ser beijada demoradamente...

Lábios em flor, vermelhos como um cravo  
De onde o desejo ofídico irradia,  
Sois para mim o milagroso favo  
Cheio de mel e cheio de ambrósia...

E tu, carne de amor, carne que irrita  
A minha carne já votada à incúria  
Por tanto amor banal, pela luxúria,

Hás de sentir que em meu olhar turvado  
A elegia dum místico transita  
Pensando em ti, ó carne de pecado!

## MANOEL DO CARMO

Nasceu em Santiado do Boqueirão. Dirigiu o “Combatente” de Santa Maria e colaborou assiduamente na “Ilustração Pelotense”. Usa com frequência o pseudônimo de “M. Pereira Fortes”. Foi colaborador, também, da “Revista Acadêmica”, da “Via Láctea” e da “A Semana Ilustrada” de Porto Alegre. Em São Paulo foi diretor da “A Capital”. Casado com a poetisa, também riograndense, Aplecina do Carmo.

**Bibliografia:** “Noites de inverno”, versos; “Setembro”, idem; “Caminho da Luz”, poema (1909); “Cantares da minha terra”, versos regionalistas; “A Marcação”, poema gauchesco; “Consolidação das leis do verso – Tratado de metrificacão”; “O Sanchismo”, ensaio, etc.

### SAUDADE

Saudade é vôo tristonho,  
No tempo, longe, pr’a traz.  
É o aparte no rodeio  
Dos sonhos que a gente faz.

É a hora triste da tarde  
Em que se sente uma ânsia  
É a hora em que o gado vem  
Mugir na frente da estância.

Saudade é um bem que laçamos  
E matreiro nos escapa,  
Num tirão arrebetando



O laço perto da ilhapa.

É a tapera do ranchito  
Que o tempo desmoronou,  
Que inda guarda lá por dentro  
Tudo aquilo que se amou...

Saudade é a sombra que fica  
De uma passada existência.  
Saudade! É o relincho triste  
Do animal pela querência...



## NO TREM

Vou distraído a olhar pela vidraça,  
Tudo célere foge atropelado:  
Agora um matagal, agora um prado,  
Agora uma ave que no azul esvoaça.

Tudo além se confunde, tudo passa  
Em grande confusão. Por entre o gado  
Avestruzes em bando acelerado  
Vêm e passam no campo da vidraça!

Bem assim no correr de nossa vida,  
Quanta coisa fugindo divisamos  
Numa grata ilusão que nos convida!

Distraídos a turba contemplamos,  
Que parece fugir-nos de corrida,  
Quando em verdade nos é que passamos!



## LES SANGLOTS LONGS

Vem ler comigo o Paul Verlaine...  
Ou quem sabe se queres Baudelaire?  
“Les fleurs du mal”! À tua alma de mulher  
É muito mais forte a sensação que elas contém!

“Lês sanglots longs des violons...” Como faz bem  
A languidez daquele som a quem tiver  
A alma sensível de poeta ou de mulher!  
Vem ler, vem ler comigo o Paul Verlaine.

Escuta, escuta, amor... “Les sanglots longs...”  
“Des violons... de l’automne...” É bem capaz  
De adormecer ouvindo aquele som...

Como eu sempre adormeço quando vem  
A noite que os carinhos teus me traz...  
Pois tu és suave como um verso de Verlaine.



## CONVALESCENÇA

Que diferença, meu amor! Coitada  
De ti. Como foi dura essa doença,  
Eras bela e hoje assim. Que diferença  
Virgem do céu, como tu estás mudada.

Magra, fraquinha, a face desbotada,  
Ao certo foi no teu martírio imensa  
A dor que ai ver-te logo a gente pensa  
Numa tenra bonina maltratada!

Mas não te desesperes da mesquinha  
Sorte traidora. Ainda hás de conquistá-las  
Às roubadas belezas, linha a linha...

Toda a convalescença traz ao doente  
As primitivas e perdidas galas,  
Como a Fenix da lenda antigamente...

## EDUARDO GUIMARAENS

(1891-1928)

Nasceu em Porto Alegre a 30 de novembro de 1891 e faleceu no Rio de Janeiro a 13 de dezembro de 1928. Foi redator do “O Diário”, da “A Federação” e do “Correio do povo”. Dirigiu a revista “Máscara” e o “Mensário do Sul”. Filho do escritor e jornalista Gaspar Guimarães, que teve destacada atuação na “Sociedade Parthenon Literário”. Patrono, na Academia Sul-Riograndense de Letras, da cadeira n. 38.

**Bibliografia:** “Caminhos da vida”, versos; “Vigília de uma noite de maio”, idem; “A eterna canção”, idem; “Pele de Arlequim”, contos; “As mulheres de D. João”, comédia; “Trechos e Paisagens”, impressionismo; “Núpcias de Antígone”, tragédia, etc.

### DOÇURA DE ESTAR SÓ

Doçura de estar só quando a alma torce as mãos!  
– Oh! Doçura que tu, silêncio, unicamente  
Sabes dar a quem sonha e sofre em ser o Ausente,  
Ao lento perpassar destes instantes vão!

Doçura de estar só quando alguém pensa em nós!  
De amar e de evocar, pelo esplendor secreto  
E pálido de uma hora em que ao seu lábio inquieto  
Floresce, como um lírio estranho, a Sua voz!

(E os lustres de cristal! E as teclas de marfim!  
E os candelabros que, olvidados, se apagaram!  
E a saudade, acordando as vozes que calaram!)  
Doçura de estar só quando finda o festim!

Doçura de estar só, calado e sem ninguém!  
Dolência de um murmúrio em flor que a sombra exala,  
Sob o fulgor da noite aureolada de opala  
Que uma urna de astros de ouro ao seio azul sustem!

Doçura de estar só! Silêncio e solidão!  
Ó fantasma que vens do sonho e o abandono,  
Dá-me que eu durma ao pé de ti o mesmo sono!  
Fecha entre as tuas mãos as minhas mais de irmão!



## TAPEÇARIA

Não será certamente um velho Gobelino  
Velhíssimo é, contudo: o assunto, a cor, a trama  
Trompas de caça e esbelto o rebrilhar da lhama  
Corta a selva a cavalo um bando feminino.

Ei-las, Diana as guia; e num furor divino  
Soa e ecoa o halali, que os ágeis cães conclama  
Será bela a batida! E a fabulosa dama  
Sorri. Cintila o céu a esta hora, matutino.

Ao ouvir-lhes o galope assustador, as feras  
Já buscam o covil na solidão da mata  
E a cavalgada passa, à testa rosas e heras...

Vão pálidas... E no ar, à luz do sol sacodem  
Aquelas brancas mãos com armas de ouro e prata  
Que bem sabem ferir e matam quando pode...

## AUGUSTO DE CARVALHO

(1891)

Nasceu em Rio Pardo a 17 de maio de 1891. Foi diretor da Instrução Pública e da Repartição Geral de Estatística do Estado. Colaborou ativamente na “Kodak” e dirigiu a “Máscara”. Pertence ao quadro de membros efetivos da Academia Sul-Riograndense de Letras, onde tem assento na poltrona n. 32, patrocinada por Pedro Velho.

**Bibliografia:** “Tu”, versos; “História”, idem (Porto Alegre, 1913); “20 sonetos”; “Os novos do Rio Grande do Sul”, estudo crítico (Porto Alegre, 1920); “Bilhetes a um valquiria”, comentários de guerra, etc.

### SONETO

Mais perto cada vez... Ei-la a Cidade Santa...  
Desenha-se no longe e me deslumbra a vista...  
Ó Pátria que eu sonhei e que meu verso canta,  
Termo do meu labor, esplêndida conquista...

Ó Verde Canaan que altiva se levanta,  
Terra da Promissão dos meus sonhos de Artista...  
Ó formoso País que o meu olhar espanta,  
Doce Jerusalém nos longes entrevista...

Porém, foi rude esforço... Ao termo da jornada,

Sinto que me abandona a indômita energia...  
Eu não devo alcançar a Terra Desejada....

E cheio de pavor, ante a ilusão perdida,  
Vejo desfeita em pó a minha fantasia:  
Mais longe, cada vez, a Terra Prometida!



## VISÃO

Agosto... No meu lar, um casarão antigo,  
Solar de meus avós, de austero porte erguido,  
Leio Cesário Verde, o meu bizarro amigo,  
O grande sonhador nebuloso e vencido...

Zune fora a invernia. O espírito castigo  
Obrigando-o a seguir um sonho indefinido  
A noite me amedronta. E a noite vem! Maldigo  
O dia em que nasci, o tempo que hei vivido.

Tento dormir... Divago... E em vão dormir intento  
Bailam em torno a mim os sonhos do passado  
De novo a ânsia da Morte... E o sono me avassala.

Subitamente vens. E num deslumbramento  
Tu dominas a treva... E eu tomo alucinado,  
Pela aurora boreal dos teus seios de opala...

## JOÃO PINTO DA SILVA

(?-1950)

Nasceu em Jaguarão, onde iniciou sua vida literária e jornalística. Faleceu em Genebra, como cônsul do Brasil, em 1950. Colaborou no “O Diário”, na “A Federação”, no “Correio do Povo”, na “Máscara”, na “Kodak” e no “Almanaque do Globo”, de que também foi diretor, juntamente com Mansueto Bernardi. Foi ainda colaborador efetivo da “Ilustração Pelotense”. Pertenceu à Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

**Bibliografia:** “Estalactites”, versos (Porto Alegre, 1910); “Bolhas de espuma”, crônicas (Porto Alegre, 1920); “Fisionomia de novos”, crítica (Porto Alegre, 1922); “Vultos do meu caminho”, idem (Porto Alegre, 1927); “História Literária do Rio Grande do Sul” (Porto Alegre, 1924); “A Província de São Pedro”, história, etc.

### SONETO

A aboboda de pedra é atro de tumba...  
Na clausura do esforço, o alquimista perscruta  
Um mistério de bruxo, o problema que o chumba.  
E horas, e meses vão... e o velho em vão labuta!

Potes brunos de barro e vasos d'ouro escuta,  
Sonda... Seu rosto, assim como o de quem sucumba,



É vincado e de cera. (Absconsa, a Insânia hirsuta  
move o passo presago próximo retumba).

Magro, as barlas de gelo, o alto corpo recurvo,  
O visionário espia em torno, o olhar já turvo,  
E sente que a obsessão antiga inda o retorce.

O ouro! O ouro! ... inútil é que o problema consagre  
A sua vida toda... O fulgido milagre  
Jamais conseguirá, esforce ou não se esforce!

## FLODUARDO DE ARAUJO

Nasceu, ao que parece, em Livramento, onde foi amigo íntimo e companheiro de boemia de Alceu Wamosy. Publicou na imprensa gaúcha elevado número de versos, especialmente nas páginas da “Ilustração Pelotense”, de que foi colabrador efetivo. Cultivou de preferência, o soneto, tendo desfrutado, ao seu tempo, de grande renome literário em todo o Rio Grande do Sul.

**Bibliografia:** “Sombras de outono”, versos; “Brumas azuis”, idem, inéditos, etc.

### TAPERA

Ereta, no ermo agreste da planura,  
Já destelhada, solitária e nua,  
Quer exposta à invernia brava e dura,  
Quer afogada pela luz da lua.

Sempre imota e silente ela perdura  
Parece até que na tristeza sua  
Concentra uma alma resignada e pura  
Que ante um fadário acerbo não recua.

Minh'alma, mórbida impressão a invade  
Ao vê-la desterrada no ermo agreste  
Ereta, queda, solitária, ao longe...

Penso que vejo à sombra de um cipreste  
Em prece eterna, em plena soledade,  
O vulto resignado d'algum monge...

## COELHO DA COSTA (Januário)

(?-1950)

Nasceu em Pelotas, onde faleceu em 1950. Oficial do exército, poeta, jornalista, prosador. Um dos representantes máximos do parnasianismo no Rio Grande do Sul. foi diretor, durante vários anos, da “Ilustração Pelotense” e colaborou, com assiduidade, no “Almanaque de Pelotas” e na “Kodak”. Muitos dos seus versos foram traduzidos, no Uruguai, pelo poeta J. M. Herrera. Pertenceu à Academia Riograndense de Letras, onde foi detentor da cadeira n. 25.

**Bibliografia:** “Aspérulas”, versos; “Helena”, idem; “No templo”, idem; “No altar da rima”, idem; “Do som da cor e do perfume”, idem; “Símbolos”, prosa (Porto Alegre, 1927); “Eterno tema”, prosa, com prefácio de João C. de Freitas (Pelotas, 1924); “Ascensões de declínios”, versos, etc.

### DOS JASMINS

Jasmineiros frorindo... Almas de amor florindo...  
Ei-las, entre os jasmíns, nossas almas no mundo  
Intercâmbio de olhar, dizendo alegres tudo  
Que vamos dentro em nós um pelo outro sentindo.

O rosto oval que eu beijo, a arfar de orgulho infindo...  
A espádua lactecenta... o colo alivo e desnudo.  
Gracilmente a emergir do roupão de veludo...

É um soberbo jasmim teu busto airoso e lindo.

Entre as flores irmãs eu te sigo adornando  
De pétalas teu seio – o horto aromal e brando,  
Onde, abelhas do amor, vagam os meus desejos. –

Perfume dos Jasmins... Quintessência do aroma,  
Onde, no ardor pagão que os meus sentidos toma,  
Sinto a morna volúpia estranha dos teus beijos...



#### AMORIS VERBUM

Terno e profundo olhar que noutro olhar se embebe...  
Olhar mútuo, por onde o espiritual incenso  
Da suprema ternura, ébria de gozo imenso,  
A alma de cada ser, alegremente, bebe!

Beijo que um lábio dá e outro lábio recebe...  
Beijo, onde um fluido existe, embriagador e intenso,  
Cujo alto valor significativo, eu penso,  
Talvez o próprio ser mais sente que percebe!

Beijo e olhar da paixão... Verbo eloqüente e mudo  
Do Amor... Fala de sons inaudíveis e quentes  
Para os quais entender só a alma tem ouvidos.

Da linguagem do olhar o coração diz tudo...  
É há no beijo febril de dois lábios ardentes  
O áureo Rito nupcial de todos os sentidos!



## DOS SINOS

Os sinos também têm uma linguagem sua...  
Falam, cantam... O bronze até soluça e plange...  
E um divino dulçor nas almas insinua  
E à Prece os corações suavemente constringe.

Quando freme o entusiasmo e o gáudio tumultuda,  
Na apoteose triunfal de uma heróica Falange,  
A velha Torre canta e a alma desvenda, nua,  
No soberbo Te-Deum vitorioso que tange.

Ao crepúsculo à tarde, à hara muda e sombria,  
Eles dizem, gemendo, as tristezas de um monge,  
Que na paz do seu claustro, ora à Virgem Maria.

E ah! Como, no meu ermo, a estes dias nevoados,  
Me aperta o coração a voz dolente e longe  
De uns sinos a planger num dobre de finados!

## MANSUETO BERNARDI

Nasceu<sup>1</sup> (em Veranópolis), ex-Alfredo Chaves, onde reside. Colaborou na “Kodak”, na “Máscara”, na “Berlinda”, no Artístico” e no “Almanaque do Globo” de Porto Alegre. Dirigiu a “Revista do Globo”, fundada em 1929.

**Bibliografia:** “Terra convalescente”, versos (Porto Alegre, 1918); “São Francisco e na Natureza”, conferência (Porto Alegre, 1927); “A vida e os versos de Alceu Wamosy” (Porto Alegre, 1924); “Vida e poesia de Eduardo Guimaraens”; “Poemas franciscanos”; “O pensamento religioso dos Farrapos”, conferência, etc.

### SILÊNCIO VERDE

Sobre um leito estival de folhas mortas,  
Nas horas me distendo meridianas,  
Silêncio verde. Pelos troncos, tortas,  
Em demanda do sol, trepam as lianas

Oscilam sobre mim frutas silvanas.  
E à carícia da voz, com que me exortas,  
Abro-te, ó Sonho bom, todas as portas  
E a selva inteira, tu, presto, engalanas.

---

<sup>1</sup> Nasceu em Asólo, província de Triviso (Itália), em 20/03/1888 – Faleceu em Veranópolis, RS, em 09/09/1966. Naturalizou-se brasileiro.

Ao contacto vital da Terra boa  
Um frescor de alvorada me coroa  
A fronte acesa de desejo louco...

Cerro os olhos, pueril. E com que gosto  
Sinto cair-me do alto, a pouco e pouco,  
Uma chuva de pólen sobre o rosto...

## LEONEL FAGUNDES

Nasceu em Arroio Grande, onde também faleceu. Era neto do famoso poeta da época farroupilha “Pedro Ganga”. Colaborou no “O Jornal” e no “O Alfinete” de Jaguarão, bem como na “Revista dos Estudantes de Engenharia” de Porto Alegre.

### A BENTO GONÇALVES

Este sítio, entre estrépidos e flavas  
Lanças, fitou teu vulto denodado,  
E o ginete fogoso que montavas  
Escarvou neste solo abençoado.

Aqui, sob este céu puro e estrelado  
Como o lábaro puro que agitavas,  
Ao sol tradicional do teu passado  
Germinou a semente que aflagavas.

Por isso, ora fitando estas campinhas,  
E pisando este solo que pisaste,  
Matizado de flores purpúras,

Creio ler, através estas coxilhas,  
A epopéia de amor que nos legaste  
Na legenda das glórias farroupilhas!



## NESTOR GUIMARÃES

(1891)

Nasceu em São Borja a 8 de julho de 1891. Fez a sua estréia nas letras. Quando estudante, em Santa Maria. Colaborou, depois no “O Maragato” de Livramento, no “Correio do Sul” de Bagé e no “O Parlamentarista” de Cachoeira. Em 1915, com Andrade Neves Netto, fundou “O Federalista”. No Rio de Janeiro, foi colaborador assíduo do “O Malho”, redator da “A Folha” de Medeiros e Albuquerque, da “A Notícia” e da “Esquerda”. Desde 1923 pertence ao quadro redatorial de “A Noite”. Foi o primeiro presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Capital da República. Incluído na “Antologia do jornalismo brasileiro” de Pedro Thimóteo (Rio, 1944).

### BONDADE

Roga a Deus que na tua mesa pobre  
Nunca te falte o pão de cada dia,  
E que, pelo contrário, sempre sobre  
Para o teu semelhante uma fatia!

Mais, que a tua bondade se desdobre  
Junto aos que gemem na última agonia;  
E, enfim, divide o pano que te cobre  
Com quem te inspire pena e simpatia!

Faze o bem que puderes; nada custa!  
E terás a indulgência merecida

Na sentença de Deus, serena e justa.

Não proclames a ajuda que a outros deste,  
Mas, sim, lamenta, de alma compungida,  
Unicamente, o bem que não fizeste!



### ASPIRAÇÃO

Procuro, em vão, a mais preciosa rima  
Para engastar nos versos que componho;  
Forma nova que a minha dor exprima  
No anseio deste torurado sonho!

Toda a flama da crença que me anima,  
Arde neste labor em que suponho  
Atingir o esplendor que o eleve acima  
Da esperança da fé que nele ponho!

Mas, infeliz de mim, artista pobre,  
Que não dispõe do ambicionado engenho  
Lapidador do verso puro e nobre!

Angústias sofro, sem poder contê-las,  
Em meu obscuro e desvairado empenho  
De dar-te, amor, um madrigal de estrelas!

## CARLOS CAVACO

(1891)

Nasceu em Livramento a 18 de setembro de 1891. Bacharelou-se em direito, jornalista, orador, poeta, teatrólogo, ficcionista. Dirigiu o “Echo Americano” e “A Vanguarda” de Porto Alegre. Colaborou na “Kodak” de Porto Alegre, no “O Corymbo” de Rio Grande e no “O Radical” do Rio de Janeiro. O seu nome verdadeiro é Carlos de Araújo.

**Bibliografia:** “Rosicler”, prosa e verso (Porto Alegre, 1905); “Musa vermelha”, versos; “Trovas”, idem; “Na luz da Liberdade”, (Porto Alegre, 1914); “O perários”, panfleto socialista; “Stella”, romance passional; “Despotismo católico”, ensaio; “O violeiro da saudade”, burleta; “Grito d’alma”, tragédia em 1 ato; “O Amor”, prosa; “A idade”, idem; “A carta anônima”, teatro; “A revolta do ‘Minas Gerais’”; “A primeira rosa”, idem; “A caminho do obelisco”, idem; “Cego de amor”, idem; “Mãe brasileira”, idem; “Pátria Nova”, idem; “Caxias”, comédia histórica, etc.



### O BEIJO DO LUAR

No pequenino leito perfumado  
Entre lençóis de linho alvinidente  
Ela dormita; o corpo reclinado,

Belo, correto, poético, indolente.

Passa um raio da Lua, apaixonado,  
Pela janela aberta para o poente.  
E depois de banhar o cortinado  
Entra no leito, vagarosamente...

Entra... Ela acorda. Abre a pupila e a fita  
E suspira, e sorri, fala e se agita  
Nervosa, bela, apaixonada e louca!

E então o raio de luar avança,  
Toca-lhe o ventre, o seio nu, a trança  
E vai beijar-lhe a purpurina boca!



## ARTE

Deusa querida, outrora respeitada,  
Quanto me dói o coração amante  
Ao ver-te pelos maus, a cada instante,  
Assim tão cruelmente maltratada!

Ainda essa turba estúpida, esfaimada,  
À procura da Fama cativante,  
E penetra em teu Templo, deslumbrante,  
Para manchar-te, ó Deusa Imaculada!

Matam-te a Forma, sujam-te a Beleza,  
E morrerás em breve com certeza,  
Entre as garras aduncas dos Sandeus,

Si um novo Cristo, para grande exemplo,  
Não ficar junto à porta do teu Templo,  
Enxotando esses novos fariseus!

## FRANCISCO FURASTÉ

(1891)

Nasceu em Santo Antônio da Patrulha a 24 de outubro de 1891. Foi redator da “Gazeta do Povo” de Porto Alegre, onde colaborou também no “Echo do Povo”.

**Bibliografia:** “Velhos versos” (Porto Alegre, 1910); “Momentos rubros” versos (Porto Alegre, 1912) e “Poesias”, com prefácio de Zeferino Brasil (Porto Alegre, 1921).

### SONETOS

Lá nos profundos mares do Ocidente  
Onde, à flor das revoltas águas, nada  
A espuma leve, a espuma esbranquiçada,  
E se desfaz aos poucos, molemente;

Lá onde se despede o sol poente,  
Fazendo pouco e pouco a sua entrada;  
De mil curvas violáceas rodeada,  
E se vai apagando lentamente;

Muita vez na ilusão de um sonho amado,  
Por sobre aquele mar, cor de violeta,  
Ando e invejo de Apeles a palheta:

Para pintar, com jeito aprimorado,  
À soberana luz que o sol derrama  
Da Natureza o excelso panorama!

## FELIPPE D’OLIVEIRA

(1891-1932)

Nasceu em Santa Maria a 23 de agosto de 1891 e morreu em Paris, num desastre automobilístico, a 17 de fevereiro de 1932. Colaborou na “Fon-Fon”, na “Gazeta de Notícias”, na “A Imprensa” e no “O País”. Foi um dos criadores da “Fundação Graça Aranha”. Patrono, na Academia Riograndense de Letras, da cadeira n. 20, ocupada por Homero Prates. Na Academia Sul-Riograndense de Letras, patrono, da cadeira n. 37, de que é titular Antunes de Matos.

**Bibliografia:** “Vida extinta”, versos (1911); “Lanterna Verde”, poesias modernistas; “Livro póstumo” (Rio, 1938); “Alguns poemas”, edição póstuma (Rio, 1937), etc.

### HISTÓRIA LEAL DOS MEUS AMORES

Eu tive a iniciação para a alegria  
Num templo primitivo de paisagem,  
E, num fundo aberto de baía,  
Da argila das montanhas emergia  
A forma azul de um ídolo selvagem.

Entrei na imensidade dessas águas,  
De alma feliz, cantando em tom de trova...  
E ao batismo de um sol chispando fraguas  
Eu jurei esquecer antigas mágoas  
Numa esperança ideal de vida nova...

A vida, então, logo me deu meu fado,  
– meus mais desígnios e meus bons misteres  
E, no decurso desse tempo andado  
Os homens quase todos tenho odiado  
E tenho amado todas as mulheres...

## JOÃO GONÇALVES VIANNA

(1892-1935)

Nasceu em Uruguaiana em 1892 e suicidou-se na mesma cidade a 11 de abril de 1935. Grande orador, político, advogado, jornalista e poeta de requintado estro. Uma das figuras mais destacadas do Congresso Libertador de Rivera, em 1933.

**Bibliografia:** “Tebaida”, versos (1923) e “Lições de medicina social” (1928).

### TAPERA

Conheço um coração, tapera escura,  
Cada assombrada onde andam penitentes,  
Sombras e ecos de amor, e em que perdura  
*A Saudade* – presença dos ausentes.

*Olavo Bilac*

.....

À beira do caminho, abandonada  
Jaz envolta em festões de musgo e de era  
N’um silêncio de ruína mergulhada,  
Solitária, tristíssima, tapera.

Que paz, que solidão, que funda calma  
Nesse triste logar agora impera.  
Que profunda impressão me cauda n’alma



A presença espectral dessa tapera!

Quanto a lua, do Céu entre as cortinas,  
Sobre a terra penetra claridade  
Parece vir pousar sobre essas ruínas  
O fantasma tristonho da saudade...

E a tapera lá está no isolamento,  
Para sempre de todos olvidada  
Como é triste se ver no esquecimento  
Mesmo a bruta matéria amortalhada.

Outrora, quanta festa, quanta vida  
Quanto rumor debaixo desse teto! ...  
Compreendo a tua mágoa indefinida,  
Compreendo o teu sofrer fundo e secreto.

Compreendo a tua dor velha tapera,  
Abandonada à beira do caminho,  
Que, entre verdes festões de musgo e de era,  
Serves aos mochos de repouso e ninho!

Oh! Se eu sei tua dor! Também no peito,  
Ao sol glorioso de uma primavera,  
Pulsa chorando, em lágrimas desfeito,  
Meu coração – tristíssima tapera!...

.....  
.....

Nele, agora tristonho e solitário,  
Mergulado na mais profunda calma,  
Vive do Tédio o mocho funerário  
Mora a Saudade – *a sempre-viva da alma!*

## VIVITA CARTIER

(1893-1919)

Nasce em 1893 e faleceu tuberculosa na vila do Criuva, município de Caxias, a 21 de março de 1919, contando apenas 26 anos de idade. Era um belo e alto temperamento de artista. Os seus versos recomendavam-se capecialmente pela espontaneidade e pela singeleza.

### IMORTAL

Tenho o corpo abatido, o olhar tristonho;  
Recôndita opressão me esmaga o peito;  
Se me obrigam a andar, logo me oponho.

No espaço, indefinido os olhos ponho,  
Atirada, sem forças, sobre o leito  
Duma vida futura, com que sonho...

Embora humilde, resignada embora,  
Sucumbo ao negro horror que me apavora,  
Se pressinto um tormento prolongado.

E anseio pela queda da matéria,  
Para minh'alma, em escalada etérea,  
Chegar, enfim, ao mundo desejado...



SONETO

Aqui faz os trágicos horrores  
Do decompor sinistro da matéria;  
Não te detenhas, pois, nesta miséria;  
Oh! Não deponhas sobre a lousa, flores.

Segue... que importa a habitação funérea?  
Minh'alma paira além com seus fulgores,  
Volve-te a ela, a ela só, manda-lhe flores,  
Através do pensar, com graça etérea.

Vai perscrutá-la em qualquer sítio lindo,  
Ela é tão forte como o mar bramindo  
E tem a suave tepidez dos ninhos...

Aspira-a, pois, nas brisas cariciantes;  
Descenda-a nas estrelas cintilantes  
E evoca-a no cantar dos passarinhos!

## BARCELLOS FERREIRA (Quincio)

(1893)

Nasceu em Pelotas a 31 de outubro de 1893. Engenheiro agrônomo, diplomado em 1913. Foi professor do Ginásio Pelotense e da Escola Eliseu Maciel de Pelotas. Colaborou no “Jornal da Manhã” e no “Diário Liberal” de Pelotas; na “A Tribuna” de Bagé; na “Ilustração Pelotense” e em outras revistas gaúchas. Pertenceu à Academia Riograndense de Letras, onde foi detentor da cadeira n. 38, sob o patrocínio de J. Simões Lopes Netto.

**Bibliografia:** “Verbo Alado”, versos (Pelotas, 1921); “Glória aos Farrapos”, idem (Porto Alegre, 1935); “A elegância dos Farrapos”, conferência (Porto Alegre, 1935); “Elogio acadêmico de João Simões Lopes Netto” (Porto Alegre, 1935) e “Primavera sagrada”, poesias inéditas.

### SISIFO

Rolo da vida encosta acima o seixo bruto,  
E sofre o horro de ver o meu esforço em vão,  
O suor do meu labor não produzir o fruto  
E não frutificar do meu cansaço o pão.

Sem ter, alma infeliz, na paz dum só minuto  
A delícia da ideia e o arroubo da emoção.  
Frágil como Jesus neste inferno em que luto  
E precisar do braço hercúleo de Sansão!

Jamais ninguém sentiu pungir-lhe a dor aguda

Como eu, montanha acima, ao sol e à chuva fria,  
Nem Tentalo, nem Job, nem Prometeu, nem Buda.

Mas, pesa mais que a pedra aspérrima que movo,  
Esta ideia de vê-la encosta abaixo um dia,  
Sem ter forças, talvez, para a rolar de novo...



### PIRATINI

PIRATINI, zênite de exploradores  
Das Histórias, pelos astros consagrado.  
Retiro dos antigos pensadores,  
Reunidos tal em um jardim sagrado.  
Em ti, o escol dos fortes lidadores,  
À sombra silenciosa do Passado,  
Como César, jogaram o Futuro  
Que lhes surgia incerto e muito escuro.

As armas e os barões assinalados,  
Do assinalado canto de Camões,  
Certos não foram mais hostis e ousados  
De que as antigas armas e os varões  
Que, num ímpeto de glória arrebatados  
Ergueram da República ao pendões.  
E, à sombra protetora dos teus muros,  
Da Liberdade foram paniluros.

Viva Piratini! Alto, bem alto  
Como escondido ninho de águias  
O teu lugar no canto que ora exalto  
E em cuja fama a rubra flor viceja.  
Entre bandeiras mil, alto tão alto  
Onde não chegue o pó da humana inveja  
E recebas num círculo de rosas  
O beijo das estrelas luminosas.

## NATERCIA DA CUNHA VELLOSO

(1893)

Poetisa, professora, jornalista. Filha do escritor e jornalista santanense Nathaniel Cunha, que foi o fundador da “Revista Semanal” de São Gabriel (1893) e um dos principais colaboradores da “A Pátria” de Rio Pardo. Nasceu a 24 de janeiro de 1893 em São Gabriel. Colaborou no “OX” de Santa Maria (1917), no “Incentivo” e no “Rosicler” de Rio Pardo. Dirige, atualmente, em Porto Alegre, a revista “Atenêia”, órgão oficial da Academia Literária Feminina, onde ocupa a cadeira n. 13, sob o patrocínio de Cândida Fortes Brandão.

**Bibliografia:** “A influência do meio na formação do caráter”, preleção; “Bandeira Brasileira”, estudo; “Brasil” (1946); “Glorificação do Fogo Simbólico da Pátria”, poemeto (1947); “Chuva de Rosas e de Graças”, versos (1948); “Teia de Sonhos”, idem (Porto Alegre, 1950); “Os Contos da Dinda”, trabalho inédito, além de numerosas divagações, estudos, discursos, dramas, pequenas comédias e preleções.

### RAZÕES DE POETA...

“A ideia é força vitoriosa, cerce-a  
“Entretanto, o gradil do preconceito...  
“Sirva de exemplo a vida de Natércia...  
.....  
“Mar alto a leve nau solta as amarras! ...

“Ela que teve a vida da formiga  
“Tem no outono o destino das cigarras.”

*Honorina Bittencourt.*

---

“O ideal é luz e força.” – *Riboulet*

Aos deveres da vida circunscrita  
E não presa ao “gradil do preconceito”  
O surto do ideal que em mim palpita  
Jazia adormecido e não desfeito.

Mas o estro, afinal, que em mim habita  
Rompe a clausura frágil do meu peito,  
E qual a ideia – força que se agita,  
Da estrofe assume o singular aspecto.

E decanto a beleza, o deus-Cupido  
E a luz e a crença, e a dor e a vã quimera,  
Em momentos de fé ou de abandono...

E nessa alternativa eu hei vivido:  
– A imitar a formiga, à primavera,  
Cantando, qual cigarra, ao fim do outono.

## GALBA DE PAIVA

(1893-1938)

Nasceu em Uruguaiana a 26 de setembro de 1893 e suicidou-se no Rio de Janeiro a 1 de julho de 1938. Bacharelou-se, em 1915, pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, sendo o orador da turma. Foi promotor público em Alegrete e Bagé. Sub-Chefe de Polícia em Livramento, Bagé e São Gabriel. Participou, em 1932, da Revolução Constitucionalista de São Paulo. Colaborou na “A Fronteira” de Uruguaiana, na “Gazeta de Alegrete” no “Diário do Interior” de Santa Maria, no “O Dever” e na “Fênix” de Bagé; na “Máscara” e “Última Hora” de Porto Alegre. Foi assíduo colaborador, ainda, na Capital da República, das revistas “Fon-Fon”, “Literatura para todos” e “A Semana”, da qual foi crítico literário, ao tempo de Adelino Magalhães.

**Bibliografia:** “Hora azul”, conferência (Vitória, 1915); “Elogio das cores”, idem (Vitória, 1915); “Folhas”, versos (Bagé, 1925), etc.

### PERANTE A DÚVIDA

Penso. E que sou? Diz-me a vaidade – tudo!  
Mas a razão imperturbável – nada!  
E olhando a vida fico absorto e mudo  
Vendo-a de sonhos puros constelada.

A inspiração segreda-me contudo:  
“Canta! Eleva-te à pátria – Iluminada!...”



E o providente espírito sisudo:  
“Chora! Si és pó, é certa a derrocada!...”.

Ah! Quanta cousa para ser pesada  
Nessa comédia, nesse grande entrudo,  
Onde a alma vive sempre enclausurada!

Mas o termo final já não me iludo...  
– Basta a triste certeza de ser nada,  
Basta a vaga esperança de ser tudo.

## GENTIL TRINDADE

(1893-1951)

Poeta, de feitio bilaqueano, jornalista, prosador. Nasceu em Livramento a 19 de agosto de 1893 e faleceu em 1951 na mesma cidade, onde foi presidente do “Grêmio Santanense de Letras”. Deixou disseminados pela imprensa riograndense, especialmente na “Kodak”, dezenas de sonetos e poemas. Compunha, com felicidade, em todos os gêneros.

**Bibliografia:** “Aos quatro ventos”, versos inéditos; “Nos campos verdejantes dos meus pagos”, poemeto, etc.

### INQUIETUDE

Há quanto tempo que te espero e anseio,  
Neste rude viver desconsolado?  
Passou Dezembro e o ano novo veio,  
Sem a promessa do teu vulto amado...

O bosque em que passeavas, visitei-o,  
Encontrando-o tristonho e demudado,  
E o recanto que era o nosso enleio,  
É agora um deserto calcinado...

E o olhar turvado de saudade, imensa,  
Distendo-o para as bandas em que moras,  
Seguindo do caminho, a curva extensa...

É meu viver, um reviver insano:  
E assim passando amarguradas horas,  
Oscila entre a Esperança e o Desengano!

## FRANCISCO RICARDO

(1893-1927)

Nasceu em Porto Alegre a 10 de outubro de 1893 e morreu assassinado em Santa Maria a 23 de abril de 1927. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Rio, onde em 1917 foi um dos fundadores da célebre “Academia Brasileira dos Novos”. Usava o pseudônimo de “Telêmaco Junqueiro”. Colaborou na “Ilustração Pelotense”, na “Kodak”, na “Gazeta do Povo” e no “Echo do Povo” de Porto Alegre. É um dos grandes poetas do Rio Grande do Sul, infelizmente de obra ainda pouco difundida. Patrono, na Academia Sul-Riograndense, da cadeira n. 39.

**Bibliografia:** “Solidão sonora”, versos (1919); “Os mal-me-queses que ela desfolhou”, poemas inéditos e “O que as horas deixaram quando foram”, idem.

### NOTURNOS

Sonho contigo... Há luar no céu nevado e enorme...  
Vens unguida de luz à hora em que tudo dorme!

E o teu rastro sem par no pó de ouro das sendas  
Deixa a herança imortal de radiosas lendas!

Vens sonâmbula e muda e tremula, sorrindo  
Qual ao vento a magnólia as pétalas abrindo...

Vens desnastrando a coma e pelo ambiente inteiro  
Há uma névoa odorante: a névoa do teu cheiro!

E vens, pé nos bicos dos coturnos...  
E o teu gesto desprende acordes de Noturnos...

Mana amavios, distila auroras! Flues nepentas  
Quando, sorrindo, o corpo heleno movimentas!

Vens de mãos postas como um púlero querubim  
Qual meu Anjo da Guarda a velar sobre mim!

Dansas! E és Salomé de requebros perversos  
Com o cadáver do Amor na salva dos meus versos!

E a Ti, Rosa de Luz dos Jardins Siderais,  
Abro de par em par meus desertos umbrais!

Curvo os joelhos: repito oblações derradeiras  
Que um dia, lá no cais, fiz às tuas Olheiras...

Vamos para o Jardim: tomo-te as mãos e o braço:  
Vamos sós palmilhar violetas passo a passo!

Quero contigo relva a dentro e mãos unidas  
Traduzir dos Soláus Horas incompreendidas...

Repara: a nuvem vela o Luar! Olha! Repara!  
É de mister o teu olhar que tudo aclara!

Verás que esta alameda escura e adormecida  
Há de espertar supondo a Luz do Sul da Vida!

(Entre os lilases... no Jardim... casal romeiro...  
Única vez te foi meu ombro travesseiro!)

Bela e calada, bela e pura, bela e santa,  
Tentas falar e a voz te morre na garganta...

Mas... falas, e falando ainda uma vez me sinto  
Todo inebriado do teu hálito de absinto...

E ainda vertes do olhar de perpétua elegia  
A dor vertida olhando a curva da baía

Certa manhã de adeus, de estrangulantes ais,  
De adeus que traduzia adeus de nunca mais!

E evocando trouxeste as Horas às atuais...  
Mas... da comparação – tão agudos punhais!

Não era mais aquela esplêndida Criatura  
Sublime na Beleza e santa na Candura!

Já não eras a minha Escolhida de outrora,  
De espáduas de luar e com a cor de aurora!

Não eras mais a Déa eleita dos meus trenós,  
Zelo de Orfeu, rival de Flora, irmã de Vênus!

Por onde passas já não flore o prado triste!  
Teu olhar já nem abre as corolas que abriste!

Porque à proporção de cada devaneio  
Ficara uma virtude a menos no teu seio!

Com que dor, com que angústia exprimisse a Saudade  
Da tua candidez, daquela ingenuidade!

Com que dor te escutei! Que expiação dolorida!  
Hás de pensar em mim por toda a tua vida!

Enquanto na tua alma uma saudade houver  
Do tempo de menina, agora que és mulher!

E pelo extinto bem dessa idade divina  
Uma lágrima te há de orvalhar a retina,

Uma lágrima igual à que verte minh'alma  
*Pelo amor que morreu, marando a minha calma!"*.

## MARIETA COSTA

Poetisa e professora. Nasceu em Porto Alegre, onde exerce o magistério. Colaborou na “A Cidade” de Rio Grande, na “Ilustração Pelotense” e na “Revista do Ensino do Rio Grande do Sul”. Ocupa, na Academia Sul-Riograndense de Letras, a cadeira n. 9, sob o patrocínio de Ramiz Galvão.

**Bibliografia:** “Desherdados”, versos (Porto Alegre, 1927); “A Missão da Beleza”, idem (Porto Alegre, 1933); “Indefinível”, idem (Rio, 1938); “Bons companheiros”, obra didática; “Poemas de ontem e de hoje”, etc.

### PANTEISMO

Caminha devagar; olha quando pisares;  
Não machuques demais a relva nos caminhos;  
Evita interromper a música dos ninhos  
E o inconstante voejar da ave que rasga os ares.

Não dêes o teu desprezo aos vermes que encontrares  
Cultiva com amor, dispensa os teus carinhos  
À triste flor que se abre escondida entre espinhos;  
Bendize o obscuro rio e a vastidão dos mares!

Bendize a humilde estrela e o sol esplendoroso!  
Homem! Ama com mais ardor a natureza,  
Que, para te servir, miríades de vidas.

Em loucos turbilhões vagam desconhecidas,  
Fervem em doudo caos, ganham força e beleza

E expiram a teus pés num espasmo de gozo!



## O SURDO

Alheio sempre à voz de quem lhe fala em volta,  
Segue, com firme olhar, o gesto, ansioso, atento,  
Talvez sem o entender, confuso o pensamento,  
Talvez contendo aflito um pranto de revolta.

E si cansado, enfim, a ideia presa solta,  
Olhando indiferente a vida, o movimento,  
Iludido sorri, quando, por fingimento,  
Crispa o lábio em sorriso alguém que a ele se volta.

Vive em meio retiro; e, na expressão do rosto,  
Como a cismar, tem sempre uns laivos de desgosto,  
Nunca o moveu talvez uma frase dorida;

Não sabe o que é o gorjeio, a música das águas  
Mas não ouviu também, jamais lhe deram mágoas  
Palavras que é melhor nunca escutar na vida...

## JOSÉ DE FIGUEIREDO PINTO

Nasceu em Santiago do Boqueirão, onde reside. Irmão de Aureliano de Figueiredo Pinto. Colaborou ativamente no “O-X” de Santa Maria, na “Kodak” e na “Ilustração Pelotense”. Usava, às vezes, do pseudônimo de “Zeca Blau”, com o qual publicou “Trovas da estância abandonada de Dona Brasília Comarca” (São Pedro, 1933).

### TERRA MALDITA

*(Lenda da Região Missionária)*

Lá pelo meu rincão diz-se e acredita  
Que uma nesga de terra que não grama  
Foi regada de sangue e assim maldita  
Ao sol se trinca e sob a chuva é lama!

Porque foi testemunha da desdita  
E o barbarismo da vingança clama.  
Mas a artéria rompida lhe é bendita  
Por defesa do pago ou de uma dama!

É o engano maio da minha gente.  
Quanto gaúcho-herói tombou exangue  
Por santos prélios, soberanamente...

Sem um só gesto de valor fictício,  
Sudorizado pelo próprio sangue,  
Santificando-a pelo sacrifício...





## GAÚCHO

Rude filho do pampa e de uma rude  
Geração de entrevero e de refrega,  
É sempre afeito a encontros e à amplitude  
Pelo sangue do povo que carrega!

Denodo – é a sua arma e o ser leal – virtude.  
Exemplos destes muitas vezes nos lega,  
Ora se ilude... Ora se desilude...  
Mas o rancho e o rincão nunca renega!

Dos áureos tempos revoltos de guerrilha  
Sabe a história de cor, reconta e narra  
Sobre as léguas e léguas que palmilha!

E mesmo velho sendo, é sempre novo  
Por sua alma boêmia de cigarra  
Pelo instinto rebelde de seu povo!



## QUERO-QUERO

Mesmo pelo alto voando, em busca de altitude,  
Desse eterno queixar o refrão estribilha,  
O cantor augural dessa cantiga rude,  
Que anda sempre a exclamar de coxilha em coxilha.

Sempre cantando assim, que é um alegre, me ilude  
Traz no entanto uma dor que o entristece e que o humilha.

E que mais inda aumenta e o tortura e o aguilha  
Quando vem se mirar à água-morta do açude.

Olha no prisco espelho a sua triste sombra  
E ao se ver estampado e pernalta erradio  
Ergue o vô e se vai, de si mesmo se assombra...

Tenta em vão esquecer o pesar que o magoa,  
O nômade do pampa, o rapsodo sombrio  
De rincão em rincão, de lagoa em lagoa...

## JOSÉ LEAL FILHO

Engenheiro, poeta, jornalista e prosador elegante. Nasceu em Alegrete, onde foi um dos principais colaboradores da revista “Ibirapuitã”. Usa com frequência o pseudônimo de “Juca Ruivo”, com o qual tem assinado páginas soberbas de poesia regionalista.

### A CARRETA

Como adeus em despedida  
Vai-se a tarde lentamente,  
Pelas bandas do poente  
Um sol de seca esmaece.  
Há como um rumor de prece  
Nas gargantas emplumadas  
Cessa a vida nas estradas,  
Nas grotas e nas coxilhas  
Onde as últimas tropilhas  
Campeiam seu parador...

Na volta do corredor  
Surge uma quadrilha a trote,  
Na culatra um piasote  
Gineteia o seu tostado,  
Chupando o beijo, apurado,  
Para chegar convidando.  
Um tordilho retouçando  
E mais dois bois seguidores  
Fazem festa anunciadores  
Da acolhedora querência.

Pena tudo na inclemência  
Do castigo das pastagens,  
Não há frescor nas aragens  
Que sopram de quando em vez.  
Sequiosa chega uma vez  
Na lagoa chapinhada  
Onde garça ensimesmada,  
Encolhida na tristeza,  
Memoreia com certeza  
Saudades de outras paragens...

Varre o “norte” poeirento.  
Horizontes em fumaça.  
Uma carreta que passa  
Rompe a calma do instante..  
Vão dois tambeiros por diante  
Repinicando o badalo.  
O chirú velho a cavalo  
Vai abanando a “picanha”  
Enquanto o “coice” acompanha  
Da “ponta”, volta por volta,  
Em fios a baba se solta  
Das “quartas” chucras da canga!

Os quero-quero na sanga  
Contam logo a novidade.

Tão raro na atualidade  
É o cruzar de uma carreta  
Que esse pássaro chereta  
Do vulto estranho se assombra,  
Do guaipeca que à sombra  
Da mesa marcha assoleado,  
Do corote pendurado,  
Da trempe que junto vem,  
Do resmunguento nhem-nhem,  
Da buzina de aguái  
E da petiça nambi  
De tiro no recavem.

O couro bate na porta,  
Vai o muchado de arrastro  
Deixando atrás o seu rastro  
Tracejando em linha torta.  
Mas na estrada poeirenta  
Tem o rastro curta vida  
Porque o vento apagará,  
A noite pampa se acerta,  
Desperta em sons a planura  
Seu concerto de abertura  
Afinando em notas claras,  
Zune o vento nas taquaras  
Arrematando a algazarra  
Que inda faz uma cigarra  
Cargosa de se calar!

Então, me fico a pensar  
Que o velho traste pampeano  
Do seu destino haragano  
Já vai tocando no termo.

E que, no cruzar do ermo,  
Engolindo as léguas largas  
Das estradas do rincão,  
Carrega as últimas cargas  
Da gaúcha tradição.

Velha relíquia do pago  
Já hoje por imprestável  
No rol das coisas proscritas,  
Recordas quando transitas  
Na tua lenta passagem  
Um passado memorável  
De luta, glória e nobreza.

E ao recordar que a paisagem  
Tu deixarás de animar  
Levando a tua pobreza

Em poisos à beira d'água  
Eu sinto uma grande mágoa  
E um profundo pesar!  
Carreta! És igual a mim  
Que também já estou no fim,  
Gaudério, sempre a cruzar,  
Alma velha em corpo gasto  
Da vida pelos rincões  
Vou cruzando sem um rasto  
Carregado de ilusões...

## PEDRO VERGARA

(1895)

Nasceu em Porto Alegre a 18 de junho de 1895. Colaborou na “Ilustração Pelotense”, na “Kodak”, na “Gazeta do Foro” e em outras publicações de Porto Alegre. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de Pelotas em 1917. No Rio de Janeiro, foi diretor da “A Nação” e da revista “Ciência Política”.

**Bibliografia:** “A melopéia dos bosques”, versos; “Alma crepuscular”, idem; “Terra impetuosa” idem; “Lanpejos”, idem; “Corações ardentes”, idem; “Poeira de sonhos”, idem; “Paragens místicas”, prosa; “O passado vivo”, idem (Porto Alegre, 1915); “Conferências cívicas” (Pelotas, 1923); “A poesia moderna riograndense”, conferência (Rio, 1943); “Getúlio Vargas, orador e escritor”, idem (Rio, 1945); “Da legítima defesa subjetiva”, estudo jurídico, etc.

### SAUDADE

Lábaro ao vento, o gesto curvo, a lança em riste,  
Antigo herói, seguindo uma sombra ilusória,  
Vim à fascinação do meu sonho de glória  
Para a desilusão de tudo quanto existe...

E da aurora esta luz que em meus olhos persiste,  
Esta vaidade, este vislumbre de vanglória,  
Não tarda, mudar-se-ão na sombra merencória

De uma frente pendida amargurada e triste.

O amor passou, por ser delírio dos sentidos,  
Passou logo depois meu sonho de vitória,  
– então, fiz-me eu senhor de uns reinos esquecidos.

Não tarda, com tristeza e mágoa entre uns escolhos,  
Verei, folhando o livro inútil da memória,  
As visões de outra idade errando ante os meus olhos.



### DOCE CONVÍVIO

Que glória mais feliz, que bem mais alto e santo  
Há na terra onde a morte estende o áspero trilho,  
Do que este de embalar a inocência em seu canto  
E de afagar com as mãos a cabeça de um filho?

Dói-me, às vezes, saber que há sob os astros tanto  
Coração sem consolo e tanto olhar sem brilho,  
Para quem nunca ardeu este doce acalanto  
Em que eu cheio de fé me exalto e maravilho...

Estas pequenas mãos nas quais sou como um cego,  
Este olhar de anjo implume assim posto no meu,  
É a vida a que me prendo, é o jugo a que me entrego.

Ao seu fulgor vital transcende a sombra e o olvido;  
Sinto que um mundo em mim todo de paz se ergueu,  
E, mais que um deus, ressurjo, antes de ter morrido!



## ANTUNES DE MATTOS (J.)

(1895)

Nasceu em Pelotas a 19 de agosto de 1895. Engenheiro-agrônomo, jornalista, poeta. Técnico, há longos anos, da Secretaria de Agricultura. Em Porto Alegre dirige a revista ilustrada “Sul”. Pertenceu à Academia Riograndense de Letras, onde ocupou a cadeira n. 10, patrocinada por Ramiz Galvão. Na Academia Sul-Riograndense de Letras é o atual titular da poltrona n. 37, sob o patrocínio de Felipe d’Oliveira.

**Bibliografia:** “Terra florida”, versos (1928); “A lenda do tricot”, idem; “Eu te amo”, idem; “Minha flauta de cana”, idem; “Creio no Brasil”, idem; “Lâmpada de argila”, idem; “O Canto do Homem Angustiado”, idem; “Sangue Heróico”, teatro, etc.

PARA AQUELES QUE CHORAM, QUE SOFREM  
DORIDOS...

Aqueles que choram de dor e de tédio  
Com lares cerrados com crepes de horror,  
Sofrendo a saudade; sentindo o assédio  
Do grande mistério da Morte, o terror,  
Levamos a Glória de um canto de Amor!

Àqueles que sofrem a eterna Saudade;  
O vácuo profundo, a enorme emoção  
De um grande abandono – sem dó nem piedade,

Caídos no fundo de um só Coração,  
Levando a Glória da nossa Oração!

Àqueles que a morte feriu, de repente,  
No grande mistério da vida, com Dor,  
E sentem agora a falta inclemente  
Dos seres amados, dos beijos de amor,  
Levamos a Glória de Deus com calor!

Àqueles que vivem na grande descrença  
Sozinhos, perdidos da dor no sopé;  
De Deus esquecidos – sem Luz e sem Crença  
A beira de abismos, tateantes no pé;  
Levamos a Glória das Luzes da Fé!

## APPARICIO TORELLY

(1895)

Nasceu em Porto Alegre a 29 de janeiro de 1895. Famoso humorista, diretor do periódico “A Manhã” do Rio de Janeiro. Usa os pseudônimos de “Aporelly” e “Barão de Itararé”. Colaborou na “Ilustração Pelotense”, na revista “Tudo” de Rio Grande, na “Berlinda” e na “Kodak” de Porto Alegre. Foi também redator do “Diário do Comércio” de Bagé, fundado em 1923. Em Porto Alegre, no ano de 1917, fundou o semanário humorístico “O Chico”.

**Bibliografia:** “Pontas de cigarros”, versos humorísticos (Porto Alegre, 1916).

### SONETO

Vamos, querida! Então não vês o rio  
Que calmo e cristalino além desliza?  
Tão poético e sereno como a brisa  
Que lhe arrepia o dorso luzido?  
E não vês a choupana onde idealiza  
O nosso amor um ninho bem macio?  
Vamos, querida! Nada mais precisa  
Quem de amor até agora se nutriu.

Vamos gozar as sensações etéreas,  
Bem juntinhos, mas longe das misérias  
Deste mundo, devasso lupanar!

Vamos, querida, fugir desta pinóia  
Mas si a fome cruel nos apertar,  
Telegrafa a teu pai pedindo bóia...

## **AURELIANO DE FIGUEIREDO PINTO**

Nasceu em Santiago do Boqueirão. Formou-se pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, onde, ao tempo de estudante, teve destacada atuação literária. Clínica, há muitos anos, na cidade natal. Colaborou efetivo da “Ilustração Pelotense”, foi, segundo Augusto Meyer, o pioneiro do moderno regionalismo poético no Rio Grande do Sul. Em várias revistas do Estado deu à lume formosos poemas gauchescos, os quais, há alguns anos, pretendia reunir em volume sob o título de “Musa Bárbara”. Em Santa Maria, onde em plena adolescência, se iniciou nas letras, fez parte da redação do “O-X”m com Ernani Chagas, Raul Boop, Fernando Callage, Napoleão Sacchis e outros.

### **FLOR DE TRISTEZA**

Franzina e frágil, vagamente esguia,  
Como uma restea de tristeza veio  
De tudo, entre alas de emoção, no meio  
Da angústia e da pompa que no olhar trazia.

Tinha o ar de quem pelo cilício espia,  
No claustro, a culpa do pecado alheio,  
E escuta os sinos, no fervor de um “Creio”  
Crepusculando pelo fim do dia...

– Flor de tristeza e fina flor humana,  
Passou como um sextro de visão noturna  
Que se deseja e que se não profana...

E hoje ainda a evoco, entre festões de rimas:  
Alta, esbelta, serena, taciturna,  
Como uma ave bizarra de outros climas...



### ALMA DO SUL

Ah! Obsessão de viver sob o sol que anda a flux  
No céu meridional dos rasos pampas onde  
Como acenando à dor do espinilho sem fronde  
Drapeja no alto o adeus da asa dos urubus!

Ah! Exaltação de ver no perfil dos umbus,  
O herói que tomba em campo onde a metralha estronde  
E à imprecação da cruz no morto herói responde  
– Nova inúbia do Pampa – o assobio do avestruz!

Perco-me na Legenda... Os beleos ciclos, no austro  
Ouço-os! No eoleo stentor com que a enea voz da História  
Reúne a morta epopéia à pompa do seu plaustro.

Sonho... E Piratini canta – mena menória;  
É a alma ardente do Sul que ora reza no claustro  
E ora freme no Pampa em rajadas de Glória.



### JOÃO GRANDE

A sós, no Pampa, ao luar, de um grande açude à borda,  
Alguloso e augural, de tristonha atitude,  
– Maculando de sombra o amplo cristal do açude –  
O João Grande a água azul de outros rincões recorda.

No meu sonho o pênalti áureas legendas borda:  
Triste avatar de um poeta entre os da espécie rude,  
Que exausto de sofrer vertigens de altitude,  
Traga a lira a estalar na derradeira corda...

Espetral, cismarento, o laquista interpreta  
O lirismo doentio das lagoas sem fraguas  
Cantando o céu que treme ao fundo da água quente...

Ou, em meio o Pampa, ao luar, dentro da noite escampa,  
– Bardo! O João-Grande ausculta a rapsódia das Águas  
Para escrever, mais tarde, a Epopéia do Pampa...

## ALCEU WAMOSY

(1895-1923)

Nasceu em Uruguaiana a 14 de fevereiro de 1895 e faleceu em Livramento a 13 de setembro de 1923, em consequência dos ferimentos recebidos no combate de Ponche Verde. Colaborou na “A Cidade” de Alegrete, na “Máscara” e na “Kodak” de Porto Alegre, na “Ilustração Pelotense”, no “Fon-Fon” do Rio e no “O Republicano” de Livramento, que também dirigiu. Considerado, com justiça, o maior poeta simbolista do Rio Grande do Sul e um dos maiores vates brasileiros de sua geração. Patrono, na Academia Sul-Riograndense de Letras, da cadeira n. 40, fundada por Paulo de Gouvêa.

**Bibliografia:** “Flamulas”, versos de estréia (Alegrete, 1913); “Na terra vigem”, versos (Alegrete, 1914); “Coroa de Sonhos” (Porto Alegre, 1933); “Poesias”, obra póstuma, com prefácio de Mansueto Bernardi (Porto Alegre, 1925) e “No jardim das estátuas tristes”, poemas em prosa, inéditos.

### DUAS ALMAS

Ó tu, que vens de longe, ó tu, que vens cansada,  
Entra, e, sob este teto encontrarás carinho:  
Eu nunca fui amado, e vivo tão sozinho  
Vives sozinha sempre, e nunca foste amada...

A neve anda a branquear lividamente a estrada,  
E a minha alcova tem a tepidez de um ninho,

Entra, ao menos até que as curvas do caminho  
Se banhem no esplendor nascente da alvorada.

E amanhã, quando a luz do sol dourar, radiosa,  
Essa estrada sem fim, deserta, imensa e nua,  
Podes partir de novo, ó nômade formosa!

Já não serei tão só, nem irás tão sozinha.  
Há de ficar comigo uma saudade tua...  
Hás de levar contigo uma saudade minha...



## O GRANDE GOZO

A ventura maior, entre as venturas  
Que encher o coração, possam, da gente,  
É ter-se a alma para as amarguras  
De outros seres, aberta, eternamente...

É sentir as alheias desventuras,  
No sentimento extremo de quem sente  
As mágoas de outrem, trágicas, escuras,  
Em si, vibrando, indefinidamente...

É poder dar um pouco de alegria  
A cada coração que a dor, sombria,  
Envolve na tristeza dos seus mantos...

É ir, piedoso, pela vida fora,  
Entre a miséria que soluça e chora  
Matando fomes, enxugando prantos!...





## IDEALIZANDO A MORTE

Morrer por uma tarde assim como esta tarde,  
Fim de dia outonal, tristonho e doloroso,  
Quando o lago adormece e o vento está em repouso,  
E a lâmpada do sol no altar do céu não arde.

Morrer ouvindo a voz de minha mãe e a tua  
Rezando a mesma prece, ao pé do mesmo santo,  
Voz ambas tendo o olhar estrelado de pranto,  
E no rosto e nas mãos palidez de lua.

Morrer com a placidez de uma flor que se corte,  
Com a mansidão de um sol que desce no horizonte,  
Sentindo a unção do vosso beijo ungir-me a fronte  
– beijo de noiva e mãe, irmanados na morte.

E morrer... e levar com a vida que se trunca,  
Tudo que de doçura e amargor teve a vida:  
O sonho enfermo, a glória obscura, a fé perdida,  
E o segredo de amor, que te disse, nunca!

## FRANCISCO MACHADO VILLA

Nasceu em Santa Maria. Foi secretário da “A Tarde” de Porto Alegre, onde atualmente advoga. Surgiu com o movimento modernista no Rio Grande do Sul, ao lado de Ernani Fornari, Telmo Vergara, Damaso Rocha, Augusto Meyer, Raul Bopp, Theodemiro Tostes, Ruy Cirne Lima, Pedro Wayne, Olmiro de Azevedo e outros.

**Bibliografia:** “Poemas do meu rincão” (Porto Alegre, 1928); “Poemas rasos”; “Noturnos”, versos; “Esta voz”, sonetos; “Limbo”, versos; “Estrelas vadias”, versos; “Promessas da noite”, idem; etc.

### FRUTA DO MATO

Teus olhos, morena, tem faíscas de sol  
Que queimam os olhos da gente;  
E têm todo o feitiço envovente  
Que brota das sombras mornas das matas insidiosas;  
E toda a mandinga negra das noites sem estrelas...

Quando sorris, morena, o céu cai na terra,  
O ar toma um cheiro puro de ervas úmidas,  
E fica leve como o beijo de uma flor na água do rio,  
E saboroso como um fruto maduro que nunca se provou...

Quando te moves, morena, sobe uma música ingênua do  
chão,  
E todas as cousas começam a dançar ao ritmo agreste do teu  
corpo,  
Do teu corpo que tem a cor das volúpias tropicais  
E da terra fecunda e sadia que é a tua terra.

E os meus olhos se arregalam numa gula,  
E a minha boca fica ansiosa adivinhando um gosto  
E as minhas mãos se estendem para te apanhar  
Fruta do mato...

## PAULO CORRÊA LOPES

Nasceu em Itaqui. Foi um dos principais colaboradores da “Ilustração Pelotense” e do “O Mundo Literário” do Rio. Redigiu também o “Jornal do Estado” de Porto Alegre. Um dos maiores poetas católicos do Brasil, na opinião de Manoelito de Ornellas.

**Bibliografia:** “Penumbra”, versos (São Paulo, 1919); “Caminhos”, idem (Porto Alegre, 1931); “Poemas de mim mesmo”, idem; “Poemas da vida e da morte” (1938); “Um caso estranho”, prosa; “O sapo ferreiro”, história infantil; “As aventuras de um ratinho branco”, idem; etc.

### POEMA

I

Tem pena, Senhor, desta amargura  
Que anda nos meus olhos.  
Eu não sabia, Senhor, que era preciso lutar.  
Eu não sabia, Senhor, que era preciso tomar a cruz  
E seguir os teus passos.  
Tem pena, Senhor, desta amargura  
Que anda nos meus olhos.

II

Nem todos poderão atravessar a porta estreita  
Que se abre para a vida.  
Auxiliai-me, Senhor.  
Fazei com que a humildade desça sobre mim.  
Nada poderei fazer sem vosso auxílio, Senhor.

III

Que caia sobre mim o céu todo estrelado,  
Que caia o mundo, que caia tudo sobre mim!  
Posso levar sobre os ombros  
Todas as estrelas.  
Posso levar cantando no coração  
O rumor dos mares.  
Posso levar nos olhos  
Os rios cansados de correr.  
Tudo posso agora que encontrei o caminho  
Que leva para Deus.



RIOS

Rios rolando de roldão, rolando  
Em catadupas para o mar imenso!  
Em vossas águas vibra o coro intenso  
Das arvores ao vento farfalhando.

A branca espuma que ides levantando  
Talvez recorde o suave adeus de um lenço  
Para a floresta que ficou chorando  
Lá, muito longe, no nevoeiro denso.

Parais, às vezes, num tremor de susto,  
Há gritos de revolta e de suplício  
No profundo rumor de vossas águas.

Nessa corrida que vanceis, a custo,  
Ides levando para o precipício  
Sonhos, saudades, maldições e mágoas!

## OLMIRO DE AZEVEDO

(1895)

Advogado, jornalista, poeta e prosador. Nasceu em Cruz Alta a 29 de abril de 1895. Reside em Caxias, onde advoga. Colaborou na “Kodak” e na “Ilustração Pelotense”.

**Bibliografia:** “Veio água”, versos (Porto Alegre, 1927); “Vinho Novo”, idem; etc.

### FATALIDADE

Ancenubios de flautas e de avenas  
Andam, ledos, vibrando à tua vista,  
À luz dos meus desejos surge, apenas,  
Tua figura de estrofe modernista.

Teu perfil de “biscuit” feito em Atenas  
Dir-se-ia, pra glória da conquista  
De homens, santos e deuses, e serenas  
Iluminuras de um devoto e artista...

E assim andas na vida e assim tu andas  
– vera-efígie da Musa dos idílios,  
Borboleta de salas e varandas,

A tecer, inconsciente, mãos serenas,  
Quase à sombra amorável dos teus cílios  
Todo um mundo de mágoas e de penas...

## ALAYDO GAUDIOSO

(1896)

Nasceu em São Borja a 10 de setembro de 1896 e reside em Porto Alegre, onde advoga. Foi redator do “O Missioneiro” de São Borja e posteriormente redator do “O Diário” de Porto Alegre. Também colaborou na “Kodak”, na “Máscara” e na “Ilustração Pelotense”. Foi diretor, ainda, de “O Malhete” de São Borja, 1911.

**Bibliografia:** “Perfeição”, poema em sonetos.

### NO CÁRCERE

Senhora de beleza e graça infinda,  
Que por tal modo assim em cativais,  
Vendo-vos, julgo que dos céus sois vinda  
Para sarar meus males sem iguais...

Sois mesmo aquela criatura linda  
Que povoara meus sonhos e ideais,  
E eu duvido que possa haver ainda  
Quem vos queira com amor que me inspireis!

Do vosso encanto mágico, indefeso,  
Súbito, fui vencido e a sete chaves  
Na cela azul de vossos olhos preso.

E, tal eu fora rude delinqüente,  
Fizestes-me grilhões e mais entraves

De madeixas de ouro reluzente...



## SONETO

– Nuvens de neve da serena altura  
Asas volúveis que a amplidão cortais,  
Arrulhos transbordantes de ternura,  
Aragem que as palmeira agitais;

Dizei-me, si acharei, na vida escura  
Depois de tanta angústia e tantos ais,  
A Perfeição suprema que fulgura  
Nas minhas esperanças e ideias?

E as nuvens, que se embalam docemente,  
E as asas que se cruzam fugidas,  
E o arrulho, que soluça no arvoredado,

E a aragem, que perfuma todo o ambiente,  
Respondem – que hei de ter gloriosos dias,  
Que Ela virá povoar o meu degredo...

## HONORIA DE BITTENCOURT

(1896)

Nasceu em Livramento a 26 de janeiro de 1896, filha do jornalista Alfredo Bittencourt. Usa às vezes o pseudônimo de “Norah de Figueirôa”. Estreiou na “A Tarde” de Livramento, tendo depois colaborado ativamente na “Kodak”, na “A Federação”, no “O Republicano” de Livramento, na “Vida Capichaba” de Vitória, na “Ilustração Pelotense” e na “Phenix” do Rio de Janeiro. Foi casada com o poeta, também riograndense, Waldemar de Figueirôa. Progenitora da poetisa Isis de Figueirôa.

**Bibliografia:** “As labaredas de ouro”, versos; “Poesias”, “No átrio azul”, idem; “A hora flava”, peça de teatro em versos alexandrinos, etc.

### POEMA DO MAR SEM COR

Água verde do mar, simbolizando a Vida,  
Irisados, de luz os mistérios da vasa...  
Saturados de sal – de amargura invencida  
Que na lágrima a dor às vezes extravasa.

E brinca, à superfície, em palhetas de sol,  
A efêmera alegria alada das espumas...  
Na fugace apoteose estival do arrebol,  
Num bailado febril de névoas e de plumas! ...



Água verde e doirada à reflexão solar!...  
Água do mar azul pelas noites sem lua!...  
Água do mar prateada ao clarão do luar!...  
Água negra do mar que em trevas tumultua!...

Água eterna do mar! ... sereno ou proceloso!...  
Água do mar que é Vida! ... e um rápido instante  
Surge a esteira fugaz de um sonho luminoso  
De sob o alfange rubro e frio da minguate!...

Quanta extinta esperança em teu seio dorme!...  
Guardas tanto mistério, água do mar profundo!...  
Aos céus vives brandando a nossa angústia enorme,  
Porque vieram de ti as origens do mundo!...

Água verde do mar! ... Ilusão dos sentidos!...  
Porque é água tão só... simplesmente incolor!  
És a Vida, que toma esses tons coloridos  
Quando a inunda em clarões o sol flavo do

Amor!

## WALKYRIA NEVES GOULART

Nasceu em Rio Grande. Esposa do escritor Jorge Salis Goulart. Colaborou destacadamente no “Diário Popular” de Pelotas, na “Ilustração Pelotense”, na revista da Academia Riograndense de Letras, onde ocupou a cadeira n 40, sob o patrocínio de Jorge Salis Goulart, na revista da Federação das Academias de Letras do Brasil e no “O Mundo Literário” do Rio de Janeiro.

**Bibliografia:** “Ânsia de perfeição”, versos de estréia (1925); “O livro das noivas”, idem (1928); “O espelho das estatuas”, idem; “Le parfun de la coupe d’argile”, idem “A estrela que foi minha”, idem; “Sonetos para ti”; “Teu”, versos; “Foi assim que eu te amei”, prosa; “Jorge – Era uma vez a nossa vida”, idem, inédito, etc.

### OLHOS PROFUNDOS

Esses olhos de sonho, que eu diviso  
Mais lindos na penumbra do aposento  
E que me fitam graves um momento  
Para depois volverem num sorriso;

Esses olhos de sonho, em vão pesquiso  
Qual é do seu olhar o vago intento,  
Quando me falam nesse brando acento  
Misto de sombra e luz, meio indeciso.

Olhos profundos, que mistério forte  
Mais sagrado e temível do que a morte  
Se irradia de vos em mil reflexos,

E em concêntricas ondas aumentando  
Crescendo sempre, vem-se propagando  
Até fechar-me em círculo de amplexos?

## EDGAR FONTOURA

Nasceu na cidade de Pelotas e faleceu em Porto Alegre. Colaborou no “Anuário-Indicador do Rio Grande do Sul” e na “Ilustração Pelotense”, bem como nas revistas “Tudo” e “A Cidade” de Rio Grande. Foi um dos idealizadores do “Centro Riograndense de Estudos Históricos” de Rio Grande, fundado a 23 de abril de 1937. Ocupou na Academia Sul-Riograndense de letras, a cadeira n 21, de que é patrono Alfredo Ferreira Rodrigues.

**Bibliografia:** “Rio Grande – Ligeira notícia informativa”, in “Anuário-Indicador do Rio Grande do Sul” para 1927; “A Biblioteca Riograndense” (Rio Grande, 1933); “Marcilio Dias”, estudo biográfico (Rio 1935); “Alegria, força educadora” conferência (Rio Grande, 1936); “Escorço biográfico de José da Silva Pais” e “O Rio Grande do Sul na visão de José da Silva Pais”, magníficos trabalhos apresentados ao 2º Congresso de História e Geografia do Rio Grande do Sul” (1937), além de “O Rio Grande do Sul na independência nacional” (Porto Alegre, 1940).

### MINHA CANETA

Vens-me das mãos gentis da que eu estimo,  
Como de outrem, não sei que lhe estimara,  
Não me prende à obra de arte, à jóia cara,  
O outro, o lavor que tens – o preço ou mimo.

Tudo isso fora vão, si eu não amara  
As mãos de que me vens, e a que me arrimo,  
E à cuja branda força me reanimo,

Se me canso da vida em meio o Sahara.

Tenho-a como símbolo perfeito,  
Que há de fazer meu estro velho e rude  
De novo reflorir dentro do peito...

E cheio de vigor e de saúde,  
Cantar, feliz, em risos bons desfeito,  
O elogio do Amor e da Virtude...

## HILDO RANGEL

(1897-1940)

Nasceu em Porto Alegre a 20 de junho de 1897 e faleceu no Rio de Janeiro a 2 de agosto de 1940. Na capital riograndense, estudou inicialmente na famosa “Escola Brasileira” de Ignácio Montanha, onde concluiu o curso, seguindo, depois, para o Rio de Janeiro, afim de matricular-se na Escola Militar, que abandonou após 2 anos de estudo. Daí por diante entregou-se a uma vida boemia e desregrada. Cultivou, de preferência e com rara felicidade, o soneto em decassílabo. Deixou esparsos, pela imprensa do rio Grande do Sul e da Capital da República, dezenas de trabalhos poéticos admiráveis.

**Bibliografia:** “Jardim das Emoções”, versos e “Musa demente”, idem.

### LIBELO

Não leias esta carta que em má hora  
Escrevo com o fogo que me inflama;  
É o mais doce castigo de quem ama,  
E o mais terno castigo de quem chora.

O grito dum boca que reclama,  
O mel da tua boca cor de aurora;  
Pecado da minh`alma que te implora,  
Castigo do meu beijo que te chama.

Mas não leias, por Deus, porque bem sei,  
Que amanhã tu dirás que te implorei  
Uma esmola de amor como os mendigos.

Zombando com teus lábios desejados  
Deste amor que é melhor dos meus pecados  
E deste pranto – o melhor dos meus castigos.



#### JARDIM FECHADO

Morreu meu sonho, o sonho mais querido,  
E na mortalha do luar prateado  
Eu sepultei= num jardim fechado,  
Todo de rosas e jasmins florido.

Mas no meu peito o coração dolorido,  
Sentindo a falta deste sonho alado,  
Chora a saudade de quem foi amado,  
Sofrendo as penas com que foi ferido.

Ao por do sol, nas horas silenciosas  
Abro o gradil deste jardim dourado,  
Cheio de sonhos e visões piedosas.

E pelas noites de luar, radiosas,  
Vive o meu sonho no jardim fechado  
Todo florido de jasmins e rosas.

## ANDRE CARRAZZONI

(1897)

Nasceu em Livramento a 15 de outubro de 1897. Em Porto Alegre dirigiu o “Jornal da Noite” e o “Correio do Povo”. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, assumiu ali a chefia do “O Radical”, lançando mais tarde “A Hora” e passando-se, depois, para “A Noite”, cuja direção deixou em 1945, a fim de dirigir a “Folha Carioca”. Atualmente, encontra-se, de novo, à frente de “A Noite”. Colaborou na “A Tarde” de Livramento, no “O Rosicler” de Quarai, surgindo em 1926, no “O Lenço Vermelho” surgido em Porto Alegre a 22 de fevereiro de 1930, sob a direção de Agnello Cavalcanti, na “Kodak”, na “Ilustração Pelotense”, na “Norte-Sul” e em outras publicações riograndenses. Juntamente com Olyntho Sanmartin, Walter Spalding, Gabriel Pedro Moacyr e Frederico Toledo Bordini, organizou a poliantéia “Roque Callage” (Porto Alegre, 1932).

**Bibliografia:** “Horas Perdidas”, versos neo-simbolistas; “Depoimentos – da Ideologia à ação revolucionária” (Rio, 1932); “Getúlio Vargas” (Rio, 1939); “Perfil do estudante Getúlio Vargas” (Rio, 1942), etc.

### EXCELSITUDE

Meio-relevo ou nevoa do Crescente,  
Surge estatuária como o próprio acanto;  
Tem severo fulgor de quem alente  
A boca eterna e olímpica do Canto.



Meu remédio e meu mal, flor de Lepanto,  
De que talvez me valha e me lamente,  
- Ante o pérfido filtro não me espanto  
E ante a beleza dela fujo doente...

E quero-as, ao menos, símbolo do Lótus  
E desejada! A me fechar ao mundo,  
Com as mãos da Morte, os olhos meus devotos:

Que a mim seus gestos e seus olhos são  
Como uma estrela que alumia, a fundo,  
O meu caminho para a Perfeição...



## CICLO

A escalada é morosa e rude a escarpa,  
Da montanha do Ideal, perene Ofir...  
Faze da Fé a Força e, altiva, zarpa  
Na serena certeza de subir...

Olha o cardo em redor que à carne esfarpa...  
Hás de vender e tudo há de florir  
Às harmonias todas dessa harpa.,  
E, rutilos milagres de faquir...

E na cúspide, alfim, atende e escruta  
Nos desesperos e nas aflições,  
Dos nulos no sopé a estreita luta,

E, sem, ódios e cóleras aspersos,  
Viverás em perpétuas gerações,  
No refugio de bronze dos teus Versos!



## SONETO

És o contraste: indiferente e boa...  
Amo-te e, por te amar, eu te aborreço:  
E porque a mim essa Renúncia doa,  
Pões na esquivança o teu melhor apreço.

Si o lábio te procuro, em fúria, à-toa,  
Nestas palavras quebras o arremesso:  
“Não vibra a Arte, nem se aperfeiçoa,  
Resta feia e poluta e molde espesso!”.

Ó delicado espírito de Vênus,  
Salves pela vitória de nossa Arte,  
Bendigo as horas em que fui tristonho.

E os meus Cinco-Sentidos, mais serenos,  
Vêm que a Beleza desta Vida parte  
Da inatingível perfeição de um sonho...



## ETERNA LEMBRANÇA

Por meu orgulho, pelo que resume  
De triste e altivo coração marmóreo,  
Do meu culto por ela é morto o lume  
Tal um votivo lume de oratório...

Este solene gesto peremptório  
A liturgia de holocausto assume,  
Que à boca fria da Saudade, inglório,  
De ardente boca irei beber perfume.

Das grandes cousas o divino aspeito  
Não morre. Um capitel em ruínas pinta  
Sempre a antiga grandeza do trabalho:

Doce lembrança me arderá no peito,  
Seja ela embora como a brasa extinta  
Entre as tépidas cinzas do borralho...

## OLYNTHO SANMARTIN

(1897)

Nasceu em Santa Maria a 31 de dezembro de 1897. Reside em Porto Alegre, onde exerce a sua profissão de economista. Na capital gaúcha, foi redator do “O Atleta” do “O Triangulo Vermelho”, do “Bataclan” e do “Gauchito”. Colaborou, também, na “Ilustração Pelotense”, no “Correio do Povo” e em outros jornais e periódicos riograndenses. Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico do Estado e á Academia Sul-Riograndense de Letras, onde ocupa a cadeira n 1, sob o patrocínio de Araújo Porto Alegre.

**Bibliografia:** “O esporte hodierno”, com o pseudônimo de “Maciste Junior” (Porto Alegre, 1926); “Poemas de você”, com o pseudônimo de “Martin de Santilena” (Porto Alegre, 1933); “Terras da América”, impressões de viagem (Porto Alegre, 1934); “Noturno do Natal”, poema (Porto Alegre, 1935); “Bento Manuel Ribeiro”, biografia (Porto Alegre, 1935); “Caminhos seculares” (São Paulo, 1939); “Bandeirantes no sul do Brasil” (Porto Alegre, 1949); “Águas passadas”, poemas (Porto Alegre, 1950), etc.

### NA IGREJA

Dez horas da manhã. Muito apressado  
Na igreja entrei. E ao pé do grande altar,  
Em vão busquei teu vulto delicado  
Que sempre foge à luz do meu olhar.

Busquei-te em vão. E triste e acabrunhado,  
Do templo resolvi me retirar.  
(Na duvida de ser ou não amado  
Tive ímpetos de tudo terminar).

Mas surgiste, afinal, esbelta e linda!  
Surgiste e aumentaste mais ainda  
O mal sem fim dos sofrimentos meus.

É que surgiste com beleza tanta,  
Que parecias uma virgem santa  
E toda santa só pertence a Deus!



## EVOCAÇÃO

Aquela tua janela abandonada  
Onde outrora eu te olhava, fugidia,  
Conserva-se inda agora iluminada  
Com a luz que dos teus olhos se irradia.

E bendigo essa luz que escravizada  
A ti minh' alma sem cessar trazia,  
Bendigo e sofro revendo a passada  
Vida que ora me punge e delicia

Fechada a tua janela! Em vão procuro  
O teu olhar que o meu reconfortava  
E o teu vulto gentil, divino e puro

E somente, afinal, encontro ali  
A sombra da esperança que eu amava  
E uma saudade a me falar de ti!

## ISOLINO LEAL

(? – 1950)

Nasceu em Livramento e faleceu em Porto Alegre em 1950. Colaborou, inicialmente, no “Marechal de Ferro” de Livramento. Foi depois colaborador do “O Pensamento” de Pelotas, da “A página” de Livramento e de diversas publicações de Porto Alegre, entre as quais a “Máscara”, o Brasil Novo, a “Revista do Mês” e a “Kodak”.

**Bibliografia:** “Rosas do arapei”, versos; “Sementes”, idem; “Alma simples”, prosa (Porto Alegre, 19244); “Água da sanga”, versos (Porto Alegre, 1929); “Redondilhas e pensamentos”, etc.

### AQUELE UMBU

Há lembranças que só morrem  
Quando para o coração  
Que na desgraça socorrem  
O peito onde elas estão.  
Águas ocultas que correm.

Por isso sempre comigo,  
Como um vivo talismã,  
Trago a imagem, que bendigo,  
Daquele umbu que deu sombra  
A meu pai e minha mãe.

E minha vista cansada  
me faz ver que apenas sou  
Uma saudade tarjada

De cardos que o sol queimou:  
Uma raiz arrancada.



## HEROIS

No principio desta raça  
Houve gente de pasmar,  
E cada dia que passa  
Me diz que no peito dela  
O Brasil tinha um altar.

Lâmina de aço zimbrando,  
Serenidade emotiva,  
Ao mesmo tempo, encantando,  
Lembrava uma rocha viva,  
Uma tapera sonhando.

Suas lanças vitoriosas  
Foram em monte Caceros  
A sentença contra Rosas,  
E no horror dos entreveros  
Mais do que César gloriosas.

## EUCLYDES LOBATO

Poeta parnasiano, jornalista, prosador. Faleceu em Porto Alegre, onde foi redator da “Gazeta do Povo” e do “Echo do Povo” e assíduo colaborador da famosa revista “Não pode”, fundada a 18 de outubro de 1908 por Arthur Moreira de Souza. Companheiro de boemia de Pedro Velho.

**Bibliografia:** “Virgílias”, versos (Porto Alegre, 1915); “Rimas”, idem e “Musa que ri e chora”, idem.

### MEU RISO

Às vezes, em meu lábio desbotado,  
Um riso, que prazer simula, aflora.  
Porém, dentro do peito macerado,  
O coração inconsolável chora...

Chora o sonho bendito e idolatrado  
Que o confortava com doçura outrora.  
E o gozo para sempre sepultado  
De uma esperança que se foi embora.

Mortais! Não me julgueis ditoso, quando  
Encontrardes meu pobre ser pungente  
Uma falsa alegria aparentando

Rio-me padecendo mil abrolhos.  
Rio-me neste mundo, unicamente  
Para conter as lágrimas dos olhos!...





SUPREMA PRECE

(1911)

Bem cedo, ó Morte, ó doce mãe clemente,  
Desejo me abrigar nesse teu seio,  
Onde a bendita paz que tanto anseio  
Há de existir, serena, eternamente...

Quero, cedo, deixar este pungente  
E mísero viver que tanto odeio,  
Viver sombrio, amaldiçoado, cheio  
De negras dores e aflições somente.

Que ditoso serei na sepultura  
Envolto num silêncio atroz, profundo,  
Longe, bem longe, desta vida escura!

Vem, ó Morte, bem cedo, com teu beijo,  
Liberar-me para sempre deste mundo  
Da lama desta vida onde rastejo...

## CONCESSO CASSALES

(1897)

Nasceu em Palomas, município de Livramento, a 8 de abril de 1897. Uma das mais legítimas expressões da poesia riograndense. Reside, há muitos anos, em Livramento, onde advoga e faz vida de imprensa. Apareceu literariamente com o grupo da “Revista Acadêmica” e desde então o seu nome se impôs em todo o Estado, como o de um poeta delicado e sensível, capaz de altos vôos líricos. Colaborou em vários jornais e revistas do Estado a partir de 1917, publicando ensaios, poesias e, por último estudos sobre Direito. Na sua bagagem existem vários trabalhos inéditos, entre os quais um estudo romanceado sobre a vida e os costumes da fronteira.

### KARÃO

Karão... karão... karão... Toda a noite martela  
O estribilho coral do pássaro maldito,  
E vai de tronco em tronco, e de ourela a ourela,  
O tristonho rebôo daquele estranho grito.

Quem inda não ouviu, ao setestrela, aquela  
Litania de dor, num solo definitivo,  
Em baixo, longo tom de cantochão de cela,  
Repetir o réquiem do propósito ser contrito?

Tem o eterno negror dos pássaros de agouro,  
E n’alma do aranhol de sortilégios presa,

O crepe convential de sotainas de frade.

É por isso que solta aquele extenso choro

A ave que nunca muda a tinta da tristeza

O mesto cenobita exuleo da saudade!

## PERY DE CASTRO

(1897)

Nasceu em Rosário a 7 de novembro de 1897 e reside, há muitos anos, em Cruz Alta. Um dos mais lídimos representantes da poesia regionalista entre nós.

**Bibliografia:** “Inspirações do lar”, versos (1914); “Poesia selvagem” (Cruz Alta, 1923) e “Coisas do meu pago”, versos gauchescos (Porto Alegre, 1926).

### SÃO COISAS

Eu gosto do silêncio cá do Pago,  
Não gosto do barulho lá do “povo”.  
O silêncio p’ra mim é sempre afago  
Com barulho tão grande me comovo...

Gosto do mate, à noite, no galpão,  
Que a gente toma junto aos companheiros,  
Sentado num cepo à roda do “fogão”,  
Onde crepita a chama dos braseiros...

Gosto da lida bruta da campanha,  
Onde sempre guasqueia a recompensa.  
Esta gente daqui inda não tem manha!  
Esta gente daqui não usa ofensa!

Eu gosto de viver no meu rincão,

Muito longe de rusgas e de intrigas,  
Onde a voz franca do gaúcho “ermão”  
Tem, para mim, o gosto das cantigas...

## WALDEMAR DE VASCONCELLOS

(1897)

Nasceu em Porto Alegre a 15 de outubro de 1897. Colaborou na “Ilustração Riograndense” e na “A Rua” da capital gaúcha. Foi também redator do “Diário de Notícias” do Rio, onde, advogou muitos anos. Redator-chefe, atualmente do “Estado do Rio Grande”, de Porto Alegre.

**Bibliografia:** “Crepúsculos”, versos (Porto Alegre, 1915); “Coroas”, idem; “Homens e Nações”, estudos, etc.

### SONETO

Coração, por que bates? Por que choras?  
Por que ris? Nem tu mesmo te compreendes,  
Para a direita e para a esquerda pendes,  
Igual a um pêndulo ao rolar das horas...

Às vezes, alta noite tu te prendes  
Num círculo de dor e te apavoras!  
E igual a um pêndulo ao rolar das horas  
Para a direita e para a esquerda pendes.

Para a direita e para a esquerda, ansioso,  
Verás de um lado inteiramente o gozo  
E do outro a dor cortante e fria.

És um mistério, coração humano!  
Da esperança passando ao desengano,  
Sempre oscilando, hás de parar um dia...

## RAUL BOPP

(1898)

Nasceu em Pinhal, município de Santa Maria, a 5 de agosto de 1898. Bacharel em direito, seguiu, depois de formado, a carreira consular, em que ainda hoje se conserva. Colaborou no “O-X” de Santa Maria, na “Kodak” de Porto Alegre e na “Ilustração Pelotense”. Foi, também, redator do “O Lutador” e do “Mignos” de Tupanciretã. No Japão, fundou e dirigiu o “Correio da Ásia”. Incluído na “Pequena antologia da moderna poesia brasileira”

**Bibliografia:** “Cobra Norato”, 1931; “Cobra Norato, Nheengatú da margem esquerda do Amazonas”, com madeiras de Oswaldo Goeldi (Rio, 1937); “Urungo”, poemas negros; “América”, discurso (Los Angeles, 1942); “Sol e banana”, economia e estatística e “Cobra Norato e outros poemas”, com nota preliminar de Augusto Meyer (Rio, 1951).

## FLOR CANSADA

Cabelo solto, o olhar de Ofélia  
Alta e magra, ao passar, no seu assomo  
Mostra uma tristeza, nem sei como...  
Talvez dum sino numa torre velha.

Traja de preto e, ao vê-la assim, eu tomo  
O estranho fluído que o seu todo engelha.  
Noiva de luto, corpo de camélia,

Com olheiras da flor do cinamomo!

Ó minha triste esfinge aborrecida,  
Com indolências duma flor cansada,  
Abandonada ao ritmo da vida.

Que enigma é o teu, Sombra dum Sonho, quando  
Só, na penumbra, ao piano debruçada,  
Tocas “Noturnos” de Chopin, chorando?



#### PORTUGUESA

Triste... Por que? Não sei. Alguma essência  
Que às vezes fica na alma humana presa,  
Passou pelos seus olhos, com certeza,  
Como sonâmbula fosforescência.

E a saudade, no cárcere da ausência,  
Sombrivelmando-os de íntima tristeza  
Predeu requintes de delicadeza,  
Porque a saudade é uma revivescência.

Triste... Não sei porque. Mas si ela canta  
Em lírios soluços da garganta  
- Timbre lembrando estilhaçar de jarras,

Penso ver nesse olhar águas tranquilas  
O Mondengo no fundo das pupilas  
E a saudade chorando nas guitarras...





## LOIRA E NUA

Loira e assim nua nos braços trago  
O teu perfil de Naiade marinha.  
O teu corpo, ao palpar na Sombra, tinha  
Toda a emoção de um Símbolo presago.

Excitei-me ao roçar no traço vago  
Da tua Forma e quando, em cada linha,  
Pus meus olhos em febre e o meu afago,  
Desfaleceste p'ra não seres minha!

... E errei contigo o rumo dos meus passos  
P'ra não deixar-te onde o destino pôs-te  
Pus-te assim nua e loira nos meus braços.

E irei sorvendo o fluido que distilas  
P'ra cantar a Saudade do que foste  
À sombra dos teus olhos sem pupilas...



## DIAMBA

Negro velho fuma diamba,  
Para amassar a memória.

O que é bom fica lá longe...

Os olhos vão-se embora p'ra longe.  
O ouvido de repente parou.

Com mais uma pitada, o chão perdeu o fundo.

Negro escorregou.  
Caiu no meio da África.

Então apareceu, do fundo da floresta,  
Uma tropa de elefantes enormes, trotando.  
Cinquenta elefantes  
Puxando uma lagoa.

- Para onde vão levar esta lagoa?  
Está derramando água no caminho.  
A água do camunho juntou,  
Correu, correu.  
Fez o rio Congo.

Águas tristes geraram  
As estrelas choraram.

- Aquele navio veio buscar o rio Congo!

Então as florestas se reuniram  
E emprestaram um pouco de sombra para o rio Congo  
dormir.

Os coqueiros debruçaram-se na praia,  
Pra dizer adeus.

*(Cobra Norato e outros poemas)*

## ATHALICIO PITHAN

(1898)

Nasceu em Santa Maria a 20 de setembro de 1898. Bacharel em direito pela Universidade de La Salle, nos Estados Unidos e bispo da Igreja Episcopal no Rio Grande do Sul. Foi um dos mais assíduos colaboradores da “Ilustração Pelotense”.

**Bibliografia:** “Labaredas”, versos (Porto Alegre, 1936); “Literatura brasileira – resumo histórico”, “As conquistas liberais do Brasil”, “O romanismo e a Poesia brasileira”, “Caminhos da Fé” (Porto Alegre, 1941); “Lendas e Alegrias” (Porto Alegre, 1945), etc.

### INQUIETAÇÃO

É todo anseio o coração inquieto,  
Buscando a paz, no turbilhão da vida.  
E, ao procurá-la, sabe estar perdida,  
Longe do mundo e do mundano afeto.

Sobe às alturas, onde o céu convida  
Ao repouso e ao silêncio mais completo.  
Desde ao abismo, de contrário aspecto  
E não acha, afinal, uma guarida.

Vai, pois, o coração, o tempo em fora,  
Sem que divise um despontar de aurora,  
Levando o peso dos cuidados seus.

E, muita vez, é no final da vida,  
Que enfim encontra a paz apetecida,  
Palpitando no imenso amor de Deus!

## ERNANI FORNARI

(1899)

Nasceu na cidade de Rio Grande a 15 de dezembro, de 1899. Colaborou na “A Federação”, na “Máscara”, na “Revista do Mês”, no “Jornal da Manhã” e no “O Riso” de Porto Alegre, de que foi também diretor; na “Ilustração Pelotense”, no “Correio Mercantil” de Pelotas e na revista “Cocktail” do Rio de Janeiro, onde atualmente reside.

**Bibliografia:** “Missal da ternura e da humildade”, versos (Porto Alegre, 1923); “Trem da Serra”, idem (Porto Alegre, 1928); “Guerra das fechaduras”, contos; “Praia dos milagres”, impressionismo; “O homem que era dois”, romance; “Enquanto ela dorme”, novela; “O que os brasileiros devem saber”, páginas de civismo; “Nada”, teatro; “Yayá boneca”, idem; “Sinhá moça chorou”, idem; “Sem rumo”, idem; “Quando se vive outra vez”, idem; “Veranico de maio”, idem; etc.

### LATINIDADE

Teu nome enche de luz minhas pupilas,  
E os meus ouvidos de canções de avenas!  
Itália, Itália, a que mistério acenas,  
Que a este aceno se animam as argilas?

Do Lácio vem meu sangue, das serenas  
Regiões das tardes diáfanas, tranquilas,  
Onde é mais branco o mármore nas “vilas”

E há mais unção no coro das novenas!

Sangue latino! – fluido, aurora  
Que me ilumina o peito e onde, sem calma,  
Delira um Buonarrotti e um Dante chora –

Teu ritmo é a luz com que alvoradas ponho  
Nas praias de Sorrento da minh'alma,  
Nos canais de Veneza do meu Sonho...

## MÁRCIO DIAS

(1899-1919)

Nasceu em Pelotas a 2 de fevereiro de 1899 e faleceu em Jaguarão a 23 de fevereiro de 1919. Foi um dos principais colaboradores da famosa “Revista Acadêmica” de Porto Alegre. O seu verdadeiro nome era Tristão Veloso Nunes Vieira.

**Bibliografia:** “Brumas de minha saudade”, obra póstuma (Porto Alegre, 1920) e “Ponche Verde”, novela gauchesca, inédita.

### UMBÚ DE TAPERÁ

Pampa. Num fim de tarde. Ardendo um sol poente.  
Num serro uma tapera é uma visão de sonho.  
E sobre ela um umbu desganhado, pendente,  
Soluça, arqueja e ringe ao vendaval medonho.

Ao vê-lo assim tão só na imensidão silente,  
É com tristor que nele os meus olhos eu ponho.  
Porque sinto também o que esta árvore sente:  
Um anseio cruel que me deixa tristonho.

Vejo nele um gigante a carpir na marmórea  
Inscrição de uma tumba a saudade infinita  
Dum passado de sol aurolado de glória!

É o Rio Grande a chorar, sob a dor que o consome,  
Sobre o pampa sangrento a memória bendita  
Dos gaúchos heróis que morreram sem nome!



## RANCHO

Sublime encarnação da alma gaúcha e franca,  
Colmo de santa fé, paredes de torrão!  
Simples e belo como uma saudade branca  
A chorar no silêncio imenso do rincão!

Basta olhar para ti e já se nos depara  
O que tu és em tua encarquilhada estampa,  
- Uma relíquia antiga ou uma jóia rara  
Que o passado deixou no infinito do pampo.

Poeirento troféu de uma soberba história,  
Ó cumulus cinzento em um céu de esmeralda,  
Erecto na coxilha é um trapo de glória,  
Que o minuano atroz em vibrações desfralda.

O teu vulto é um passado! O teu sonho é uma lenda,  
Cheia de bois-tatás e lobisomens. De perto,  
Não há quem te contemple, que não sinta e entenda  
Tua triste aflição, ó pátria do deserto!

Na tristeza brumal das tardes, dás-me a ideia  
Da grande alma pampeana envilecida e enxágüe,  
A qual dormindo sonha a sangreta epopéia  
Escrita com facões e lágrimas de sangue!

Escombros de altivez! Ó legendária ermida!  
Ovante tijupar de raça heróica e forte!  
O pampa – é um poema exul a gargalhar a vida –  
E o rancho – é um miserere a soluçar a morte!

O rancho! O rancho... é sempre o mesmo, um velho monge,  
Não obstante não há para mim coisa que valha  
Tanto como avistar ao longe, muito ao longe,  
Como um beijo de bruma um ranchinho de palha!

## FERNANDO BORBA

Poeta, jornalista, homem de letras distinto. Faleceu em Porto Alegre, onde teve destacada atuação literária. Foi um dos mais assíduos colaboradores da “Ilustração Pelotense” e do “Correio do povo”.

**Bibliografia:** “Carvões”, versos (Porto Alegre, 1936); “O livro de Egia”, idem (Porto Alegre, 1946), etc.



### QUERO-QUERO

Quero-quero, ave rainha,  
Da garganta de clarim...  
Todo gaúcho adivinha  
Quando tu cantas assim:  
    Quero-quero! Quero-quero!

Apregoador de bonança,  
O teu grito com certeza,  
Deve ser cor de esperança  
Como a própria natureza...  
    Quero-quero! Quero-quero!

Tu resumes, vaqueano,  
Insatisfeito, no espaço,  
O símbolo pampeano  
De um belo tiro de laço.



Quero-quero! Quero-quero!

És pequenino e, no entanto,  
Tu te supões um cantor...  
E quando cantas teu canto,  
Tem rataplans de tambor.

Quero-quero! Quero-quero!

És um desejo no espaço  
Do pampa que tanto adoras...  
Teu canto marca o compasso  
Do tic-tac de esporas...

Quero-quero! Quero-quero!

Dormes tarde, e já bem cedo  
Teu grito alegre se expande,  
És o gaúcho sem medo  
Sentinela do Rio Grande!

Quero-quero! Quero-quero!

## ANTONIETA SALDANHA

(?-1944)

Nasceu em Rio Pardo e faleceu no Rio de Janeiro a 2 de novembro de 1944. Lecionou em Rio Pardo e Caxias. Foi colaboradora assídua da “Revista Acadêmica”, da “kodak” e da “Ilustração Pelotense”.

**Bibliografia:** “Rimas sem metro” (Caxias, 1920).

### ENGANO

Disse-me alguém, lembrando o mais perfeito  
Cavalheiro das eras medievais  
A entretecer bem raros madrigais:  
“Ouvi, Senhora minha, tendes feito

De gelo o coração, feito de pedra,  
Custosa e rara, porém rija e fria,  
Como o marmor, a rocha, a penedia  
Onde uma flor siquer não viça ou medra!”

E eu que no peito amargurado  
Ouço-o carpir... ai! Mísero precito,  
Vítima imbele de inditoso fado,

Sorri, sentindo-o em lágrimas desfeito:  
- Ah! Fosse ele de marmor, de granito,  
Não me pesaria assim dentro do peito.

## SADY GARIBALDI

(1900)

Nasceu em Rosário a 8 de abril de 1900. Dirigiu a “Semana Elegante” de Rio Grande, com Mário de Assis. Colaborou na “Ilustração Pelotense”, na “Kodak”, na “Máscara”, na “Revista Acadêmica” e no “Echo do Sul”, este de Rio Grande. Foi redator do “Dom Casmurro” e da “Tribuna Popular” no Rio de Janeiro, onde também colaborou ativamente na revista “Phenix”.

### NATUREZA

Porque te compreendo e te interpreto  
Sondo-te e, atento, a tua voz escuto.  
Interrogo o que tens de mais abjeto,  
Encontro explicação no ser mais bruto.

Amar-te, eis afinal o meu tributo  
- Fonte perene de vital afeto.  
Assim serei o teu eterno fruto  
Do teu feroz amor farto e repleto.

Sei que jamais sairei do teu sistema,  
Terás sempre de mim a mesma oblata:  
- Refeito em luz na alma dos pirilampos,

Ou pompeando talvez na ponta extrema  
Das hastes, numa flor, ou (sorte grata!)  
Frutificando nestes verdes campos!

## ANTÔNIO GOMES DE FREITAS

(1900)

Nasceu na cidade de Rio Grande a 1 de setembro de 1900. Irmão do escritor João C. de Freitas. Colaborou na “Ilustração Pelotense”, no “Echo do Sul” e na “A Cidade” de Rio Grande e na “A Opinião Pública” de Pelotas. Irmão do escritor João C. de Freitas.

**Bibliografia:** “Fogueira”, versos (1935); “Boa alma”, drama; “Sinhô”, idem; “O Dragão”, idem; “Eterna chama”, idem; “Tigre na gaiola”, comédia; “Estrada sombria”, drama; “O Pó da Ilusão”, romance, de parceria com Álvaro Delfino; “Ciro chinês”, romance inédito, etc.

### NOITE

Quando morta te vi naquela noite horrenda,  
Cigano da ilusão em face da verdade,  
Desmanchei, pus por terra a minha rósea tenda  
E enfrentei desvairado e em pranto a tempestade.

Órfão, desamparado em meio à negra senda  
Da existência, acenei para a felicidade,  
Que se afastava como uma visão de lenda  
Rumo ao mistério azul da subjetividade...

O que esta alma sentiu, o que sofreu, querida:  
Ao erguer-te entre nós o gigantesco muro,

Que o Destino constrói nos caminhos da Vida!

Mãe! Tive a sensação atroz e deletéria,  
Do que é arrancado à luz e atirado ao escuro,  
Do que adormece rico e acorda na miséria...

## ALEXANDRE DA COSTA

(1901)

Nasceu em Porto Alegre a 27 de fevereiro de 1901. Fino poeta e prosador de largos recursos. Colaborou ativamente na “Ilustração Pelotense”, na “Máscara”, na “Fênix” e no “O Dever” de Bagé e em outras revistas gaúchas, em cujas páginas deixou copiosa e brilhante produção poética. Reside há vários anos na Capital Federal, onde se dedica ao jornalismo.

**Bibliografia:** “A máscara de Arlequim”, versos (1919); “Os Deuses Insolentes”, idem (Porto Alegre, 1936); “A Imprensa – Sua técnica e ética” (Rio, 1938); “Salomé”, fantasia num ato em verso, etc.

### PÁTRIA VERDE

País Porto de Mar! Terra de Toda Gente!  
A Virtude suprema do Trabalho atraís;  
Abres para as Nações as portas amplamente,  
Estrangeiros navios balouçam-se em teus cais!

Fazes-te na jangada, ao largo, afoitamente;  
Empós a criação, caatinga a dentro, vais;  
Aos invernos do Sul, no pampa, rudemente  
Tornas, pelo valor, os ânimos iguais.

Transfunde na tua Carne o sangue do Universo,  
Celebra ao Sol a cor, a linha, o som, e o verso,

A Nova Idéia acolhe em teu amor profundo.

Recebe no teu seio as raças em conflito,  
E traz para o perdão de Abel, Caim contrito  
País Porto de Mar! Terra de Todo Mundo!

## ARACY DANTAS DE GUSMÃO

(1901)

Nasceu em Porto Alegre a 26 de janeiro de 1901. Filha da escritora, também gaúcha Stella Dantas de Gusmão. Começou a fazer versos aos 13 anos de idade. Em 1919 frequentou, no Rio de Janeiro, o Curso de Declamação da professora Ângela Vargas. Voltando ao Rio Grande do Sul em 1920 levou a efeito vários recitais e fundou um curso de declamação. Realizou posteriormente várias tournées artísticas por todo o Estado. Além de versos, tem escrito contos, histórias infantis, crônicas, ensaios e romances. Casada, desde 1927, com o Sr. Elvert Brasil Perillo.

**Bibliografia:** “Êxtase”, versos (Porto Alegre, 1921); “História da Serafina”, livro infantil; “Crianças do meu caminho”, idem; “Evangelho do Amor”, versos inéditos; “Coração”, idem; “Minha ternura aos teus ouvidos”, idem; “E a noite vai descer”, idem; “Ao jeito da minha terra”, poesias gauchescas, idem; etc.

### O TRISTE CONSOLO

Hoje que eu sei que vida é desencanto,  
Amargura, saudade e solidão,  
Bendigo toda a angústia do meu pranto  
No dia em que se foi teu coração...

Bendigo a imensa dor que se fez pranto  
Para chorar-te a fuga e a sedução,



Eu que entendo, afinal, que, sábio e santo,  
Preferiste não ser desilusão...

Bendito seja o dia amargo e triste  
Em que fiquei sozinha e tu partiste,  
Bendita seja a dor que então sofri,

Pois prefiro-te meu pela saudade  
Que sofrer toda a angústia da verdade  
De saber que a teu lado te perdi!



### A CARTA

Eu sei que hei de morrer sem ter escrito, um dia,  
Essa carta de amor com que sempre sonhei: -  
- A carta onde a minha alma, ansiosa, te diria  
Que foste o grande bem que sempre ambicionei...

A carta confissão repleta de doçura  
Das frases que sonhei, baixinho, te dizer  
No doido palpitar desta inútil ternura  
Que o meu destino mau não deixou florescer...

A carta onde eu faria a teus pés, deslumbrada,  
A mais bela, a melhor e a maior confissão:  
- A glória de te amar e ser também amada,  
A gloria de te dar, inteiro, o coração,

O frágil coração sujo sonho mais lindo  
Foi todo se entregar, inteiramente, ao teu  
Como uma grande flor, o cálice de oiro abrindo  
À abelha que passou, e o néctar não colheu...

A carta onde minha alma, apaixonadamente,  
Havia de gritar, num doido frenesi:

- A vida me levou de ti, completamente,  
Mas eu te quero sempre, eu te amo sempre, a ti!

A carta onde eu faria a confissão suprema  
Que a vida não deixou que eu pudesse rezar:  
- Se o dever nos afasta e os pulsos nos algema  
Os nossos corações são livres para amar!

A carta onde eu rezasse, ansiosa e comovida,  
O amor com que te amei, a ânsia com que te quis...  
A carta onde eu poria o coração e a vida,  
Tudo que eu sinto, amor, e que a boca não diz...

E hei de morrer, bem sei, sem jamais tê-la escrito,  
Sem que a possas, baixinho e em segredo, reler...  
- Mas – quem sabe? Talvez chegue ao céu infinito  
Esta carta de amor que eu não posso escrever!...

## DARIO DE BITTENCOURT

(1901)

Nasceu em Porto Alegre a 7 de fevereiro de 1901. Filho de Aurélio Junior e neto, portanto, de Aurélio Veríssimo de Bittencourt. Bacharelou-se em 1924 pela Faculdade de Direito da capital riograndense, destacando-se muito entre seus condiscípulos. Dirigiu o semanário “O Exemplo” de 1920 a 1930, secretariou a “Revista do Sul”, a “Revista Acadêmica”, “O Mundo”, “A Verdade” e a “Revista do Foro”. Foi, ainda, redator da “A Federação”, 1922 a 1926, colaborador da “Ilustração Pelotense” e diretor do “O Comércio”. Foi um dos iniciadores do movimento integralista no Rio Grande do Sul, com Anor Butler Maciel e Egon Renner. Na Academia Sul-Riograndense de Letras ocupa a cadeira n. 39, patrocinada por Francisco Ricardo. Usou, algum tempo, do pseudônimo de “Reginaldo de Vermont”.

**Bibliografia:** “Antena”, versos; “Alameda de melancolia”, idem; “A ideia ou a forma?”, crítica; “O integralismo e os seus poetas”, estudo; “O poeta Francisco Ricardo sob o ângulo da psicanálise”, ensaio; “Tobias Barreto, poeta”, idem; “Bases para o Código de Trabalho do Brasil” (Porto Alegre, 1932); “O sindicalismo no Brasil – Notas para um ensaio de política social”, (Porto Alegre, 9133), etc.

### A SUAVE EVOCAÇÃO POR ENTRE AS ALAMEDAS DA PRAÇA DE CRUZ ALTA

Ela já residiu, há algum tempo, em Cruz Alta.

(Por esta praça, quanto e quanto ela já andou!)  
E esta praça: o perfil da que não mais voltou!

Às árvores tal qual, ela também é alta;  
Loira – o é da cor dos mal-me-querer que, ora, estou  
A ver, neste jardim inculto de Cruz Alta  
Por onde, muita vez, eu sei, ela passou...

E eu penetro o Passado... Evoco-a... esgalga e fina  
Ela seria, ao certo, a essa época menina...  
(Porque meu coração, então, não a buscou?).

Num desencantamento e de saudades cheio,  
Eu me quedo a lembrar, do crepúsculo em meio,  
Por esta praça, quanto e quanto ela já andou!...

## PAULO DE GOUVEIA

(1901)

Nasceu em Umbu, município de General Vargas, a 6 de junho de 1901. Feitos os estudos primários, matriculou-se no Ginásio Anchieta de Porto Alegre, onde concluiu o curso secundário. Em 1926 abandonou os estudos superiores, já iniciados, para dedicar-se de todo à atividade jornalística, como redator do “Diário de Notícias”. Mais tarde ingressou no corpo redatorial do “Jornal da Manhã” e do “Jornal da Noite”, para, finalmente, ser, como o é ainda, figura destacada do “Correio do Povo” e “Folha da Tarde” da capital gaúcha. Pertenceu à Fundação Eduardo Guimaraens. Membro da Academia Sul-Riograndense de Letras, onde ocupa a cadeira n. 40 sob o patrocínio de Alceu Wamosy. Irmão de Sérgio de Gouveia. Fino crítico de arte e teatro, tendo escrito várias peças, libretos de operetas, letras para composições musicais, etc.

**Bibliografia:** “Mansamente”, versos (Porto Alegre, 1929); “Canção da água distante”; idem (Porto Alegre, 1941), etc.

## EDELWEISS

Clara nuvem num céu de primavera,  
Mansa estrela coroada de distância,  
Teu amor é meu sonho inatingível,  
Minha luz, minha dor e meu conforto.

Flor milagrosa e imaculada das alturas,  
Teu clarão imortal brilha longínquo  
Sem chegar à planície em que te chamo.  
Alta e sagrada pairas em minha vida,

Doce amor, edelweiss pura e distante,  
No seu próprio perfume adormecida.  
Não importa que o gesto não te alcance

Nem que o sonho agonize à tua espera.  
Basta tua luz divina e meu destino  
Será todo um clarão de primavera!

## REYNALDO MOURA

(1901)

Nasceu em Santa Maria no ano de 1901. Reside em Porto Alegre, onde é diretor da Biblioteca Pública. Foi redator do “Jornal do Estado” e da “A Federação”, tendo colaborado, também, na “Gazeta do Povo” e na “Ilustração Pelotense”. Foi um dos componentes da Fundação Eduardo Guimaraens de Porto Alegre.

**Bibliografia:** “Outono”, versos (Porto Alegre, 1936); “L’apres midi d’um faune” (1940); “A ronda dos anjos sensuais”, romance; “Noite de chuva em setembro”, idem; “Intervalo Passional”, novela; “Mar do tempo”, poemas (Porto Alegre, 1942); “Um rosto noturno”, romance, etc.

### HUMILDADE

Meu coração é manso como a hora  
Do ângelus. Nele a tristeza de um sino  
Canta, suave como um perdão para a glória do mundo.

Meu coração tem asas lentas para o vôo,  
Como a rosa de luz na neblina d’aurora.  
Numa suave ascensão para o cimo da vida,  
Num triste refflorir para o seio do amor.

Meu coração é quieto como um lírio  
Na sombra.

Passam por ele as horas claras  
Da alegria.  
Voam em torno as horas mudas  
Da renúncia.  
E ele, na eterna indiferença, escuta  
A voz da ronda universal...

Meu coração sereno vai vivendo  
Dentro do sonho da neblina,  
Como o lírio de um santo que florisse  
Oculto num jardim onde perpetuamente  
Vivesse a sombra vespéral...



## SERGIO DE GOUVEIA

(1902)

Nasceu em Umbu, município de General Vargas, a 14 de novembro de 1902. Redigiu o “Jornal do Estado” e o “Correio do Povo” de Porto Alegre. Pertenceu à Academia Riograndense de Letras, como detentor da cadeira n. 8, patrocinada por Carlos Ferreira.

**Bibliografia:** “Poemas”; “Inquietação”, versos; “A morte de Shanghai”; “Salomão Grebnisky”, novela; “Sol de inverno”, versos; “Pássaros cativos”, teatro; “O amor de Madalena”, poema, etc.

### DÁ-ME FORÇA, MEU PAI...

*(Excerto do poema “O amor de Madalena”)*

Dá-me força, meu Pai! Força para eu vencer  
A dura provação que me fazes sofrer.  
Aproxima-se o fim. Antevejo o Calvário,  
Os espinhos, o fel... do rude itinerário  
Que me impuseste Tu, não hei de vacilar.  
Pelos homens sem Deus meu sangue há de jorrar,  
Levarei minha cruz, salvarei meus irmãos  
E amanhã ceras milhares de cristãos  
Glorificando em Ti o filho de Belém.  
Mas esta provação, meu Pai, vai muito além  
Das forças que me deste. O meu olhar se turva  
Vendo, leve, tremer a doce e rósea curva

Daqueles seios seus! E sentir o perfume  
Que sobe de seu corpo e vem pelo negrume  
De seu cabelo, assim, suave envolvendo!  
Que doce é a sua voz! Os teus anjos tangendo  
Suas líras jamais conseguem melodias  
Doces como essa voz de nunces macias.

Dá-me força, meu Pai! Força p'ra que eu resista  
A esse doce olhar que todo se contrista  
Na distância do meu. E essa boca nervosa,  
Que se estende macia e se oferta, amorosa,  
Ao beijo que não dou. Eu vacilo, porém...  
Não te esqueças, meu Pai, que eu sou homem também...

## DE PARANHOS ANTUNES (Deoclecio)

(1902)

Nasceu em Rio Pardo a 4 de julho de 1902 e reside, há alguns anos, na Capital da República, onde leciona na Escola do Estado Maior do Exército. Colaborou na “Revista Farroupilha” e no mensário “Gila” de Porto Alegre, bem como em outros periódicos e jornais do Rio Grande do Sul. Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico do Estado e à Academia Sul-Riograndense de Letras.

**Bibliografia:** “Arrulhos”, versos (Santa Cruz, 1925); “Parque abandonado”, idem (Cachoeira, 1930); “Alameda do Sonho e da Alegria”, idem; “História de Cachoeira”, monografia (Cachoeira, 1939); “Ideias heteroneas e contraditórias”, ensaio (1932); “História de Rio Pardo”, estudo (1933); “Antonio Vicente da Fontoura o Embaixador dos Farrapos”, biografia (Porto Alegre, 1935); “Episódios e perfis de 35”, (Porto Alegre, 1935); “O Combate de Rio Pardo” (Porto Alegre, 1936); “História do Grande Chanceler” (Rio, 1942); “O pintor do romantismo” (Rio, 1943); “Andrade Nevez, o Vanguardeiro” (Rio, 1943); “Itinerários mentais da pampa brasileira” (Porto Alegre, 1937), etc.

### ÁLBUM DE MINHA FILHA

Que o primeiro poema fale dela,  
De minha boa e santa companheira,  
Meu fanal, minha luz e minha estrela,

A quem jurei amar a vida inteira!

E que tu, minha filha, Rosa Bela,  
Deste livro, na página primeira,  
A lágrima recolhas de quem vela,  
Chorando triste e só junto à lareira.

Punja-me a dor com toda a acerbidade!  
Não se fecham jamais num ataúde,  
Vinte anos de amor e amizade!

Mas muito embora sofrendo, bardo rude,  
Hei de tanger meus carmes de saudade,  
Nas cordas doloridas do alaúde...



### ILUSÓRIA ESPERA

Oh! Que alucinação dos olhos meus!...  
Toda a tarde fiquei, num sonho belo,  
Cuidando descobrir os olhos teus,  
Através dos vitrais do teu castelo.

Desenhadas por meus olhos plebeus,  
Nessa janela que, amoroso, velo,  
Vi tuas mãos, amor do meu desvelo,  
Fazendo gestos de quem diz adeus!

Toda a tarde fiquei... e não vieste  
Dar-me a benção de teu olhar celeste,  
Oh! Minha princesinha da humildade.

E nesta dor, Amor, que me crucia  
Eu sou o monge da melancolia,  
Preso à Torre de tua crueldade!...

## ATHOS DAMASCENO FERREIRA

(1902)

Nasceu em Porto Alegre a 3 de setembro de 1902. Escreveu na “Máscara”, na “Ilustração Riograndense”, na “Tribuna Ilustrada”, na “Gazeta do Povo” e na “A Federação” de Porto Alegre, onde é colaborador efetivo da revista “Província de São Pedro” fundada por Moysés Vellinho.

**Bibliografia:** “Poemas do sonho e da desesperança”, versos (Porto Alegre, 1925); “Lua de vidro”, idem, (Porto Alegre, 1930); “Poemas da minha cidade”, idem (Porto Alegre, 1938); “Menininha”, idem; “Jornais críticos e humorísticos de Porto Alegre no século XIX” (Porto Alegre 1944), etc.

### ÁRVORE HUMILDE

Velho de mágoas e de sofrimento  
Desfeito o coração, mas me sustinha...  
Diante de mim – um desmoronamento,  
E após meus passos a desgraça vinha!

Tu surgiste, porém, e do tormento  
Em que eu morria, te fizeste minha,  
E, trazendo-me o bálsamo do alento,  
Deste vida a quem vida já não tinha!

Do que tens sido para mim, batalho

Pelo que sou do que és canto e labuto  
Porque do que mereces é que valho...

E árvore humilde, como ideal tributo,  
Vivo na floração do último galho  
Toda a promessa do primeiro fruto!

## AUGUSTO MEYER

(1902)

Nasceu em Porto Alegre a 24 de janeiro de 1902. Foi diretor da Biblioteca Pública de Porto Alegre e dirige, há vários anos, o Instituto Nacional do Livro, no Rio de Janeiro. Dirigiu, em Porto Alegre, a revista “Madrugada”, com Theodemiro Tostes e Miranda Netto. Um dos grandes valores do Parnasso riograndense. Incluído na “Antologia de poetas modernos” de Dante Milano (Rio, 1935).

**Bibliografia:** “Ilusão Perdida”, rimas às antiga (Porto Alegre, 1920); “Coração Verde”, versos (Porto Alegre, 1926); “Giraluz”, idem; “Duas orações”, idem; “Poemas de Bilú”, idem (1930); “Literatura e Poesia”, estudo (Porto Alegre, 1831); “Sorriso interior”; “Machado de Assis”, ensaio (Porto Alegre, 1935); “Prosa dos pagos” (Rio, 1943); “A sombra da estante”; “Segredos da infância”; “Guia do Folclore gaúcho” (Rio, 1951), etc.

### ORAÇÃO DO NEGRINHO DO PASTOREIO

Negrinho do Pastoreio,  
Venho acender a velinha  
Que palpita em teu louvor.

A luz da vela me mostre  
O caminho do meu amor.

A luz da vela me mostre

Onde está Nosso Senhor.

Eu quero ver outra luz  
Na luz da vela, Negrinho,  
Clarão santo, clarão grande  
Como a verdade e o caminho  
Na falação de Jesus.

Negrinho do Pastoreio  
Diz que você acha tudo  
Si a gente acender um lume  
De velinha em seu louvor.

Vou levando esta luzinha  
Treme treme, protegida  
É uma esperança queimando  
Na palma da minha mão.

Que não se apague este lume!  
Há sempre um novo clarão.  
Quem espera acha o caminho  
Pela voz do coração.

Eu quero achar-me, Negrinho!  
(Diz que Você acha tudo).  
Ando tão longe, perdido...  
Eu quero achar-me, Negrinho:  
A luz da vela me mostre  
O caminho do meu amor.

Negrinho, Você que achou  
Pela mão da sua Madrinha  
Os trinta tordilhos negros  
E varou a noite toda  
De vela acesa na mão,  
(piava a coruja rouca  
no arrepio da escuridão,  
manhãzinha, a estrela d'alva  
na voz do galo cantava,



mas quando a vela pingava,  
cada pingo era um clarão)  
Negrinho, Você que achou,  
Me leve à estrada batida  
Que vai dar no coração.

(Ah os caminhos da vida  
ninguém sabe onde é que estão!).

Negrinho, Você que foi  
Amarrado num palanque,  
Rebenqueado a sangue pelo  
Rebenque do seu patrão,  
E depois foi enterrado  
Na cova de um formigueiro  
P'ra ser comido inteirinho  
Sem a luz da extrema-unção,  
Se levantou saradinho,  
Se levantou inteirinho.  
Seu riso ficou mais branco  
De enxergar Nossa Senhora  
Com seu filho pela mão.

Negrinho santo, Negrinho,  
Negrinho do Pastoreio,  
Você me ensine o caminho  
P'ra chegar à devoção,  
P'ra sangrar na Cruz bendita  
Pelos cravos da Paixão.

Negrinho santo, Negrinho  
Quero aprender a não ser!  
Quero ser como a semente  
Na falação de Jesus,  
Semente que só vivia  
E dava fruto enterrada,  
Apodrecendo no chão.

## HELCLIDA CLARK

(1903)

Nasceu em Porto Alegre a 15 de junho de 1903. Poetisa, jornalista, oradora, “diseaseuse”, líder feminista. Filha do escritor Raphael Clark. Colaborou em jornais do Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro. Na Capital Federal, organizou o Curso de Belas Artes Chinquinha Gonzaga e fez parte da Sociedade de Homens de Letras do Brasil. Membro fundador da Academia de Letras do Distrito Federal, sócia da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e membro honorário de inúmeras instituições culturais do Uruguai, Argentina, Chile, Cuba e México. Realiza o intercâmbio cultural há dezoito anos. Ocupa a cadeira de Julia Lopes de Almeida na Academia de Ciências e Letras de São Paulo, onde dirigiu a “Ilustração Paulista”.

**Bibliografia:** “Foi um sonho...” versos (Rio, 1937); “Poemas de Ângelo”, idem; “Toi”, idem; “Penumbra”, idem; “Problemas sociais”, ensaio, etc.

### HOJE

Um tufão de loucuras varre a Terra!  
Tudo é ruínas... Tudo é destruição!  
Um bramido de ódio ao longe erra...  
E os homens se entrechocam em confusão!

A maldade do forte ao fraco aterra!  
Perdeu a Humanidade o coração...  
E tudo o que de Belo a Vida encerra  
Jaz moribundo em meio desse vulcão!

E amanhã... quando nada mais restar  
À fúria insana que o domina agora  
E só miséria encontre onde passar,

Lembrar-se-á de Deus o homem, então:  
- E a fera que em su'alma hoje mora,  
Cobarde e vil, pedir-lhe-á perdão!



## EXALTAÇÃO

Eu quero desvendar-te um paraíso  
Longe, bem longe... do vespeiro humano;  
Excede a qualquer sonho, a qualquer plano  
- meu grande Amigo e poeta – o que idealizo.

Do meu ideal afeto a chama acesa  
Cresce em meu peito, em rútilo esplendor!  
Para que nunca a sombra de uma dor  
Te empane a fronte em laivos de tristeza.

Arquiteta emotiva! Em meu lirismo  
Esbocei, num projeto singular:  
Um Templo, de áureo brilho, a transbordar...  
Lembrando a Grécia antiga. E sonho e cismo...

Um lírio ambiente onde fulgure  
Em requintes de inéditos primores  
- do belo a cinzelar altos labores –  
Teu estro! E a excelsa Arte se depure.

E vou fazendo essa obra sem cansaços  
Na loucura divina a que me exponho;  
E, lança em riste, altiva, anseio e sonho  
Uma esteira de luz... para os teus passos.

## THEODEMIRO TOSTES

(1903)

Nasceu em Taquari a 10 de fevereiro de 1903. Com Augusto Meyer e Miranda Netto, dirigiu a revista “Madrugada” de Porto Alegre. Foi depois ativo colaborador do “O Radical” do Rio. Dedicando-se à carreira diplomática, é, atualmente, o 1º secretário da Embaixada brasileira em Roma.

**Bibliografia:** “Novena a Nossa Senhora da Graça”, versos (Porto Alegre, 1928); “Bazar”, notas (Porto Alegre, 1931); “Canção preludiada”, versos, etc.

### LAUDATO SI

São Francisco, canto o teu Cântico e nos lábios  
Sinto um gosto de terra e uma frescura de folhas verdes e  
molhadas...

A tua voz é um veio d'água que murmura,  
Cobrejando, macio, na relva mole, bem juntinho da terra  
E levando no seio o azul do céu inatingível...

São Francisco de Assis, canto o teu Cântico e nos olhos  
Sinto ternuras infantis para todas as coisas:  
Para o fruto que cai, inútil como um corpo virgem que morre,  
Para as folhas que os ramos lacrimam no outono,  
Para o inseto que dança tontamente no sol,  
Para o verme do chão, para a planta mesquinha,

Para tudo que é humilde como tu mesmo foste,  
Como eu nunca serei...

São Francisco de Assis, canto o teu Cântico e na alma  
Sinto uma luz mansa afagando  
Como a carícia do luar na água suja dos charcos;  
Sinto um desejo de ser bom como o orvalho da noite,  
Para tombar serenamente sobre tudo que sofre  
E que tem sede no deserto.

Ah! Bendita a alegria que entreabriu os teus lábios  
Para o louvor das criaturas,  
E pôs sobre a tua alma um véu branco de luz,  
Para esposar na terra a terna beatitude!

Bendita a voz que ensina a humildade e a doçura  
E o sofrimento bom que nos lábios sorri!

São Francisco de Assis, canto o teu Cântico e em mim  
mesmo  
Sinto um pouco de céu, sinto um pouco de ti...



## BOCA

Purpúrea boca, lúbrica e purpúrea,  
Onde o sorriso é um pálido lampejo,  
Taça em que ferve o vinho da luxúria,  
Flor que se esquia à abelha do meu beijo...

Eu sinto em ti o eterno anseio, a fúria  
De prazeres eróticos, eu vejo  
Na tua curva lúbrica e purpúrea  
Toda a tortura lenta do desejo.

Eu vejo a angústia do faminto  
Nas contorções da fome, e sinto  
A longa história do suplício teu...

Gemidos, ânsias incontidas.  
Frases de amor não proferidas,  
Beijos ardentes que ninguém colheu...

## MANOELITO DE ORNELLAS

(1903)

Nasceu em Itaqui a 17 de fevereiro de 1903. Dirigiu “O Gaúcho” de Tupanciretã e foi redator da “A Razão” de Santa Maria. Em Porto Alegre, dirigiu o “Jornal do Estado”, a “Imprensa Oficial” e a Biblioteca Pública. Desempenha, há anos, as funções de Diretor do Arquivo Público e as de redator do “Correio do Povo”. Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

**Bibliografia:** “Rodeio de estrelas”, versos (São Paulo, 1928); “Arco-íris” idem (1930); “Coração” idem; “Tupanciretã”, estudo histórico (1934); “Caminhos originais do Brasil”, conferência; “Símbolos Bárbaros”, estudos; “Vozes de Ariel”, idem; “Tiaraju”, poema em prosa (1945); “Gaúchos e beduínos”, etc.

### MISERERE BÁRBARO

À frente da fazenda antiga,  
Velho solar histórico dos pampas,  
Berras as rezes mansas  
Em torno de poças de sangue enegrecido.

Berra dolorosamente à irmã sacrificada...

Aqueles mugidos dolorosos,  
Gemidos de saudade,  
Vão pela canhadas e coxilhas,



Como uma música plangente e funerária.

Naquela hora crepuscular,  
Quando o dia agoniza,  
E o pampa repousa na quietude verde  
Vêm as rezes chorar  
Sobre o pasto manchado de vermelho-negro...

Réquiem solene na simplicidade agreste.

Longos, dolorosos bramidos de saudade,  
Prece, talvez, das vacas mansas  
No seu ritual ignorado...

Miserere bárbaro dos pampas!

## VARGAS NETTO (Manoel)

(1903)

Nasceu em São Borja a 30 de janeiro de 1903. Dirigiu “O Uruguai” de São Borja, redigindo, posteriormente, “A Federação” e o “Diário de Notícias” de Porto Alegre. Tendo-se formado em Direito, exerceu cargos de magistratura. Foi assíduo colaborador da “Ilustração Pelotense” e do “O Radical” do Rio.

**Bibliografia:** “Tropilha crioula”, versos regionalistas (Porto Alegre, 1925); “Joá”, idem (Porto Alegre, 1927); “Gado chucro”, idem (Porto Alegre, 1928); “Tu”, idem (Porto Alegre, 1928); “General Vargas” estudo biográfico (Rio, 1938); “Contos e Lendas”, etc.

### PINGO

O meu pingo, tordilho, anca de vaca,  
Pingo solto de patas e altaneiro,  
É cavalito de brigar de faca  
De virar o balcão dum bolicheiro!

Sempre delgado de dormir na estaca,  
Do fandando, de longe, sente o cheiro.  
Nesse flete aramado não me ataca  
Nem me escapa o novilho mais matreiro!

Quebro o cacho lá encima, a cantagalo,  
E vou às pulpérias no domingo

Onde as chinas cobiçam meu cavalo!

Eu me orgulho – vos digo de franqueza –  
Pois quem não sente orgulho pelo pingo  
Não nasceu nestes pagos com certeza...



### TAPERA

Alguns torrões no mais. Um cinamomo,  
Heróica retaguarda em retirada.  
Cerro as chilenas no bagual que eu domo  
Chego em cima dos restos da morada.

Dou redeada ao pensamento e então eu tomo  
Rumo do que se foi em disparada,  
Eu vou pensando que a tapera é como  
A saudade do rancho feito nada.

Neste rancho morou uma china linda.  
Quanto caboclo não atou seu flete  
No cinamomo que está vivo ainda?

Quero pensar o rancho tal qual era  
E alço a rédea... a tristeza me acomete  
No mistério crioulo da tapera.



### QUERO-QUERO

Que é que tu queres, quero-quero? Implico  
Com teu grito que aos tímidos maneia,

Pois vêm fantasmas, de que o pampa é rico.  
Quanto tu gritas numa noite feia.

Aborrecido quando te ouço fico  
E uma grande saudade me esporeia  
Porque dizem que gemem no teu bico  
Os gaúchos que morrem na peleia.

É a ronda do pampa com teu bando  
A noite toda passas denunciando  
Cruzadas de viajante ou de índio vago.

E os mistérios das lendas entropilhas,  
Quando gritas na dobra das coxilhas,  
Sentinela perdida do meu pago!

## PEDRO R. WAYNE

(1904-1951)

Nasceu em Pelotas a 26 de fevereiro de 1904 e residiu muitos anos em Bagé, onde faleceu em setembro de 1951. Poeta, romancista, prosador esportivo, jornalista. Apareceu com o movimento modernista no Rio Grande do Sul, conquistando, desde logo, posição de amplo prestígio no cenário intelectual do Estado, sobretudo com cultor do regionalismo. Foi assíduo colaborador da revista “Gila” de Porto Alegre e da “Ilustração Pelotense”.

**Bibliografia:** “Dina”, versos (Porto Alegre, 1930); “Versos meninosos à lua”, (Porto Alegre, 1931); “Charqueada”, romance de costumes riograndenses (Rio, 1937); “Almas penadas”, romance, com ilustrações de Carlos Selier; “A absoluta animadora”, etc.

### VIDA DE ÍNDIO VAGO

Em cima o céu é um campo azul  
Campo azul lavrado pelos raios dourados do sol  
E semeado pela semente loira da luz...

E quando o dia se recolhe cansado  
Para o descanso amigo da noite  
No céu desabrocha o oiro que ficou plantado.

Em baixo o pampa enorme  
Tem a quietude a mansidão e o respeito

De um gigante que dorme.

Entre os capins verdes, as aguadas morenas  
Têm a tranquilidade doce de rostos chinocas  
De feições delicadas e serenas.

Em redor do fogão aonde estou acampado  
E aonde o mate aquece  
Vejo um riso de luz no clarão estampado.

E o clarão isolado no escuro do mato  
É um rasgão que bandeia o poncho da noite  
Que o fogo rompeu como unha de gato

A lenha meio verde tem estalidos de risada  
Ri da toada monótona que canta a água a ferver  
Batendo a tampa da chaleira uma canção desentoada.

Um guaipeca rosna... rebate de um perigo falso –  
Foi a lua que saiu de traz dumas macegas de nuvens  
E riscou o pasto, alongando a sombra dum salso...

Vou saboreando o amargo  
O amargo dessa vida boa aquecendo fogo  
E vivendo a lo largo

Fora do calor do fogo que me aquece  
O frio é um sorro matreiro  
Que bombeio minha figura sonolenta...

As corujas num vôo curto de arrependimento  
Cortam tiras do silêncio  
De momento em momento...

O sono me volteira...  
Enrolado no poncho, deitado nos arreios  
Fecho os olhos para o que me rodeia...

A lua se diverte como um piázinho levado

Traçando no pasto com o carvão de minha sombra  
Meu vulto embuçado...

Vida boa, vida de índio vago,  
Trazendo no peito a querência  
Amando as chinas... o pingo... e o trago...

## ERNANI VANACOR

(1905)

Nasceu em Uruguaiana a 24 de agosto de 1905. Foi redator da “A Razão” de Santa Maria. Um dos mais sensíveis e apreciados poetas riograndenses, laureado em 1940 como o seu livro “Cálice Amargo”, pelo Athenei Graça Aranha de Santa Maria.

**Bibliografia:** “Fruto maduro”, verso (1923); “Vitrine”, idem (1926); “Cálice amargo” idem; etc.

### SILÊNCIO

Embala-se em um berço perfumado de lendas  
Toda uma vida cheia de oferendas,  
Um mundo suave, o mundo de mim mesmo!

Trazes-me o gosto de bocas pequeninas,  
Tontas de amor, adocicadas, doidas,  
Como taças de mel onde eu sorvo, nervoso,  
A embriagues de uma volúpia nova  
Na vertigem oceânica do gozo!

Trazes contigo sinfonias misteriosas  
Serenateando em meus ouvidos tristes  
A epopéia dos ritmos sonoros.

Como se nelas viesse, harmonizado,  
O sonho de cetim do cálice das rosas!



É que trazes contigo o mundo que eu forjei  
Ao meu grito interior de viver, de vibrar.

E quando a tua presença à minha tristeza assiste,  
A tristeza é menos, pois me despersonalizo  
Na glória de possuir um bem que não existe!

## MÁRIO QUINTANA

(1906)

Nasceu em 30 de junho de 1906 na cidade de Alegrete. Ainda nos tempos de ginasiano fazia versos. Mas mostrava-se infenso a publicá-los. Só em 1940, cedendo às instâncias dos amigos, consentiu em publicar “A Rua dos Cataventos”, obra que logrou, desde logo, enorme sucesso de crítica e livraria. Colaborou na revista “Ibirapuitã” de Alegrete, onde manteve a secção em versos “Espelho Mágico”, no “Jornal do Estado” de Porto Alegre e na “Revista do Globo” da mesma cidade.

**Bibliografia:** “A Rua dos Cataventos”, versos (Porto Alegre, 1940); “Canções”, idem; “Sapato florido”, etc.

### SONETOS

Escrevo diante da janela aberta.  
Minha caneta é cor das venezianas:  
Verde! ... E que leves, lindas filigranas  
Desenha o sol na página deserta!

Não sei que paisagista dodivanas  
Mistura os tons... acerta... desacerta...  
Sempre em busca de nova descoberta,  
Vai colorindo as horas cotidianas...

Jogos da luz dançando na folhagem!  
Do que eu ia escrever até me esqueço...

P'ra que pensar? Também sou da paisagem...

Vago solúvel no ar, fico sonhando...  
E me transmuto... iriso-me... entremeço...  
Nos leves dedos que me vão pintando!

Minha morte nasceu quando eu nasci.  
Despertou, balbuciou, cresceu comigo...  
E dançamos de roda ao luar amigo  
Na pequenina rua em que vivi.

Já não tem mais aquele jeito antigo  
De rir e que, ai de mim, também perdi!  
Mas inda agora a estou sentindo aqui,  
Grave e boa, a escutar o que lhe digo:

Tu és minha doce Prometida,  
Nem sei quando serão as nossas bodas,  
Se hoje mesmo... ou no fim de longa vida...

E as horas lá se vão, loucas ou tristes...  
Mas é tão bom, em meio às horas todas,  
Pensar em ti... saber que tu existes!

---

Eu faço versos como os saltimbancos  
Desconjuntam os ossos doloridos.  
A entrada é livre para os conhecidos...  
Sentai, Amadas, nos primeiros bancos!

Vão começar as convulsões e arrancos  
Sobre os velhos tapetes estendidos...  
Olhai o coração que entre gemidos  
Giro na ponta dos meus dedos brancos!

“Meu Deus! Mas tu não mudas o programa!”  
Protesta a clara voz das Bem Amadas.  
“Que tédio!” o coro dos Amigos clama.

“Mas que vos dar de novo e de imprevisto?”  
Digo... e retorço as pobres mãos cansadas:  
“Eu sei chorar... Eu sei sofrer... Só isto!”.

## RUY CIRNE LIMA

(1908)

Nasceu em Porto Alegre a 28 de dezembro de 1908. Advogado, poeta, jornalista, devotado estudioso das cousas jurídicas. Colaborou na “Madrugada”, na “Máscara” e na “Revista do Sul”, todas de Porto Alegre.

**Bibliografia:** “Minha terra”, versos (Porto Alegre, 1926); “Colônia Z e outros poemas”, idem (Porto Alegre, 1928); “Felicidade”, poemeto; “Princípios de Direito Administrativo Brasileiro” (Porto Alegre, 1939); “Sesmarias e terras devolutas”; “Regime das terras no Brasil”; “Odontologia e medicina”, etc.

### PASSO VELHO

Os touros enormes mergulham com tombos violentos.

A água espirra,  
E bóiam os chifres lustrosos no azul do rio...  
Gritos bárbaros, estalos de chicote...

A tarde é mansa...

Sinos tangerem muito longe...

E bóiam no azul infinito das pontas de ouro das estrelas...



SEXTA-FEIRA

Macega queimada... cinza leve... carquejas fumacentas...

Corujas piscam – mau olhado! – sobre os cupins,  
E o céu se encheu de estrelas... Negrinho do Pastoreio!  
- Foi por aí que eu me perdi...

O vento da noite é um beijo morno de trevo e de capim  
molhado

(oh! um lábio morno...)

E a noite adormece...

Um relâmpago clareia, longe.

Eh! Laus'Sus'Cris! Deus atira o laço na lua,  
Que desgarrou,  
Que se meteu pela mangueira da lagoa...

## ARY MARTINS

(1908)

Nasceu em Porto Alegre a 21 de agosto de 1908. Bacharel em Ciências Filosóficas e Matemáticas. Em Porto Alegre, onde fundou o “Círculo de Difusão Literária” e o “Instituto Riograndense de Letras”, dirigiu a “Revista Farroupilha”, fundada em 1935 e foi redator da “A Luta”. Pertence à Academia Sul-Riograndense de Letras, onde ocupa a cadeira n. 28, sob o patrocínio de João Belém.

**Bibliografia:** “Elogio patronímico de Pedro Velho” (1935); “Vida e obra de Castro Alves”, conferência; “Os nossos autores dramáticos” (Porto Alegre, 1940); “Poetas do Rio Grande do Sul” (Porto Alegre, 1940); “O parnasianismo no Rio Grande do Sul” in “Revista das Academias de Letras do Brasil” (12º vol. – 1941); “Poemas multicores”, versos inéditos; “Cronologia do teatro brasileiro”, etc.

### POEMA

Dizem que o beijo é a morte do desejo,  
Que osculo dado só nos traz ressábios;  
Mas desde que te dei aquele beijo,  
Mais me tenta a volúpia dos teus lábios.

Dizem que morre todo o amor da gente  
Quando se toca aquele que se quer;  
Contudo, eu te amo ainda mais loucamente

Dês que te diz sentir que eras mulher.

Si é tortura, si é crime, si é pecado  
Possuir-se no peito um tal amor,  
Eu serei um eterno torturado,  
Eu serei criminoso e pecador.

Por castigo, encarcera-me em teus braços  
E agrilhoa-me à cela dos desejos,  
Com a algema sem par dos teus braços  
Com a cadeia infindável dos teus beijos...



## NOGUEIRA LEIRIA (J. O.)

(1908)

Advogado, poeta, jornalista. Nasceu em São Francisco de Assis a 5 de junho de 1908 e reside em Porto Alegre, onde advoga e faz vida de imprensa, como redator do “Correio do Povo”. Foi colaborador da “Revista Farrroupilha”. Tem pronta uma tradição de “A volta de Martim Fierro” de José Hernandez.

**Bibliografia:** “Campos de areia”, versos gauchescos (Porto Alegre, 1932); “Teniaguá”, versos regionalistas inéditos, etc.

### SAUDADE

Era o apelo do meu próprio sangue!

E me vim que até o meu próprio pala  
Já era um grande anseio branco no desejo do minuano  
Que soprava diferente nos rincões da minha querência...

Ela propiciou-me tudo, enquanto pude desejá-la  
Num carinho espontâneo  
De água clara...

E eu a desprendia dos meus braços  
Para o gosto amargo desta ausência...

Eu sesteara a minha alma à sombra dos seus olhos  
Venenosa como a sombra das aroeiras.

E trazia, sem saber, o estigma febril de seus contatos  
Para a dor das minhas horas galponeiras...



ISOLINO LEAL

Está fechada a cada do poeta.  
Está deserto o seu jardim.  
Calou-se aquela voz, já tão discreta;  
- uma vida de gaúcho teve fim...

Ali perto, uma sanga serpenteava;  
Uma figueira anciã prendia-lhe o olhar vago...  
Com o violão de cedro ele manguitava  
A gaudéria saudade do seu pago...

Sua alma de certo era tão mansa  
Como as lagoas mortas na aparência  
E vivia, tranquila, da lembrança  
De tudo que ficará na querência...

Passo perdido em vãs filosofias,  
Por meu caminho, à frente de sua porta.  
E vou crescendo a tarja das necrologias  
De vagas sugestões de raça morta...

Vem-me aos olhos, agora, num debucho,  
Sua bronzeada estampa de cantor:  
- sempre que morre um trovador gaúcho  
Sinto que a raça vai perdendo a flor...



## CANÇÃO DA TERRA E DO IDEAL

Tem a minha alma a imagem desta terra,  
Traz ela bem a marca do meu povo;  
Pois, se a quietude da planície encerra,  
Sei que o minuano nos meus nervos erra  
E me sacode como a um tronco novo.

Amo o sol que banha estas coxilhas;  
A claridade do meu rio natal,  
Que beija areias e contorna ilhas...  
Mas sei de – cor as lendas que perfilhas,  
Bruxa-da-Noite, em teu delírio astral!...

Filho da terra em que a mulher é linda,  
A todas rendo preito e vassalagem.  
Porque são belas, o meu verso as brinda,  
E, num tributo reverente, ainda  
Rasgo o meu poncho p'ra lhes dar passagem...

Mas ainda aquela de que eu fiz rainha,  
Senhora e dona de afeições mais puras,  
Que ela – que é e sempre será minha –  
Não ficará, uma só vez, sozinha,  
Entre patricias que me foram duras...

Feliz de ser uma expressão do pago,  
Grato de ser rebento do meu povo,  
Por terra ideal de sonho e amor pervago,  
E se há de ver que sempre me comovo  
Por ter nos filhos um sadio renovo  
Da velha raça cuja glória afago...

Seja quem for e que poder possuía,  
Ai! Do tirano que meu povo oprimal  
Meu verso tem negações de charrua  
E é no meu sangue que se embebe a rima,  
Para que a estrofe contra ele esgrima  
Com a altaneria de uma adaga nua!...

## TELMO VERGARA

(1909)

Nasceu em Porto Alegre a 18 de outubro de 1909. Advogado, poeta, jornalista, teatrólogo e ficcionista. Filho do escritor e jurista Oswaldo Vergara. Participou destacadamente do movimento modernista no Rio Grande do Sul, iniciado em 1925, por um grupo, numeroso e brilhante, de poetas desiludidos das velhas estéticas. Foi colaborador de diversos órgãos da imprensa gaúcha, especialmente da capital, onde muitos jornais e periódicos literários se enriqueceram com trabalhos de sua autoria.

**Bibliografia:** “Na platéia”, contos (Porto Alegre, 1930); “O moço que via demais”, novela (Porto Alegre, 1931); “Uma hora na lua”, teatro (Porto Alegre, 1932); “Seu Paulo convalesce”, romance (1934); “Figueira Velha”, idem (Porto Alegre, 1836); “Cadeiras na calçada”, contos (1936); “9 historias tranquilas”, idem (Porto Alegre, 1938); “Estrada perdida”, romance (Rio, 1939); “Histórias do Irmão Sol”, (Curitiba, 1941); “A lua nos espera sempre”, novela (Rio, 1946), etc.

### ALADIN

Depois das doze badaladas  
Salto da cama e enfio o roupão.

(Com certeza

os fantasmas saíram pela torneira do filtro).

Abro a porta do quarto  
E entro na varanda preta.

(Com certeza  
os fantasmas se assustaram  
e voltaram para o filtro).

A carícia da cadeira sádica na minha canela sonolenta.  
- Boa noite, relógio.

Desço a escada.  
Os degraus se acorda, gritando.  
Saio para o pátio.

- Ninguém duvide de mim! Ninguém me duvide!  
Eu sou Aladin!

A laranjeira e o marmeleiro  
Interrogam o destino,  
Segurando nas espalmadas mãos dos galhos  
As redondas esferas de vidro amarelo.

Sobre o muro,  
O automóvel e a baratinha de brinquedo  
Miam miam,  
Perpetuando a espécie do aço.

Na minha espinha  
Passeiam velozes as galoxas do medo.

- Eu sou Aladin! Eu sou Aladin!

Um fio de fumaça saiu da lua cor de circunferência  
A fumaça se adensou, se adensou.  
O gênio gritou:

- Sou teu escravo! Ordena!

- Então... então, me traz a lua...

Que fria!

Com os fundilhos na pinta do bico da cegonha  
O grande economista passa pelo céu  
Fazendo uma conferência.

- Porque os fisiocratas, meus senhores...

---

Volto para o quarto e prego a lua na parede.

## DÁMASO ROCHA

(1909)

Nasceu em Porto Alegre a 11 de dezembro de 1909. Fez seu curso ciências jurídicas pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul. temperamento irrequieto desdobrou sua atividade, simultaneamente, em diferentes setores, destacando-se como homem de letras, político, jornalista e cultor das letras jurídicas. Como jornalista iniciou-se nos bancos acadêmicos fundando juntamente com o escritor Telmo Vergara “O Minuana”, órgão que refletia os anseios da classe nos tumultuosos dias que precederam à revolução de 30. Fez parte do corpo redatorial d’ “A Federação”, tradicional órgão do Partido Republicano Riograndense e dirigiu o “Jornal da Manhã”. Como jurista, fundou a “Revista do Ministério Público”, que dirigiu por três anos e escreveu alentado estudo sobre a execução da pena no Brasil, a que deu o título de “O Regime Penitenciário Brasileiro”, obra laureada com o “Prêmio Desembargador Armando Azambuja”. Escreveu várias monografias sobre assuntos penitenciários e foi o autor da lei que permite a vigilância dos liberados condicionais por patronatos particulares, quando representou o Rio Grande no Congresso Nacional. Como político, foi constituinte de 1946 e fez parte da legislatura de 1946 a 1950. Por unanimidade de seus pares foi eleito vice-presidente da Câmara dos Deputados. Foi um dos fundadores da “Fundação Eduardo Guimaraens”, que reúne a geração dos poetas simbolistas do Rio Grande do Sul.

**Bibliografia:** “O canto que eu ouvi”, versos modernos (Porto Alegre, secundário no Colégio Anchieta dos padres jesuítas.

Bacharelou-se em 1931) e “Festa da luz e da cor”, idem (Porto Alegre, 1933).

### CORAÇÕES CANTAI

Ó mansos corações, que já cansados,  
Pulsais de leve, assim, quase a parar,  
Cantai de novo não fiqueis calados,  
Ó mansos corações deveis cantar.

Que importam alvoroços já passados  
Em claras notas de cristal no ar,  
Há sons mais puros, corações cansados  
Que soluçam noturnos de vagar.

Ó mansos corações cantai de novo,  
No amor dos velhos sempre existe um novo  
Acorde mais divino ainda a vibrar,

Stradivarius que adormece n’alma,  
Mas que desperta sob a noite calma  
Vibrando as cordas sem ninguém tocar.



### A VELHA CARTA

Nunca rasgueis as cartas comovidas,  
Que alguém chorando num adeus mandou,  
Há nessas cartas de emoções sentidas  
Outra emoção que o tempo sufocou.

Deixai-as longo tempo adormecidas,



Qualquer coisa virá que não passou,  
Pois cada carta de emoção sentidas  
Guarda a saudade que esse adeus deixou.

Numa noite qualquer, distante e fria,  
Ao abrides o cofre em que jazia  
Vereis que a voz das cartas não morreu.

Então nova emoção de leve acorda  
E sentireis que o coração transborda  
Ao tocardes no nome que a escreveu.

## OVÍDIO CHAVES

(1910)

Nasceu em Lagoa Vermelha a 29 de julho de 1910 e reside em Porto Alegre, onde é redator do “Correio do Povo”. Justamente considerado o melhor tropeiro gaúcho moderno. Pertenceu à Academia Riograndense de Letras, onde ocupou a cadeira n. 35, patrocinada por Jorge Jobim.

**Bibliografia:** “Cancioneiro”, versos (Porto Alegre, 1934); “O anel de vidro”, idem; “Uma janela aberta”, idem (Porto Alegre, 1938); “Capricornius”, romance, etc.

### TROVAS

Um poeta – que cousa triste! –  
É um desgraçado feliz  
Que sente o que todos sentem  
Dizendo o que ninguém diz...

Um desprezado me disse  
Que era infeliz por amar!  
- E a minha felicidade  
Foi você me desprezar...

Ai daqueles que não sonham  
Dos que não podem sonhar –  
São vidas da cor da noite  
Quando o céu não tem luar...

Porque será que a saudade  
Dói mais que a desilusão?  
- Porque é a lembrança iludida  
De enganos do coração...

Amor... E eu conto chorando  
Num verso, assim, numa trova,  
A velha história de todos  
Que a todos parece nova...

Nada fiz, não tenho nada  
Da vida que já vivi!  
- Ah! Minha Nossa Senhora –  
Por que será que eu nasci?

## ALZIRA DE FREITAS TACQUES

(1911)

Nasceu em São Borja a 5 de outubro de 1911. Reside atualmente em Porto Alegre, onde colabora em diversos jornais e periódicos.

**Bibliografia:** “Plenilúnio”, versos (Porto Alegre, 1927); “Sombras”, idem (Porto Alegre, 1933); “Rubis”, idem (Porto Alegre, 1935); “Mãos prisioneiras”, idem (Porto Alegre, 1935); “Sob o luar das horas mortas”, idem; “Sinfonia em rubro e negro”, idem; “Salomé”, poema; “Torre Iluminada”, versos; “Poemas da meia-noite”, idem; “Perfil de musa”, estudo (Rio, 1951), etc.

### FELICIDADE

Eu te esperava há tanto! Dia a dia  
Aguardei o teu passo... a tua fala...  
Por ti vibrei de novo a harpa sombria  
E iluminei de céu a minha sala.

Embora sem te ver, te conhecia,  
Através da emoção que ainda me embala...  
E a minh'alma, em delírio, alvorecia,  
Na antevisão do teu perfil de opala.

Chegou-me de surpresa esse teu vulto...  
Mas nem bem eu refeita, em vôo brando

Te esquivaste à humildade do meu culto.

E hoje me punge, em horas bem sozinhas,  
Saudade louca desse tempo... quando  
Eu te esperava... sem saber se vinhas!



### NOITE ALTA

Não consegui dormir... já que em tal jeito,  
Deixaste em louca excitação crescente  
Este meu ser que em febre se ressentia  
A um teu olhar, quer triste ou satisfeito.

Não consigo dormir... Ferve-me o peito  
No atroz desejo de um prazer demente  
Que ninguém senão tu, mas tu, somente,  
Poderá dar-me em gozo o mais perfeito.

Mais que nunca, hoje, anelo, à luz da lua  
Convenções olvidando, descabidas,  
Sair, buscar-te, e te dizer: sou tua!

E, a sós, contigo, a hóstia do pecado  
Comungar, em lascívias proibidas,  
Na missa negra deste amor culpado...

## GEVALDINO FERREIRA

(1912)

Nasceu numa estância nas proximidades da Vila da Luz, município de Vacaria, a 1 de outubro de 1912. Abandonou o curso de medicina no terceiro ano. Depois de fazer-se técnico em agronomia, diplomou-se em fitopatologia pela Escola de Serviço Social de Agronomia de Porto Alegre. Muito mais tarde cursou a Escola de Serviço Social da Universidade Católica do Rio de Janeiro. Durante oito anos, dirigiu o laboratório de bromatologia do Estado em Flores da Cunha. Foi colaborador do “Correio do povo”, do “Diário de Notícias” e da “Revista do Globo” da capital riograndense, tendo escrito, também, para diversos jornais e periódicos do Rio de Janeiro e São Paulo. Pertence à Academia Sul-Riograndense de Letras, onde ocupa a cadeira n. 38, sob o patrocínio de Eduardo Guimaraens.

**Bibliografia:** “Caravana sentimentalista”, versos (1937); “Cantiga que vem da terra”, idem; “Tapera da Saudade”, idem; “Tradição de fitopatologia”, etc.

### FUMANDO

Um certo dia, por curiosidade  
Bem sem malícia e que inda em mim persiste,  
Num gesto cheio de simplicidade  
Falei a um poeta que fumava, triste:

- Diz-me, ó poeta, que mistério existe  
No cigarro, que tragas com vontade...  
Sempre que o pões à boca, ficas triste,  
E triste fazer versos de saudade...

O poeta olhou, sorriu, foi respondendo:  
- Ah! Se tu visses o que estou vendo,  
Talvez fumasses mais do que eu fumei.

Nessa fumaça que se vai espalhando  
Eu vejo, a pouco e pouco se formando,  
A imagem da mulhar que mais amei.

## STELLA BRUM

(1915)

Nasceu na cidade de Rio Grande a 3 de julho de 1915. Poetisa, prosasora, declamadora e pintora. Cursou a Escola Normal de Porto Alegre, onde exerce o magistério. É colaboradora da revista “Jussara” de Uruguaiana e redatora da “Atenéia”, órgão oficial da Academia Literária Feminina, de cujo quadro associativo faz parte, como titular da cadeira n. 3. Pertenceu, também, à extinta Academia Literária Roque Callage e representou, no Rio Grande do Sul, a União de Classes Femininas do Brasil. É considerada pela crítica como a primeira declamadora gaúcha da atualidade, tendo sido premiada em um concurso de declamação realizado em Porto Alegre.

**Bibliografia:** “Papoulas”, versos (Porto Alegre, 1943); “Sinfonia de Beijos”, idem (Porto Alegre, 1949); “Claridades”, versos, inéditos; “Enquanto vive a esperança...”, idem, etc.

### EGOÍSMO

Rolam beijos de amor por todo o ambiente!  
Nesta noite tristíssima de inverno.  
Zune o vento la fora em voz gemente  
Num sofrimento que parece eterno.

Soluça o arvoredo longamente,  
Num soluçar dorido, sempiterno.  
Esbate o vento rude, rudemente,



Tal qual as maldições vindas do Averno!

Que importa a noite frígida lá fora,  
E as maldições trazidas pelo vento?  
E o casario que maltratado chora?

E o arvoredado também que se ressentido?...  
Si ao meu redor, meu Deus, neste momento,  
Rolam beijos de amor por todo o ambiente!

## ELOAH OLIVEIRA PUGGINA

(1915)

Nasceu em Livramento a 6 de setembro de 1915. Poetisa e pianista. Usa frequentemente, o pseudônimo de “Alma Doris”. Publicou os primeiros trabalhos nos jornais da sua cidade natal. Depois, colaborou no “Correio do Sul” de Bagé, na “Revista do Globo” de Porto Alegre, no “O Malho” do Rio de Janeiro e no “O Dia” de São Paulo. Em 1940, no concurso literário do “Atedeu Graça Aranha” de Santa Maria, o seu livro de estréia “Aspiração” obteve o 2º lugar. Muitos dos seus versos já foram interpretados em vários Estados do Brasil, pelas declamadoras Margarida Lopes de Almeida e Graziela Cabral. Cognominada, com justiça, a “Princesa das poetisas santamenses”.

**Bibliografia:** “Aspiração” (Porto Alegre, 1941).

### O CORAÇÃO

Tu já pensaste acaso, firmemente,  
Alguma vez prestaste já atenção,  
A esse pulsar constante, permanente,  
Do nosso infatigável coração?

É um instrumento musical, dolente,  
Vibrando, quedo, em plena solidão.  
E que executa sempre fielmente,  
A melodia azul de uma emoção...

Em cada fibra cálida, sonora,  
A vida canta, ri, soluça, chora,  
Na mais estranha e humana sinfonia!

Aprende a ouvir o coração pulsar,  
E no teu peito, assim, hás de encontrar  
Um mundo diferente em cada dia...

## LILA RIPPOLL

(1916)

Nasceu em Quaraí a 12 de agosto de 1916 e reside atualmente em Porto Alegre, onde colaborou em diversos periódicos e jornais, entre os quais a “Revista Universitária”. Constitui, inegavelmente, uma das mais robustas expressões da poesia feminina brasileira. É também professora e pianista considerada.

**Bibliografia:** “De mãos postas”, versos (Porto Alegre, 1938) e “Céu vazio”, idem, prêmio da Academia Brasileira de Letras (1941).

### PROCISSÃO

Lá vai a procissão a passos lentos.  
É a grande procissão de “Corpus Cristi”!  
Na frente – sérios como os pensamentos –  
Meninhos de Asilos – Coisa triste!

Que pecados terão essas crianças,  
Para um destino assim: calmo e vazio?  
- Nossa Senhora das Desesperanças.  
Por motivos iguais minha fé fugiu.

Passam meninos ricos, mais atrás.  
- (Deviam ir na frente! É assim na vida!) –  
Um estandarte azul, outro lilás,  
E a imagem da Senhora Aparecida.

Longas filas de fies, andores, cantos...  
Rezam freiras, crianças e velhinhas.  
Muitas moças vestidas como os Santos.  
Promessas que fizeram... – Pobrezinhas!...

Em voz alta elas rezam: “Padre Nosso,  
Santa Maria, Virgem Mãe de Deus”!  
Quero mover meus lábios, mas não posso:  
- os pecados que tenho não são meus! –

E surgem pensamentos diferentes,  
Perturbando o desejo de oração:  
Por que será que os pobres, e os doentes,  
E os mendigos não vêm à procissão?

Vão todos bem vestidos, satisfeitos.  
Não vejo aleijadinhos que têm fome  
Homens tristes com sono: não há leitos –  
Velhos cegos sem nada: até sem nome!

Que estranha procissão fariam eles,  
Reunidos pela rua a caminhar...  
Que estranhas orações diriam eles,  
Se ainda tivessem voz para rezar!

Mas nenhum aparece. Ainda é dia.  
A miséria se esconde quando há festa  
Para não perturbar tanta alegria...  
E eu olho a procissão com desencanto,

Enquanto o sol retira a sua luz.  
Com pena de Jesus que sofreu tanto,  
A tão inutilmente, numa Cruz!...

.....

## ISIS FIGUEIRÔA COSTA

(1924)

Isis Lourdes Figueirôa Costa nasceu em Porto Alegre a 22 de março de 1924, filha do escritor Waldemar Figueirôa e da poetisa Honorina Bittencourt. Estreou declamando aos 4 anos de idade. Fez os primeiros versos “Ao Natal” aos 6 anos.

Descende pelo lado paterno de uma família de poetas e escritores, cujo tronco foi o jornalista português Manuel dos Passos Figueirôa, seu trisavô, pai das poetisas Amália Figueirôa e Revocata dos Passos Figueirôa e Mello (mãe das poetisas Recovata Heloisa de Mello e Julieta de Mello Monteiro) e do dr. Manuel dos Passos Figueirôa, também poeta, que foi casado com uma sobrinha da poetisa cega Delphina Benigna da Cunha. Desse enlace proveio seu avô o coronel Manuel dos Passos Figueirôa, poeta e panfletário. Pelo lado materno é neta do jornalista riograndense Alfredo Bittencourt, da propaganda republicana.

Sendo também declamadora, ofereceu vários recitais de suas poesias, entre os quais um na ABI e outro no Teatro São Pedro de Porto Alegre. É ainda Assistente Social pelo Instituto de Serviço Social da Prefeitura do Distrito Federal e dedica-se, desde há alguns anos, ao estudo da nutrologia. Tem colaborado em revistas técnicas, destacando-se ultimamente a sua colaboração na revista “Guia de Legislação Federal Trabalhista”. Casou-se em 1947 com o médico paranaense Heraldo Rosário Costa.

**Bibliografia:** “Lira cristã”, versos dos 11 aos 15 anos; “Alvorecer”, poesias da adolescência; “Ecloração”, poemas filosóficos e

sociais; “Manual da Nutrologia”, com 200 quadrinhas; “No reino da Nutrologia”, história para criança; “Serviço Social do Menor”, monografia; “Serviço Social Escolar”, idem; “Serviço Social Familiar”, idem, etc.

### AO QUE HÁ DE VIR UM DIA

No momento em que fores concebido  
O Infinito será mais Infinito!  
A Luz mais Luz! A Vida mais potente!  
A natureza tornar-se-á mais bela!  
Porque tu, flor humana ainda em semente,  
Nesse sublime instante surges nela!...

Serei, então, a densa nebulosa,  
E tu, mundo que dela há de surgir!  
Serei o caule e tu serás a rosa!  
Serei passado e tu serás Porvir!

Serei a terra pródiga de seiva  
E tu serás a planta em eclosão!  
Serei matéria e tu serás Ideia!  
Serei penumbra e tu serás clarão!

Hei de ser a crisálida ciosa,  
Que tu reventarás, com as asas loucas,  
À procura da luz fulva do dia!

Serei a boca e tu serás o beijo,  
O beijo do meu ser à natureza!  
Eu serei a existência e tu, meu filho,  
Toda a sua beleza!...

Sentir-te-ei dentro em meu ser, crescendo,  
E dentro em mim crescer o meu amor!

Serei qual haste que em botão espera  
Que a madrugada desabroche a flor!

E ao sentir no meu seio te moveres  
Me identificarei com os outros seres  
E serei mais humana e mais feliz!

E quando ao meu regaço tu vieres  
Recém-nascido, lindo, pequenino,  
Serei igual a todas as mulheres,  
Porém meu coração será divino!

Minhas horas serão mais bem vividas!  
Minha existência límpida alvorada!  
Por ti sonho metrópoles erguidas!  
Por ti a Humanidade liberada!



## **NOTA FINAL**

Numa provável reimpressão desta coletânea, que dependerá, é claro, de fatores vários, inclusive do maior ou menor interesse que a presente edição despertar, procuraremos ampliar o quadro de autores contemplados, substituindo, na medida do possível, os trabalhos de menor valor e sanando as deficiências existentes em alguns verbetes bio-bibliográficos. Para isso, aliás, contamos, desde já, com o precioso auxílio do próprio leitor.

## Catálogo de livros editados

<a href="#">1</a>	<a href="#">Picanhas 2ª Ed</a>	Livro	Araldi, H
<a href="#">2</a>	<a href="#">Cerrito do Ouro à Coxilha</a>	E-book	Ayres, O
<a href="#">4</a>	<a href="#">Cerrito do Ouro à Coxilha</a>	Livro	Ayres, O
<a href="#">5</a>	<a href="#">Camila, a sobrevivente e seu tio herói</a>	E-book	Barbosa, F
<a href="#">6</a>	<a href="#">Eu morri, mas continuei cantando</a>	E-book	Barbosa, F
<a href="#">7</a>	<a href="#">Os fanáticos de Jacobina -Os muckers</a>	E-book	Barbosa, F
<a href="#">8</a>	<a href="#">O Prisioneiro da Montanha</a>	E-book	Barbosa, F
<a href="#">9</a>	<a href="#">O Prisioneiro da Montanha</a>	E-book	Barbosa, F
<a href="#">11</a>	<a href="#">Tesouro escondido no campo</a>	E-book	Barbosa, F
<a href="#">12</a>	<a href="#">Da mocidade a velhice</a>	E-book	Bastos, G
<a href="#">15</a>	<a href="#">A Atlantida</a>	E-book	Bastos, G
<a href="#">16</a>	<a href="#">Receitas Vegetarianas</a>	E-book	Bodah, E
<a href="#">17</a>	<a href="#">Conversa entre educadoras -do dia-a-dia à utopia</a>	E-book	Bodah, E
<a href="#">18</a>	<a href="#">Conversa entre educadores -Novos Diálogos</a>	Livro	Bodah, E
<a href="#">19</a>	<a href="#">Conversa entre educadores -Novos Diálogos</a>	E-book	Bodah, E
<a href="#">20</a>	<a href="#">Conversa entre educadoras -do dia-a-dia à utopia</a>	Livro	Bodah, E
<a href="#">21</a>	<a href="#">Para onde vão nossas casas</a>	E-book	Both, A
<a href="#">22</a>	<a href="#">Pedagogia seminarística -Certezas e Conflitos</a>	E-book	Both, A
<a href="#">23</a>	<a href="#">O procurador</a>	E-book	Both, A
<a href="#">24</a>	<a href="#">Os cavalos de São Marcos</a>	E-book	Both, A
<a href="#">25</a>	<a href="#">Diocese de Passo Fundo -50 anos</a>	E-book	Both, A
<a href="#">35</a>	<a href="#">Clube Juvenil -100 anos de conquistas</a>	E-book	Both, A
<a href="#">36</a>	<a href="#">Conversas sobre a terceira idade</a>	E-book	Both, A
<a href="#">37</a>	<a href="#">Para além de um Contrato Amoroso</a>	E-book	Both, A
<a href="#">38</a>	<a href="#">Meditações Breves</a>	E-book	Both, A
<a href="#">39</a>	<a href="#">Frutos de Inverno</a>	E-book	Both, A
<a href="#">40</a>	<a href="#">A solidão e o santo</a>	E-book	Both, A
<a href="#">41</a>	<a href="#">A noite</a>	E-book	Both, A
<a href="#">42</a>	<a href="#">A cuidadora</a>	E-book	Both, A
<a href="#">43</a>	<a href="#">Sonho, Seiva, Semente</a>	E-book	Camargo, H
<a href="#">44</a>	<a href="#">Paredes Nusas</a>	E-book	Camargo, H
<a href="#">45</a>	<a href="#">Violetas da Paixão</a>	E-book	Camargo, H
<a href="#">46</a>	<a href="#">Sol Encoberto</a>	E-book	Camargo, H
<a href="#">47</a>	<a href="#">Cântaros de Junco</a>	E-book	Camargo, H
<a href="#">48</a>	<a href="#">Radiografia das Emoções</a>	E-book	Camargo, H

<a href="#">49</a>	<a href="#">Radiografia das Emoções</a>	Livro	Camargo, H
<a href="#">50</a>	<a href="#">Música e educação-o contrabaixo e a bossa -Uma perspectiva histórica e prática</a>	E-book	Cararo, G
<a href="#">51</a>	<a href="#">Música e educação-o contrabaixo e a bossa -Uma perspectiva histórica e prática</a>	Livro	Carraro, G
<a href="#">52</a>	<a href="#">Galileu é meu pesadelo</a>	E-book	Cunha, G
<a href="#">53</a>	<a href="#">A ciência como ela é...</a>	E-book	Cunha, G
<a href="#">54</a>	<a href="#">Cientistas no divã</a>	E-book	Cunha, G
<a href="#">55</a>	<a href="#">Viagem rumo ao deserto de Atacama</a>	E-book	Dalcim, I
<a href="#">56</a>	<a href="#">Viagem ao Extremo Sul da América</a>	E-book	Dalcim, I
<a href="#">57</a>	<a href="#">Viagem ao oeste do Brasil</a>	E-book	Dalcim, I
<a href="#">58</a>	<a href="#">Viagem ao Centro e Nordeste do Brasil</a>	E-book	Dalcim, I
<a href="#">59</a>	<a href="#">Viagem às Reduções-Missões Jesuítico-Guaranis do Paraguai</a>	E-book	Dalcim, I
<a href="#">60</a>	<a href="#">Fascínio e Mistério nas Ruínas das Missões</a>	E-book	Dalcim, I
<a href="#">61</a>	<a href="#">Prisioneiros de Vila Velha</a>	E-book	Dalcin, F
<a href="#">62</a>	<a href="#">Juarez Carra</a>	E-book	Dalcin, F
<a href="#">63</a>	<a href="#">Juvenildade</a>	E-book	Damian, G
<a href="#">64</a>	<a href="#">O mais querido da cidade -A história do Sport Club Gaúcho</a>	E-book	Damian, M
<a href="#">65</a>	<a href="#">Futebol de Passo Fundo -Contribuição à sua história</a>	E-book	Damian, M
<a href="#">66</a>	<a href="#">Eleições em Passo Fundo</a>	Livro	Damian, M
<a href="#">67</a>	<a href="#">Enciclopédia do Futebol Gaúcho</a>	Livro	Damian, M
<a href="#">68</a>	<a href="#">Permitam-me Sonhar -Poesia</a>	E-book	Dinarte, C
<a href="#">69</a>	<a href="#">Nós, entre o Céu e a Terra</a>	E-book	Dinarte, C
<a href="#">70</a>	<a href="#">Poesia -Um Passe de Mágica</a>	E-book	Dinarte, C
<a href="#">71</a>	<a href="#">Emoções</a>	E-book	Dinarte, C
<a href="#">72</a>	<a href="#">Emoções</a>	Livro	Dinarte, C
<a href="#">73</a>	<a href="#">Iguais -Poemas</a>	E-book	Du Bois, P
<a href="#">74</a>	<a href="#">Iguais -Poemas</a>	Livro	Du Bois, P
<a href="#">75</a>	<a href="#">Via Rápida</a>	E-book	Du Bois, P
<a href="#">76</a>	<a href="#">Via Rápida</a>	Livro	Du Bois, P
<a href="#">77</a>	<a href="#">Brevidades</a>	Livro	Du Bois, P
<a href="#">78</a>	<a href="#">Brevidades</a>	E-book	Du Bois, P
<a href="#">79</a>	<a href="#">Amantes nas Entrelinhas -Crônicas</a>	E-book	Du Bois, T
<a href="#">80</a>	<a href="#">Amantes nas Entrelinhas -Crônicas</a>	Livro	Du Bois, T
<a href="#">81</a>	<a href="#">Micos &amp; Microfones -Relatos humorados sobre rádio e televisão</a>	E-book	Fernandes, H
<a href="#">82</a>	<a href="#">Micos e Microfones -Relatos humorados sobre rádio e televisão</a>	Livro	Fernandes, H

<a href="#">83</a>	<a href="#">Estórias do vovô Zacharias</a>	E-book	Fonseca V
<a href="#">84</a>	<a href="#">Alimentação fisiológica da criança</a>	E-book	Fonseca, V
<a href="#">85</a>	<a href="#">Cronologia do Ensino em Passo Fundo</a>	E-book	Gehm, D
<a href="#">86</a>	<a href="#">Genealogia -Telmo e Margarete Gosch</a>	E-book	Gosch, T
<a href="#">87</a>	<a href="#">Coletânea de Contos 2013</a>	E-book	Guggiana, M
<a href="#">88</a>	<a href="#">Coletânea de Crônicas 2013</a>	E-book	Guggiana, M
<a href="#">89</a>	<a href="#">Coletânea de Poemas 2013</a>	E-book	Guggiana, M
<a href="#">90</a>	<a href="#">Coletânea de Contos 2013</a>	Livro	Guggiana, M
<a href="#">91</a>	<a href="#">Coletânea de Crônicas 2013</a>	Livro	Guggiana, M
<a href="#">92</a>	<a href="#">Coletânea de Poemas 2013</a>	Livro	Guggiana, M
<a href="#">93</a>	<a href="#">Coletânea de Poetas Sul-Riograndenses</a>	E-book	Machado, A
<a href="#">94</a>	<a href="#">Nascuntur poetae</a>	E-book	Machado, A
<a href="#">95</a>	<a href="#">Vozes da Querência -Subsídios para o estudo do linguajar regional Sul-riograndense</a>	E-book	Machado, A
<a href="#">96</a>	<a href="#">Crepúsculo Vazio -Novas redondilhas e versos crioulos</a>	E-book	Machado, A
<a href="#">97</a>	<a href="#">Pântano Florido -Redondilhas</a>	E-book	Machado, A
<a href="#">98</a>	<a href="#">Safrá Amarga -Versos de arte-menor</a>	E-book	Machado, A
<a href="#">99</a>	<a href="#">eu resisti também cantando</a>	Livro	Monteiro, P
<a href="#">100</a>	<a href="#">eu resisti também cantando</a>	E-book	Monteiro, P
<a href="#">101</a>	<a href="#">A Campanha da Legalidade em Passo Fundo</a>	E-book	Monteiro, P
<a href="#">102</a>	<a href="#">A trova no espírito santo -história e antologia</a>	E-book	Monteiro, P
<a href="#">103</a>	<a href="#">O massacre de porongos &amp; outras histórias gaúchas</a>	E-book	Monteiro, P
<a href="#">104</a>	<a href="#">Combates da revolução federalista em Passo Fundo</a>	E-book	Monteiro, P
<a href="#">105</a>	<a href="#">A trova no Espírito Santo</a>	E-book	Monteiro, P
<a href="#">106</a>	<a href="#">O massacre de porongos &amp; outras histórias gaúchas</a>	Livro	Monteiro, P
<a href="#">107</a>	<a href="#">Vultos da história de Passo Fundo</a>	E-book	Nascimento, W
<a href="#">108</a>	<a href="#">Viaje no tempo -um resgate fotográfico de Palmeira das Missões</a>	E-book	Nascimento, W
<a href="#">109</a>	<a href="#">Sonhos vicentinos -apontamentos para a história da sociedade de São vicente de Paulo de Passo Fundo</a>	E-book	Nascimento, W
<a href="#">110</a>	<a href="#">A história da comunidade paroquial de São Judas Tadeu da Vila Luiza</a>	E-book	Nascimento, W
<a href="#">111</a>	<a href="#">Conheça Passo Fundo, Tchê!</a>	E-book	Nascimento, W
<a href="#">112</a>	<a href="#">Dona Heloisa -Memórias</a>	E-book	Nascimento, W
<a href="#">113</a>	<a href="#">De Capela a Catedral</a>	E-book	Nascimento, W
<a href="#">114</a>	<a href="#">Academia de bocha amigos do marcondes -um estilo de vida</a>	E-book	Nascimento, W
<a href="#">115</a>	<a href="#">Casamento -compromisso a longo prazo</a>	E-book	Nascimento, W
<a href="#">116</a>	<a href="#">Maragatos e Pica-Paus -por que brigavam tanto</a>	E-book	Nascimento, W

<a href="#">117</a>	<a href="#">Perfil da Academia PFundense Letras</a>	E-book	Nascimento, W
<a href="#">118</a>	<a href="#">A Pregação dos Tradicionalistas</a>	E-book	Nascimento, W
<a href="#">119</a>	<a href="#">Dona Heloisa -Memórias</a>	Livro	Nascimento, W
<a href="#">120</a>	<a href="#">Vultos da História de Passo Fundo</a>	Livro	Nascimento, W
<a href="#">121</a>	<a href="#">Construindo Passo Fundo 1857-2007</a>	DVD	Nascimento, W
<a href="#">122</a>	<a href="#">À esquerda</a>	Livro	Noal, H
<a href="#">123</a>	<a href="#">À esquerda</a>	E-book	Noal, H
<a href="#">124</a>	<a href="#">Meninos do Crack</a>	Livro	Nonemacker, A
<a href="#">125</a>	<a href="#">Fúnebre cortejo &amp; outras histórias</a>	F-book	Nunes, L
<a href="#">126</a>	<a href="#">Fúnebre cortejo &amp; outras histórias</a>	Livro	Nunes, L
<a href="#">127</a>	<a href="#">A bolsa da minha mãe e outros contos</a>	E-book	Perez, J
<a href="#">128</a>	<a href="#">A bolsa da minha mãe e outros contos</a>	Livro	Perez, J
<a href="#">129</a>	<a href="#">Fugaz Idade</a>	Livro	Perez, J
<a href="#">130</a>	<a href="#">Coletânea de Poemas 2011</a>	Livro	Projeto
<a href="#">131</a>	<a href="#">Coletânea de Poemas 2011</a>	E-book	Projeto
<a href="#">132</a>	<a href="#">Contos SCI-FI -Além da imaginação</a>	E-book	Scofield, V
<a href="#">133</a>	<a href="#">SCI-FI -Tales beyond imagining</a>	E-book	Scofield, V
<a href="#">134</a>	<a href="#">Genius -O relógio do tempo</a>	E-book	Scofield, V
<a href="#">135</a>	<a href="#">Gênio -Origem</a>	E-book	Scofield, V
<a href="#">136</a>	<a href="#">Genius -origem</a>	Livro	Scofield, V
<a href="#">137</a>	<a href="#">15 dias que abalaram Passo Fundo</a>	E-book	Tasca, I
<a href="#">138</a>	<a href="#">15 dia que abalaram Passo Fundo</a>	Livro	Tasca, I
<a href="#">139</a>	<a href="#">Crônica sobre uma querência hospitaleira</a>	Livro	Tasca, I
<a href="#">140</a>	<a href="#">Canção da liberdade</a>	E-book	Valle, J
<a href="#">141</a>	<a href="#">Cânticos do amor à vida</a>	E-book	Zauza, G
<a href="#">142</a>	<a href="#">Solidão e dor</a>	E-book	Zauza, G
<a href="#">143</a>	<a href="#">Energia psíquica e psicoterapia objetiva</a>	E-book	Zauza, G
<a href="#">144</a>	<a href="#">Divã, lágrimas e libertação</a>	E-book	Zauza, G



Projeto  
**Passo Fundo**  
 Apoio à cultura



ISBN 978-856499797-4



9

Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura